REVISTA

Mangueira

1928 / 1998

70 ANOS









GIOVANNI

Lenço de papel Softy's.

A folha com duplas intenções: ser mais macia e agradar você.

O lenço de papel ***Softy's*** *tem folhas duplas supermacias, absorventes e com* ***qualidade internacional.***

Para ter na bolsa, no carro e em casa.

Porque suavidade é o tipo da coisa gostosa de sentir a toda hora.

Softy's*. O lenço feito com a melhor das intenções: agradar você.*



PAPÉIS MELHORAMENTOS

Softy's. O lenço de papel macio e absorvente.

Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800-552875 (ligação gratuita).

A PALAVRA DO PRESIDENTE



Sou nascido e criado na Mangueira com muito orgulho. Sou Presidente da Mangueira com muito amor e com muita honra.

Neste ano de 1998, em que minha querida Mangueira completa 70 anos de glórias, só posso agradecer ao meu querido "Papai do Céu" todas as bênçãos alcançadas e afirmar, com toda convicção e do fundo da minha alma, que acredito em milagres.

Em 1995, ao ver a minha Escola totalmente dividida, resolvi aceitar o desafio de me candidatar a presidente. Hoje, passados três anos e quando estou chegando ao final do meu mandato, vejo que o desafio foi vencido e o milagre aconteceu. Milagre este que só foi possível porque meus Mestres e Grandes Baluartes, a minha Comunidade querida, minha Diretoria e minha esposa, Célia Regina, companheira em todos os momentos, enfim, todos os segmentos da Escola colocaram em primeiro plano o amor pela Mangueira.

Assim, em pouco tempo a Mangueira voltou a ser uma Grande Família. A plataforma "Muda Mangueira", com 21 itens, foi superada porque atingimos mais 29 projetos além do prometido em prol de nossa Escola-Comunidade.

Das promessas de campanha que cumprimos, a que considero das mais importantes foi o resgate da autoestima da Nação Mangueirense, a credibilidade da Escola junto às coirmãs, à Liesa, à Imprensa e ao povo em geral, além de devolver à nossa gente o amor pelas cores verde e rosa de nosso pavilhão.

Hoje, fico lembrando da minha infância no morro, quando as crianças viviam em condições subumanas, já que não havia perspectiva de dias melhores. Meus amiguinhos não conseguiam completar 15 anos de idade e dos que conseguiam, muitos se perdiam em seus caminhos.

Graças a "Papai do Céu", hoje isso é coisa do passado. Ao completar 70 anos, vejo minha Escola-Comunidade crescer a cada dia educando e formando jovens.

Ao ser recebido pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e pela Primeira Dama, Sra. Ruth Cardoso; ao receber em nossa Comunidade personalidades como o Embaixador e a Consulesa da Argentina, o Ministro Extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento – Pelé –, Governadores, Prefeitos e empresários de multinacionais, percebo a grande transformação e a importância da nossa Escola-Comunidade.

Minha felicidade se completou quando recebemos da UNESCO e da BBC de Londres o reconhecimento como o melhor trabalho social dos países do Terceiro Mundo por atender a 4.000 crianças e adolescentes carentes.

Ao recebermos a visita do Presidente dos Estados Unidos, a mais poderosa Nação do mundo, Sr. Bill Clinton, e sua esposa Hilary Clinton, que chancelaram nosso trabalho social e comunitário para o mundo inteiro, veio-me então a certeza de que o nosso sonho se tornou realidade. Nossa Escola-Comunidade cresceu do ponto de vista social, profissional e cultural. É a glória!

A sapiência de Mestre Cartola se aplicou na íntegra ao escolher as cores do nosso pavilhão. O rosa representa o amor, pois nada na vida tem resultado positivo se não colocarmos o amor em primeiro plano. O verde representa a esperança, a mesma esperança que levou nossa Comunidade a trabalhar, e trabalhar muito, para sobreviver e crescer.

É comum ouvirmos da Nação Mangueirense apaixonada a expressão **"Somos amor, Somos esperança, Somos Mangueira até morrer!"**.

Parabéns, Nação Mangueirense.

Elmo José dos Santos



pág 3 Estação *Primeira* e Única
1928/1938



pag 11 As **mulheres** conquistam seu lugar
1939/1948

pag 21 1949/1958
Compositores têm na Mangueira sua musa inspiradora





UNIÃO DAS ALAS FAZ NASCER UMA NOVA ERA pag 31
1959/1968

Palácio do samba torna realidade um velho sonho mangueirense
pag 41
1969/1978



pag 51
Escola homenageia os que sempre a exaltaram
1979/1988





1989/1997
pag 61 *O orgulho da Mangueira é a obra da comunidade*



ONDE SE FABRICAM ATLETAS E CIDADÃOS
pag 71

EXPEDIENTE

DIRETORIA DA MANGUEIRA

Presidente Elmo José dos Santos

Vice-Presidente Walter Martins de Miranda

Assessora da Presidência Célia Regina Domingues

Secretárias Eli Gonçalves da Silva (Chininha) e Margarida Jesulino da Silva

Tesoureiros Elias João Rocha Filho e Nilton de Oliveira

Assessor da Tesouraria Márcio Garcia

Patrimônio Telmo José dos Santos, Edson Marcos Gaspar de Andrade e José Luiz de Souza

Diretor de Eventos Álvaro Luiz Caetano

Depto. Social Irineu Pires, José Omy Campos, Luiz Eduardo J.F. Bahiana, Norma Alves Lima, José Simões Vieira e Guilherme Alexandre

Esportes Francisco Manuel de Carvalho, Aguinaldo de Sant'Anna e Marcos Antônio Gomes

Depto. Jurídico Roberto Litman, Mario César Fontes Vasconcelos e Luiz André de Barros Vasserstein

Procuradoria William Silva dos Santos e Hilton Cosme Rezende

Depto. Médico Nádia Pereira Christino, Luiz Carlos Caetano dos Santos e Luiz Roberto Tenório

Depto. Cultural José Maria Guimarães Monteiro, Paulo Ramos e Terezinha Latinuna

Depto. Feminino Izonete Freitas de Almeida e Márcia da Silva Machado (Guezinha)

Harmonia Olivério Ferreira (Xangô), Edson Góes e Dilmo Emídio Ferreira

Depto. de Divulgação José Manoel Lombardi Filho, Anésio dos Santos e Alberto Miranda

Assessoria de Imprensa Ubirajara Maximino, César Corado, Altair Baffa e Marcos Madeira

Administração Edinaldo Carlos de Souza Lima e Osny Santos de Melo (Chucho)

Assessores da Diretoria Sebastião Ramos, Ubirajara da Silva, Alberto Pontes, Waldir José Cláudino e Carlos Alberto da Silva.

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente Arhtur Bittencourt Rosa

Vice-Presidente Lomelino Ribeiro

1º Secretário Geraldo Galiza

Membros Agdenor F. de Souza, Alice J. Coelho, Antero Teixeira, Antônio Geraldo Vilas, Carlos Alberto Duarte, Cezar Machado, Damião Dias da Rocha, Davina de Oliveira, Genésio Veloso, Geraldo Fontes Fonseca, Gilberto de Moraes, Jorge Barbosa, Jorge Luiz Fernandes, Jorge P. de Melo, Jorge Washington Martins, José Narciso Bregogério, José Simões, Lea de Araújo, Moacir de A. Castelo Branco, Moacyr Barreto Silva Jr., Ulita Borges de Souza, Wagner F. Soares, Waldir de Almeida, Waldir José Claudino, Waltair C. Nascimento, Wilson Bezerra Nascimento, Zélia Moreira de Araújo.

CONSELHO DE CARNAVAL

Presidente Percival Pires

Vice-Presidente Eli Gonçalves da Silva (Chininha)

Membros Adair da Silva Machado, Alcione Vieira Pinto Barreto, Altair Baffa, Álvaro Luiz Caetano, Avelino Pacheco, Célia Regina Domingues, Edson Marcos Gaspar de Andrade, Elias João Richa Filho, Elmo José dos Santos, Jorge Luiz Fernandes, José Maria Guimarães Monteiro, Moacyr Barreto Silva Jr., Nilton de Oliveira, Oswaldo Martins, Paulo Ramos, Roberto Fernando Paulino e Walter Martins de Miranda.

Carnavalesco Alexandre Louzada

Diretor do Barracão de Alegorias Nilton de Oliveira

Assessora de Marketing Tereza Bastos

GRC MANGUEIRA DO AMANHÃ

Presidente: Alcione, a marrom

Revista da Mangueira: Uma publicação do Departamento Cultural e do Conselho de Carnaval do GRESEP de Mangueira. Avenida Visconde de Niterói, 1.072 - CEP 20943-001 - Tel: (021)567-4637

Conselho Editorial Altair Baffa, Marcos Madeira e Roberto Fernando Paulino

Coordenação Editorial BR Comunicações
Rua Presidente Carlos de Campos, 190 - Laranjeiras
CEP 22.231- 080 - Tel: 553-4440

Jornalista Responsável Carlos Lemos

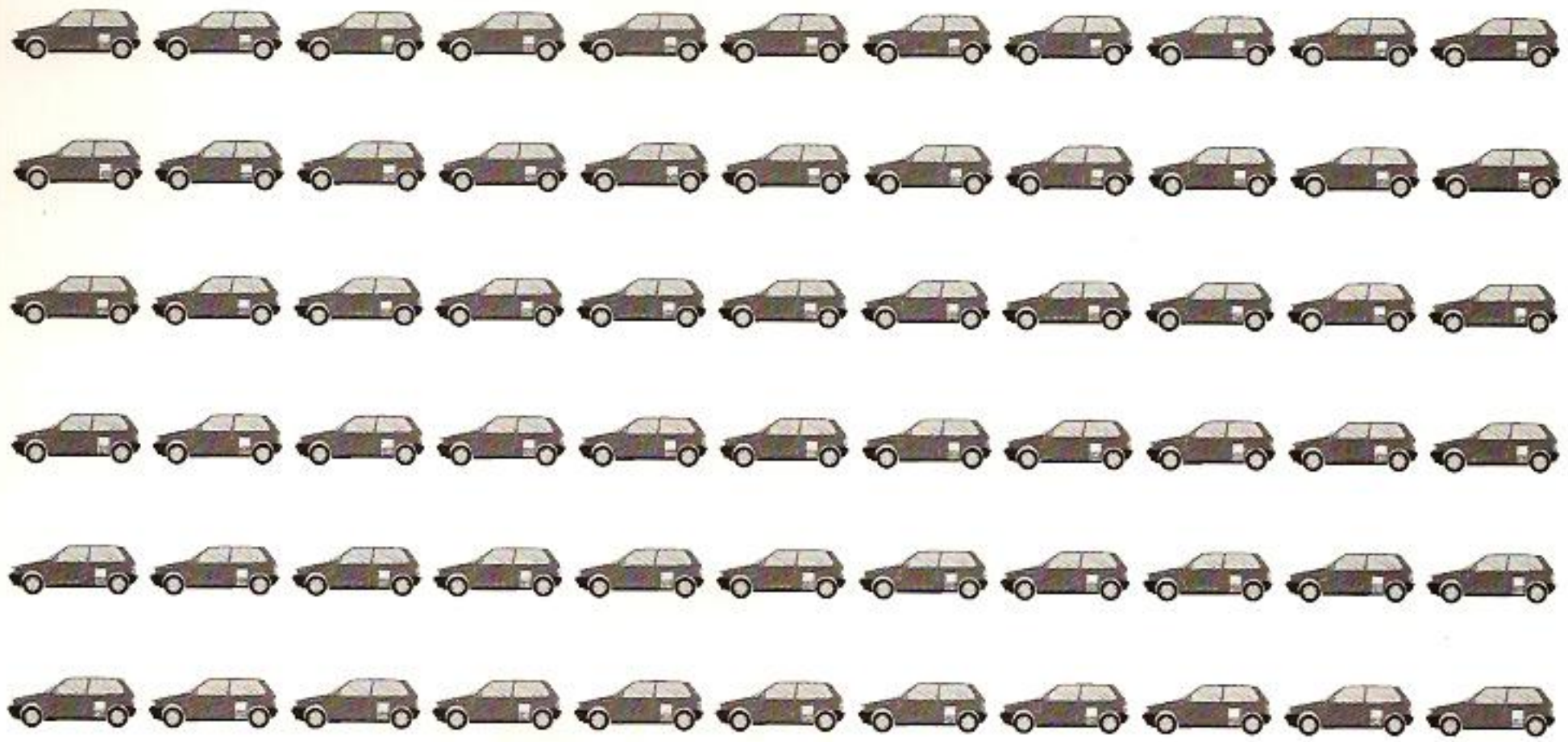
Chefia de Reportagem Argeu Afonso

Repórteres Diana Aragão, Marcelo de Mello e Lena Frias

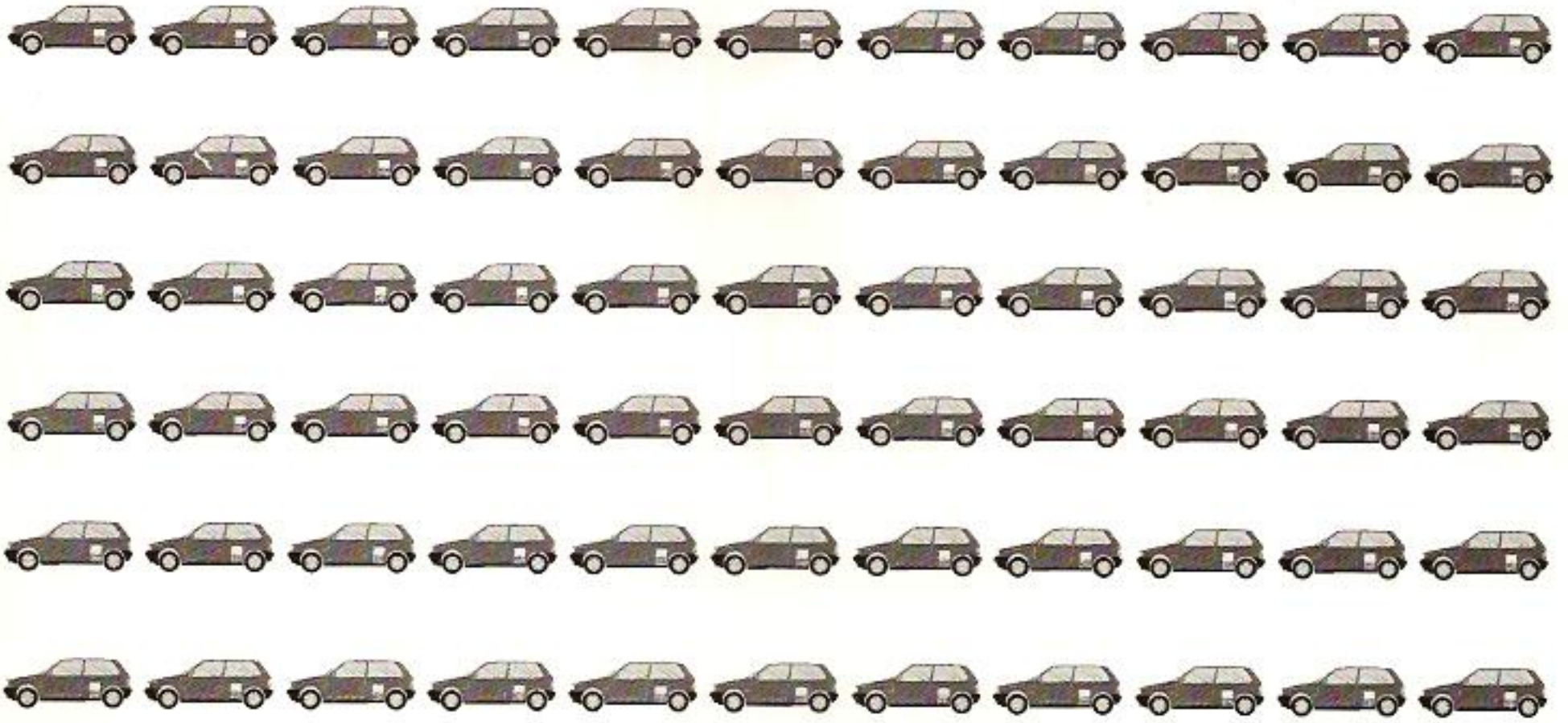
Fotografia Rodolpho Machado, Agências JB e Globo e Arquivo do GRESEP de Mangueira

Fotolito Digital ArtCor – Rua Bonfim, 420

Impressão Gráfica Minister – Rua Bela, 434



Contribuição da RASPADINHA DO RIO para o engarrafamento do Rio de Janeiro.



Loterj
loteria do estado do rio de janeiro

Só de janeiro de 96 até hoje, a **Raspadinha do Rio já entregou 152 automóveis**. Mais de 8 carros por mês, além de milhares de prêmios em dinheiro. Então, ***já deu sua raspadinha hoje?***

Raspadinha do Rio. A emoção de ganhar.

RASPADINHA DO RIO

Um produto Loterj.

Sou verde e rosa doente.

Pra isso, não tem remédio.



Sonrisal Limão.
Junto com a Mangueira
no Carnaval 98.

O sabor do bem-estar.

Estação Primeira e Única



Cartola, um dos fundadores da Estação Primeira

1928/1938

A Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foi fundada a 28 de abril de 1928 no Buraco Quente, mais precisamente na Travessa Saião Lobato, 21. A reunião para sua criação aconteceu na casa de Euclides da Joana Velha, pai do João Cocada.

São sete os fundadores oficiais: Euclides Roberto dos Santos, Saturnino Gonçalves, Marcelino José Claudino (Maçu), Angenor de Oliveira (Cartola), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Pedro Caim (Pedro Paquetá) e Abelardo da Bolinha.

Mesmo não constando em ata, o compositor Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, nascido e criado em Mangueira, é também considerado um dos fundadores da escola. Ele não estava na reunião porque preferiu namorar, como repetia sempre o mestre Cartola – mais para mexer com o velho amigo – revelando que naquela época "o Carlos estava lá por Inhaúma de asa arrastando pela Maria Aída, e nem parava no morro."

É Cartola quem conta a origem do nome e das cores da escola: "Eu resolvi chamar de Estação Primeira porque era a primeira estação de trem, a partir da Central do Brasil, onde havia samba. As cores verde e rosa foram uma homenagem ao rancho de Laranjeiras, o Arrepiados, em que saía meu pai, Sebastião de Oliveira. Era o rancho dos funcionários da Fábrica Aliança. Na mesma fábrica havia outro, um clube de portugueses: o União da Aliança, que era branco, verde e encarnado. O pessoal costuma dizer que as cores são por causa do rancho que existiu na Mangueira, o Príncipe das Matas, também verde e rosa. Mas isso eu só vim a saber depois. Quando escolhi as cores da Estação Primeira eu nem sabia das cores desse rancho, que já tinha desaparecido há muito tempo e era coisa lá do pessoal do Santo Antônio."

A oficialização da Mangueira como escola de samba foi coisa previsível e natural, congregando a turma que se reunia em cordões e blocos por todo o morro, conforme relato de Carlos Cachaça: "Entre os anos de 1910 e 1913, quando o samba não tinha nenhum valor e nem se pensava em escolas de samba, a Mangueira despontava como pioneira dos carnavais cariocas. Naquela época já existiam aqui dois fortes cordões: Guerreiros da Montanha e Trunfos da Mangueira. Ambos ficavam no Buraco Quente, o primeiro com sede na casa da Tia Chiquinha Portuguesa e o segundo na casa do Leopoldo da Santinha. Os cordões eram mais antigos e maiores que os ranchos, tanto em pessoas como em instrumental. Tinham uma comissão de frente de índios e os componentes carregavam animais vivos: cobras, lagartos, bichos de pena. A coreografia era índigena e o estandarte ficava em um pau bem grosso, de uns dois metros de alto, que só podia ser carregado por homens bem fortes. A gente saía da Mangueira e ia desafiar o Flor de Benfica, Os Destemidos do Caju, o Flor do Novo Mundo, entre outros. As disputas aconteciam no Largo de São Domingos ou nos bairros. Eram assim: os índios da comissão de frente de um cordão brigavam com os do cordão rival. O pessoal se machucava, quebrava a cabeça, se arrebentava todo. No final, quem ganhasse a briga era o campeão."



A primeira sede da Escola, onde hoje funciona a União dos Moradores de Mangueira.

No meio do batuque dos seus inúmeros blocos, a Mangueira crescia. Até que um dia Zé Espinguela resolveu criar um grupo da pesada, reunindo os bambas da área, que gostavam de samba e de uma boa briga . Chamou Maçu, que brigava de pau, Cartola, Saturnino, Arturzinho, Antônio, Carlos Cachaça, Chico Porrão e Fiúca. Pronto! Estava criado o **Bloco dos Arengueiros**, o núcleo da Estação Primeira de Mangueira.

Eles aprontavam mesmo muita arenga com seus desfiles no morro, nos bairros e no reduto do samba naquela época, a Praça Onze. Cartola dizia que um arengueiro saía do morro "pra brigar, pra ser preso, pra apanhar, pra bater." Mas foi ele próprio um dos primeiros a decidir que o samba era coisa séria e escola de samba mais ainda, fundando com seus companheiros a Estação Primeira de Mangueira. Coisa séria atestada por um dos seus primeiros sambas: "Chega de demanda / com esse time temos que ganhar / somos a Estação Primeira / salve o Morro de Mangueira."

A diretoria atual, presidida por Elmo José dos Santos, resolveu reviver o **Bloco dos Arengueiros** criando uma camiseta que será o uniforme dos componentes e instituindo um concurso para escolher o samba a ser cantado nos desfiles do bloco.

Por volta de 1918, segundo Carlos Cachaça, grande parte da população mangueirense foi dizimada pela gripe espanhola: "Morreram minha mãe, Inês de Castro, e minha irmã. Quando acabou a crise os blocos passaram a formar grupos distintos, com músicas originais, próprias, para se exibirem nos festejos da Penha e posteriormente nas batalhas de confete e nos carnavais de rua. O samba que fazíamos só tinha primeira parte. O resto era versado, improvisado. O primeiro que botou segunda no samba aqui na Mangueira foi o Antonico, mais ou menos em 1923."

A primeira sede da Estação Primeira de Mangueira instalou-se no próprio Buraco Quente, o núcleo central do morro até os dias de hoje, na Travessa Saião Lobato, e a sua diretoria ficou assim constituída: Saturnino Gonçalves (presidente), Agenor de Castro (vice-presidente), Jorge Pereira da Silva (primeiro-secretário), Pedro dos Santos (segundo-secretário), Francisco Ribeiro (tesoureiro), Angenor de Oliveira, o Cartola (diretor de harmonia); Manoel Joaquim, Camilo e Narciso (comissão de frente),;Gradim, Maciste, Martins, Ismar e Lúcio (comissão de bateria).

Os fundadores de Mangueira mais conhecidos, os que extrapolaram as fronteiras do morro graças aos seus sambas, foram Cartola e Carlos Cachaça, além de Maçu, celebrado como primeiro mestre-sala da escola. Sem esquecer Saturnino Gonçalves, primeiro presidente, pai de Dona Neuma, a primeira-dama da escola, e irmão de outros ilustres sambistas: Artur, Rubens e Antonico.

Saturnino Gonçalves presidiu a Mangueira até morrer, em 1935, vitimado pela tuberculose. Nascido a 11 de agosto de 1897, no Estácio, Satur era um moreno de olhos claros, típica mistura de mulata com alemão. Marceneiro, chegou a ter loja de móveis, mas desapegado aos bens materiais e péssimo comerciante, perdia e ganhava dinheiro com a mesma facilidade.

Ainda morava fora quando começou a freqüentar a Mangueira e logo se enturmou no Bloco dos Arengueiros. Presidente eleito da Estação Primeira, tornou-se o porta-voz de toda a comunidade, tendo inclusive mudado com a família para a Visconde de Niterói, 952, a mesma casa onde mora até hoje Dona Neuma. Possuindo alguma vivência comercial, Satur soube desde logo avaliar a riqueza artística daquilo que o morro estava produzindo.

O jornal **A Voz do Morro**, órgão oficial da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, exibia em seu primeiro número, publicado em março de 1935, acompanhada de retrato, a notícia da doença do seu presidente. A nota relatava que "Saturnino Gonçalves, o esforçado presidente da Estação Primeira de Mangueira é o titan da nossa escola de samba que mais não poude fazer este anno, porque o "homem cérebro" do Conjunto da Mangueira está enfermo. **A Voz do Morro** faz votos pelo seu breve restabelecimento."

No número 7 de **A Voz do Morro**, a diretora cultural Teresinha Labruna escrevia assim sobre Saturnino: "Ele nasceu no Estácio, na Rua Frei Caneca, em 11 de agosto de 1897, filho de um carpinteiro e de uma negra carioca, a Corina. Saturnino foi carpinteiro como seu pai e aprendeu tudo sobre o samba no Morro de São Carlos e no Largo do Estácio. Tocava pandeiro, tamborim e cuíca, era batuqueiro e jogava a "pernada carioca" com grande habilidade.

Saturnino Gonçalves presidiu a Mangueira até morrer, em 1935, vitimado pela tuberculose. Nascido em 1897, no Estácio, *Satur* era um belo moreno de olhos claros, mistura de mulata com alemão.



Saturnino Gonçalves, primeiro presidente da Estação Primeira e pai de Dona Neuma.

"Embora nascido no Estácio, fez da Mangueira o seu grande lar, casando em 1922 com Orestalina Gonçalves. Morou, a partir daí, em vários lugares mas, para felicidade dos mangueirenses, voltou a morar na Mangueira no mesmo lugar onde hoje fica a casa de Dona Neuma. Antes de fundar o Bloco Carnavalesco da Estação Primeira de Mangueira, Saturnino esteve sempre ligado às coisas de Mangueira: freqüentou as macumbas de Tia Fé e Tia Tomásia, foi amigo de Carlos Cachaça, Cartola, Massu, batuqueiro nas rodas de Nair Grande e Chico Porrão. Junto com Zé Espinguela criou o Bloco dos Arengueiros para brincar o carnaval dos anos 20.

"Em 1928 fundou o Bloco Carnavalesco da Estação Primeira de Mangueira (hoje a escola de samba) do qual foi líder desde o começo e presidente até 1935. Apesar de ter composto inúmeros sambas e criado vários partidos altos, nunca gravou e é através da memória de suas filhas que podemos conhecer as letras de "Linda demanda" ou "A estrela já não brilha". Na época do carnaval de 1935, abatido pela doença, Saturnino não pôde acompanhar a escola para a apresentação oficial. Porém os componentes formaram na Visconde de Niterói e todos, sem que houvesse falta de um só sambista, cantaram para seu líder o samba de quadra "A pátria", de Carlos Cachaça e Cartola. Saturnino foi amigo de Pedro Ernesto, prefeito do então Distrito Federal e grande médico, que o tratou da tuberculose que acabaria por matá-lo em 29 de abril de 1935."

Outros dois grandes nomes mangueirenses são os dos também fundadores Zé Espinguela e Maçu. O primeiro foi o criador do primeiro concurso de samba realizado no Rio. Ele próprio contou a história em entrevista ao jornal **A Nação**, de 1º de março de 1935:

"Eu fui o primeiro organizador de concursos entre as nossas escolas. Foi em 1929. Realizei no Engenho de Dentro. Sagrou-se vencedora a Portela, sabiamente dirigida pelo Paulo. Mangueira também apresentou-se pujante, tendo os seus sambistas Cartola e Arturzinho levado dois sambas monumentais. Foram "Beijos" e "Eu quero nota".

Zé Espinguela era um mulato magricela, macumbeiro, jongueiro e sambista que promovia e patrocinava as competições entre os grupos carnavalescos. Criativo, dava um tema para que se compusessem os sambas que ele mesmo julgava, premiava e divulgava.

No dia dia 20 de janeiro de 1929 Espinguela convo-

cou a turma para um pagode em sua casa na Rua Engenho de Dentro, hoje Adolfo Bergamini. O pagode resultou no Primeiro Concurso de Samba e dele participaram bambas de três redutos: Mangueira, Estácio e Oswaldo Cruz (Portela). O samba vencedor, " Não adianta chorar", era de Lino do Estácio, ex-morador da Mangueira e representante de Oswaldo Cruz que assim, por seu intermédio, sagrou-se campeã.

Durante os dezenove anos em que a imprensa carioca fez referência a Zé Espinguela (de 1923 a 1942) seu nome era sempre Zé Espinguela. Na Mangueira o chamavam de Zé Spinelli. Carlos Cachaça, seu confidente sobretudo em questões do coração, revelou que ele fez menção, certa feita, à sua ascendência italiana, da região da Calábria. Contudo, esclarece o jornal **A Manhã**, José Gomes da Costa era o nome desse homem tão obscuro para a cultura oficial mas tão importante para o crescimento do samba no Rio.



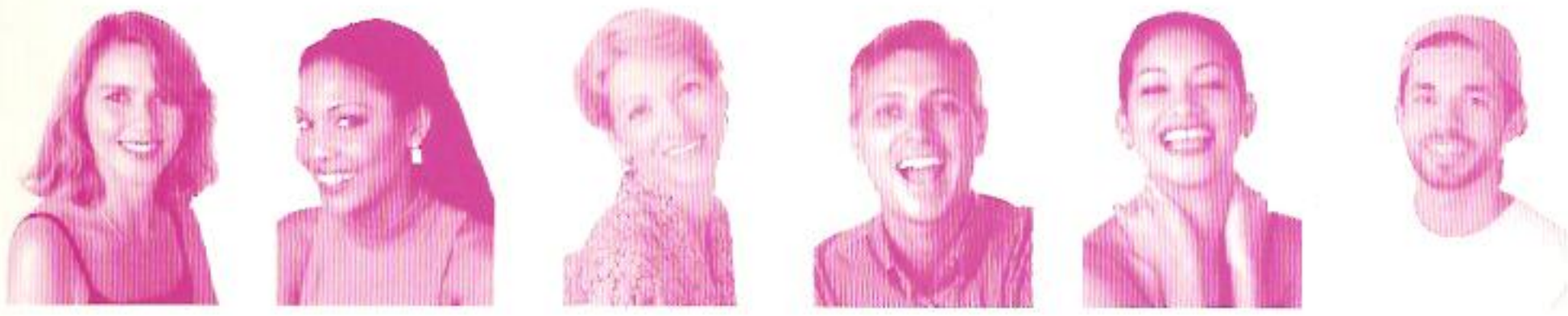
Marcelino José Claudino, o líder Maçu.

No número 7 de **A Voz do Morro**, de julho de 1996, o pesquisador Arthur Loureiro de Oliveira Filho escreveu o seguinte artigo com o título de **Zé Espinguela, o Injustiçado**:

"No momento em que se comemora o sexagésimo oitavo aniversário da Mangueira, é dever homenagear a figura de um dos mais importantes fundadores da nossa escola. E também um dos mais esquecidos: José Gomes da Costa, o Zé Espinguela. Quem se lembra hoje, nos delírios do carnaval na Passarela do Sambódromo, o maior show do mundo, do humilde pai-de-santo a quem no fundo se deve todo aquele esplendor? Presidente do Bloco dos Arengueiros, fundador da Mangueira e criador dos concursos entre escolas de samba, não serão já suas realizações suficientes para imortalizar um artista do povo? Mas Espinguela não parou por ai. No decorrer dos anos 30, ele foi o assessor especial de folclore do inesquecível Villa-Lobos, outro ilustre freqüentador da Mangueira, que costumava vir tocar violão no Buraco Quente com Aluísio Dias e Cartola. Quando o nosso grande maestro queria organizar qualquer espetáculo folclórico, recorria a Espinguela que lhe assegurava não só os subsídios teóricos de que precisava, como ainda arregimentava os artistas populares desconhecidos que comporiam o elenco. Foi assim que se realizou em 1940 a celebérrima apresentação do conjunto "Sodade do Cordão", revivendo para o público extasiado as belezas dos carnavais dos fins do século passado, com duas danças de velhos, seus morcegos e suas caveiras. Irmão de cabeça de Dona Lucíola, outra mangueirense ilustre, Zé Espinguela tinha um terreiro em Irajá. Quando os orixás avisaram-lhe que estavam no fim os seus dias aqui na Terra, Espinguela veio com suas iaôs se despedir da sua querida Mangueira. Era noite. Diz Dona Neuma que os barracos todos se acenderam para ver aquele bloco de iluminados desfilar cantando um samba de Espinguela, cuja letra era distribuída por ele, de mão em mão, de porta em porta! Macunaíma e Pixinguinha. Não haverá no mundo do samba sensibilidade bastante para perceber que a vida de Zé Espinguela constitui o melhor e mais autêntico enredo de escola de samba?"

Outro destaque da Mangueira é o fundador Marcelino José Claudino, o Maçu focalizado pelo jornalista e ex-presidente da Mangueira Roberto Paulino em artigo para o nº 8 de **A Voz do Morro**, de agosto de 1996:

"Ele veio de longe, sem destino certo. Deu com os costados num morro simpático, de barracos coloridos, ruas de terra batida. Gostou. E ficou até morrer. Por meio século fixou sua imagem junto com a residência. Imagem de homem bom com caráter melhor. Imagem que se fundiu e confundiu com a sociedade que adotou e amou acima de tudo. Marcelino José Claudino. Maçu. Mangueira. Desde os primeiros tempos o líder despontou. Sua primeira profissão na cidade grande – "chofer de carroça", como ele gostava de chamá-la – era por si só o retrato da época. Uns tempos mais românticos, sem a pressa de hoje, em que as pessoas podiam cultivar a arte de conversar e conviver. E nisto ele foi um mestre. Logo surgiu também o homem valente, que não tinha medo de nada. O rapaz Maçu gostou do samba, que naquele tempo era de roda, de batucada, samba duro. Tinha que ter ouvido, voz para dizer os versos e muita agilidade e firmeza nas pernas. Senão, era chão mesmo. Marcelino firmou-se logo como um dos melhores batuqueiros da cidade. E não caía pra ninguém. Pra ninguém, não; uma vez ele caiu por cima da pernada de uma mulher. "Também não foi vantagem –



Você pode até não perceber,



mas este é um país cor-de-rosa.



Leite de Rosas. É único.

Matriz: Rio de Janeiro, Rua Ana Néri, 321. Tel.:(021) 568-5122 • Filiais: Recife, Rua Frei Caneca, 58 sala 803. Tel.: (081) 224-3923 - São Paulo, Rua Salete, 280 sala 52. Tel.: (011) 8858-7268

Quem guarda tem.



E com Ourocap pode ter mais ainda.



OUROCAP

Ourocap é o título de capitalização que sorteia mais de R$ 4 milhões em prêmios todo mês. Você capitaliza e pode ter muito mais. • Central de Atendimento: 0800-231032.

Disponível no Banco do Brasil.
http://www.brasilcap.com.br

BRASILCAP
O Brasil capitaliza aqui.

contava ele – eu estava de porre." Quem conheceu Maçu fica em dúvida: foi porre mesmou ou gentileza do velho malandro? Um dia ele, Cartola, Carlos Cachaça e outros resolveram fazer um bloco no morro. Aí nasceu o "Arengueiros", bloco que logo criou fama pela cidade toda. Bloco de gente valente, de malandros, de samba muito bom. Naquele tempo tinha outro bloco no Buraco Quente. Era o de Tia Tomásia, de gente bem, onde saíam as meninas comportadas. Mas com este nunca houve problema. Aí, por obra e graça de Maçu, Cartola, Carlos Cachaça, Chico Porrão, Saturnino Gonçalves, Gradim e mais uma porção de gente boa nasceu a Estação Primeira de Mangueira, toda verde e rosa. Este homem foi um enredo. Uma glória. O orgulho do sambista. Termino esta história com os olhos úmidos. Orgulhoso de ter a honra de escrever sobre Marcelino José Claudino."

Vale registrar também que Maçu foi o primeiro mestre-sala da Estação Primeira fazendo par com Raimunda, tia de Neide. Ele foi presidente da Mangueira de 1942 a 1950 e figura muito querida dentro da escola.

Logo depois da fundação do Blocos dos Arengueiros e da Estação Primeira de Mangueira, Cartola passou a ter fama fora do morro. Na década de 30 ele vivia só para a escola e para suas composições.

O nome mais conhecido fora da escola é, sem dúvida, o de Angenor de Oliveira, o mestre Cartola, que só descobriu que se chamava Angenor no dia em que foi tirar a certidão de nascimento para se casar com Dona Zica. Até então era o Agenor, carioca da gema nascido no bairro do Catete em 11 de outubro de 1908 e falecido no dia 30 de novembro de 1980. Apesar do reconhecimento tardio de sua obra, o que só aconteceu depois dos seus 60 anos, ele ainda teve tempo de se popularizar através de inúmeras gravações de obras-primas como "As rosas não falam".

Filho de Sebastião Joaquim de Oliveira e Aída Gomes de Oliveira, morou em Laranjeiras e, em seguida, foi para o Morro de Mangueira, onde chegou com 11 anos. Lá em Laranjeiras, o menino Angenor tomara gosto pela música e pelo samba, aprendera a tocar cavaquinho (passando depois para o violão onde compunha) e começara a participar da vida dos ranchos, razão da sua alegria de menino, inspiração para a escola de samba.

Na época em que Cartola vivia na Zona Sul os ranchos predominavam nos bairros do Catete, Botafogo, Gávea e Laranjeiras. E foi exatamente em Laranjeiras que Cartola ficou apaixonado pelo **Arrepiados** nas cores verde e rosa que iriam consagrar a futura Estação Primeira de Mangueira.

O menino Angenor descobriu o Morro de Mangueira quando a situação econômica da família ficou apertada devido ao nascimento de outros três filhos. Sobreveio a inevitável mudança para um lugar mais em conta, no caso o Buraco Quente, do Morro de Mangueira, situado entre São Cristóvão e Engenho Novo. O garoto foi obrigado a trabalhar. Primeiro, em uma gráfica, tomando, em seguida, o ofício de pedreiro conforme seu relato:

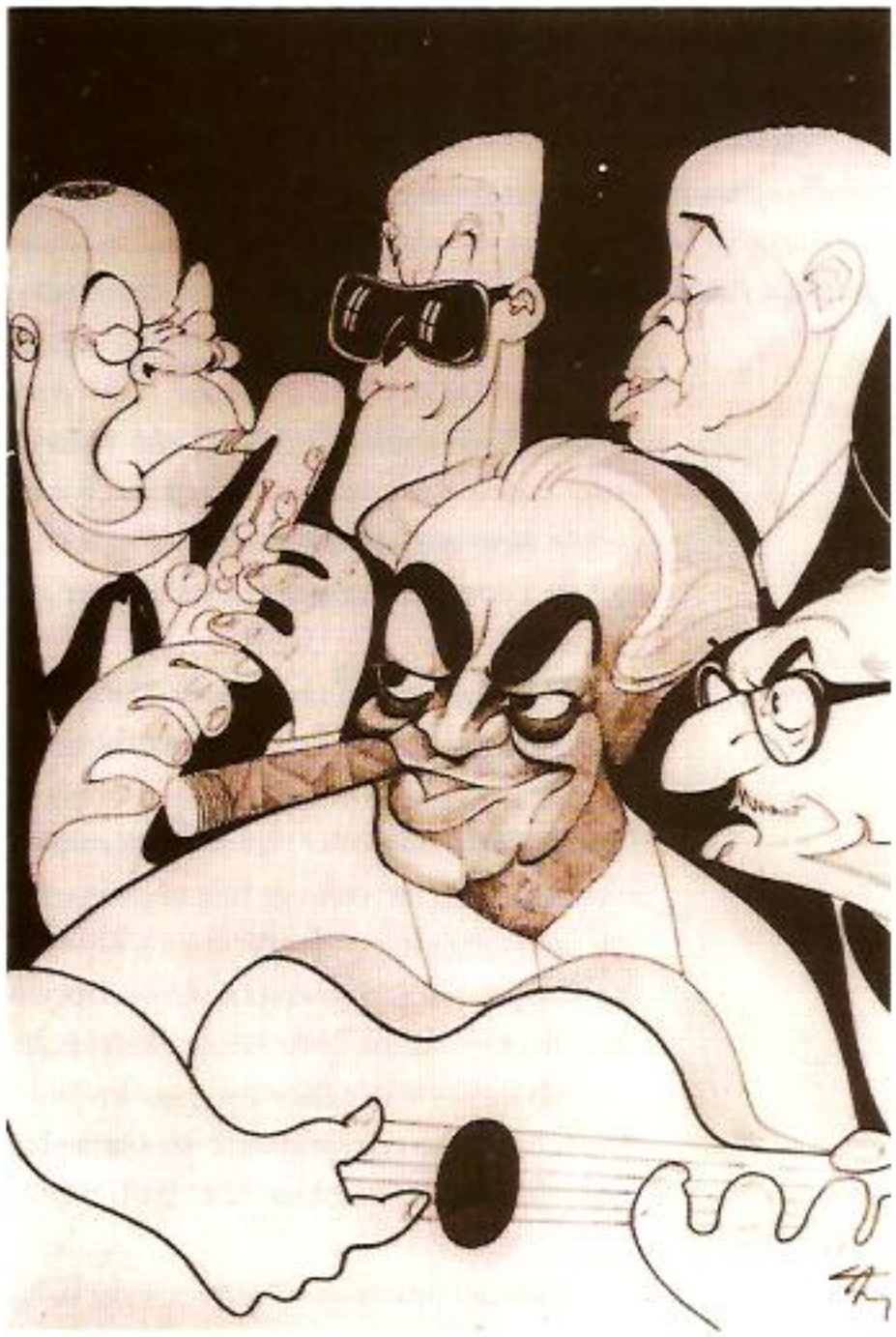
"Quando eu tinha 15 anos trabalhava numa gráfica. Ia para o trabalho e passava por uma obra e via o pessoal todo trepado nos andaimes a assoviar para as garotas. Às vezes davam sorte. Pensei: isso é que é emprego. Passei a trabalhar na obra e como o cimento caísse sempre sobre minha cabeça, arranjei uma cartola e passei a usá-la, não só nas horas de serviço, mas na rua também. Tinha grande carinho por ela. Todas as noites a escovava e pela manhã ia trabalhar de cartola. Meus companheiros passaram a me chamar de "Cartola" e ninguém me conhece hoje por outro nome."

Logo depois da fundação do Blocos dos Arengueiros e da Estação Primeira de Mangueira, Cartola passou a ter fama fora do morro. Na década de 30 ele vivia só para a escola e para suas composições. E foi exatamente por causa de suas músicas e por uma prática muito comum na época que o círculo de Cartola se ampliou. Compositores e cantores compravam músicas de autores desconhecidos. Reza a história que Francisco Alves e Mário Reis pagaram-lhe os direitos e gravaram como se fossem deles os sambas "Que infeliz sorte", "Divina dama" e "Qual foi o mal que eu te fiz?".

O ano de 1940 encontra Cartola na Praça Mauá, a bordo do navio "Uruguai". Explica-se: dentro da sua chamada política de boa vizinhança, os Estados Unidos promoviam, acharam por bem registrar pedaços da nossa cultura. Formou-se então um grupo para se apresentar para o maestro Leopold Stokowski.

O maestro Heitor Villa-Lobos, amigo de Cartola e freqüentador do Morro de Mangueira, foi o encarregado da tarefa de reunir os músicos e cantores brasileiros contando com a ajuda de Ernesto dos Santos, o Donga. Em depoimento ao jornalista Ilmar de Carvalho publicado no **Correio da Manhã** de 23/24 de novembro de 1969, Donga assim relatou o episódio:

"Villa-Lobos foi procurar-me, quando aqui esteve o regente Leopold Stokowski, apresentando-me a ele a bordo do navio "Uruguai", em 1940. Disse-lhe que eu estava incumbido de convidar o pessoal indicado por ele, Villa-Lobos, para uma audição de música brasileira ao maestro. Procurei em seguida José Espinguela, babalaô do terreiro de macumba em Irajá, e que foi para a exibição com seu grupo e mais um cordão de velhos, que Villa-Lobos lhe pedira para organizar e que mantinha para reviver as tradições carnavalescas do Rio. Procurei Pixinguinha, João da Baiana, Cartola, que foi com o coro da Escola de Samba da Mangueira;



Villa-Lobos, presença ilustre na Mangueira. Na charge de Lan o maestro com Pixinguinha, Cartola, Donga e Ary Barroso.

Paulo da Portela, o clarinetista Luís Americano, o cantor e compositor José Gonçalves, o Zé com Fome ou Zé da Zilda (que gravou a bordo "Pelo telefone"). Foram também Mauro César, Janir Martins, Jararaca e Ratinho, só faltando Ataulfo Alves, que quase chorou depois, por deixar de comparecer. As 16 faces das inúmeras gravações feitas por Stokowski estão nos álbuns Columbia C-83 e C-84."

Cartola, casado nessa época com Deolinda da Conceição, era dos mais produtivos e criativos. O jovem compositor lançou o programa **A Voz do Morro** na Rádio Cruzeiro do Sul, ao lado de Paulo de Portela, outra legenda do mundo do samba e da nossa cultura. A essa dupla de mestres foi se juntar outro grande nome, Heitor dos Prazeres. Estava assim formado o Conjunto Carioca, que viajou para apresentações em São Paulo com grande sucesso.

No começo da década de 40 a Portela ganha todos os títulos (1941 a 1947), para desespero de Cartola e da Mangueira. Não bastasse, Cartola teve meningite e, em seguida, um ataque do coração levou Deolinda, relembrada pelo companheiro no belíssimo samba "Sim". Cartola se afastou da escola e foi morar com Donária, mas sete anos depois seu amigo Carlos Cachaça o trouxe de volta à Mangueira. Com o apoio de Eusébia Silva do Nascimento, a Zica, sua mulher até a morte.

Foram tempos difíceis para Zica e Cartola, que viviam em dificuldades financeiras até a noite em que Cartola foi "descoberto" pelo jornalista Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta.

Cartola lavava carros em uma garagem de Ipanema e, ao entrar em um bar, foi reconhecido pelo jornalista, que lhe arrumou emprego no **Diário Carioca** no final da década de 50. Ajudado por amigos, Cartola conseguiu outros empregos e, em conseqüência, sua casa vivia lotada de sambistas e pessoas que queriam conhecer um dos mestres de Mangueira.

Um desses amigos, Eugênio Agostini, bancou a instalação do famoso restaurante **Zicartola** no número 53 da Rua da Carioca, no Centro do Rio, cujo sucesso foi grande desde a abertura em setembro de 1963. Fechou as portas em maio de 1965 devido, principalmente, à má administração financeira. Mas revelou talentos como Paulinho da Viola, que largou a vida de bancário depois de receber seu primeiro cachê artístico se apresentando nos shows do **Zicartola** organizados por Hermínio Bello de Carvalho (parceiro de Cartola) e Albino Pinheiro.

Cartola entrou na década de 70 como mito, adotado pelos estudantes que iam escutá-lo no show **Cartola Convida** que era realizado no prédio da UNE (União Nacional dos Estudantes) na Praia do Flamengo. Mesma época em que recebe do então governador Negrão de Lima um terreno para construir sua casa em Mangueira, na Viscon-de de Niterói. Em verde e rosa, ela continuaria sendo ponto de encontro até que ele se mudou para Jacarepaguá. Foi morar na Praça As Rosas Não Falam , título de uma de suas músicas. Obra-prima pela qual ele gostaria de ser lembrado e que colocava em pé de igualdade com "O inverno do meu tempo", parceria com Roberto Nascimento, e "O mundo é um moinho".

O ano de 1974 marcou a gravação do seu primeiro disco solo, o **Cartola**, em selo Marcus Pereira e aos 67 anos ele lança o segundo LP: o **Cartola** de "As rosas não falam". Seguidos, em 1977, pelo **Verde que te quero rosa** e, em 1979, pelo **Cartola 70 anos**. Foi seu último disco e seu último desfile pela Mangueira, pois ele morreria em 30 de novembro de 1980 vitimado pelo câncer.

Seu parceiro mais afim é Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, que assina a seu lado mais de 40 composições como os sambas-enredo "Pudesse meu ideal" com o qual a Mangueira ganhou o desfile de 1932; "Vale do São Francisco", de 1948 e "Ciência e Arte", de 1949. Além de clássicos da música popular como "Não quero mais", "Tempos idos" e "Quem me vê sorrindo", entre outros.

Nascido e criado no morro de Mangueira, Carlos Moreira de Castro, funcionário aposentado da Central do Brasil, deve seu apelido à bebida, é claro, creditando sua longevidade ao consumo de duas garrafas por dia.

Em entrevista ao **Jornal do Brasil** o compositor disse que conheceu Cartola desde a infância:

"Eu nasci na Mangueira e ele chegou aqui muito cedo, vindo do Catete. Nós nos entrosamos desde rapazinhos na posição de cantar samba e houve a afinidade de compositores. Foi mais ou menos em 1925 que fizemos a nossa primeira música. Fizemos tantas que é difícil dizer agora com exatidão qual foi a primeira. A parceria tem mais de 50 anos e os sambas sempre foram feitos aqui, nas biroscas, nos botequins, sempre na Mangueira mesmo. Estou recordando e dá saudade, aquela saudade que quando se está velho dá vontade chorar. Vou ser um bocado suspeito pra falar sobre Cartola. É um dos maiores compositores e funcionou comigo em vários períodos, até mesmo quando o samba não tinha apresentação. Somente a partir da Feira de Amostras é que o samba começou a ser difundido mais externamente, quando ele ganhou, sozinho, sem parceria, o concurso de samba. Em 38 ganhei com "Pátria querida" e a partir daí sentimos que o samba seria cultura futuramente. Mas antes não era aceito mesmo."

A história dos desfiles da Escola de Samba Estação Primeira Mangueira, que anos mais tarde ganharia o sonoro acréscimo de Grêmio Recreativo, se confunde com a própria criação dos desfiles carnavalescos. Cartola confessava que em 1928 havia pouca gente: menos de trinta pessoas. Mas acrescentava imediatamente:

"No outro ano, então, organizamos em definitivo a Estação Primeira, procurando local para ensaiar. Aquele pessoal começou a impor respeito. Nós mesmos, que não prestávamos, dizíamos: "O negócio agora tem que ser assim." E saímos o ano seguinte, 1930, também com pouca gente, mas já representando o morro. Fomos disputar com o Estácio, com a Favela. Então, eles viram a organização, o modo como mudamos e foram-se chegando. Foram-se chegando e logo, logo foram acabando os bloquinhos. Depois fez-se a junção geral. Em 1931, Mestre Candinho, Tia Tomásia, foram praticamente todos para a Estação Primeira. E aquilo foi indo, foi indo, e nós chegamos onde está hoje. Naquele tempo tinha que botar um pouco de valente no meio, não é? Botamos o Marcelino, tinha o Manuel, Joaquim, para sair. Estes já eram para impor respeito: Quer brincar? É direito! E aí o negócio foi indo".

O jornalista e pesquisador Sérgio Cabral registra em seu livro **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro** (editora Lumiar) que "se em 30, a Estação Primeira pouco apareceu na imprensa, no ano seguinte o roteiro de sua saída no domingo de carnaval já era notícia. A Estação Primeira cumpriu um intenso programa. Com a comissão de frente formada por Manuel Joaquim, Pedro Camilo e Narciso, todos trajados a rigor, no domingo houve uma visita ao Bloco Disfarça e Olha, de São Cristóvão. Depois, a Estação Primeira seguiu para o bairro do Engenho de Dentro onde morava Zé Espinguela. Segunda-feira, visita a Oswaldo Cruz e às redações dos jornais. Terça-feira, encontro com o Bloco Deixa Falar.

"No carnaval de 1932 a Estação Primeira estava em nova sede, na Rua Saião Lobato, 23. Realiza-se então o primeiro desfile oficial das Escolas de Samba, promoção do **Mundo Sportivo**. Cada escola tinha o direito de cantar pelo menos dois sambas durante sua apresentação e a campeã, Estação Primeira de Mangueira, mostrou "Pudesse meu ideal", de Cartola e Carlos Cachaça e "Sorri", de Lauro dos Santos (Gradim) que os jornais registraram erradamente como "Sorrindo"e atribuiram sua autoria a Zé com Fome. Que, por sinal, nem desfilou por ter sofrido um acidente em que fraturou duas costelas.O sucesso do evento foi tão grande que **O Globo** resolveu assumir a promoção após o fechamento do **Mundo Sportivo**.

Em 1933 as escolas já eram conhecidas do público e a Estação Primeira disparara na preferência da imprensa e do povo: naquele carnaval, mais uma vitória para a verde-e-rosa com o tema **Uma segunda-feira do Bonfim, na Ribeira** e samba de Cartola, o "Fita meus olhos", o principal do desfile.



Carlos Cachaça: campeão desde 1932.

240

**Esta é uma homenagem da
Petrobras Distribuidora aos 70 anos
da Estação Primeira da Mangueira,
uma escola de samba e de vida.**

A Petrobras Distribuidora entrou na Mangueira em 1996, e não foi para sair no Carnaval. Desde então, a Petrobras Distribuidora patrocina o Centro Cultural da Mangueira, totalmente voltado para a assistência pedagógica e educacional das crianças, oferecendo área de espaço e lazer, atividades educativas, como aula de artes, grupos de leitura, biblioteca e cursos profissionalizantes. A Petrobras Distribuidora tem o maior orgulho de dizer: ajudar dá o maior samba.

MANGUEIRA
BR PETROBRAS

Uma dama da comunidade

Encarte Especial

Célia Regina Domingues tem a cara da Mangueira. Ela não é apenas a esposa do presidente da escola, mas a mulher que tem uma bonita história de vida para contar. Saiu do Morro dos Telégrafos, onde nasceu, para vencer na vida e se tornar uma empresária vitoriosa e com idéias socialistas de fazer inveja a qualquer um. Cabe a Célia, nos últimos três anos da administração do Presidente Elmo José dos Santos, o trabalho social que encantou governantes, políticos e gente do povo. Célia cuida com dedicação franciscana das três creches do morro da Mangueira - Telégrafo, Candelária e Nação Mangueirense -, do Atelier Mangueirense, da Boutique e, especialmente, da Ala dos Baluartes da Mangueira criada pelo marido e companheiro de todas as horas.

Célia nasceu no Telégrafo e de lá saiu aos 16 anos com a mãe, Nilza Carvalho, e o irmão, José Carlos Domingues, para morar na Piedade, Zona Norte do Rio. Já trabalhava como auxiliar administrativa numa indústria de São Cristóvão e estudava. Com garra, formou-se em Administração de Empresas, Literatura e Português. Por 23 anos, foi funcionária do Leite de Rosas, onde começou como auxiliar administrativa e acabou Secretária Executiva. Hoje, tem uma indústria de uniformes.

Na Mangueira, sua vida tem uma bela história. Começou a freqüentar a quadra aos oito anos de idade, quando o atual Palácio do Samba sequer tinha cobertura. A primeira fantasia foi uma baianinha feita pela mãe, dona Nilza, para desfilar pela Rua Visconde de Niterói. Aos 14 anos, sambista das boas, ganhou uma fantasia do lendário Chico Porrão para desfilar na avenida. "Foi uma glória, um momento que jamais vou esquecer", confessa Célia.

Sempre ligada à escola e sempre voltada para o lado social dos moradores do morro que tão bem conhece, Célia Regina foi convidada pelo então candidato Elmo José dos Santos para cerrar fileiras na campanha eleitoral de 1995. Eleito, Elmo nomeou Célia como sua Assessora Especial para tocar os projetos sociais e cuidar dos Baluartes.

As creches foram sua primeira preocupação. Hoje, as três creches do Morro de Mangueira atendem a 250 crianças entre 2 e 5 anos de idade. A Prefeitura do Rio de Janeiro paga os funcionários e a Estação Primeira, em parceria com várias empresas, cumpre a tarefa de dar alimentação, medicamentos, assistência médica e dentária, brinquedos, material didático, uniformes e lazer para as crianças. Quando termina o período nas creches, Célia cuida de arranjar escolas de alfabetização e já encaminhou pelo menos 60 crianças da Comunidade Mangueirense para os CAs do município.

O Atelier foi criado em parceria com a ABRAVESP (Associação Brasileira de Vestuário), com sede em São Paulo, que doou à Mangueira, por iniciativa de Célia Regina, 15 máquinas industriais de costura de última geração, capazes de fazer até três mil peças de vestuário por mês. No Atelier da Mangueira estão empregadas 20 pessoas, que ganham o salário profissional da categoria, além de almoço, dois lanches por dia, cesta básica mensal e assistência médica. O ousado projeto é pago pelo que fatura mensalmente. No início, era um mini barracão de fantasias da Mangueira. Hoje, faz roupas por encomenda para confecções e tem a honra de dizer que vai montar 20 mil bandeiras



para a Coca-Cola levar à Copa do Mundo da França. A Boutique Mangueira também foi idéia dela, em 1996, quando colocou a Verde-e-Rosa na Feira da Providência. Em outubro de 97, o Palácio do Samba recém-reformado ganharia a sua boutique com 28 itens diferentes, desde camisetas a bonés, chaveiros, canetas, relógios, botons, cartões-postais e até chapéu de Panamá com listras verde-e-rosa. Os produtos da Mangueira, por iniciativa de Célia Regina, já estão sendo comercializados em shoppings e nas lojas da Loterj.

Agora, Célia Regina projeta um novo vôo: criar o Salão-Escola, na verdade uma escola dentro da quadra da Mangueira para ensinar a quem quiser da comunidade os segredos de um salão de beleza.

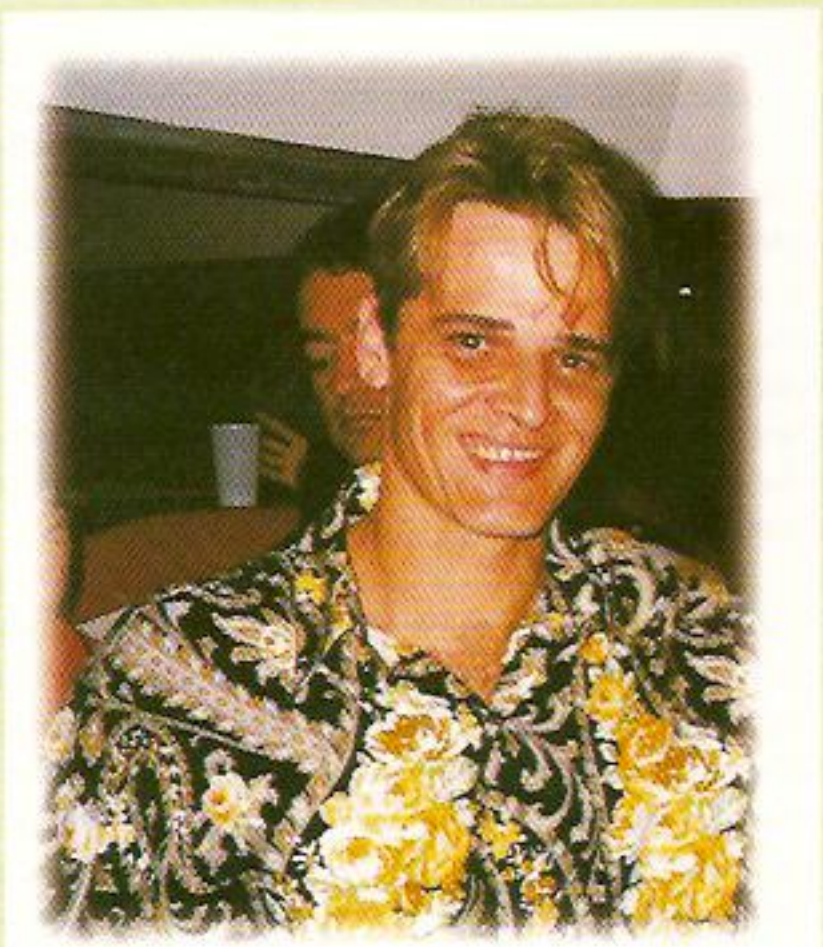
Mas, na verdade, o que mais encanta a Primeira Dama da Mangueira é cuidar dos Baluartes Mangueirenses, um grupo seleto de 23 homens e mulheres que deram e dão a vida pela escola. "A maioria dessas pessoas estava afastada da Mangueira por não concordar com a diretoria anterior. Quando o Elmo assumiu, resgatou esse grupo maravilhoso de homens e mulheres e me chamou para cuidar deles. Foi uma emoção muito especial para mim, que nasci no morro e ainda menina vi todos eles dando suor, sangue e lágrimas pela Mangueira. Hoje, posso conviver com essas pessoas mais intimamente e estou sempre ouvindo histórias que fazem da Mangueira a escola mais antiga do Brasil e a mais querida', diz Célia, emocionada.

Por trás dessa mulher vitoriosa e cheia de energia, está a parceira perfeita para um sambista exemplar chamado Elmo José dos Santos. Célia diz que a razão da união perfeita entre eles é a "afinidade de pensamento em prol da comunidade mangueirense". Afinal, os dois vivenciam quase 50 anos do dia-a-dia de uma comunidade que hoje é exemplo de seriedade, dignidade e trabalho em nome da Estação Primeira de Mangueira.

ALTAIR BAFFA

UM CARNAVALESCO POVÃO

O carnavalesco Alexandre de Mendonça Louzada está fazendo seu primeiro carnaval na Estação Primeira de Mangueira. Ele já passou pela Viradouro e Cubango, de Niterói, onde nasceu há 40 anos, e fez escalas na Portela, União da Ilha do Governador, Caprichosos de Pilares, Estácio e Grande Rio. Mas confessa que o convite da Mangueira, feito logo após o carnaval de 97, o deixou "muito emocionado". Alexandre Louzada, com lágrimas nos olhos, diz que não era mangueirense até aquele momento, mas "mudou completamente" seu pensamento a partir de maio, quando entregou ao Presidente Elmo José dos Santos os croquis dos carros e os desenhos das fantasias do enredo "Chico Buarque da Mangueira".



Embora jovem, Alexandre Louzada tem uma longa experiência no carnaval dos barracões das escolas de samba. São 18 anos, desde que entrou pela primeira vez no barracão da Portela e começou a ver o trabalho do carnavalesco Eki dos Santos. Os anos foram passando e ele conheceu o verdadeiro guru, o falecido Viriato Ferreira. "Chegou um momento da minha vida em que as pessoas diziam que eu era o clone do Viriato, tal a semelhança do nosso pensamento e do nosso trabalho", diz Alexandre. Outro guru é a carnavalesca Rosa Magalhães, de quem Alexandre Louzada fala com ternura, encanto e respeito.

Alexandre Louzada não fez Escola de Belas Artes nem nada em relação a desenho ou figurino. É um autodidata e se orgulha disso. Cita Joãosinho Trinta, tão autodidata quanto ele e um campeão de vários carnavais. O que sabe de desenho aprendeu com o pai, Eduardo Louzada, quando tinha pouco mais de dez anos de idade.

Para a Mangueira-98, Alexandre desenhou 110 figurinos diferentes para as alas e as composições dos oito carros alegóricos. Para enfeitar esses carros, foram desenhadas cerca de 120 esculturas de vários tamanhos. Alexandre explica que ao tomar conhecimento do tema da Mangueira, procurou unir a modernidade do carnaval de agora sem ferir as tradições da escola mais querida do Rio e que procura manter a raiz do samba. "O verde e o rosa foram mantidos e serão vistos do início ao fim do desfile, sempre respeitando os Baluartes e a comunidade mangueirense. Mas procurei colocar as cores da Mangueira num universo moderno, porque a tradição pode se unir à modernidade tranqüilamente".

Apaixonado pelo carnaval, Alexandre Louzada diz, com eloqüência: "Não sou profissional do carnaval. Eu sou do carnaval e faço tudo com muito amor e carinho. Como, bebo, durmo, vivo os 365 dias do ano pensando no carnaval e procuro sempre estar junto das pessoas simples da escola. Quem não tiver esse espírito de gostar das pessoas simples, que fazem a vida de uma escola de samba, não vai adiante. Estou sempre me misturando com o povo e muitas pessoas não sabem que sou o carnavalesco da Mangueira".

A GENTE RESOLVEU FAZER UM SAMBA
PRA FALAR DA GENTE BAMBA
QUE MORA NA MANGUEIRA

É UM SAMBA SIMPLES MAS SINCERO
NÃO TEM MUITO LERO-LERO
COMO A ESTAÇÃO PRIMEIRA

SALVE O PESSOAL DA VELHA GUARDA
QUE RENOVA SEMPRE A FARDA
MOSTRA SEMPRE O SEU VALOR.

SAMBA VÃO SE APRENDE NA ESCOLA
MAS TAMBÉM QUEM TEM CARTOLA
NEM PRECISA PROFESSOR

FINALMENTE UM ABRAÇO PRA QUEM FICA
DONA NEUMA, DONA ZICA
PRA MANGUEIRA O NOSSO AMOR

Segundo se sabe, o desfile de 1934 foi antecipado para o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, coincidindo com a homenagem ao prefeito Pedro Ernesto, amigo das escolas.Mais uma vez a Estação Primeira foi a campeã, com o enredo **República da Orgia**.

Para o carnaval de 1935, ficando em segundo lugar, a Estação Primeira apresentou o enredo **O Regresso de uma colheita na Primavera** com os sambas "Meu ideal", letra e música de Carlos Moreira de Castro (Carlos Cachaça) e Angenor de Oliveira (Cartola), e "Tragédia", que Cartola fez sozinho. Anunciado como o último na Praça Onze, o desfile foi patrocinado pelo jornal **A Nação** .

O carnaval de 1936 deu o segundo lugar à Mangueira com o samba "O destino não quis", de Cartola, Carlos Cachaça e Zé da Zilda

Naquele TEMPO...

Cartola, nos seus tempos de rapaz, foi um grande conquistador: as mulheres da Mangueira que se cuidassem. Aquele mulato magro, cheio de ginga e muita conversa, era um perigo. Certa vez, arranjou uma namorada que também namorava um dos valentes do morro. Nada menos que o nosso tão falado **Maçu. Maçu** era forte, andava armado e não recusava parada. **Cartola** era franzino mas não podia dispensar aquela mulata linda, que lhe andava arrastando a asa. Tinha que fazer uma visita ao barraco da moça.

Pensou muito e decidiu. Foi conversar com o próprio **Maçu**:

– **Maçu**, é o seguinte. Arranjei uma namorada aí, mas ela tem um caso com um valente do morro. Me empresta o seu revólver, assim se houver algum problema, tô garantido.

Maçu sabia que o amigo não era dessas coisas, mas como também era muito mulherengo, entendeu o caso do menino, emprestou-lhe a arma, não sem recomendar:

– Vê lá o que você vai fazer, garoto, isso não é brincadeira. Toma cuidado.

Mas o cuidado já estava tomado. Sem revólver, **Maçu** ameaçava muito menos. Com o revólver do traído no bolso, **Cartola** foi, tranqüilo, encontrar a mulata. Pelo menos, tiro de **Maçu** ele não levaria.

Muitos anos mais tarde, **Cartola** contou o caso a **Maçu**. Os dois riram muito.

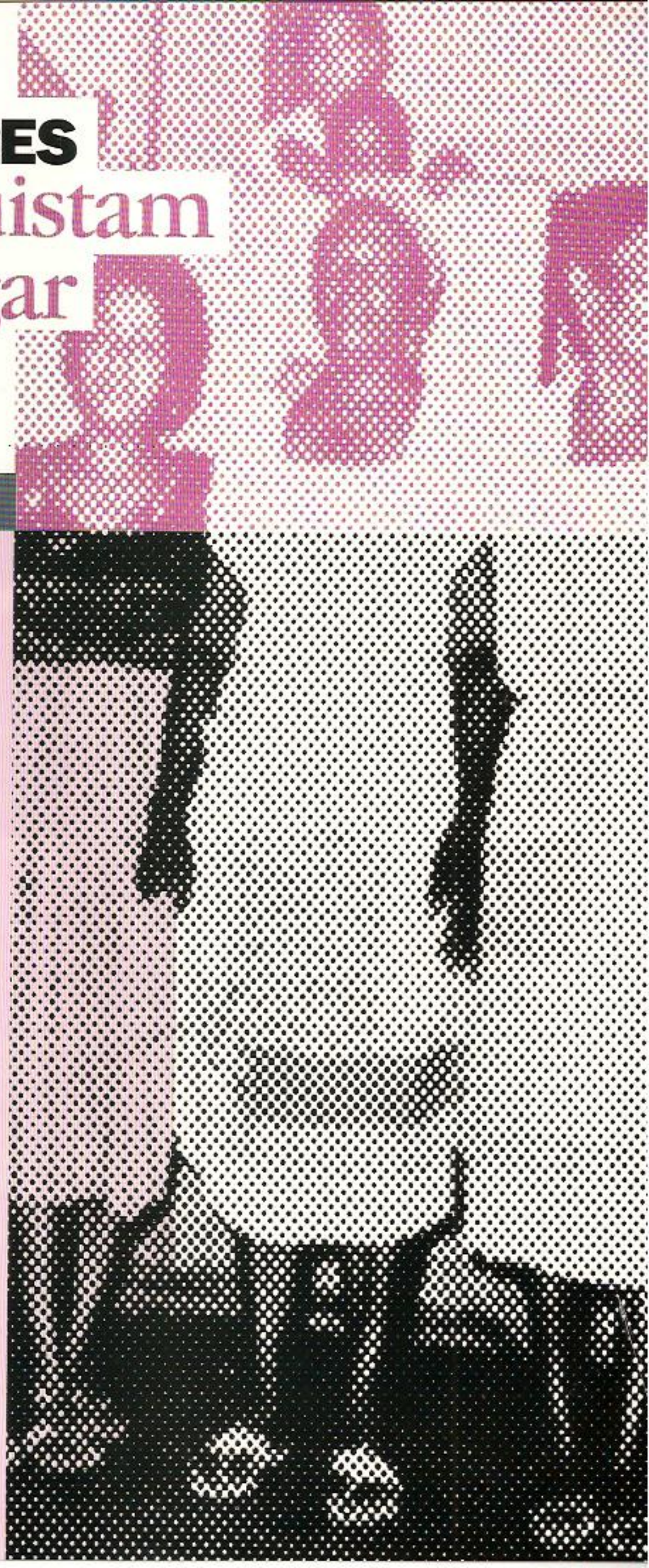
A velha amizade era muito mais forte que uma traição da mulata.

1929 Primeiro concurso de samba promovido por Zé Espinguela, vencido por Lino do Estácio. **1932** Campeã - Com o samba "Na floresta"de Cartola e "Sorri", de Lauro do Santos, o Gradim. **1933** Campeã - Enredo **Uma segunda-feira do Bonfim, na Ribeira**, samba "Fita meus olhos", de Cartola. **1934** Campeã no desfile no Campo de Santana. Enredo **República da Orgia.** A escola não quis participar do outro desfile, realizado no Estádio Brasil, onde ganhou a Vai Como Pode. **1935** Vice-campeã - Enredo **O Regresso de uma colheita na Primavera**, sambas "Meu ideal", de Cartola e Carlos Cachaça e "Tragédia", de Cartola. **1936** Vice-campeã - Com o samba "O destino não quis", de Cartola, Carlos Cachaça e Zé da Zilda. **1937** A Estação Primeira não reconhece a validade desse desfile. **1938** Não houve desfile, cancelado em virtude das fortes chuvas que inundaram o Rio.

As MULHERES conquistam SEU lugar

1930/1948

A Estação Primeira de Mangueira voltou a ser campeã no carnaval de 1940, com o enredo **Prantos, pretos e poetas**. Em seguida, vieram a Mocidade Louca de São Cristóvão, a Azul e Branco, a União do Sampaio e a Portela. A comissão julgadora foi formada por Modestino Kanto, Francisco Guimarães Romano, Genhardt Luckman, Arlindo Cardoso e Lourival Dalier Pereira. Naquele ano, um fato marcou a História da verde-e-rosa: seus componentes, entre eles Dona Neuma e Cartola, participaram de um show de samba no refinado Cassino Atlântico, por iniciativa de Sílvio Caldas, que deu à escola o seu primeiro surdo. Fato notável na época, já que não era comum sambistas se apresentarem na Zona Sul da cidade.



Antes disso, em 1939, a verde-e-rosa fôra a vice-campeã, com o enredo **No jardim**. O prefeito do Distrito Federal Pedro Ernesto foi o homenageado pela Mangueira em 1941, quando a escola ficou em segundo lugar. A homenagem mostrou a gratidão dos mangueirenses a Pedro Ernesto que, quando foi visitar o morro em 20 de janeiro de 1935, perguntou qual a maior necessidade da comunidade. A resposta? Uma escola de Primeiro Grau. Dito e feito. No local em que os mangueirenses indicaram ao prefeito, no Buraco Quente, foi construída a Escola Humberto de Campos. No desfile de 1942, o clima da Segunda Guerra Mundial chegava às escolas de samba: a verde-e-rosa trouxe o enredo **A vitória do samba nas Américas**, que lhe valeu um terceiro lugar.

A aceitação social dos sambistas foi abordada pela Mangueira em 1943, com o enredo **Samba no Palácio Itamaraty**. Já em 1944, a Estação Primeira foi novamente vice mas não se tem notícia de qual o seu enredo. **Nossa história** foi o tema em 1945 (vice-campeã) e **Carnaval da vitória**,em 1946, glorificou os feitos dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, que acabara no ano anterior.

A primeira grande polêmica no desfile surgiu no carnaval de 1948, pois o resultado oficial aponta como campeã a Império Serrano. Até hoje, meio século depois, uma controvérsia faz com que a verde-e-rosa se sinta a vencedora de direito, contabilizando aquele desfile como mais um título seu. De acordo com o livro **Memória do carnaval** (edição Riotur), consta que na ocasião o diretor do Departamento de Turismo teria alterado o resultado final, que daria a vitória à Mangueira, com a Portela em segundo. Mesmo diante da forte pressão, o locutor oficial, Heron Domingues, leu o veredito da comissão, que declarava campeã a Estação Primeira.

Essa confusão encerrou uma fase carnavalesca de clima tenso, provocado pelo corte da tradicional subvenção da Prefeitura à União Geral das Escolas de Samba, à qual a Mangueira era filiada. A medida foi tomada em represália ao apoio do jornal comunista **Tribuna Popular** àquela entidade. Assim, apenas a Federação das Escolas de Samba recebeu verba para distribuir entre as agremiações que a integravam.

Resultados de carnavais à parte, a segunda década da Mangueira seria marcada pelo crescimento da participação das mulheres em funções de destaque. A escola fundada por homens viveu sua primeira década sob o comando d. patriarcas como Cartola, que escolheu suas cores; Saturnino Gonçalves, o primeiro presidente, e Carlos Cachaça, autor de sambas inesquecíveis. Mas logo as mulheres do Morro de Mangueira mostrariam que, sem elas, a história da verde-e-rosa não seria a mesma.

Que o diga a dona de casa Noêmia de Assis, de 85 anos. Ou melhor, a Tia Miúda, chamada assim desde a infância porque começou a andar



Tia Miuda: uma das pioneiras de 1943.

muito cedo. Ao lado de nove mulheres, inclusive Dona Neuma e suas irmãs, ela desfilou na comissão de frente em 1943. Até então, o espaço era exclusividade dos homens:

"Eu me lembro muito bem até hoje. A escola queria mulatas para abrir o desfile e nos chamou para a comissão de frente. Eu, Neuma, suas irmãs e outras moças. Vestimos saia e blazer rosa. Naquela época nem se falava blazer, e sim costume. A blusa e o sapato eram verdes. Quem fez a roupa foi a Ivone Dória, mãe do falecido Carlinhos Dória, que mais tarde foi presidente da Mangueira. A Ivone morava perto da linha do trem, onde hoje é o Viaduto.

"Naquela época, os responsáveis por saudar o público e apresentar a escola eram homens afamados e respeitados na escola ou benfeitores da agremiação. A função tinha grande importância. Tanto que, desde 1938, a comissão de frente já fazia parte do regulamento do desfile."

Só em 1963 a Mangueira teve uma Comissão de Frente apenas com mulheres. Nela desfilaram 15 moças do morro, entre elas Chininha e Ceci, filhas de Dona Neuma, e Dina, irmã do atual Presidente Elmo José dos Santos, que faziam parte da Ala das Impossíveis.

Hoje Tia Miúda mora em Jacarepaguá, mas não sai da Mangueira. Coisa de quem se orgulha de trazer a folia nas veias:

"Meu pai, Augusto, foi fundador do célebre rancho Ameno Resedá!"

Tia Miúda desfilou também na Ala das Baianas, foi assessora da diretoria na gestão de Djalma Santos, é conselheira nata da Velha Guarda e sócia remida da Estação Primeira. Seu cargo hoje na escola é o de Baluarte, palavra que bem define aqueles que se dão de corpo e alma na defesa da coletividade.

A comissão de frente da Mangueira de que Tia Miúda fez parte teve uma composição tradicional até a década de 70, quando viveu dois momentos marcantes. Em 1977, foi composta por Carlos Cachaça, Nelson Cavaquinho, Cartola e Juvenal Lopes, entre outros, apresentando-se garbosamente de paletó, gravata borboleta e chapéu para saudar o público. No ano seguinte, eles surgiram coroados de Imperadores do Samba, dentro do enredo **Dos carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba**, homenagem ao cinqüentenário da escola.

Como se percebe, a comissão de frente da escola vivia uma fase de transição: seus componentes eram sambistas antigos, mas suas fantasias já se adequavam ao enredo. Àquela altura, esse processo já se consolidara em outras agremiações, com a Velha Guarda afastada da comissão de frente. Mas isso não acontecia na Mangueira.

Em 1979, com o enredo **Avatar, e a selva se transformou em ouro**, sobre a cultura cacaueira no Brasil, a tendência se confirmaria. Abrindo o desfile da Mangueira estavam os antigos sambistas, cabelos grisalhos sob chapéus de palha, à moda dos coronéis do Ciclo do Cacau no Sul da Bahia, celebrados pela inventiva de Jorge Amado.

Somente cinco anos depois a Mangueira iria aderir definitivamente à modernização, escalando para abrir seu desfile casais com fantasias inspiradas na Bélle Époque – período tão caro ao compositor João de Barro, homenageado com o enredo **Yes, nós temos Braguinha**. Daí, ninguém ter-se espantado quando em 1987 a Mangueira convidou notáveis para abrir seu desfile em homenagem a Carlos Drummond de Andrade: lá estavam Chico Buarque de Holanda, Hermínio Bello de Carvalho e Affonso Romano de Santana, admiradores do poeta. As mudanças foram bem aceitas pelo júri oficial: tanto em 1984 quanto em 1987 a Mangueira sagrou-se campeã. Em 1988, mais convidados à frente da Estação Primeira, entre eles a repórter da Rede Globo Glória Maria, os campeões olímpicos de atletismo João do Pulo e Ademar Ferreira da Silva e o ator Milton Gonçalves. A idéia foi mostrar logo no início do desfile negros de sucesso, pois o enredo era **Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão**, sobre o centenário

Em 1978, os Imperadores do Samba, comissão de frente do desfile do cinqüentenário.



da Abolição da Escravatura. Naquele carnaval, o tricampeonato escapou da Mangueira apenas por um ponto. Mas a escola honrou suas raízes e tradições, com emocionante apresentação.

Se nos anos 40 as mulheres puderam participar sem problemas da comissão de frente da Estação Primeira, tempos antes uma mangueirense precisou de muita ousadia para mostrar aos bambas do samba que, pelo menos na verde-e-rosa, elas mereciam e teriam papel de destaque. Trata-se de Sebastiana Teixeira de Almeida, a Nininha Xoxoba, que foi passista e, durante 16 anos, porta-bandeira. Nascida em 1919 e falecida uma semana antes do carnaval de 1996, Nininha já desfilava de baiana nos blocos do morro. Gostava tanto de dançar, que ia aos terreiros de umbanda só para isso. Outro traço de sua personalidade era a coragem para superar as restrições impostas às mulheres naquela época. Melhor mesmo é lembrar o depoimento de Nininha ao jornalista José Carlos Rêgo, registrado no livro **Dança do samba, exercício do prazer**:

"Eu era meio abusada e em 1934, quando a comitiva da Mangueira chegou à Praça Onze, o pessoal cantava um batuque assim: A batucada é pra homem só/Pra homem só/A batucada é pra homem só. Entrei na roda e derrubei um parceiro que se exibia. Foi a conta: o malandro escalou (abriu) a navalha e partiu para dentro de mim. O Cartola veio em meu socorro".



Seu apelido surgiu do alegre grito de guerra que entoava nos anos 60, quando, mesmo sozinha, sambava na quadra assim que os ritmistas começavam a tocar. Ela deixava o corpo cair e, quando se erguia, dizia com euforia: "Noxô-ba, xoxô-ba, xoxô". Além disso, conseguia a proeza de mexer apenas uma das nádegas, deixando a outra parada.

As mulheres mangueirenses foram presença ativa na escola desde a fundação, costurando fantasias, fazendo comida nas festas e ajudando a direção de harmonia durante os desfiles. Mas o Departamento Feminino só seria criado na década de 60. Sua fundadora, Dona Neuma, não se lembra exatamente quando foi. Consultar os arquivos oficiais da escola também não tira as dúvidas, já que as reuniões do grupo não eram registradas em ata. Mas era tudo muito organizado, com eleição para todos os cargos, de presidente, vice, duas secretárias e duas tesoureiras .

No entanto, uma coisa é garantida: o Departamento Feminino da verde-e-rosa surgiu após 1962, porque Dona Neuma tem certeza de que importou a idéia da Em Cima da Hora, fundada naquele ano:

"Eu fui na Em Cima da Hora porque havia uma festa dos Destaques de Ouro e eu era a madrinha do grupo. Fiquei encantada com o Departamento Feminino, presidido pela Cilinha. Achei uma beleza. Eu mesma nem sabia o que era isso e perguntei. Elas me disseram que cabia às mulheres receber os convidados e abrir o samba. Foi aí que tive a idéia de fazer o mesmo na nossa Mangueira."

Mais importante que a data precisa é a atuação das mulheres da Mangueira, que teve em Deolinda Conceição, primeira mulher de Cartola, e Nair Pequena dois exemplos. Deolinda é descrita por biógrafos de Cartola como uma mulher forte, com perfil para, ainda nos anos 40, não se intimidar diante de ninguém. Quem confessa isso em apenas sete palavras é o próprio compositor, em depoimento ao pesquisador Roberto Moura, no livro **Cartola, todo tempo que eu viver**: "Deolinda era mais forte do que eu."

Segundo Roberto Moura, que tomou vários depoimentos do poeta da Mangueira para escrever seu livro, Deolinda foi líder da Ala das Pastoras e muito ajudou Cartola em seu trabalho junto à Mangueira. Naquela época, as pastoras eram da maior importância, encarregadas, entre outras coisas, de cantar as partes do samba-enredo mais adequadas às vozes femininas.

Tão forte quando Deolinda foi Nair Pequena. Dona Neuma, ainda menina, pedia a bênção às duas, que costumavam ficar quase o dia inteiro na antiga sede da verde-e-rosa, na Travessa Saião Lobato, no Buraco Quente. Nair é protagonista de um dos episódios lembrados com mais emoção pelos mangueirenses. No carnaval de

A passista Nininha Xoxoba se impôs nas rodas de batucada.

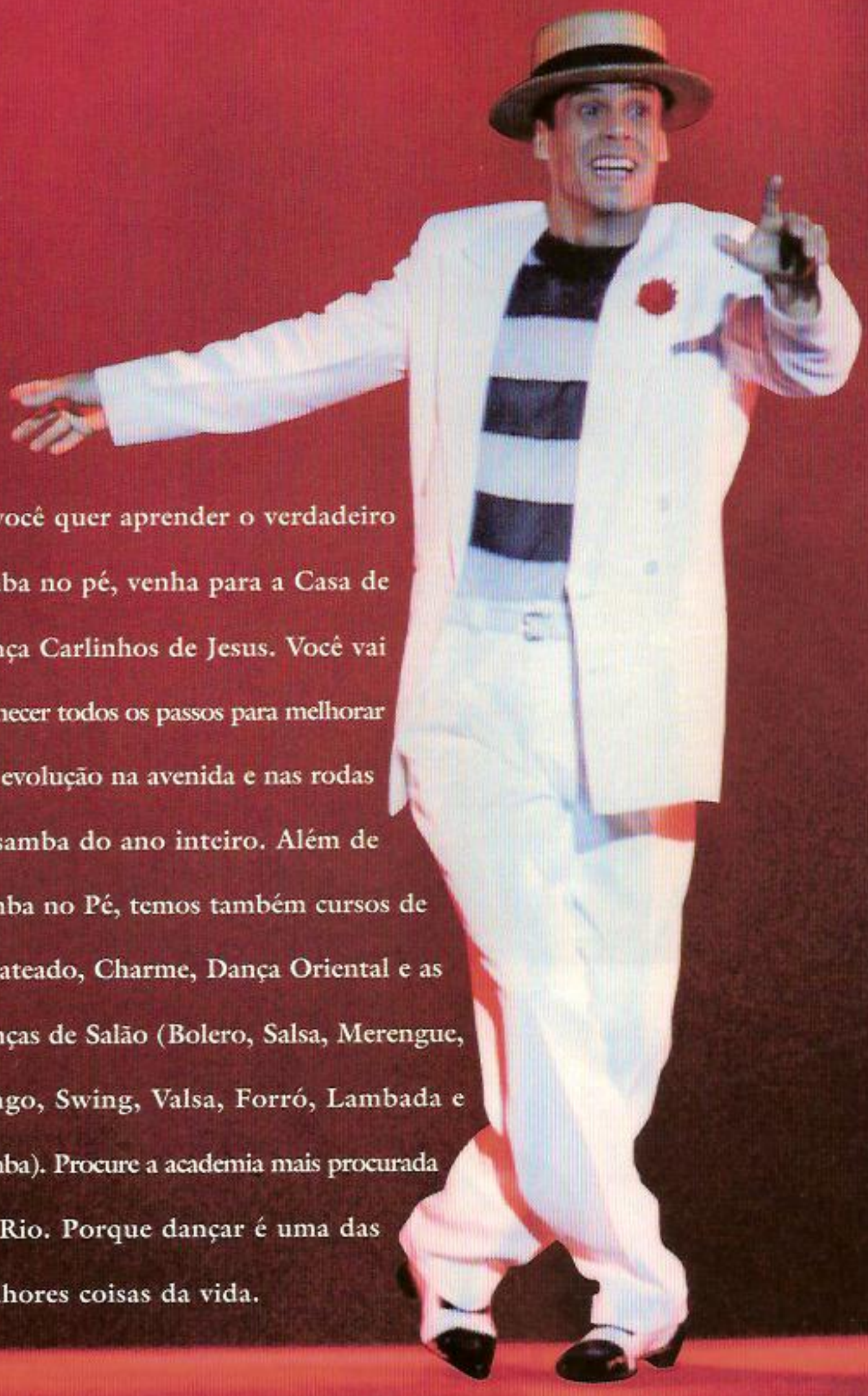


Foto: Dario Zalis

Light

Transformando energia em conforto

Casa de Dança Carlinhos de Jesus.
O primeiro passo pra você aprender a sambar.



Se você quer aprender o verdadeiro samba no pé, venha para a Casa de Dança Carlinhos de Jesus. Você vai conhecer todos os passos para melhorar sua evolução na avenida e nas rodas de samba do ano inteiro. Além de Samba no Pé, temos também cursos de Sapateado, Charme, Dança Oriental e as Danças de Salão (Bolero, Salsa, Merengue, Tango, Swing, Valsa, Forró, Lambada e Samba). Procure a academia mais procurada do Rio. Porque dançar é uma das melhores coisas da vida.

Rua da Passagem, 145
Botafogo Rio de Janeiro/RJ
Cep 22290 030 Tel.: (55 21) 541 6186
E-mail: carlinhosdejesus@cdcj.com.br
http://www.cdcj.com.br

Contato para shows (com a Cia de Dança Carlinhos de Jesus), oficinas e workshops pelo Brasil e exterior.
Tel.: (55 21) 255 7209 / 255 4089

Agora também no Madureira Shopping Rio no Ballet Dalal Achcar.
Tel.: (55 21) 488 1389

CASA DE DANÇA
Carlinhos de Jesus

1970, quando a escola se preparava para entrar na Avenida na terça-feira, para o desfile que reunia as mais bem classificadas no ano anterior, Nair sucumbiu a um ataque cardíaco. Quem a conheceu garante que ela não resistiu a tanta emoção. Mas, afinal, ela sempre dissera que só morreria feliz se morresse no carnaval.

Os exemplos de Nair, Deolinda e de tantas outras deram frutos no Departamento Feminino, comandado por Nenete e Márcia da Silva Machado, a Guezinha. Sem muitas diferenças dos anos 60 para cá. A exemplo do que faziam as pioneiras, elas e suas companheiras têm duas funções básicas: abrir o samba e receber os convidados e visitantes da verde-e-rosa. Como têm a função de fazer as honras da casa, a aparência não é um mero detalhe. A cada ensaio, elas combinam qual será a cor da blusa e da saia, que nunca fica muito acima do joelho: verde, rosa ou branca. Nos intervalos entre um samba e outro, sentam-se perto da entrada, sempre atentas aos visitantes. E mantêm o sorriso após muitas horas de trabalho, pois ajudam a preparar as festas, cozinhando, limpando a quadra e arrumando as mesas. Além disso, acompanham compositores e diretores de harmonia onde quer que eles vão divulgar o samba da Mangueira.

No desfile, sua atuação também é fundamental. Parte delas sai na Ala das Baianas e parte desfila como diretora, reforçando a equipe de harmonia. Ajudam as baianas mais antigas a se aprontarem, uma tarefa fundamental, já que, se a escola corre o risco de perder ponto se não estiver na concentração na hora marcada, em hipótese alguma pode deixar para trás suas matriarcas. Portanto, uma atuação marcante desde o tempo em que o Departamento Feminino foi oficializado. No princípio, eram dez diretoras, 15 recepcionistas e pouco dinheiro. Elas mesmas dizem que "a roupa era pobrezinha mas havia o extremo cuidado de combinar as cores nas variações do verde, rosa e branco". A confecção das fantasias é outra tarefa que durante muitos anos coube às mulheres da Mangueira. Mas a função foi sendo passada progressivamente a ateliês de profissionais, escolhidos pelos presidentes de ala ou carnavalescos. Mesmo assim, ainda na década de 80, quando o desfile das escolas de samba já se transformara num espetáculo feito por especialistas, era comum ver as mulheres do morro virando as noites para preparar a tempo centenas de fantasias. Vigílias recompensadas pelas vitórias sobre adversárias mais bem estruturadas, como no carnaval de 1986, quando a Mangueira foi campeã com o enredo **Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira tem**, superando escolas antes consideradas favoritas.

Em fase mais atual, apenas a confecção das fantasias das baianas e da Ala das Crianças ficou a cargo das costureiras do morro, sendo centralizada mais tarde no barracão da Mangueira. Mudança imposta pela disputa acirrada pelo título de campeã, já que as outras escolas se sofisticam cada vez mais.



Na turma da retaguarda, as cozinheiras e lavadeiras Nair Brinquinho, Zica, Eudóxia, Nair Pequena, Menininha e Isabel.

Mas se hoje as baianas desfilam com fantasias iguais, confeccionadas pelo mesmo grupo, até os anos 60 havia diferentes figurinos. Segundo o jornalista Roberto Paulino, ex-presidente da Estação Primeira, elas saiam como baianas granfinas, baianas ricas e sob outras denominações. Ou seja, as mulheres saíam vestidas de baiana mas não como uma ala de baianas, com o mesmo figurino.

No desfile de 1959, ele achara a Mangueira fraca, lamentando o reduzido número de baianas tradicionais, senhoras da comunidade. Ouviu depois de Dona Neuma a explicação:

"Elas se afastaram, estão desgostosas, não têm merecido a consideração devida. Muitas não têm dinheiro. Estão desmotivadas."

Surgiu imediatamente a idéia de unificar as baianas na Mangueira numa única ala. Paulino fez uma relação das veteranas e mandou carta para cada uma delas, convocando-as a voltar à verde-e-rosa. A escola daria o material e caberia a elas a confecção. O chamado foi atendido pronta e alegremente. Naquele primeiro ano foram distribuídas 75 fantasias, divididas por macro-regiões da Mangueira em três grupos de 25: Pindura Saia, Buraco Quente e Candelária. Em 1962, subiram para 200, um sucesso no desfile das escolas. A partir daí, as fantasias passaram a ser cada vez mais uniformizadas. Mas até a década de 70, ainda era comum ver algumas baianas com fantasias diferentes das vestidas pelo resto do grupo. Em geral, eram mais velhas e se destacavam pelo figurino cheios de bor-

NOEL VERDE E ROSA

João Máximo



Sentado sobre a grade de ferro da ponte de Mangueira, Noel Rosa costumava esperar Cartola nos começos de noite. Corria o ano de 1932. Noel já era famoso na cidade, jovem gênio sem queixo cujos sambas misturavam ironia, desencanto, humor e tiradas filosóficas. Cartola só era famoso no morro, embora cantores consagrados como Francisco Alves e Mário Reis já tivessem gravado coisas suas. Era um negro magro e feio — não tão magro nem tão feio quanto Noel — e tinha em Mangueira o prestígio de que o amigo desfrutava na Vila Isabel vizinha. Entre outros motivos, por ter ajudado a fundar a gloriosa Estação Primeira, quatro anos antes. Trabalhando com pedreiro só Deus sabia onde, não tinha hora para atravessar a ponte de volta para casa. Mas Noel esperava. Depois, os dois subiam juntos, faziam pouso no barraco de Cartola, ingeriam mares e mares de branquinha e iam criando, sob a luz das estrelas, um samba atrás do outro. Quantas jóias dos dois terão sido lapidadas e logo perdidas nas noites longas daqueles tempos?

Se reconto essa história é por acreditar que a amizade e a parceria de Noel Rosa & Cartola foram muito responsáveis pelas estreitas relações afetivas que Vila Isabel & Mangueira mantêm até hoje. Morador da Vila há mais de meio século, sou dos muitos isabelinos que caminharam incontáveis vezes pela Duque de Caxias, Tobias Barreto e Oito de Dezembro, até a velha ponte que os modernos viadutos vieram substituir, e dali para a encosta. A ponte, se me permitem, deveria ter sido tombada, se não em honra de Noel & Cartola, pelo menos por ter sido, por tantos anos, o traço de união entre os dois bairros. Jamelão ainda mora na Vila. Há muitos moços nascidos e criados em torno do Boulevard que desfilam no carnaval, não pela escola de Martinho, mas na verde e rosa de Nélson Sargento. Verde e rosa que por sinal já se apresentou com um samba-enredo-declaração-de-amor que diz tudo: "E, nas noites suburbanas, a lua colorindo o céu, na Vila eu ouvi melodias de Noel". E mais: até pouco tempo, no dias de feira, muitos bambas da Mangueira, Carlos Cachaça entre eles, iam lembrar fatos e sambas no botequim da Jorge Rudge, quase esquina de Oito de Dezembro. Sentiam-se em casa na Vila de Noel. Tive o privilégio de participar de muitos desses encontros, saboreando calado a memória e a sabedoria daqueles bambas. Que saudade do historiador silencioso Fernando Pimenta!

Sim, tudo começou com Cartola e Noel Rosa. Um Noel que fala em Mangueira em dois sambas imortais. Um, crônica de uma tragédia: "Lá no morro da Mangueira, bem em frente à ribanceira, uma cruz a gente vê..." O outro, um congraçamento entre bairros: "Salve Estácio, Salgueiro, Mangueira, Oswaldo Cruz e Matriz, que sempre souberam muito bem que a Vila não quer abafar ninguém... Só quer mostrar que faz samba também." E um Cartola que, no dia em que o parceiro e amigo partiu para sempre, compôs comovido um samba até hoje não gravado: "A Vila emudeceu, dolorosamente chora o que perdeu..." Atrevo-me a dizer que, se Noel Rosa ainda vivesse, do alto de seus 87 anos se declararia torcedor da Mangueira. Podia amar a Vila de Martinho, podia dar força à escola de seu bairro, quem sabe até fizesse um samba para ela se exibir na passarela da Sapucaí, mas torcer, torcer... Pela amizade de Cartola, pelo que sentia pelos versos e pelas melodias de Cartola, torcer, torcer mesmo... Garanto que o coração de Noel Rosa bateria pelo surdo da Mangueira.

Mas... e aquelas jóias que se perderam nas longas noites daqueles tempos?

João Máximo é jornalista e autor, juntamente com Carlos Didier, de "Noel Rosa, uma biografia".

dados de estrasse, lantejoulas ou paetês, aplicados por elas próprias.

A unificação do figurino ajudou a Mangueira a se modernizar, mas o tempo em que as baianas disputavam para ver quem sairia com a fantasia mais bonita é lembrado com romantismo pelos velhos mangueirenses. Havia um grande mistério e curiosidade para saber como se apresentariam, por exemplo, Nair Pequena, Nair Brinquinho, Nair Grande, Hilda do Tingüinha e a Guiomar do Chico Porrão. Elas levavam meses aproveitando faixas de tecidos, bordando, pregando lantejoulas, emendando rendas, franzindo babados e unindo fitas. Um segredo guardado a sete chaves.



Verinha, a primeira mulher a ter seu nome incluído entre os vencedores de samba-enredo.

Falar de mulher mangueirense é falar também de vaidade, coisa que Ilazir Miranda, braço-direito de Dona Neuma no Departamento Feminino, conhecia muito bem. Ilazir, ou melhor, Zinha, foi durante muitos anos um dos principais destaques da verde-e-rosa, no tempo em que a função exigia muita força de vontade. A começar pela confecção da fantasia, tarefa que ela fazia questão de assumir, em vez de passar a uma equipe de profissionais.

Mais garra ainda era necessária para desfilar sem perder a pose, já que, no tempo dela, destaque vinha no chão, vestida de fantasias pesadas. Só para ilustrar: a de 1975 tinha 30 quilos e consumiu 11 metros de acetato, 18 metros de renda e 10 metros de paetê! Tudo isso para brilhar como a Nega Fulô, um dos personagens lembrados pelo enredo **Imagens Poéticas de Jorge de Lima.**

Zinha não ficava só na pose. Era líder do Destaques de Ouro, do qual faziam parte Cilinha e Mariazinha, da Em Cima da Hora; Ivanói Ferreira da Silva, da Imperatriz Leopoldinense, e Isabel Valença, do Salgueiro. A madrinha era Dona Neuma e vivia organizando festas em todas as quadras cariocas.

A compositora Leci Brandão não tem dúvida de que, na Mangueira, palavra de mulher vale muito. Segundo ela, uma prova disso é que, toda vez que há polêmicas sobre a verde-e-rosa, Dona Zica e Dona Neuma aparecem nos jornais, rádios e emissoras de televisão dando a sua opinião. Com isso, afirma a compositora, elas influenciam a opinião pública e os próprios componentes da Mangueira: "Elas são a cara da escola!"

Leci mesmo foi uma pioneira, a primeira mulher a integrar a Ala de Compositores, a convite de José Branco, o tesoureiro. Isso em 1971, quando foi aceita simbolicamente, estreando na Avenida no ano seguinte. Segundo ela, houve quem a olhasse com uma cara de "O-que-é-que-esta-menina-veio- fazer-aqui?" mas as resistências iniciais foram superadas com facilidade. O estágio por que teve que passar antes de se integrar definitivamente ao grupo não foi uma questão de machismo, mas uma praxe a ser obedecida: os compositores novos, homens ou mulheres, não podiam entrar na ala logo que chegavam.

Para ser admitida como igual e respeitada num meio até então restrito aos homens, Leci deixou bem claro seu amor pela escola, que aprendeu a gostar com a mãe, Lecy, e a avó, Ormezinda, que foram baianas da verde-e-rosa. Assim que a sambista falou de sua intenção, o então presidente da ala, José Brogogério, pediu que ela fizesse uma carta explicando seus motivos. Foi quando entrou em cena a sua paixão pela verde-e-rosa:

"Escrevi que queria aprender com os compositores da Mangueira. E aprendi muito. Se hoje eu sei versar (improvisar) no partido alto, agradeço à Ala de Compositores da escola. Também aprendi a tocar pandeiro e hoje posso fazer isso nos meus shows. Para mim foi o mesmo que cursar uma universidade."

Leci Brandão chegou à final da disputa de samba-enredo da Mangueira nos carnavais de 1975 (**Imagens poéticas de Jorge de Lima**), 1980 (**Coisas nossas**"), 1985 (**Ô abram alas que eu quero passar**), 1987 (**O reino das palavras**) e 1998 (**Chico Buarque da Mangueira**). Não ganhou em nenhuma dessas vezes, mas viveu um grande momento na verde-e-rosa ao ser a única mulher a integrar a comissão de frente em 1985, quando a escola homenageou Chiquinha Gonzaga. A idéia era que Leci, uma pioneira, lembrasse Chiquinha, outra pioneira da folia carioca.

A final de samba-enredo de 1987 foi aguardada com grande expectativa pelas mangueirenses, já que duas mulheres estavam classificadas. Ou seja, era grande a possibilidade de, pela primeira vez, a verde-e-rosa cantar na Avenida um samba feito por mulher. Não deu outra. Venceu Verinha, em parceria com Rody e Bira do Ponto. No refrão, o trio lembrou os personagens dos poemas de Drummond, colocando Dom Quixote, Zé Pereira e Charlie Chaplin "no embalo da Mangueira."

Mas o melhor ainda estava por vir. Se já ficara feliz por ser a primeira



Dona Neuma e Dona Zica representam, desde o início, a força e a participação da mulher mangueirense.

mulher a assinar um samba-enredo da Mangueira, Verinha ainda teve a emoção de ver a verde-e-rosa campeã de 1987. A compositora venceu mais duas vezes o concurso de samba-enredo da escola: em 1993, em parceria com Eraldo Caê, Dirceu, Prêto, Fernando de Lima, Ney Mattos, Bira do Ponto e Gustavo (**Dessa fruta eu como até o caroço**) e em 1995, com Rody, Paulinho Carvalho e Fernando de Lima (**A esmeralda do Atlântico**).

Pioneirismo marca também a trajetória de Neuma Gonçalves da Silva, que nasceu em 8 de maio de 1922 em Madureira, bairro do Império Serrano e da Portela, mas tornou-se uma das marcas registradas da Mangueira. Sua participação nos desfiles precede à criação da Mangueira: "Desfilei no Bloco do Mestre Candinho, fantasiada de girassol. Meu grupo representava a primavera."

Dona Neuma foi morar no dia 4 de novembro de 1933 na casa em que vive até hoje, na Rua Visconde de Niterói. Arranjada por Cartola, a casa ganhou mais um andar, passou por várias reformas e, por sua localização em rua asfaltada e servida por linhas de ônibus, espécie de fronteira entre o morro e o resto da cidade, servia como sala de visitas já na década de 40, quando era raro pessoas de classe média se chegarem a escolas de samba.

Ou seja, ajudava a fazer a ligação do morro com o Rio, contribuindo para formar a enorme torcida da Mangueira, com adeptos em todo o Brasil.

Antes da construção do Palácio do Samba na década de 70, a casa de Dona Neuma era o ponto de partida de onde políticos, artistas e demais interessados saiam em romaria para conhecer a Mangueira. Foi assim na campanha presidencial de 1955, quando Juscelino Kubitschek foi pedir votos no morro, reduto de muitos mineiros.

"Juscelino percorreu vielas, abraçou os moradores e até emprestou um lenço de linho, coisa fina, para uma criança assoar o nariz. Depois, guardou no bolso. Beleléu (Manoel Pereira, presidente da escola na época) apostou uma caixa de cerveja comigo que ele jogaria o lenço fora. Não deu outra. Bastou ele virar a esquina para ir embora. Mas Beleléu guardou o lenço de lembrança." – ri ela gostosamente.

Mas a diplomacia de Dona Neuma e da Mangueira não deixaram que o episódio interferisse no relacionamento da verde-e-rosa com Juscelino. Tanto que, em 1981, a escola o homenageou com o enredo **De Nonô a JK**, lembrado pelo samba de Jurandir, Comprido e Arroz, que o trata de "o grande presidente, popular, imortalizado na História como chefe da nação".

CUIDADO PRA NÃO ATRAVESSAR O SAMBA.

TV POR ASSINATURA SÓ NET RIO.

A NET Rio tem o maior desfile de atrações que a sua TV já viu passar. E com o Advanced 98, além de todos os canais já existentes, você passa a receber também os Telecines 2, 3, 4 e 5, Nickelodeon, MGM Gold, Fox Kids, e o direito de acesso aos eventos disponíveis no pay-per-view. Sem falar na taxa de adesão, por apenas R$ 60,00. Assine NET Rio. A sua TV vira uma festa.

NET RIO

SEMPRE UM BOM PROGRAMA

430-1130



PROCEL

ESTANDARTE DE OURO: QUESITO ECONOMIA.

O Procel é o Programa de Combate ao Desperdício de Energia Elétrica criado para diminuir os gastos desnecessários de energia no dia-a-dia. Ele beneficia a população, a indústria, o comércio, enfim, o País. Uma simples redução do desperdício representa no final das contas um ganho para todos. E isso pode ser feito seguindo pequenas dicas como, por exemplo, apagar as luzes ao deixar um ambiente vazio, trocar as lâmpadas comuns por lâmpadas eficientes que, além de iluminarem mais, poupam energia. Ou, ainda, realizar uma nova concepção do projeto de iluminação e até o redimensionamento dos motores de uma fábrica ou empresa. Por isso, neste carnaval, procure esbanjar nas ruas, salões e na passarela o máximo de alegria, não de energia. Por que a folia acaba na quarta-feira de cinzas, mas o combate ao desperdício de energia continua.

PROCEL
PROGRAMA DE COMBATE AO DESPERDÍCIO DE ENERGIA ELÉTRICA

Eletrobrás

Ministério de Minas e Energia

Brasil EM AÇÃO

A casa de Dona Neuma foi também quartel-general do atendimento aos feridos num acidente de trem durante a gestão do então prefeito Negrão de Lima. Ele, que comandava o movimento de socorro às vítimas, ficou espantado ao saber que Mangueira não tinha uma única linha telefônica. Negrão logo providenciaria uma, para a casa de Dona Neuma, onde a um só tempo o morro começava e a cidade acabava. Presente mais do que bem-vindo, útil para todo o morro. Durante muito tempo, esse telefone era o único de fácil acesso para a maioria dos moradores . Na casa de Dona Neuma pais aflitos iam telefonar para providenciar o atendimento às mulheres já em trabalho de parto. Como nem sempre dava tempo de chegar até a maternidade, muitas crianças nasciam lá mesmo, tendo ela como ajudante de parteira. Resultado, Dona Neuma já perdeu a conta dos afilhados que ganhou. "As assistentes sociais dos diversos hospitais públicos tinham meu telefone nos seus caderninhos e até na Central do Brasil escreveram o número na parede." – revela.

Diplomata e gentil com quem se interessa em conhecer a Mangueira, Dona Neuma também pode deixar tudo isso de lado e responder à altura a quando o convidado não corresponde à gentileza. Foi assim na visita do presidente americano Bill Clinton, em outubro do ano passado. Irritada com as exigências da segurança do presidente (como a interrupção do tráfego de trens durante quatro horas e uma lista com nome e sobrenome dos moradores que participariam da solenidade na Vila Olímpica), ela não pensou duas vezes: "Diz a ele que é melhor ficar em casa!"

Se Dona Neuma é a diplomata da Mangueira, sua vizinha Euzébia Silva de Oliveira, a Dona Zica, contribuiu para que a verde-e-rosa tivesse prestígio entre intelectuais e artistas, freqüentadores assíduos do seu restaurante **Zicartola**. Eles iam atraídos pela poesia de Cartola mas também pelo tempero de Dona Zica. Antes de formarem o par perfeito do samba carioca, ela e Cartola percorreram caminhos distantes, conforme contou o poeta a Roberto Moura, em **Cartola, todo tempo que eu viver**:

"Conheço Zica desde criança, bem como sua mãe e toda a sua família. Nossos primeiros contatos foram em 1919, quando eu tinha 11 anos e ela apenas 6. Ambos gostávamos de samba, que tinha em Mangueira uma de suas sucursais. Crescemos e cada um tomou o seu rumo. Zica se casou e eu, que sempre desejei a liberdade, vivi durante 22 anos com Deolinda, outra sambista da Mangueira. Mas o destino fez com que nossos caminhos se unissem novamente".

O reencontro se deu em 1951, quando ele tinha 43 anos e ela, 38. Com Zica, Cartola se reergueu após uma fase adversa: tinha morado na Baixada Fluminense, não fizera sucesso e adoecera. Foi ela que teve a idéia de, em fins dos anos 50, procurar o Diretor do Departamento de Turismo da Guanabara, Mário Saladini, para pedir ajuda. Numa festa em Mangueira um pouco antes, Cartola conhecera Saladini, que se pôs à disposição do poeta para o que fosse necessário. Mas ele era tímido. Não tinha jeito de pedir.

Mas Zica tinha e, após o encontro dela com Saladini, ficou combinado que o casal ocuparia, como zeladores, parte de um prédio na Rua dos Andradas, sede da Associação das Escolas de Samba. Já no novo endereço, Zica começou a fornecer marmitas para motoristas da

Naquele TEMPO...

Um dos típicos malandros da Mangueira foi o Dalmo, que continua vivo, morando no morro, cheio de amigos. Dalmo é um negro alto e esguio, elegantíssimo, um dos principais componentes da Ala dos Boêmios. Ele é extremamente bem educado, de fala mansa, jamais levanta a voz. Dalmo era **cafetão,** mas nunca foi violento.

Um dia, ele vinha com uma e outra de suas mulheres se aproximou, furiosa, com uma crise de ciúmes. Dalmo usava um terno beje, muito elegante e bem cortado, como sempre. Tinha extremo cuidado com a roupa, vestia-se com surpreendente bom gosto. Pois bem, as duas começaram a se estapear, puxa-pra-cá, puxa-pra-lá, com o Dalmo no meio, tentando se ver livre daquela situação desagradável.

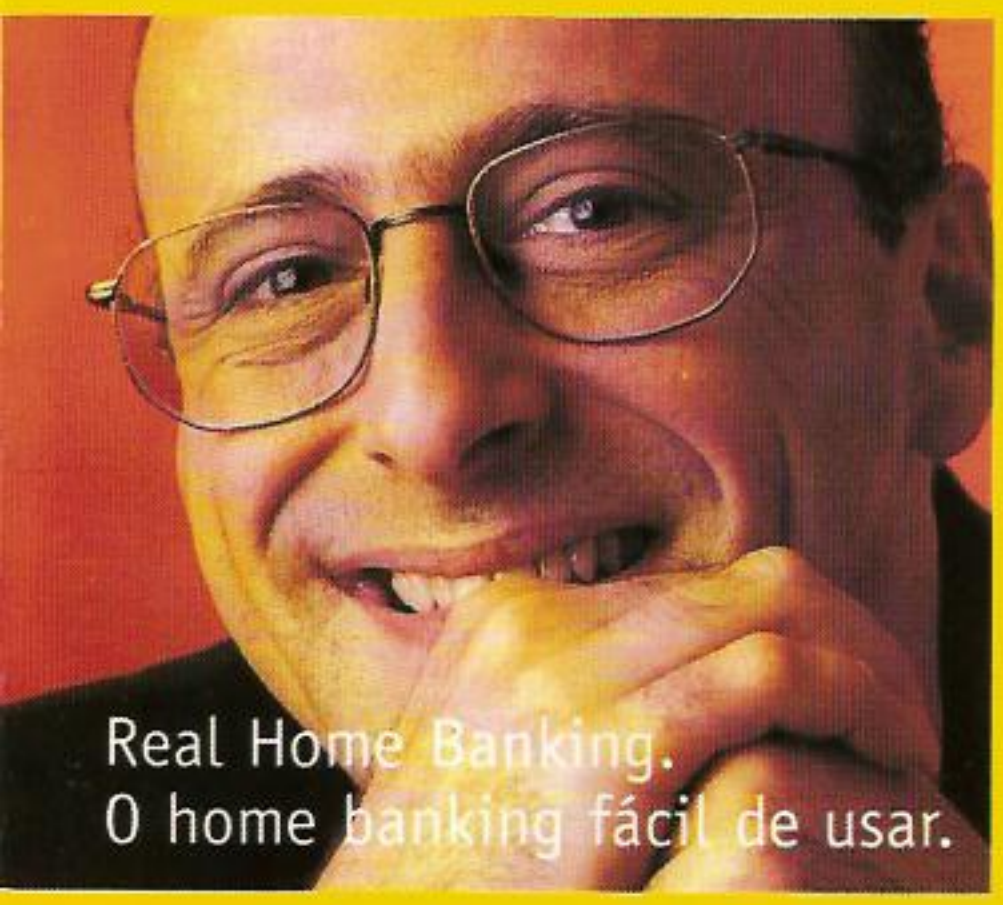
Até que, num puxão mais violento, uma delas agarrou-se ao paletó do homem e o rasgou. Dalmo imediatamente interrompeu a briga e disparou, sem levantar a voz, como sempre:

- Se vocês querem brigar, que se embolem aí. Mas vou avisando logo: quem ganhar a briga vai pagar um terno novo.

E afastou-se calmamente, paletó rasgado no ombro, foi tomar sua cervejinha longe dali, alisando a camisa um pouco amarrotada e deixando as duas aos tapas e puxões de cabelos. Saíram com os vestidos em pedaços, rostos e braços arranhados, perucas despenteadas. No fim, as duas decidiram dividir as despesas e cada uma ficou com seu prejuízo. Dalmo, de terno novo, continuou com as duas.


Real Home Banking
Conta Corrente
111-011111-0
Poupança
011111-0
Fundo
123456789
Serviços
Sim,
você pode.
Próxima
pergunta?

Sim, você pode ter um home banking fácil de usar. O Real Home Banking é um programa para acesso a serviços bancários via computador como nenhum outro banco tem. E por um simples motivo: é tão avançado, que é simples. Tão simples, que qualquer pessoa pode usá-lo. E, em caso de dúvida, o programa tem uma janela Help que explica detalhadamente todas as operações. Mas, se ainda assim a dúvida persistir, você pode consultar nossa central de atendimento 24 horas por dia através de linha exclusiva. Com o Real Home Banking você faz pagamentos, aplicações, transferências, consultas ou usa qualquer outro serviço do Banco Real, 24 horas por dia, 7 dias por semana, sem sair de casa. Ou quando viaja, pode continuar acessando suas contas de qualquer lugar do Brasil e de mais de 600 cidades do mundo através do SIPE, Sistema de Identificação Pessoal Exclusivo. Esse sistema coloca você instantaneamente on line, e a preço de uma ligação local, com todas as suas contas e negócios com o Banco Real, mesmo que estejam em agências diferentes.



E, a cada vez que o Banco Real lançar um novo produto, o Real Home Banking já está preparado para oferecê-lo automaticamente, sem que você precise requisitar nada.

Se você já é cliente do Banco Real, solicite seu programa pelo Disque Real. E, se você ainda não for, é só procurar a agência mais próxima e abrir sua conta. Afinal, querer é poder.

Banco Real

Central de Atendimento Real Home Banking – 0800-127725 • Produto disponível nas seguintes localidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Baixada Fluminense, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza.

Praça Mauá, graças a seu conhecimento com um trocador de ônibus, chamado Mangueirinha. Em pouco tempo, já tinha tantos fregueses que chegou a recusar novos pedidos.

Para Cartola, a mudança também não foi só de endereço. Estudantes, artistas e músicos começavam a aparecer para ouvir suas composições. Chegavam ao fim do dia para tocar violão e conversar com o poeta. Era o embrião do **Zicartola**, casa de samba que viria a funcionar em 1963.

Como se não bastassem a comida de Zica e a música de Cartola, as idéias políticas da época faziam crescer o interesse de intelectuais pelo samba. Inspirando-se no Movimento de Cultura Popular, fundado em Pernambuco durante o Governo Miguel Arraes, com o lema "Educar para libertar", a União Nacional dos Estudantes (UNE) criou o Centro Popular de Cultura (CPC), que estimulou o encontro de jovens universitários com sambistas.

Foi a partir de uma conversa dos freqüentadores com Zica (sempre ela) que surgiu a idéia de aprimorar os encontros na Rua dos Andradas. Liderado por Eugênio Agostini, um grupo conseguiu então arrecadar trezentos mil cruzeiros, empregados no aluguel, reforma e instalações do famoso restaurante da Rua da Carioca, 53, ao lado do Cinema Íris.

A casa abriu com sucesso, revelando ao grande público mangueirenses ilustres, como Clementina de Jesus e Nelson Cavaquinho. Num encontro com Carlinhos Lyra, ainda em 1963, na casa do físico e compositor Nelson Lins e Barros, Cartola mostrou suas composições no violão, ficando conhecido entre os adeptos da Bossa Nova. Cacá Diegues, Oduvaldo Viana Filho, Paulo Pontes, Chico de Assis e Leon Hirszman também freqüentavam o **Zicartola**, que virara marco e moda.

Mas a revolução de 1964, que obrigou muitos freqüentadores a fugirem, as dívidas e o cansaço do casal acabaram levando a casa a fechar as portas. Apesar dos percalços a ponte entre a Mangueira e os intelectuais estava feita, resultando nos anos 70 em livros e teses de mestrado sobre a verde-e-rosa.

A Mangueira, marcando seu pioneirismo fez afinal em 1985 pela primeira vez um enredo em homenagem a uma mulher: a escolhida foi ninguém menos que Chiquinha Gonzaga, tão pioneira quanto Dona Zica, Dona Neuma, Tia Miúda e Nininha. Naquele ano, a verde-e-rosa não foi campeã mas teve o mérito de chamar a atenção do país para uma mulher a quem o carnaval carioca deve muito, conforme deixou claro a justificativa do enredo **Ô abram alas que eu quero passar**, da pesquisadora Edinha Diniz, autora do livro **Chiquinha Gozaga, uma história de vida**:

"Maior vulto feminino na História da Música Popular Brasileira e uma das grandes expressões da luta pelas liberdades no país, Chiquinha Gonzaga (1847 - 1935) pagou caro pela sua ousadia e seu pioneirismo, principalmente com o esquecimento. Por isso, após seis anos de pesquisa para resgatar sua memória, parecia-me fundamental transformar esse trabalho em enredo de escola de samba, por entender que esta era a fórmula mais legítima e narrar uma história que tem como protagonista o povo brasileiro e a sua cultura.

"Em fevereiro de 1889, usava-se fantasia e máscara para dançar nos salões, ao som da polca, tango, habanera, quadrilha, valsa e mazurca. O povo se divertia em cordões. No bairro do Andaraí o cordão Rosa de Ouro ensaiava. Ao ouvir os ensaios, Chiquinha Gonzaga, vizinha do cordão, senta-se ao piano e compõe: "Ô abre alas que eu quero passar". Era a primeira vez que um compositor escrevia música para aquela festa de rua."

Apesar da empolgação e dos belos versos de Jurandyr, Hélio Turco e Darcy, autores do samba-enredo daquele ano, 1985 não foi um ano dos mais felizes para a Estação Primeira, que ficou em nono lugar. Mas a homenagem a Chiquinha sobressaiu-se, já que a escolha conseguiu divulgar a corajosa história para muita gente que não a conhecia.

Ano a ano, as colocações e enredos da Estação Primeira na sua segunda década foram as seguintes:

1939 Não houve desfile, cancelado em virtude das fortes chuvas que inundaram o Rio. **1940** Campeã - Enredo **Prantos, pretos e poetas** **1941** Vice-campeã - Enredo **Pedro Ernesto** **1942** Enredo **A vitória do samba nas Américas** **1943** Vice-campeã - Enredo **Samba no Itamaraty** **1944** Vice-campeã, com enredo que não teve denominação **1945** Enredo **Nossa história** **1946** Vice-campeã - Enredo **Carnaval da vitória** **1947** Enredo **Brasil, ciências e artes** **1948** Resultado contestado porque o que foi anunciado não correspondia à decisão da comissão julgadora que dera a vitória à Mangueira.

Compositores têm na Mangueira sua musa inspiradora

1949/1958

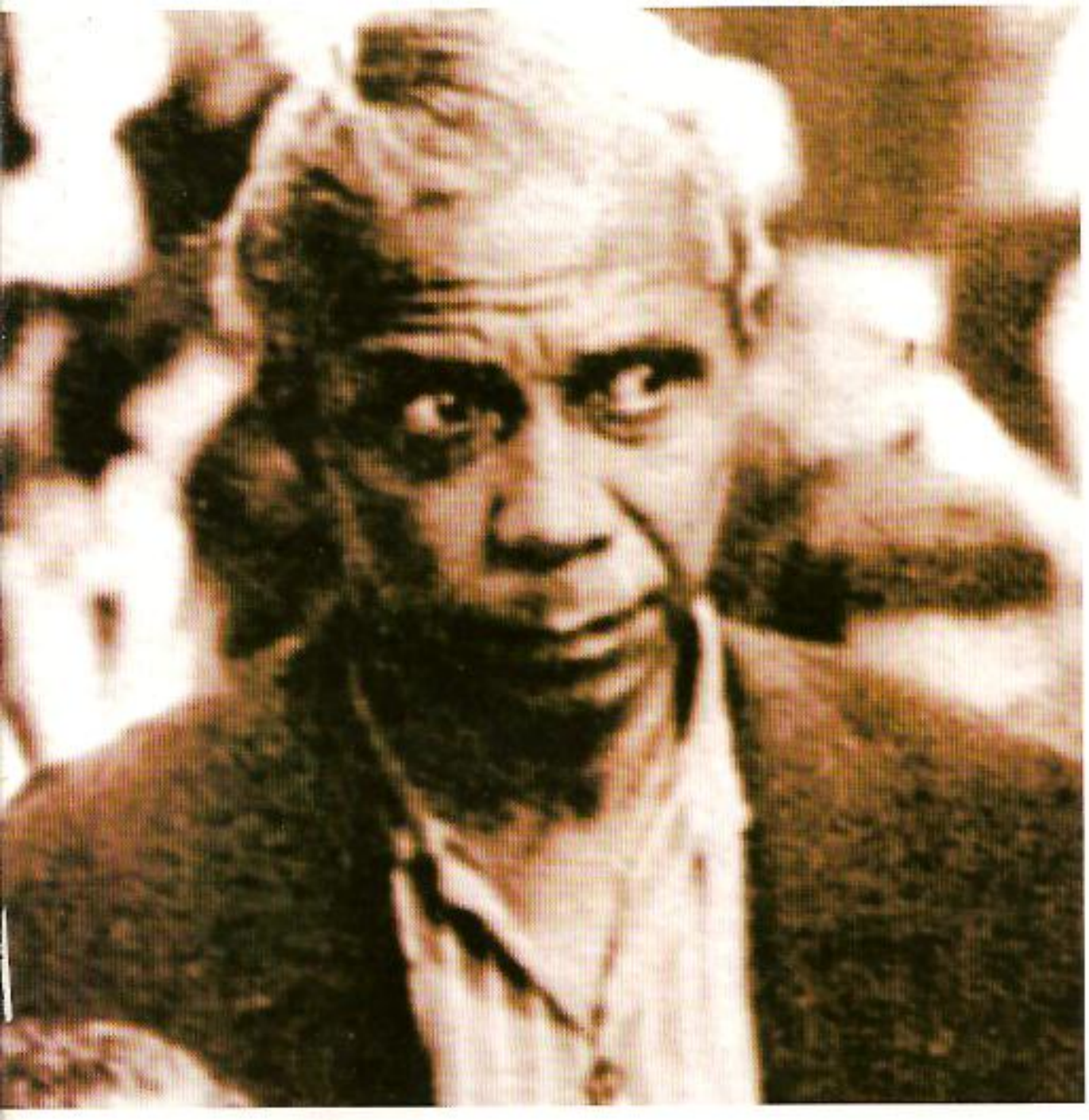
A Escola de Samba Estação Primeira e o Morro de Mangueira são cantados em verso e prosa desde a década de 20. Cantada por seus mestres como Cartola, Carlos Cachaça, Nelson Sargento, Alfredo Português, Jamelão, Darcy, Preto Rico, Comprido, Zagaia, Pelado, Padeirinho, Geraldo Pereira, Jurandir, Hélio Turco... Difícil é dizer quem não mostrou história e glória da Mangueira dentro e fora da sua Ala de Compositores, a primeira a ser criada nas escolas de samba.



Conforme reportagem do jornal **A Voz do Morro (nº 12, abril de 1997)** a Ala de Compositores da Estação Primeira de Mangueira surgiu no dia 20 de janeiro de 1939. "Corria o ano de 1939. Era o dia 20 de janeiro. Alguns rapazes tocavam cavaquinho e pandeiro na Malha (local onde ficava a pista de malha, modalidade de jogo muito apreciada então) no Buraco Quente, no Morro da Mangueira. Eles nem imaginavam, àquela época, que entrariam para a História ao fundarem a primeira ala de compositores das escolas de samba. Mais um pioneirismo da Mangueira.

"Cartola, Carlos Cachaça, Aluísio Dias, Zeca, Edson, Zé Ramos (hoje um baluarte), Gradim, Ataliba, Maçu, Geraldo da Pedra e outros fundaram a Ala dos Compositores da Mangueira, no dia do padroeiro, São Sebastião. Por isso, as festividades da ala são sempre realizadas a 20 de janeiro. E duram dois dias. Para participar deste grande evento, todos os anos, vêm compositores de todas as escolas de samba."

Cartola foi o autor do primeiro samba da Mangueira "Chega de demanda" e também o primeiro a gravar com o famoso Rei da Voz, o cantor Francisco Alves. Também na década de 30, Babaú, respeitado componente desta ala, imortalizou com Araci de Almeida o grande samba "Ai, ai, meu Deus", sucesso absoluto. Zé com Fome, que mais tarde se tornou Zé da Zilda, também da Ala dos Compositores, gravou com o Cantor das Multidões, Orlando Silva, o badalado "Aos pés da Santa Cruz". E não parou por aí o sucesso de músicos e poetas mangueirenses. Carlos Cachaça foi o campeão do Concurso de Sambas da Prefeitura, na Feira de Amostras, na Esplanada do Castelo, em 1938, quando disputou com outros grandes poetas, da Tijuca, de Oswaldo Cruz e do Salgueiro, entre outros. Zé Ramos, consagrado compositor mangueirense, teve na voz de Roberto Paiva sua melodia que era considerada a coqueluche dos ensaios no Buraco Quente, a famosíssima "Capital do Samba". Geraldo Pereira desceu o morro para gravar, com Ciro Monteiro, o grande sucesso "Falsa baiana". Depois, Geraldo se tornou cantor consagrado na Rádio Mayrink Veiga. O compositor Chiquinho Modesto, ainda atuante e hoje um Baluarte, na década de 40, levou a Araci de Almeida seu samba "Mal dividido". Jamelão, também da Ala dos Compositores, gravou o samba de Enéas Brites da Silva e Aluísio Costa "Exaltação à Mangueira" ("Mangueira teu cenário é uma beleza..."), grande sensação do carnaval de 56, que se transformou no hino da escola.



Nelson Cavaquinho é o autor dos antológicos "Pranto de poeta" e "Folhas secas".

Nelson Cavaquinho, tão apaixonado pela nossa Ala dos Compositores, avisou a seus colegas que ia fazer um samba para a ala a que ele tanto se orgulhava de pertencer. Num dia de São Sebastião, na velha quadra do Cerâmica, saboreando a feijoada do Mestre Cazuza, cantou o imortal "Folhas secas", que muito bem retrata os poetas da Estação, e que foi interpretado em disco por inúmeros cantores. O compositor Batista gravou com o conjunto Nosso Samba o grande êxito da quadra da Mangueira, "Tem capoeira". Eliana Pittman foi a primeira a consagrar "O mundo encantado de Monteiro Lobato", de autoria de Darcy da Mangueira, Luís e Batista, campeão do carnaval de 1967. Jamelão gravou do saudoso Mestre Gato "Eu agora sou feliz" e também, de Padeirinho, um samba que revolucionou a MPB, retratando as gírias da cidade, o "Mora no assunto". Ainda Jamelão gravou de Alfredo Português e Nelson Sargento o sensacional samba-enredo de 1955, "Cântico à natureza" ("Oh primavera adorada / inspiradora de amores"). Grande Otelo, que chegou a desfilar na ala, fez grande sucesso com o samba "Praça Onze", de sua autoria com Herivelto Martins. O compositor Jurandir teve na

Sony-Music o disco com seu samba e de Hélio Turco e Alvinho, "Cem anos de liberdade e amor", samba-enredo de 1988. Um dos sambas-enredo com maior número de gravações foi "Casa Grande e Senzala", de Jorge Zagaia, Leléo e Comprido. O único da História da Mangueira escolhido sem julgamento, por unanimidade da escola. Lecy Brandão, junto com Verinha, das primeiras mulheres a serem da ala, bordou o sucesso com o samba de Rody, "Papai vadiou". Tolito e Rubens são autores do consagrado "No Reino da Mãe do Ouro", que tem até gravações no estrangeiro e foi a música mais executada no carnaval de 1976. Essa é a trajetória da ala, por onde passaram os maiores músicos e poetas do mundo do samba.

Ainda nessa mesma edição do jornal **A Voz do Morro**, o jornalista e ex-presidente de Mangueira Roberto Paulino escreveu artigo sobre os compositores da sua escola:

"Uma escola de samba que tem entre seus compositores gente como Cartola, Carlos Cachaça, Zé com Fome, Geraldo Pereira, Nelson Cavaquinho, Gradim, Nelson Sargento, Padeirinho, Cícero, Jorge Pelado, Hélio Turco, Jorge Zagaia, Comprido, Jurandir, Darcy da Mangueira, Tolito, Enéias, Alfredo Português, Geraldo Brechó, Mestre Gato, Leléo, Alvinho, Verinha, Fandinho, Marreta – ...ufa, vamos parar em vinte e cinco, mas são muito mais... – não pode, de maneira alguma se queixar da vida. Nem a Mangueira se queixa. Pelo contrário, tem muito orgulho dessa ala, uma das melhores e maiores do mundo do samba. E continua a produzir novos compositores, como observa Cartola, em samba memorável: "Podam-se os galhos, colhem-se as frutas / e outra vez se semeia / e no fim deste labor / surge outro compositor / com o mesmo sangue na veia". Não se pode dizer que haja uma escola mangueirense de compositores, tantas são as diferentes características que marcam as composições dessa gente toda. Se as músicas de Cartola se caracterizam por um tecido melódico com muitas variações, uma finíssima renda, sofisticados bordados – quase erudita – e pela extrema beleza e sensibilidade de suas letras, Carlos Cachaça, é, sem dúvida, um dos maiores poetas populares brasileiros. Nelson Cavaquinho produziu a frase "Tira o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor" (É mole?) e tinha uma linha melódica muito sua, talvez determinada por sua maneira sui generis de tocar violão. As músicas e letras de Geraldo Pereira, com um humor fino e ginga especial, não têm paralelo. O mesmo se pode dizer de Gradim e de Zé com Fome. Padeirinho era um compositor completo. Fez famosos sambas-enredo (como "Getúlio Vargas, o grande presidente") excelentes sambas de rua e foi um dos primeiros compositores de morro a fazer sambas de gíria (como "Deixa de moda" e "Vida do morro"). Cícero, Hélio Turco e Jorge Pelado criaram um estilo de samba-enredo que os tornou os maiores vencedores de carnavais da Mangueira. Jurandir – mais moço, de uma segunda geração – e Comprido também são especialistas em samba-enredo. Jurandir é responsável por um dos maiores sucessos populares, com "Villa-Lobos", também de sua autoria, que foi vice-campeão em 1966 e é verdadeira obra-prima em matéria de samba-enredo. Com Hélio Turco, Darci, Luís, Batista e Dico, Jurandir compôs "Monteiro Lobato", outra obra-prima. Jurandir é também excelente compositor de sambas de rua. Dois deles são antológicos: "Palácio encantado" e sua resposta "Transformação" que veio um ano depois. Assim, cada um na sua, os compositores da Mangueira são responsáveis, no conjunto, por uma obra grandiosa da música popular brasileira, uma contribuição muito importante para a formação e a preservação da cultura popular deste país".

Um dos sambas-enredo com maior número de gravações foi "Casa Grande e Senzala", de Jorge Zagaia, Leléo e Comprido. O único da História da Mangueira escolhido sem julgamento, por unanimidade da escola.

Na verdade, data realmente do ano de 1939 a tentativa de organizar a Ala de Compositores da Mangueira, iniciativa de Cartola, seu primeiro presidente. O compositor Aluísio Dias recorda que uma das alas mais poderosas da Estação Primeira era a dos Periquitos, composta por funcionários, "gente bem empregada, tinha até bicheiro".

Naquele carnaval, a Ala dos Periquitos se vestiu toda de veludo. A Ala dos Compositores, mais pobre, foi de cetim cor de rosa, com gravata verde de poeta. Cartola é que deu a idéia. A primeira madrinha dessa ala foi a Cecéia, irmã de Neuma. Na hora do desfile, quando as luzes da Avenida bateram no cetim dos ternos, o efeito foi fulgurante, mais bonito do que o da Ala dos Periquitos, cujas fantasias custaram muito mais dinheiro. Nesse ano de 1939 a Mangueira foi vice-campeã. A Ala dos Compositores, entretanto, acabou se dissolvendo, ressurgindo somente em 1944. Aí, sim, com força total.

A Ala dos Compositores foi então reestruturada. Presidida por Cartola, era formada por Quedinho, Adolfo Polonês, Nego, José Ramos, Geraldo da Pedra, Maçu, Carlos Cachaça, Zagaia, Alfaiate, Aluísio Dias, Edson, Zeca e Baiano, tendo como princesa Odaléia, filha de Edson.

Ainda na década de 40, exatamente para o desfile de 1948, Cartola compôs, com Carlos Cachaça, o samba-enredo "Vale do São Francisco". Cartola puxou o samba, e aquele ano ficou gravado para sempre em sua memória. E com toda a razão, explicava ele: "Foi a primeira vez que uma escola botou som na rua. A primeira escola que botou som foi a Mangueira. Foi a maior novidade."

Nesse ano, contudo, estreava o Império Serrano que, para surpresa geral, sagrou-se campeão. A Mangueira tirou o quarto lugar. Foi o último ano que Cartola desfilou na Mangueira puxando um samba de sua autoria.

MINHA PRIMEIRA ELEIÇÃO



Roberto Paulino

Em 1959 fui assistir, na Avenida Rio Branco, ao desfile das escolas de samba. A Mangueira tinha um bom enredo (Brasil em Três Épocas - Colônia, Império e República) e um belo samba de Cícero, Jorge Pelado e Hélio Turco.

Mas foi muito mal no desfile. As alas e as baianas estavam pouco animadas. As fantasias eram feias e de má qualidade. A roupa da bateria se rasgava aos movimentos mais bruscos. E são sempre bruscos os movimentos da batida dos surdos, principalmente, dos pandeiros e dos tamborins. Tirou quarto lugar, a pior colocação de sua história até então.

Senti que havia alguma coisa errada. A escola passava uma imagem de desentrosamento, de desentendimento, de bagunça. Não havia a alegria e a empolgação normal da Mangueira. Estava na cara que algum problema existia. Mas eu não podia fazer idéia do que fosse, até porque pouco entendia de escola de samba, de seus bastidores.

Logo depois do carnaval, pedi ao **Beleléu** (Manuel Pereira Filho), então presidente, para bater um papo. Queria saber o que havia de errado. "*A Mangueira está muito dividida. Existem várias correntes, cada uma puxando a brasa pra sua sardinha e uma não quer ajudar a outra. Assim fica muito difícil*", disse o **Beleléu** .

A essa altura, eu já constava da maioria dos panfletos e convites para festas e eventos da Mangueira, como "***Robertinho, o Menino de Ouro da Mangueira e seus amigos da Zona Sul***". Então, eu achava que já tinha o direito de meter o bedelho nos assuntos mangueirenses. Já podia ser considerado **de casa.**

Combinei com ele fazermos um esforço para unir todo mundo. Comecei a conversar, num trabalho muito político, com os líderes das diversas tendências. **Cartola** era um deles e foi assim que fiquei seu amigo. Nessa empreitada a Neuma teve uma atuação fundamental. Carlos **Cachaça** e **Menina**, sua mulher, irmã da **Zica,** também. O Darke Dias Moreira, idem. Presidentes de alas, enfim, muita gente gostou da idéia e começou a apoiar a união.

Depois de muita conversa, mais difícil que convenção do PT, resolveram que concorreriam três chapas: uma do **Cartola**, uma do **Beleléu** e uma terceira. Fizeram um compromisso solene em que os perdedores apoiariam sem restrições os vencedores e que todo mundo partiria junto *"pelo bem da Mangueira"*. Mas nem sempre esse exemplo de democracia dá certo.

Não deu outra. No dia da eleição, na sede velha do **Buraco Quente,** um domingo, aberta a sessão de votação, o pau comeu. **Beleléu** viu que ia melar tudo. Muito malandro, pediu que a sessão fosse suspensa por meia hora, que ele ia buscar uma solução. Saiu, enfiou-se por uma viela e pediu uma cerveja numa tendinha (acho que do compositor **Preto Rico**).

Outra cerveja, uma batida. Precisava de pressão. Ia jogar uma cartada muito ousada, maluca mesmo, que não passava pela cabeça de ninguém.

Voltou com cara de vitorioso, sorrindo e abraçando as pessoas. "*Acho que cheguei a uma solução. Telefonei para o* ***Dr. Robertinho da Cerâmica*** *e ele aceita a presidência. A diretoria vai ser escolhida por ele com gente das três chapas*", soltou Beleléu com ares de vitória. Mas, confessou-me depois, tremia por dentro. Não imaginava a reação do pessoal, muitos que sequer tinham trocado mais de três ou quatro palavras comigo.

Fui eleito por unanimidade.

Jamais recebi esse telefonema. Estava em Itaipava, no sítio de meu pai e **Beleléu** nem sabia o número do telefone.

No dia seguinte, segunda-feira, quando cheguei de Itaipava, antes de ir para a Cerâmica, parei no **Buraco Quente**, chamei o Pereira **(Beleléu)**. estava louco de vontade de saber como tinha sido a eleição. Quem ganhara, correra tudo bem ?

Pereira saiu correndo, com um sorriso enorme, de orelha a orelha. Uma cara muito cínica, marota.

– *Parabéns, presidente*, disse ele rindo muito e estendendo a mão enorme e firme.

É fácil imaginar o susto que tomei. Ser presidente da Mangueira era a última coisa que poderia passar pela minha cabeça.

– *Como ? Você ficou maluco ?*, perguntei, ainda assustado

– *Foi o único jeito* – disse ele. *Deu merda logo no começo. Ninguém se entendia. Ninguém queria ceder nada.*

Aí contou a história da tendinha e do falso telefonema.

– *Todo mundo entrou nessa. Foi uma beleza. Unanimidade. Todo mundo apoiou e aplaudiu*, contou Pereira, sempre às gargalhadas.

Posso imaginar a cara de babaca que devo ter feito. Presidente da Mangueira aos 24 anos. Incrível. Não dava pra acreditar.

Roberto Paulino, jornalista, foi eleito presidente da Mangueira em abril de 1959.

BINGO TIJUCA

Parabeniza a Mangueira pelos seus ...



BINGO TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 475
Tijuca - Rio de Janeiro
Cep: 20250-051
Fone/Fax: (021) 288-4480



Comissão de frente.

Carnaval é aí no Rio. Mas chopp geladinho mesmo só aqui na Cervejaria Continental. São 5 tipos: os exclusivos Premium, Summer e Red, sem falar dos tradicionais Claro e Escuro.

CERVEJARIA CONTINENTAL

Todos desenvolvidos com tecnologia avançada e preparados com receita e qualidade Brahma. Cervejaria Continental a nota 10 no quesito chopp.

Em breve refrescando também os cariocas.

•Pinheiros	Tel: (011) 212 8698	•Jardins	Tel: (011) 280 1011	•Blumenau	Tel: (047) 326 4463
•Morumbi	Tel: (011) 533 4999	•Itaim	Tel: (011) 866 1515	http://www.continental.beer.com.br	
•Mooca	Tel: (011) 291 0912	•Campinas	Tel: (019) 236 1664		

CONTINENTAL

No ano seguinte, 1949, novamente Cartola e Carlos Cachaça apresentaram um samba para o desfile de carnaval. Só que a orientação da escola sofrera várias mudanças. O presidente, Hermes Rodrigues, não gostava de Cartola, que opunha resistência às suas intenções de atrelar a escola à política. O nariz de Cartola, àquela época, começava a apresentar os primeiros sintomas da doença que o levaria anos depois a recorrer à cirurgia plástica. Fernando Pimenta relembra que Hermes se referia a Cartola chamando-o de "aquele leproso". Hermes, amigo das inovações que culminaram por propiciar a descaracterização das escolas, convidou um professor para orientar o julgamento dos sambas no concurso interno. Concorria, também, a dupla Nelson Sargento e Alfredo Português, que afinal teve seu samba escolhido pelo professor.

Outro grande compositor da Estação Primeira é Oswaldo Vitalino de Oliveira, o Padeirinho, nascido em Laranjeiras no dia 5 de março de 1927. Filho único do padeiro José Vitalino e de Dona Cremilda, é autor de mais de 300 composições, com destaque para o samba "Favela" e os sambas-enredo "O grande presidente", de 1956 e "Rio, carnaval dos carnavais", de 1971.

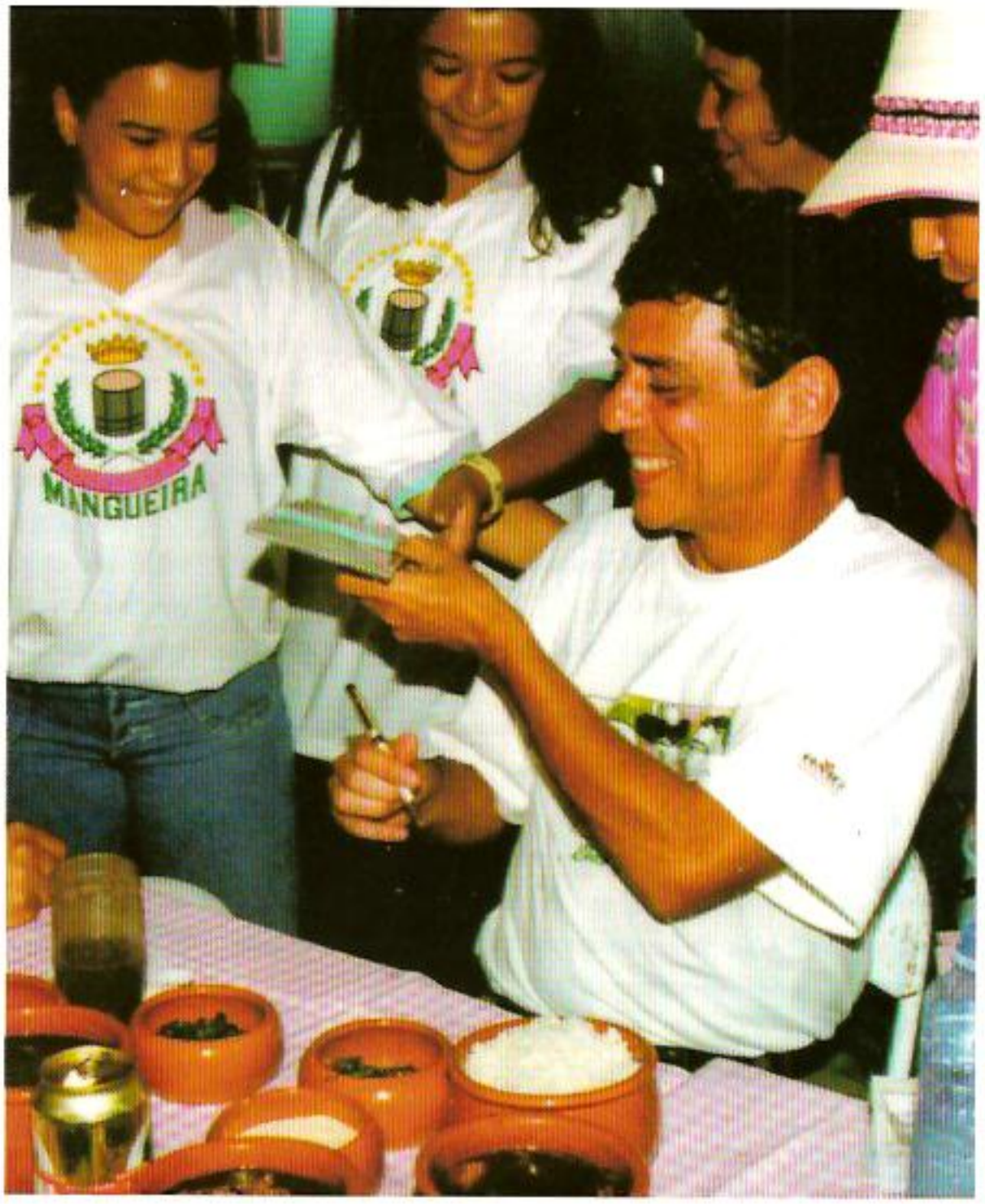
O compositor passou a infância na Favela Carlos Chagas e, desde muito menino, acompanhava seu pai, que tocava pandeiro nos calangos da vida. Daí, logo cedo, também aprendeu, ficou exímio no instrumento e, por isso, seu apelido de Padeirinho é muitas vezes confundido com Pandeirinho. Em 1939 – relata **A Voz do Morro** – subiu pela primeira vez o Morro de Mangueira e foi morar no Buraco Quente. Não demorou e já fazia parte da Unidos de Mangueira (a azul e rosa que, entre muitos outros, projetou também Delegado) como ritmista, apesar de, desde os 12 anos, compor e cantar suas canções pelas tendinhas e biroscas do lugar.

Incentivado pelo cunhado, o compositor Geraldo da Pedra, entrou para a Ala dos Compositores em 1947 com o samba "Mangueira desceu para cantar" que, embora tenha sido acusado de estilizar o hino da Marinha, integrou-o definitivamente à ala. Daí em diante foram sucessos em cima de sucessos. Seu grande destaque ficou por conta dos sambas de gíria, gênero de foi precursor e que ele praticamente introduziu na Mangueira, usando a linguagem peculiar dos morros e favelas. São assim "Linguagem do morro", "Deixa de moda", "Fofoca no morro", "Mora no assunto" (gravado por Jamelão) e muitos outros.

Dinâmico, compunha com preciosismo as rimas dos seus versos, participava de programas de rádio e televisão e atuou no show **O samba pede passagem** no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, como partideiro, tocando pandeiro, tarol e todos os instrumentos de percussão. Trabalhava no Cais do Porto e na Limpeza Pública.

A Estação Primeira de Mangueira, o Morro de Mangueira, a Colina, o coletivo mangueirense talvez seja um dos locais mais cantados de todos os tempos. Não só por seus próprios compositores como pelo "pessoal de fora". Por compositores que passam por Nássara (Antônio Gabriel Nássara) e seu "Mundo de zinco", de 1952, na parceria com Wilson Batista, e deságuam em Chico Buarque com seu "Chão de esmeraldas" em parceria com Hermínio Bello de Carvalho, de 1997.

Começando pelo próprio Cartola, que nos idos de 1928 compôs o "Chega de demanda". Ou o não menos conhecido "Sala de recepção" onde o poeta cantava que:

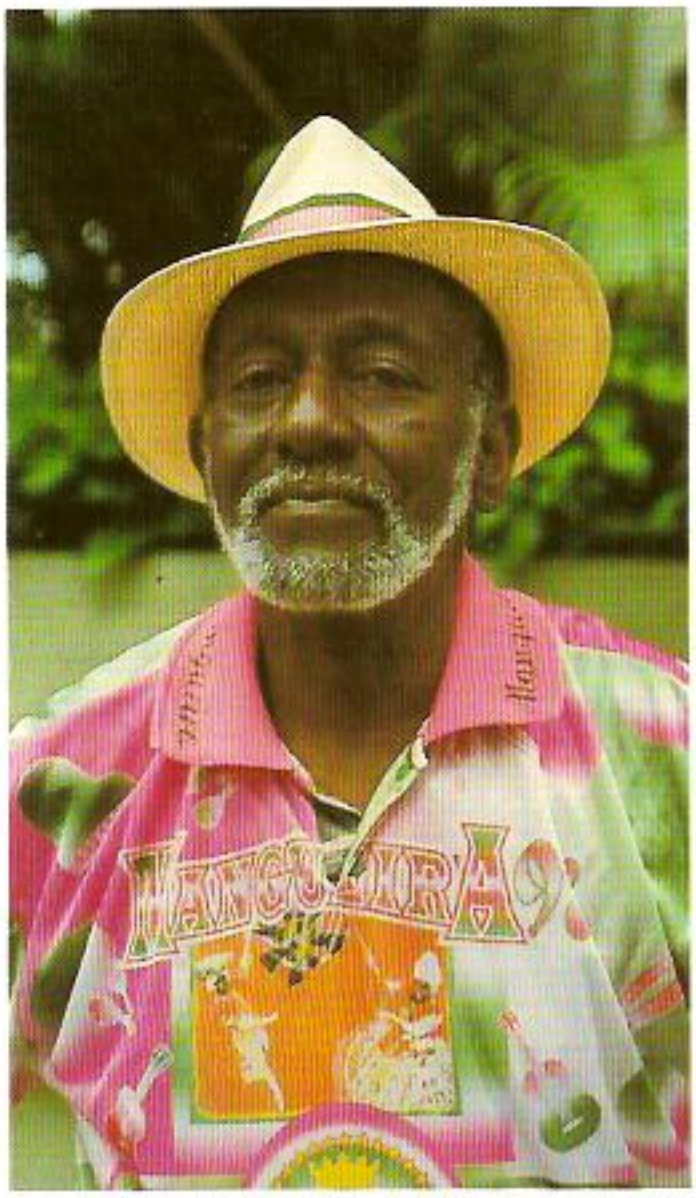


Chico Buarque compôs, com Herminio Bello de Carvalho, a mais recente exaltação à Mangueira.

"Habitada por gente simples e tão pobre / que só tem o sol que a todos cobre / como podes, Mangueira, cantar? / pois então saibam que não desejamos mais nada / à noite a lua prateada / silenciosa ouve as nossas canções / e tem lá no alto um cruzeiro onde fazemos nossas orações / e temos orgulho de ser os primeiros campeões / eu digo e afirmo que a felicidade aqui mora / e as outras escolas até choram invejando a tua posição / minha Mangueira és a sala de recepção / aqui se abraça o inimigo como se fosse irmão."

Passando também por Nelson Cavaquinho, nas parcerias com Guilherme de Brito, e os antológicos versos de "Pranto de poeta":

"Em Mangueira / quando morre um poeta / todos choram / vivo tranqüilo em Mangueira porque / sei que alguém há de chorar quando eu morrer / mas o pranto em Mangueira é tão diferente / é um pranto sem lenço / que alegra a gente / bei de ter um alguém / pra chorar por mim / através de um pandeiro e de um tamborim."



Nelson Sargento: vencedor de três sambas-enredo.

Ou de "Folhas secas", com o mesmo parceiro:

"Quando eu piso em folhas secas / caídas de uma mangueira / penso na minha escola / e nos poetas da minha Estação Primeira / não sei quantas vezes / subi o morro cantando / sempre o sol me queimando / e assim vou me acabando / quando o tempo avisar / que eu não posso mais cantar / sei que vou sentir saudade / ao lado do meu violão / da minha mocidade."

Nássara e Wilson Batista cantavam em 1952 o "Mundo de zinco":

Aquele mundo de zinco que é Mangueira / desperta com o apito do trem / uma cabrocha, uma esteira / um barracão de madeira / qualquer malandro em Mangueira tem / Mangueira fica pertinho do céu / Mangueira vai assistir ao meu fim / mas deixo o nome na história / o samba foi minha glória / e sei que muita cabrocha vai chorar por mim."

Outro samba famoso, de 1940, foi o da dupla Benedito Lacerda e Aldo Cabral, o "Despedida da Mangueira", sucesso no carnaval na voz de Francisco Alves:

"Em Mangueira / na hora da minha despedida / todo mundo chorou / todo mundo chorou / foi pra mim a maior emoção da minha vida / pois em Mangueira o meu coração ficou."

Ou o também sempre lembrado "Exaltação à Mangueira" dos mangueirenses Enéas Silva e Aluísio Costa, da década de 50, hino da escola:

"Mangueira, teu cenário é uma beleza / que a natureza criou / o morro com seus barracões de zinco / quando amanhece / que esplendor / todo mundo te conhece ao longe / pelo som de teus tamborins / e o rufar de teu tambor / chegou, ô, ô, ô, a Mangueira chegou, ô, ô."

Na década de 70 um dos registros mais famosos é de Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho, o "Sei lá Mangueira", que teve gravação original de Odete Amaral. Esse samba causou problemas para o portelense Paulinho da Viola que, cobrado pela sua escola, criou para ela outra obra-prima, o "Foi um rio que passou em minha vida". Em entrevistas da época, Paulinho da Viola contava a história da música: "Um dia o Hermínio Bello de Carvalho apareceu com a letra de "Sei lá, Mangueira". Ia pedir a um seu parceiro para colocar a música. Mas eu senti inspiração e fiz uma na hora, em quinze minutos."

A reportagem revela que Paulinho da Viola ficou apavorado quando soube que Hermínio havia inscrito a música num festival: "Afinal,a música era para entrar num show, de intenção neutra, que nunca foi levado. A turma da Portela podia achar ruim."

E foi exatamente o que aconteceu pois "Sei lá, Mangueira" estourou não só com Elza Soares mas também com Elizeth Cardoso, uma das grandes intérpretes desse samba:

"Vista assim do alto / mais parece um céu no chão / sei lá... / em Mangueira a poesia / feito um mar se alastrou / e a beleza do lugar / pra se entender / tem que se achar / que a vida não é só isso que se vê / é um pouco mais / que os olhos não conseguem perceber / e as mãos não ousam tocar / e os pés recusam pisar / sei lá, não sei / sei lá, não sei / não sei se toda beleza / de que lhes falo / sai tão-somente do meu coração / em Mangueira a poesia / num sobe-desce constante / anda descalça ensinando / um modo novo da gente viver / de pensar e sonhar, de sofrer / sei lá, não sei, sei lá não sei não / a Mangueira é tão grande / que nem cabe explicação."

O compositor, cantor, escritor e pintor Nelson Matos, o Nelson Sargento, é outra das glórias mangueirenses. Nascido no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1924, chegou ao Morro de Mangueira com 12 anos e foi adotado por Alfredo Português, um dos seus grandes parceiros. Nelson faz parte da Ala de Compositores da escola, além de integrar a Velha Guarda desde a década de 40, tendo sido seu presidente em 1958. Venceu três sambas-enredo sendo que o "Cântico à natureza", também conhecido como "Primavera" e "As quatro estações do ano" é considerado um clássico.

Ao falar de sua escola, Nelson Sargento é todo coração:

"Mangueira teu cenário é uma beleza, mas quando morre um poeta todos choram, porém, todo tempo que eu viver só me fascina você, Mangueira, que nasceste de uma semente e tranformou-se no jequitibá do samba. Não basta torcer pela Mangueira, é preciso senti-la pulsar na alma e no coração. A Mangueira foi, é, e sempre será cantada em verso e prosa. É importante ressaltar que a Mangueira faz sambas dentro do enredo desde 1948 e que, na época, nem se cogitava de samba-enredo ser quesito dentro do regulamento."

O compositor considera "verdadeiras pérolas" da Mangueira os sambas-enredo "Ciência e Arte", de Cartola e Carlos Cachaça; "Grande presidente", de Padeirinho; "Cântico à natureza", de Alfredo Português, Nelson Sargento e Jamelão; "Casa-Grande e senzala", de Jorge Zagaia, Leléo e Alfredo Português e "Rio Antigo", de Cícero, Pelado e Hélio Turco.

Mangueira sempre cantada em verso e prosa por nomes como os do maestro Tom Jobim – enredo da escola em 1994 – que escreveu "Piano na Mangueira", em parceria com Chico Buarque, o compositor-enredo de 1998.

"Mangueira / estou aqui na plataforma / da estação primeira / o morro veio me chamar / de terno branco / e chapéu de palha / vou me apresentar / à minha nova parceira (majestosa) / mandei subir o piano / pra Mangueira / a minha música não é de levantar poeira / mas pode entrar no barracão / onde a cabrocha pendura / a saia ao amanhecer da quarta-feira, Mangueira / Estação Primeira / pela vida inteira / Mangueira."

O enredo de 1998, o múltiplo Chico Buarque, também prestou sua homenagem à escola (assim como Caetano Veloso e os baianos, tema de 1995) muito antes de virar enredo. Gravando em seu disco **Francisco**, de 1987, "Estação derradeira":

"Rio de ladeiras / civilização encruzilhada / cada ribanceira é uma nação / à sua maneira / com ladrão / lavadeiras, honra, tradição / fronteiras, munição pesada / São Sebastião crivado / nublai minha visão / na noite da grande / fogueira



Tom Jobim exaltou a Mangueira e foi tema do desfile dé 1994.

desvairada / quero ver a Mangueira / derradeira estação / quero ouvir sua batucada, ai, ai / rio do lado sem beira / cidadãos / inteiramente loucos / com carradas de razão / à sua maneira / de calção / com bandeiras sem explicação / carreiras de paixão danada / São Sebastião crivado / nublai minha visão / na noite da grande fogueira desvairada / quero ver a Mangueira / derradeira estação / quero ouvir sua batucada, ai, ai."

Chico Buarque também participou de um CD homenageando a Mangueira e contando também com Alcione, Leci Brandão, João Nogueira, Nelson Sargento e Cristina Buarque. Ele contribuiu ainda, em parceria com Hermínio Bello de Carvalho, com a inédita "Chão de esmeraldas":

"Me sinto pisando / num chão de esmeraldas / quando levo meu coração à Mangueira / sob uma chuva de rosas / meu sangue jorra das veias / e tinge um tapete pra ela sambar / e a realeza dos bambas que quer se mostrar / soberba garbosa / minha escola é um catavento a girar / é verde, é rosa / ô abre-alas para a Mangueira passar."

Alvinho, Hélio Turco e Jurandir ganharam o Estandarte de Ouro em 1990 com "Deu a louca no barroco"

Caetano Veloso, enredo junto com Maria Bethânia, Gal Costa e Gilberto Gil, fez samba para Mangueira, o "Onde o Rio é mais baiano":

"A Bahia / Estação Primeira do Brasil / ao ver a Mangueira nela inteira se viu / refletiu-se sua face verdadeira / que alegria / não ter sido em vão que ela expediu / as Ciatas pra trazerem o samba pro Rio / pois o mito surgiu dessa maneira / e agora estamos aqui / do outro lado do espelho / com o coração na mão / pensando em Jamelão no Rio Vermelho / todo ano, todo ano / na festa de Iemanjá / presente no Dois de Fevereiro / nós aqui e ele lá / isso é a confirmação de que a Mangueira / é onde o Rio é mais baiano / onde o Rio é mais baiano / onde o Rio é mais baiano."

A década de 40 não foi das melhores para a Mangueira em termos de campeonatos já que a Portela ganhou todos os títulos de 1941 a 1947. Anésio dos Santos, o Comprido, vice-presidente da Ala dos Compositores da Mangueira, escrevendo o artigo "Os desfiles e suas campeãs" para o número 10 do jornal **A Voz do Morro** relatou que em 1948 surgiu uma outra grande escola, que viria a ameaçar a hegemonia de Mangueira e Portela:



Império Serrano. Ela estreou ganhando com o enredo **Castro Alves**.

A partir de 1949 – continua Comprido – houve uma cisão no samba. Foi criada a Federação Brasileira das Escolas de Samba e passaram a haver dois desfiles, o da União na Praça Onze e o da Federação na Presidente Vargas, em frente à Escola Rivadávia Corrêa. No desfile da União, ganhou a Mangueira e no da Federação venceu a Império, que assim se tornou bicampeã.

Em 1950, ainda com dois desfiles, a Mangueira foi bicampeã na União e a Império Serrano tricampeã na Federação. Em 1951 continuaram os desfiles divididos: na Rua Uruguaiana ganhou a Portela pela União e, na Presidente Vargas, pela Federação, a Império conquistou o tetra. Afinal, em 1952 houve a pacificação do samba. Pela primeira vez, Mangueira, Portela e Império Serrano iriam se confrontar. Mas o desfile foi anulado: choveu muito e o júri preferiu ir embora.

No número 11 do jornal **A Voz do Morro** Comprido continua sua história escrevendo que o fato de não ter acontecido o desfile acabou por gerar dois sambas importantes. Dizia-se, a boca pequena, que a idéia de anulação partira da direção do Império Serrano que se sentira sem condições de repetir suas vitórias anteriores, obtidas sem a concorrência de Mangueira e Portela. Tudo especulação, muito mais disse-me-disse. Em todo caso, em nome do registro histórico vale a pena falar nesses dois sambas. O primeiro deles afirmava:

"Não foi Portela quem anulou / não foi Mangueira, também não foi, não sinhô / essa escola para mim é um mistério, não digo nome, deixo isso a seu critério." Pode-se ver claramente que as rimas sugeriam Império...

O outro grande samba nascido do episódio de 1952 é do consagrado Padeirinho e dizia:

"Recordar é viver / não podemos esquecer / aquele domingo de carnaval / quando a Mangueira entrou / no concurso oficial, debaixo de um forte temporal / nem sequer a chuva estiou / vejam vocês, a Mangueira não desanimou / apesar da chuva que caía / Mangueira desfilava com soberania / prestando homenagem a Gonçalves Dias." Realmente, esse fora o enredo da Mangueira no desfile anulado de 1952.

Realizaram-se assim, dois desfiles em 1951, e ambos foram reconhecidos pela Prefeitura: o da Federação, vencido mais uma vez pelo Império Serrano, e o da União, que teve a Portela como vencedora. O vaivém das escolas pelas entidades existentes foi acentuado ainda mais no carnaval de 1952, com a entrada em cena da Confederação das Escolas de Samba. Mas a Prefeitura já obtivera de todas as escolas a concordância para a realização de um só desfile, tendo em vista que Irênio Delgado – o pomo da discórdia – não ocupava mais a presidência da Federação, substituído por Elói Antero Dias. Naquele ano, havia dessa forma uma terceira entidade, com as escolas de samba assim representadas:

Confederação das Escolas de Samba – Independentes do Leblon, Azul e Branco, Depois eu Digo, Combinado do Amor, Paz e Amor, Floresta do Andaraí e Unidos do Catete.

União Geral das Escolas de Samba do Brasil – Estação Primeira, Portela, Três Mosqueteiros, Unidos da Capela, Aventureiros da Matriz, Unidos da Tamarindeira, Unidos da Tijuca e Corações Unidos de Jacarepaguá.

Federação Brasileira das Escolas de Samba – Império Serrano, Aprendizes de Lucas, União deVaz Lobo, Vai se Quiser, Filhos do Deserto, Unidos do Grajaú, Império da Tijuca e Mocidade Louca de São Cristóvão.

Naquele TEMPO...

Hermes Rodrigues, então presidente, disse que ele mesmo se encarregaria de mandar fazer a bandeira.

Só que o Hermes, para fazer uma média com a mulher e garantir um faturamento extra pra família, encarregou a patroa de bordar e confeccionar a bandeira. Afinal, ela era uma costureira e bordadeira de confiança.

No dia do desfile, a bandeira não chegava. Neide, já nervosa, empunhava a bandeira do ano anterior, preocupada. Aproximava-se a hora de entrar na passarela. A Estação Primeira avançava lentamente - mais lentamente que o normal, pela falta do imprescindível pavilhão - e nada. Nem Hermes, nem bandeira.

Chegou a hora e, nada. Lá foi Neide com a bandeira velha.

Só mais tarde se soube o motivo. A mulher descobrira que o pequenino Hermes Rodrigues estava namorando demais da conta. Com seu prestígio, Hermes andava impossível, quase toda noite com uma namorada nova.

A mulher nem conversou. Como já havia recebido o pagamento, vingou-se: seqüestrou a bandeira e não houve o que a fizesse voltar atrás. As aventuras do Hermes deixaram a Estação Primeira sem bandeira e a Neide muito chateada, toda bonita, em sua fantasia maravilhosa, mas sem a razão de ser do seu desfile. Afinal, porta-bandeira sem bandeira é como político sem mandato.

Tudo o que o Império Serrano queria era mostrar-se capaz de vencer a Portela e a Estação Primeira, enquanto as duas só pensavam em derrotar o Império Serrano. O problema é que o desfile não poderia ser feito com todas as escolas, pois a Prefeitura não tinha dinheiro para distribuir entre elas. Além disso, a que horas acabaria o desfile? Para novo problema, nova solução: ficou decidido que as 24 principais escolas se apresentariam na Avenida Presidente Vargas e as menores – que não teriam direito à subvenção – na Praça Onze. No ano seguinte, a escola vitoriosa na Praça Onze participaria do desfile principal. O fundamental no carnaval de 1952 era o tira-teima envolvendo o Império Serrano e a dupla Portela-Estação Primeira. Essa rivalidade, por sinal, acabou resultando numa grande confraternização entre portelenses e mangueirenses. A gana por uma vitória sobre o Império pôs fim a um clima inamistoso que reinava na Mangueira em relação à Portela, em decorrência dos resultados dos desfiles de 1941 a 1947. O importante, depois de 1948, era vencer o adversário comum.

O Departamento de Turismo da Prefeitura, que continuava responsável pelo regulamento, decidiu que em 1952 as escolas de samba participantes do desfile principal deveriam apresentar-se com 300 figurantes no mínimo, enquanto as escolas deslocadas para a região onde havia a Praça Onze não poderiam desfilar com menos de cem sambistas. Outra providência adotada pelo Departamento de Turismo pretendia acabar com um problema que se agravava de ano para ano: a dificuldade de acomodar um público cada vez maior. Havia, é verdade, uma corda isolando o desfile da platéia. Mas a pressão era tão grande que o povo acabava invadindo a pista, numa confusão geral, de tal maneira que já não se sabia quem era público e quem era sambista. Resolveu-se então instalar um tablado de madeira com 60 metros de comprimento, 20 metros de largura e um metro de altura, além de uma pequena arquibancada (também de madeira), destinada aos turistas e aos convidados, um palanque para as autoridades e outro para a comissão julgadora.

"Foi este o cenário – segundo Sérgio Cabral – *armado para o que já era considerado o mais sensacional desfile de escolas de samba de todos os tempos. A Portela empolgou a multidão com seu enredo* ***Brasil de Ontem****. A Mangueira também foi muito aplaudida. Quando, porém, o Império Serrano subiu o tablado, caiu sobre a cidade uma daquelas violentas chuvaradas de verão.*

"O desfile foi anulado e apesar da grande rivalidade entre as escolas houve clima, depois do carnaval, para uma providência inimaginável nos anos anteriores: a fusão da Federação Brasileira das Escolas de Samba com a União Geral das Escolas de Samba do Brasil, resultando daí a Associação das Escolas de Samba do Brasil. Era um clima tão diferente que Servan Heitor de Carvalho, o antigo presidente da UGES, foi um dos que mais batalharam pela nova entidade. Antônio Mourão Filho ocupou a presidência da Associação das Escolas de Samba até 1956. Foi substituído por Servan Heitor de Carvalho, que permaneceu no posto até 1964, quando morreu, vítima de colapso cardíaco durante uma reunião da entidade."

1949 Campeã - Enredo **Apologia aos Mestres** (Desfile da UGESB), samba de Nelson Sargento e Alfredo Português.

1950 Campeã - Enredo **Plano Salte - Saúde, Alimentação, Transporte e Energia** (Desfile da União Cívica, também oficial. O outro era o da FBES), samba de Nelson Sargento e Alfredo Português. **1951** Terceiro lugar - Enredo **Unidade Nacional**. (Desfile da UGESB), samba de Cícero e Pelado.

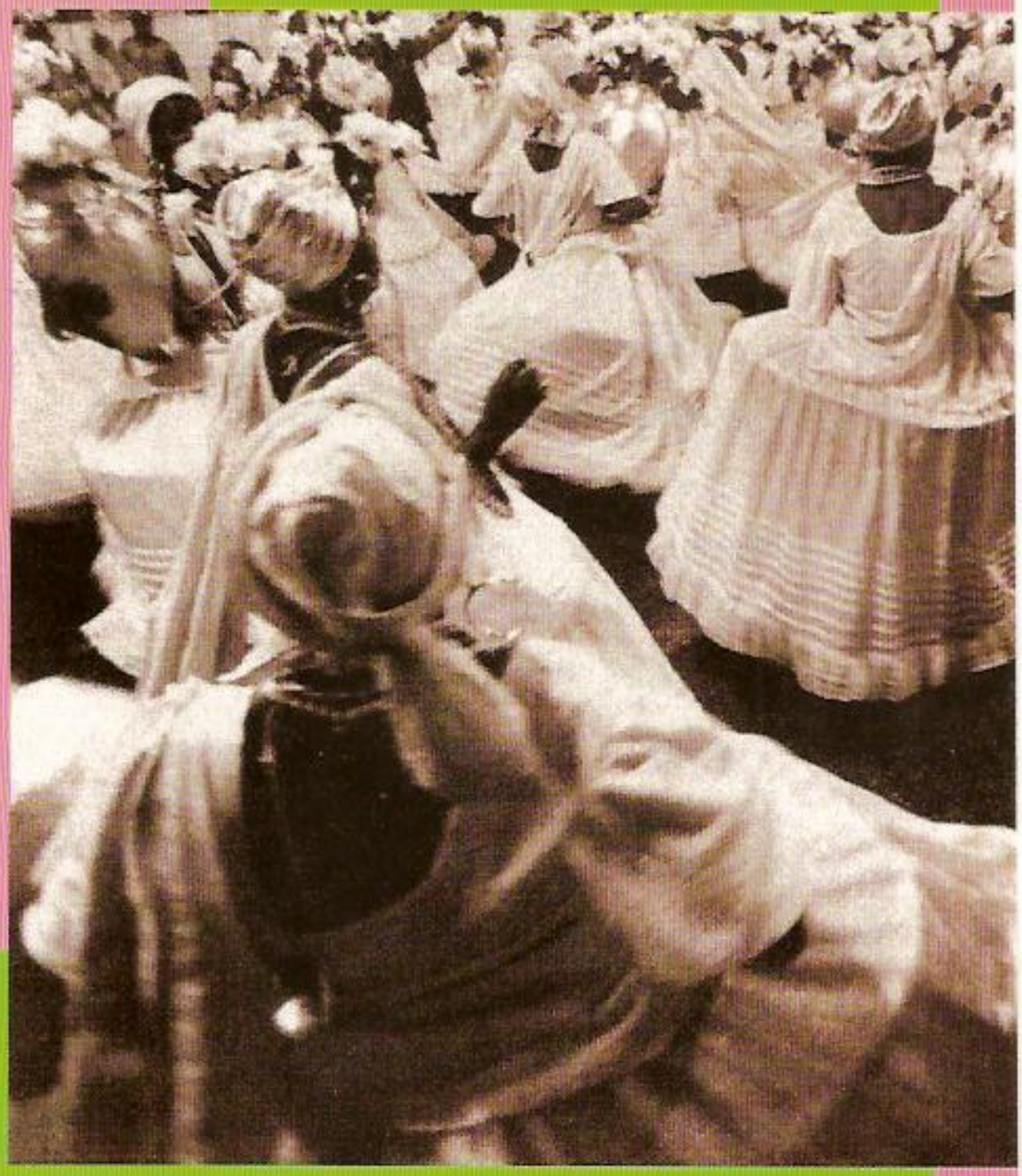
1952 Desfile anulado - Enredo **Gonçalves Dias**, samba de Cícero e Pelado. **1953** Terceiro lugar - Enredo **Canção do Exílio**, samba de Cícero e Pelado. **1954** Campeã - Enredo **Homenagem ao Rio de Janeiro**, samba de Cícero e Pelado. **1955** Vice-campeã - Enredo **Cântico à Natureza**, samba de Nelson Sargento, Alfredo Português e Jamelão.

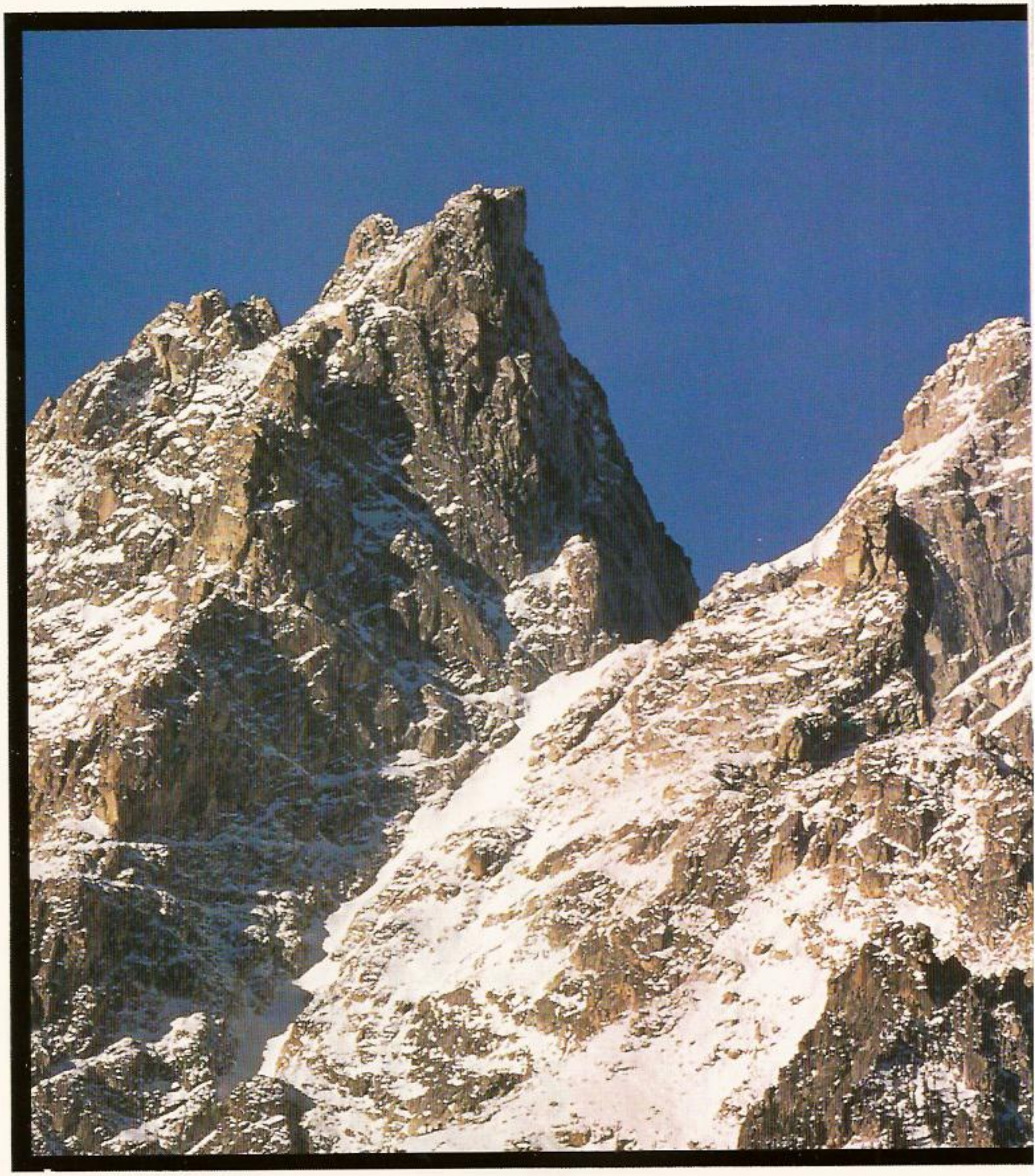
1956 Terceiro lugar - Enredo **O Grande Presidente**, samba de Padeirinho. **1957** Terceiro lugar - Enredo **Rumo ao Progresso**, samba de Leleo e Zagaia. **1958** Terceiro lugar - Enredo **Caxias**, samba de Leleo e Zagaia.

União das alas *faz nascer uma nova era*

1959/1968

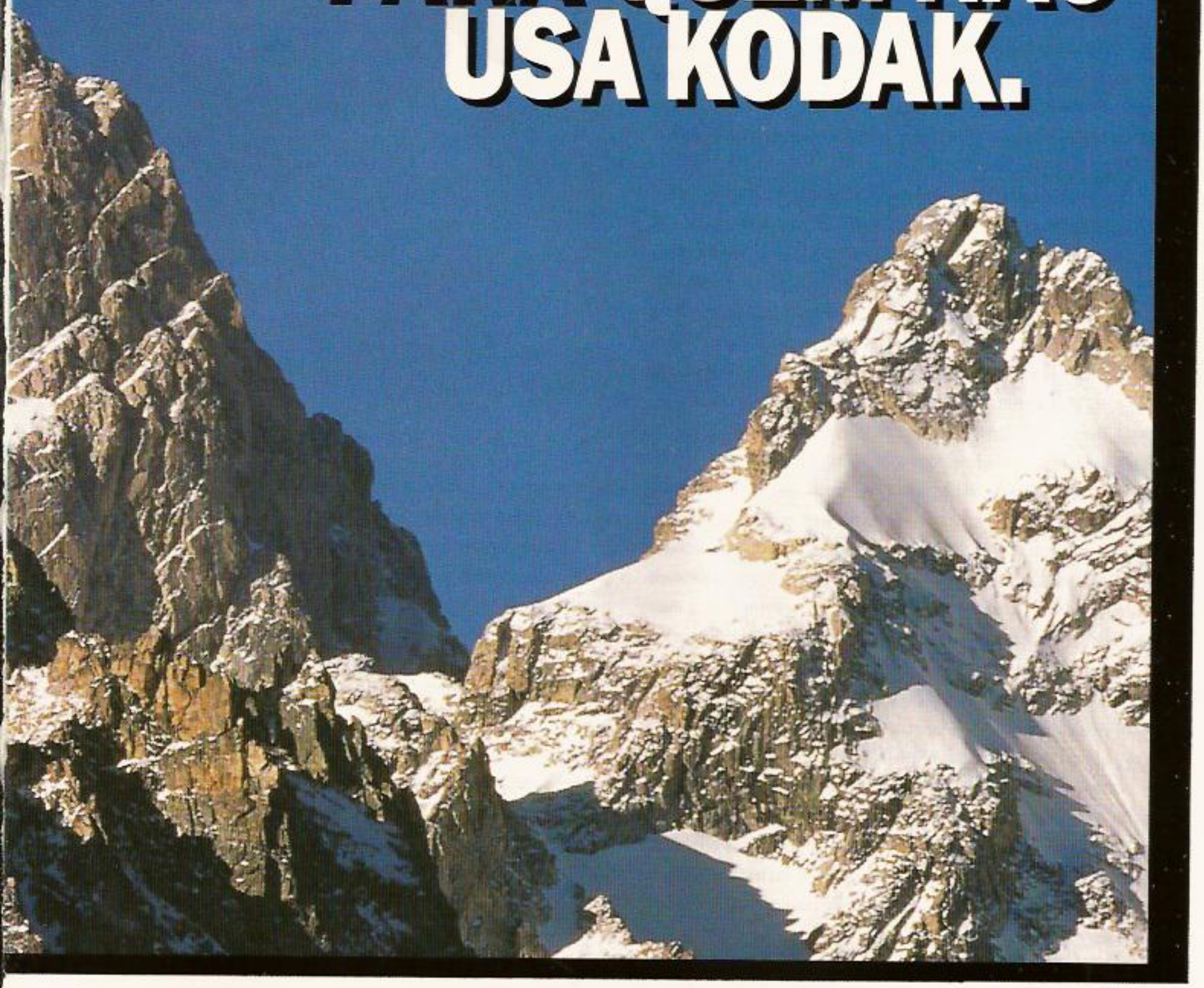
Em sua quarta década (1959 a 1968), a Mangueira conquistou dois bicampeonatos: 1960 e 61 e 1967 e 68. A escola fora bicampeã anteriormente mas, dessa vez, o título tinha um gosto especial, já que nos anos 60 o carnaval carioca passa a ser mais competitivo. Se nos seus primeiros 20 anos a verde-e-rosa tinha que superar a Portela para chegar ao título, a partir de 1960 duas escolas já tinham se consolidado e entraram na briga: Salgueiro e Império Serrano. Formava-se assim o grupo das chamadas quatro grandes, que se alternariam no posto de campeã do carnaval até 1976, com a vitória da Beija-Flor de Nilópolis.





Pioneirismo. Qualidade. Liderança. Quem usa Kodak sabe muito bem o que isso significa. Marca da experiência. Marca da tradição. Marca da confiança. Marca presente em todo o mundo. E presente também no Brasil através

ESTE É O PÃO DE AÇÚCAR PARA QUEM NÃO USA KODAK.



da rede Kodak Express, a maior rede do Brasil em fotografias. Lojas completas. O melhor atendimento. Os melhores produtos. Os melhores serviços. E o melhor: é Kodak.

Kodak EXPRESS
SERVIÇO DE CONTROLE DE QUALIDADE

Evite surpresas. Exija Kodak.

STANDARD OGILVY

Além do bicampeonato, 1968 marca também a estréia na Passarela das Alas Reunidas, um divisor de águas na história da verde-e-rosa. Encarregado de controlar a qualidade da confecção das fantasias e de funcionar como intermediário entre a direção da escola e os presidentes de ala, o grupo foi criado em 1967. Presidente das Alas Reunidas, Eli Gonçalves da Silva, a Chininha, filha de Dona Neuma, diz que o objetivo foi integrar as alas, que funcionavam como setores quase independentes do comando da verde-e-rosa:

– A escola só fazia ensaios num dia da semana e deixava as sextas-feiras e os domingos para as festas das alas. Elas organizavam a Noite Tropical, a Noite da Bahia e outros eventos para angariar fundos e fazer as fantasias. De junho a setembro, a programação na quadra ficava praticamente por conta das alas.

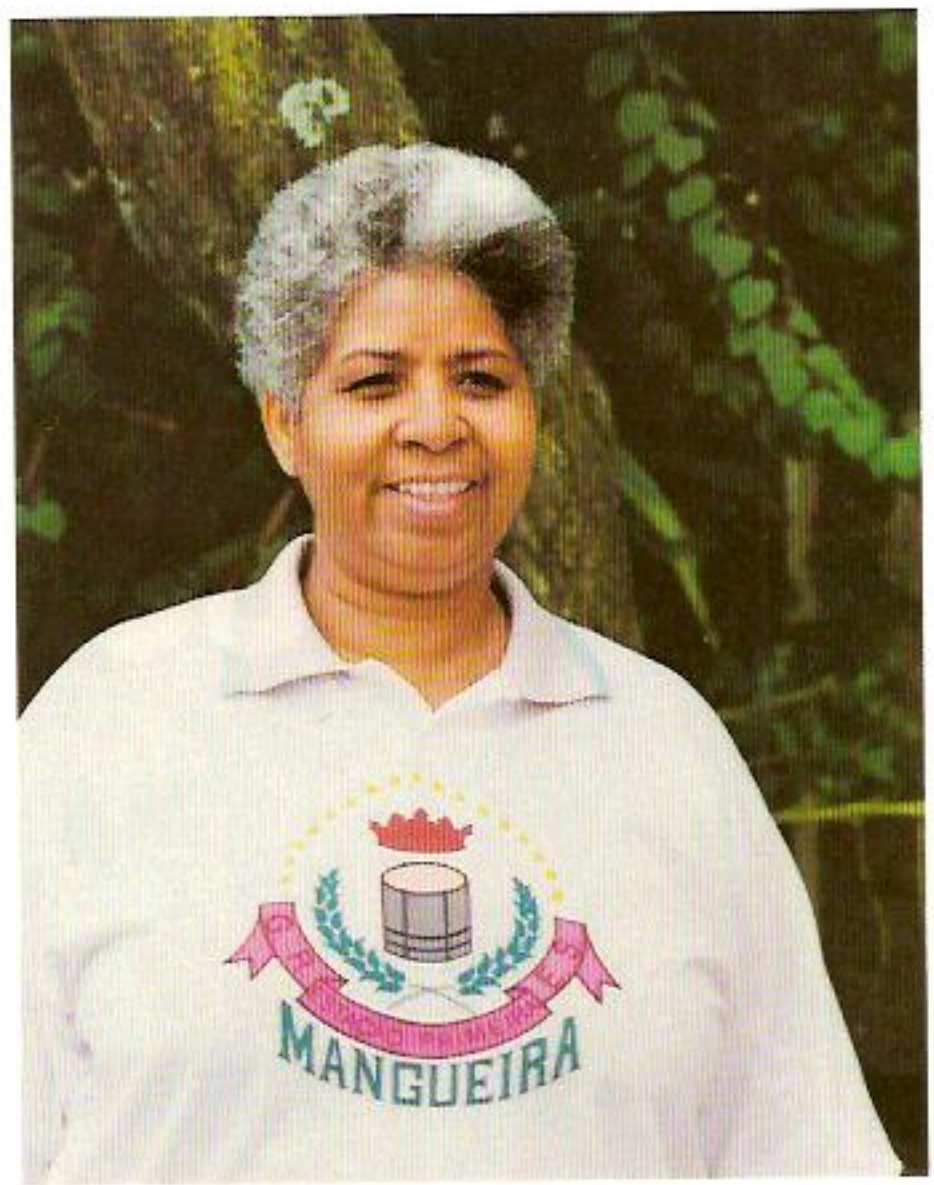
Com a inauguração da atual sede da Mangueira, o Palácio do Samba, a escola restringiu as festas das alas para melhorar a sua arrecadação. Foi necessário agir assim por dois motivos: primeiro, porque a escola precisava honrar a dívida contraída para financiar a construção da quadra; segundo, porque as alegorias na década de 70 não tinham os efeitos especiais de hoje mas já haviam sepultado todo e qualquer tipo de improviso. Afinal, na década anterior o Salgueiro vencera os campeonatos de 60, 63, 65 e 69 com a ajuda de artistas plásticos. Depois disso, as escolas, inclusive a verde-e-rosa, passaram a gastar cada vez mais com as alegorias. Ou seja, era preciso explorar as fontes de renda disponíveis.

Mas a criação do grupo não modificou muito a Ala das Impossíveis, presidida por Caçula e integrada na maioria por moradores da Mangueira. Como nos bons tempos, Caçula não aceita fantasias com outras cores que não verde e rosa. É quando se torna necessária a intervenção da diretoria das Alas Reunidas. Também tradicional é a Ala dos Periquitos, a mais antiga de que se tem notícia na Mangueira. Desativada por alguns carnavais, ela voltou à ativa recentemente e hoje vem com calça, paletó e emblema ajudando a direção de harmonia. Além disso, não resta mais nenhum dos antigos componentes. Reforçam ainda a a harmonia as alas Só para quem pode, que tem Dona Zica como madrinha, e a dos Boêmios.

Para se ter uma boa idéia de como eram as alas da Mangueira até os anos 70, basta prestar atenção a alguns nomes: Pobres de Paris, Embaixadores, Duques, Barões, Magnatas, Lordes, Mocidade Rica e Baianas Granfinas. A nobreza era para valer. Com o dinheiro das festas e às custas do sacrifício dos componentes, eles se vestiam com estrasses, veludos, lantejoulas e brocados.

– Para angariar recursos, as alas faziam o concurso de rainha, madrinha e princesas. Quem vendia mais votos era a rainha ou madrinha, vindo em seguida as princesas. Não tinha esse negócio de estar lá só por causa do corpo bonito. Elas saíam na frente da ala, fantasiadas de dama – explica Chininha.

Hoje a escola financia fantasias para a comunidade que não pode pagar. Mas nas alas desfilam pessoas de todos os lugares, já que a Mangueira tem torcedores em todo o Brasil.



Chininha preside as Alas Reunidas.

A própria ala de Chininha é um bom exemplo de como a composição das alas da verde-e-rosa foi mudando com o tempo. Ela conserva o nome da época em que o grupo era composto exclusivamente de mulheres: Ala das Mimosas. Conseguiu se manter assim na década de 80, desfilando de melindrosas em 1985, numa referência ao carnaval do início do século, pois o enredo homenageava Chiquinha Gonzaga. Mas em 1992, quando a verde-e-rosa exaltou o compositor Tom Jobim com **Se todos fossem iguais a você**, não houve jeito: a ala saiu mista pela primeira vez, mantendo-se assim até hoje.

Até 1976 não havia alas mistas na Mangueira. Hoje, a escola tem 43 alas, sem contar com bateria, baianas e compositores. Vestem fantasia igual, desfilam juntas, mas têm vida independente ao longo do ano.

A década de 60 marcou a fase de ouro dos passistas da verde-e-rosa. Um desses destaques é Ademir Zeferino de Souza, o Gargalhada, que estreou na verde-e-rosa em 1967 substituindo Mussum e Jonas, dos Originais do Samba, que formavam com Gigi da Mangueira o Trio Verde-e-Rosa. Mussum e Jonas foram para São Paulo e coube a Gargalhada desfilar com



Gigi da Mangueira, uma tradição de passista da Escola.

Gigi. Antes, ele passara pela Aprendizes da Boca do Mato e pelo Salgueiro. Era tão bom que, quando a cantora Rosemary estreou na Mangueira, em 1970, o vice-presidente Djalma dos Santos, o Djalma Preto, não teve dúvidas sobre quem iria ensiná-la a sambar.

– Djalma chegou com a Rosemary e me disse: "Esta é a Rosemary, a rainha do iê-iê-iê. Você tem dois meses para prepará-la, porque ela vai sair com a gente e fazer sucesso no carnaval" – conta Gargalhada, em depoimento ao jornalista José Carlos Rêgo no livro **Dança do samba, exercício do prazer.**

Estandarte de Ouro em 1987, Gargalhada fazia a festa dos fotógrafos nos anos 60 e 70. Assim que o viam, eles iam na sua direção, disputando quem conseguiria a melhor foto do maior malabarismo.

Mas os puristas perguntarão o que a loura Rosemary foi fazer na Mangueira desfilando de passista? Segundo Roberto Paulino, presidente da verde-e-rosa no início dos anos 60, não se trata de um elemento estranho. A Mangueira, diz Paulino, é tradicional mas não racista.

– Eu sou louro e com 24 anos fui presidente da Mangueira. Mas também soube me adaptar ao morro – explica o jornalista, que narra sua experiência na verde-e-rosa no livro **Do Country Club à Mangueira**.

Pois essa capacidade de receber forasteiros sem perder suas características fez com que a belga Anick Malvil, Gigi da Mangueira e Rosemary sejam referências quando se fala de passistas da verde-e-rosa.

Exemplo de passista de Mangueira é também Nanana, que sambava e tocava tamborim ao mesmo tempo. Lorenildes de Lima, que ganhou da avó o apelido de Nanana, era menina quando a família se mudou para a antiga Favela do Esqueleto, que acabaria mais tarde para dar lugar à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Aos 13 anos, conheceu o compositor mangueirense Ivan Meireles. Foi amor à primeira vista, pelo compositor e pela escola. Ivan seria seu marido e pai de seu filho Ivo, mais tarde vice-presidente da Mangueira. Habilidosa como passista, também já saiu de baiana e também em ala.

Expoente dos bons tempos dos passistas da Mangueira, Carlos Alberto Sampaio de Oliveira, Carlinhos Pandeiro de Ouro, seria chamado assim após um concurso em 1966, quando teve que superar 300 concorrentes para ganhar o título. Também pudera. Com seu instrumento, ele faz malabarismos inacreditáveis. Naquela época, ele já tinha se integrado à Estação Primeira de Mangueira, a convite do então presidente da escola, Roberto Paulino, que o vira sambar no ensaio da Unidos do Cabuçu.

José Carlos Rêgo lembra que a Ala Vê se me entende reunia mais de 200 passistas, nos anos 70:

– E o ensaio era para valer. O Xangô (Olivério Ferreira, diretor de harmonia) por exemplo fazia o Carlinhos bater o pandeiro durante duas horas para manter o ritmo na Avenida – frisa ele.

Herdeiro de Carlinhos Pandeiro de Ouro, Gargalhada e tantos outros, Serginho do Pandeiro é de uma geração que precisa desfilar no alto de carros alegóricos para mostrar sua arte, pois o tempo hoje é curto para que os passistas se exibam no chão como gostariam.

Filho do também ritmista e passista Mica, Sérgio Murilo Rosa, de 32 anos, estreou na Mangueira em 1987, como uma das maiores atrações da escola. Três anos depois, ganharia o Estandarte de Ouro.

Carlinhos com seu pandeiro de ouro.



Para que os passistas da verde-e-rosa pudessem brilhar, foi fundamental a competência dos ritmistas. Isso desde quando o sistema de som não tinha o alcance atual e o estilo da bateria permitia que toda a escola tivesse uma referência sonora para evoluir. Ou seja, os versos "Todo mundo te conhece ao longe/Pelo som do seu tamborim e o rufar do seu tambor/Chegou, ôôô/A Mangueira chegou", de Enéas Brites e Aluísio Augusto da Costa, não são apenas poesia. E o livro **Memória do carnaval** frisa isso:

"A bateria da Mangueira é a mais fácil de se distinguir. Quanto a baqueta de um batedor de surdo se levanta, todos acompanham e arriam ao mesmo tempo. Não há resposta. Essa `batida`, criada por Lúcio Pato, é mantida até hoje. É a única bateria que se conduz dessa maneira. A afinação é uma só nos grandes surdos. Os surdos menores e tamborins às vezes fazem o corte. O saudoso Mestre Waldomiro foi o diretor mais famoso da bateria da Mangueira"



Mestre Waldomiro ficou 54 anos no comando da bateria.

Mais do que famoso, Mestre Waldomiro foi a alma da bateria da Mangueira desde 1929, ano de estréia da verde-e-rosa no carnaval, até morrer, em 1983. Genro de Chico Porrão (Francisco Ribeiro), sócio número 1 da Mangueira, Waldemiro Thomé Pimenta fez parte do Bloco dos Arengueiros. Aluno do Patronato do Pinheiro, ele também aprendeu a tirar sons do piston e do sax-barítono da banda da escola.

Durante os 54 anos que dirigiu a bateria, o cuidado artesanal era sua marca. Tudo começou quando Cartola estranhou que ele deixasse enterrar tantos gatos perto de sua casa:

– O Cartola falou então que era para eu não permitir tal "desperdício". Me ensinou a limpar, tratar e encourar um surdo. Eu tomei gosto – confessou Mestre Waldomiro certa vez.

Embora não fizesse feio no cavaquinho, seu instrumento preferido sempre foi o pandeiro. Era com o pandeiro que Waldomiro saía no Bloco dos Arengueiros. Em 1929, quando assumiu a bateria, promoveu um concurso para ver quem encourava melhor um tamborim. O vencedor foi ele próprio: ao contrário dos outros concorrentes, molhou o couro apenas na parte onde receberia as taxinhas, no encaixe de madeira.

Modesto, Mestre Waldomiro só deixava a simplicidade de lado para falar de seus dois orgulhos: ter criado a bateria mirim da Mangueira e dado origem ao conjunto Juventude Samba Show, que batizou com "arruda macho e sal grosso". Ele conquistou 42 troféus.

Confiando em sua espiritualidade é que Ailton Jarbas Ferreira, o Ximbico, um dos sucessores de Waldomiro, foi rezar e acender velas diante do túmulo do mestre na fasé pré-carnavalesca de 1984. Afinal, seria a primeira vez que os ritmistas da verde-e-rosa desfilariam sem seu patriarca.

A fé mangueirense garante que Waldomiro não deixou de amparar as crias, já que em 1984 a escola foi campeã, após dez anos de jejum. A bateria tirou a nota máxima e Ximbico foi ao Caju agradecer ao mestre. Nada que espante quem conhece a rapaziada que hoje está à frente da bateria da Mangueira: para o mestre Alcir Explosão, Gérson, presidente da bateria, e outros diretores, Waldomiro será sempre um guia.

Se o ritmo inconfundível da Mangueira é o mesmo desde a fundação, a maneira como seus ritmistas se organizam vem de 1959, quando Homero José dos Santos, mais conhecido como Seu Tingüinha, fundou a Ala da Bateria, com o objetivo de cuidar da confecção das fantasias e da parte administrativa, deixando as questões do ritmo, ou seja, a parte mais técnica a cargo de Mestre Waldomiro:

– Eu ja saía na bateria há muitos anos. A Mangueira era muito boa de ritmo mas a indumentária era um problema. Às vezes em cima da hora do desfile a gente tinha que pintar os tênis porque cada um era de uma cor. Decidi que a gente tinha que fazer alguma coisa - conta Seu Tingüinha, de 80 anos, pai de Elmo José dos Santos, atual presidente da Estação Primeira de Mangueira.

Naquela época, lembra Seu Tingüinha, os ritmistas da Portela e Império Serrano chegavam para o desfile muito bem fantasiados, em contraste com a Mangueira. Mas isso nunca impediu que a escola deixasse de ganhar o carnaval:

– Na concentração a gente reparava que os ritmistas da Portela e do Serrano estavam bem vestidos. Mas não tinha problema. Na hora do desfile, conseguíamos recuperar a diferença no ritmo. Não perdíamos ponto mas ficava esquisito desfilar sem uma indumentária caprichada - lembra Seu Tingüinha.

Mas sambista que se preza tem sempre um pouco de vaidade. Seu Tingüinha queria sair mais bem fantasiado. Nem que para isso fosse preciso ficar fora da festa um ano, conforme ele decidiu:

"O presidente da escola na época, o Beleléu (Manoel Pereira), chegou a vir aqui em casa com pano para a fantasia, mas nós queríamos um negócio direitinho."

Nesse meio tempo, Seu Tingüinha e seus companheiros fundaram a Ala da Bateria, com presidente, tesoureiros e secretários que se encarrega-

riam de administrar o grupo. Uma das idéias foi admitir sócios que não fossem necessariamente ritmistas. Eles contribuíam com uma pequena quantia todo mês e, perto do carnaval, recebiam em troca uma camiseta da bateria da Mangueira. Além disso, eram organizadas festas com renda em benefício do grupo. Com isso, foi possível ir para a Avenida com 85 componentes e uma fantasia que encheu os ritmistas de orgulho.

"Desfilamos com terno, chapéu, sapato, meia e emblema da escola, tudo em verde-e-rosa. Foi muito lindo. Dava vontade de chorar de orgulho diante das co-irmãs. Em 1964, saímos até de cabeleira. Isso foi bom para a escola porque as outras alas passaram a seguir o exemplo da bateria e a melborar o padrão das fantasias."

Além dele, colaboraram com a criação da Ala da Bateria o jornalista Roberto Paulino, Mestre Waldomiro, Jorge Heleno, Waldyr Claudino, Raimundo, Carlinhos da Raimunda, Tio Jair, Prego e Sinhozinho. Seu Tingüinha, que hoje é Baluarte, foi presidente até1969, tendo sido ainda vice-presidente da Mangueira nas gestões de Juvenal Lopes, Djalma dos Santos e Sinhozinho. Durante todo o tempo, uma das suas preocupações foi manter o ritmo da bateria da verde-e-rosa:

– A batida da Mangueira deixa muita gente comovida. Por isso ela jamais pode mudar.

Mas que ninguém diga que essa bateria vive de passado. Tanto que, já nos anos 60, quando nem se pensava em desfile de escolas de samba mirim, Mestre Waldomiro já estava de olho no futuro do ritmo mangueirense.



Seu Tingüinha, à direita, e o Presidente Elmo José dos Santos ladeiam Beth Carvalho, mangueirense histórica.

Tanto que, em 1965 criou a bateria mirim da Estação Primeira de Mangueira. Inicialmente, formou-se um grupo 50 adolescentes, que foram treinados e avaliados. Desses, 30 foram selecionados e tiveram o privilégio

A Velha Guarda da Bateria: em cima, da esquerda para a direita, José Menezes, Luiz, João, Jair, Victor, Wilson, Juarez Cruz e Zizinho; em baixo, na mesma ordem, Derli, Walter, Damião, Candido, Wilson e Jonjoca.



de sair junto com o grupo principal no carnaval de 1966. Hoje, eles desfilam na escola mirim Mangueira do Amanhã, cria da Mangueira, e representam a verde-e-rosa em shows.

Vários integrantes da bateria mirim continuam fazendo parte da bateria da Estação Primeira. Parte deles ocupa cargos administrativos na escola, inclusive o atual presidente, Elmo José dos Santos.



Jamelão é o complemento perfeito para o brilho da bateria.

Se canto e ritmo devem estar em harmonia, a bateria da Mangueira encontrou seu par perfeito no intérprete Jamelão. Sim porque José Bispo Clementino dos Santos jamais cedeu à tentação de acrescentar ao canto do samba-enredo frases de efeito, gritos de guerra e outros recursos comuns aos puxadores atuais. Seu canto é tão linear quanto a bateria da Mangueira e sua voz de alcance tão longo quanto os surdos da verde-e-rosa.

Tanto entrosamento não é por acaso. A estréia de Jamelão na verde-e-rosa, em 1933, aconteceu justamente na bateria, tocando tamborim e pandeiro. Mais tarde, ele passaria a cantar o samba, estreando como intérprete em 1949. Primeiro "no gogó" e depois diante dos microfones.

Nascido em 12 de maio de 1913, na Rua Fonseca Teles, em São Cristóvão, ele morava em Vila Isabel quando subiu o Morro de Mangueira oferecendo-se para tocar tamborim. Não demorou para se entrosar com Carlos Cachaça, Cartola, Saturnino Gonçalves, Cartola, Malvadeza e Lauro dos Santos, o Gradim.

Dos momentos marcantes no desfile da Mangueira, ele lembra um no início dos anos 50, na Avenida Presidente Vargas, quando a verde-e-rosa desfilou debaixo de um temporal:

-As alas da Estação Primeira eram valentes, não se intimidavam. Nem o peso das roupas encharcadas de chuva diminuía a vontade de dançar das baianas. A bateria também foi muito firme, batendo como se nada estivesse acontecendo. A Mangueira foi campeã.

A garra de Jamelão nunca se mostrou tão decisiva quanto na histórica vitória de 1984, ano de inauguração da Passarela do Samba, quando a Mangueira foi campeã com o enredo **Yes, nós temos Braguinha**, após dez anos de jejum. Última a desfilar, já na manhã de terça-feira de carnaval, a verde-e-rosa foi até a Praça da Apoteose e voltou, ficando na Passarela muito mais que o tempo previsto. Durante todo o tempo, a voz de Jamelão se manteve inalterável.

E olha que tentaram fazê-lo fraquejar. Em 1984, Castor de Andrade, patrono da Mocidade Independente de Padre Miguel, investira uma fábula para fazer de sua escola a campeã. Mas só isso não era suficiente. Sabia-se que a verde-e-rosa viria bem e se fosse possível jogar uma casca de banana no seu caminho ...

Pois quando Jamelão esteve no camarote de Castor de Andrade, um diretor da Mocidade serviu-lhe bebidas à vontade durante duas horas e meia. Ao sair de lá; o interprete da Mangueira deu a impressão de que, dessa vez, não conseguiria levar o samba com a mesma competência. Pura ilusão: Jamelão foi o astro de sempre, a Mangueira venceu e deixou a Mocidade em segundo lugar.

Dos quatro títulos da quarta década da verde-e-rosa, o primeiro foi sem dúvida o mais polêmico. Conta o livro **As escolas de samba do Rio de Janeiro**, de Sérgio Cabral, que o carnaval de 1960 foi muito confuso, a começar pelo desfile com muita chuva e ação violenta dos policiais contra o público. A Mangueira apresentou-se com o enredo **Carnaval de todos os tempos** e estava na luta pelo título com a Portela (**Rio, capital eterna**) e o Salgueiro (**Quilombo dos Palmares**).

No dia da abertura dos envelopes com as notas dos jurados Lúcio Rangel, Kalma Murtinho, Eneida, Haroldo Costa e Ana Letícia, houve grande confusão. Feita a contagem dos pontos, venceu a Portela, com 100 pontos, vindo em seguida a Mangueira, com 98 e o Salgueiro, com 95.

Mas enquanto os torcedores da azul-e-branca comemoravam, o escritor Miécimo Tati, supervisor dos desfiles e das apurações, esclareceu que, pela primeira vez, seriam descontados pontos das escolas que tivessem ultrapassado o limite de tempo máximo permitido para sua apresentação. Feita a nova contagem, considerando-se os pontos da cronometragem,

Coisas que os mais jovens não sabem

Fernando Pamlpona

Assim como a Bahía é o estado mais cantado do Brasil até por compositores que jamais pisaram a Bahía, a Mangueira é a escola de samba mais cantada até por compositores que jamais piraram lá.

Em 1959, quando entrei para o Salgueiro e fiz o enredo **Nzambi dos Palmares**, soube que a velha Manga, além de ter sido nossa madrinha, exigiu na Associação que desfilássemos "de cara" entre as grandes. E o samba Nzambi, de Nescarzinho e Noel Rosa de Oliveira fora composto nos fundos da fábrica de cerâmica do avô do garoto Roberto Paulino, então presidente da Manga, sendo acompanhado pelo pessoal de lá. Havia naquele tempo solidariedade e integração.

Em 1965, quando o Sal foi campeão do IV Centenário, houve protesto de muita gente da imprensa (o Império estava lindo!). Solidariamente Roberto Paulino, durante a nossa comemoração, subiu o morro com uma pá de mangueirenses, mestre-sala, porta-bandeira de bandeira e tudo e comandou nossa festa até de madrugada.

Em 1967, endividadíssimos depois do carnaval, organizamos uma festa no café-concerto Casa Grande para ajudar a pagar as dívidas. A Manga, sem cobrar nada, mandou dois ônibus com alas, baianas, todo mundo fantasiado, para cruzar sua bandeira com a do Salgueiro através dos respectivos mestres-sala e portas-bandeira, numa união só comandada pelo mestre Xangô. Até lanche próprio eles levaram.

O mundo se lembra quando Gigi da Mangueira num desfile, ao meio-dia, tirou suas sandálias e deu para a nossa Narcisa dançar, pois ela estava descalça.

Em 68 trabalhamos lado a lado no Pavilhão de São Cristóvão e o então presidente da Manga, Juvenal Lopes (o Juju das candongas) nos ajudou de todas as formas. Djalma Preto dirigindo a Manga, trabalhando novamente lado a lado, nos deu chance de colaborar. O último carro deles estava mais alto que o portão e não havia jeito de o carro sair do pavilhão. Juntei o pessoal do Salgueiro, seguramos o carro no braço, tiramos as rodas que eram de carroça, passamos com o carro e já na rua recolocamos as rodas e a alegoria se mandou...

– Estamos devendo uma – disse o Djalma.

– Foi paga com antecedência – respondi.

Ninguém acredita, mas uma vez o samba do Salgueiro foi julgado por cinco mangueirenses: Amaury Monteiro, Haroldo Barbosa, Luis Antônio, Luis Reis e o Gussi do Leblon. E o Salgueiro acatou o julgamento.

Se eu for contar tudo, digo como o Monarco: "Hoje não vou terminar".

Por tudo isso resolvemos em 71, Arlindo e eu, fazer como enredo **Minha madrinha, Mangueira querida**. Após três assembléias as tias e a Velha Guarda, que sabiam das coisas, comandaram a aprovação do enredo, contra a opinião da garotada que ignora as coisas. Lá viria o Sal todo de vermelho e branco cantando "Tengo-tengo, Santo Antônio, Chalé" com a comissão de frente inteiramente vestida de verde e rosa. Foi difícil, mas a ala (antigamente era uma ala) aceitou. Osmar Valença, eternamente sacana, foi dizer



para a minha amiga Neuma que eu só colocaria bicha na comissão de frente. Claro, ela me xingou de todos os palavrões usuais e mais os que inventava na hora.

Uma escola de samba só existe se tiver uma boa ala de compositores. Não vou falar da Portela, Império, Sal ou Imperatriz, mas vocês imaginam uma escola que teve e tem compositores como Geraldo Pereira, Zé da Zilda, Cartola, Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, Geraldo das Neves, Nelson Sargento, Zagaia, Babaú, Pelado, Leléo, Carlos Cachaça, Darcy, Preto Rico, Leci Brandão, Padeirinho, Hélio Turco, Ivo Meireles, Batista e muito mais? E o Jamelão para cantar? Precisa de mais?

Foi com muito orgulho que na festa de inauguração da nova quadra, presentes os ex-presidentes Roberto Paulino, Bira, Djalma Branco e Ed Miranda, além do Ivo Meireles, recebi das mãos de Jamelão uma grande placa de prata euma belíssima flâmula. Grande homenagem!

Foi uma emoção só. E vou repetir o que já escrevi: "Lá em Mangueira ficou um pedaço do meu coração vermelho e branco".

Fernando Pamplona é professor de belas artes.

Portela e Mangueira perderam 15 pontos, cedendo o título ao Salgueiro. Houve enorme tumulto e Nuno Linhares Veloso, representante da Estação Primeira, deixou bem claro que não aceitaria a perda de pontos. Veloso argumentou que a verde-e-rosa não pudera cumprir o horário estabelecido pelo regulamento por causa da polícia e do Juizado de Menores, que interferira no desfile para fiscalizar a participação de crianças. Os argumentos não foram aceitos e o desentendimento acabou em briga, sem que ninguém ficasse sabendo qual era a vencedora do carnaval de 1960.

A solução para o impasse viria no dia seguinte, numa reunião no Departamento de Turismo. Por sugestão de Mário Saladini, diretor daquele órgão da Prefeitura, os representantes das escolas concordaram que fossem consideradas campeãs as cinco primeiras colocadas: Salgueiro, Portela, Mangueira, Unidos da Capela e Império Serrano.

Se a solução agradou à modesta Unidos do Capela e ao Salgueiro, na época uma escola emergente que ganhava seu primeiro título, para a verde-e-rosa, acostumada a muitos títulos, a vitória dividida ficou com gosto de vitória não consumada.

A disputa do carnaval de 1961 foi acirrada. Afinal, as cinco campeãs do ano anterior queriam provar que mereciam ter vencido sozinhas. Por isso, a competição transformou-se numa espécie de tira-teima. Foi assim que a verde-e-rosa entrou na Avenida disposta a não deixar dúvida. E não deixou. A vitória foi incontestável, com 102,5 pontos, quatro a mais que o Salgueiro, a segunda colocada. O enredo **Recordações do Rio Antigo**, o samba de Hélio Turco, Cícero e Pelado e a garra mangueirense foram decisivas. O noticiário sobre o desfile já permitia prever que, mais uma vez, a verde-e-rosa ganharia o título de campeã.

O jornalista Sérgio Cabral, que desde a década de 50 já acompanhava os desfiles profissionalmente, conta que o desfile da Mangueira em 1961 foi tão convincente, que ele se arriscou, pela primeira vez, a fazer uma previsão sobre quem venceria. Ele gostou sobretudo do samba-enredo, cheio de lirismo e sutileza. E sua torcida pela Portela não o impediu de ir, na companhia de Expedito, diretor da escola de Madureira, para antiga sede da verde-e-rosa, no Buraco Quente, comemorar o campeonato. Ao chegar lá, viu que as duas escolas só competem mesmo no desfile, porque pouco depois que viram a dupla, os mangueirenses começaram a cantar o samba de Zagaia que elege a Portela a fiel companheira da Mangueira.

O trabalho em busca do tricampeonato começaria logo após o carnaval. E tudo levava a crer que a escola sairia vitoriosa. A começar pelo enredo: **Casa-grande & Senzala**, inspirado no clássico do sociólogo Gilberto Freyre. Na escolha do samba, mais um indício que a verde-e-rosa

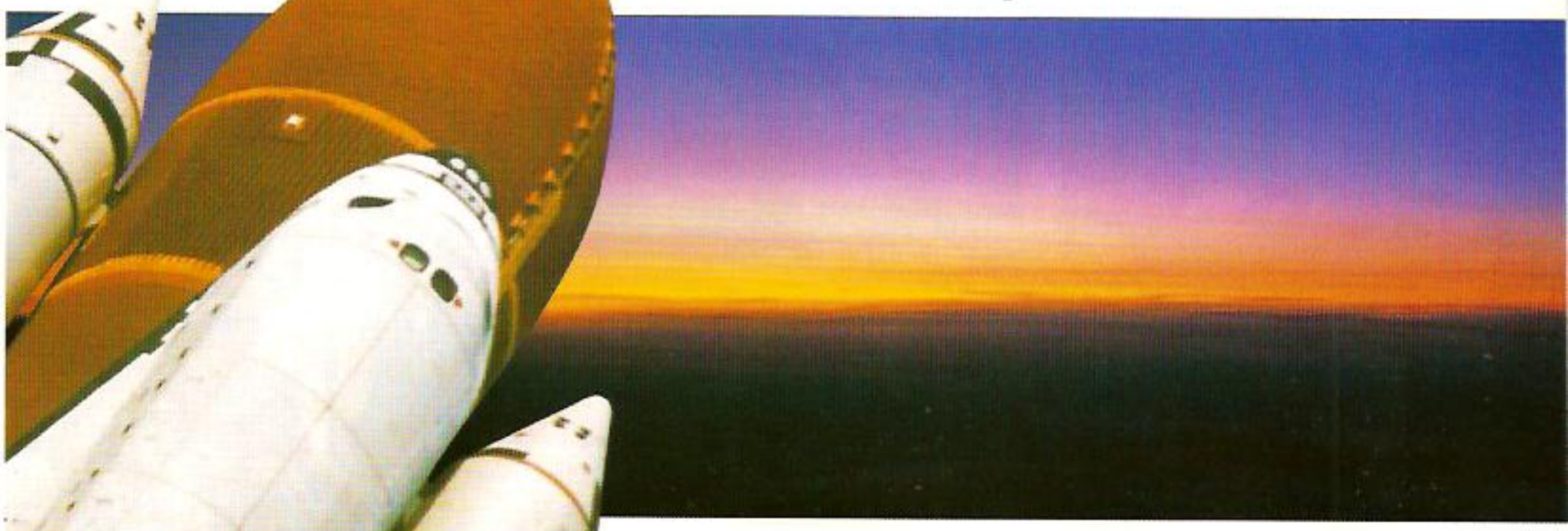
A Harmonia, de inegável importância na História da Estação Primeira de Mangueira: Serginho, João, Genuíno, Mestre Xangô, Zacarias, Dilmo, Joelson, Lula, Chicão e Edinho.



adm

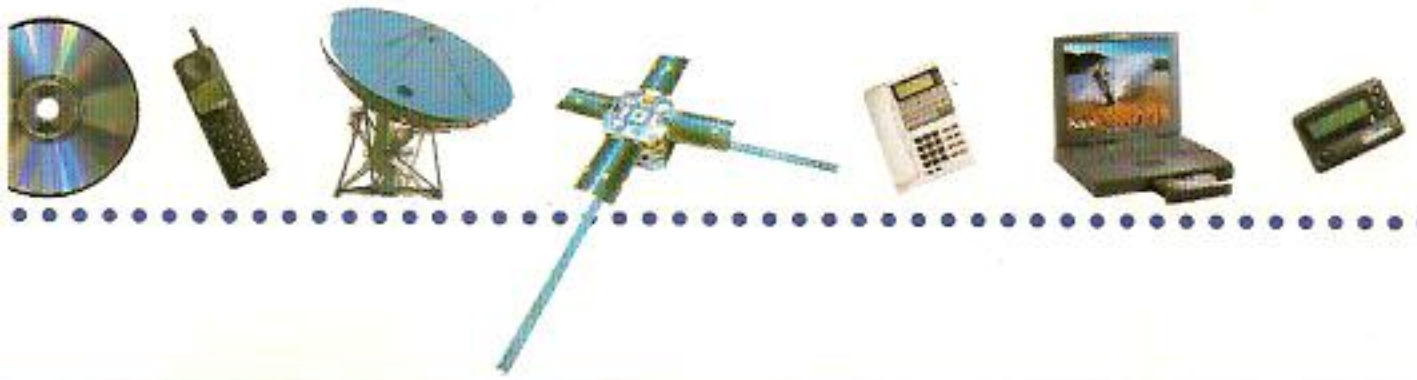
A NEC FAZ PEÇAS PARA ÔNIBUS.







Os componentes NEC são encontrados na medicina, na indústria automobilística, na aeronáutica, nas telecomunicações e em inúmeras outras áreas. Até na indústria espacial. Isto porque, são sinônimos de qualidade, desempenho e confiabilidade total. Para manter essa condição, a NEC investe no desenvolvimento de novas tecnologias e na diversificação constante de seus produtos. Não por acaso, é a única empresa situada simultaneamente entre as cinco maiores corporações mundiais nos campos de telecomunicações, componentes e computadores. Com todo esse *know how*, a NEC contribui para melhorar a qualidade de vida e aproximar as pessoas. Não importa para onde o mundo vá, a NEC está preparada.



NEC

A IMAGINAÇÃO SEM LIMITES.



PROMO PLACE

Promoção é o nosso negócio.

Tel.: (011)829-0010 - Fax: (011)820-8775 - E-mail: promoplace@sti.com.br

faria um grande espetáculo. O samba de Jorge Zagaia, Leléo e Comprido conseguiu tal unanimidade que, nas vésperas da decisão, os autores do outro samba desistiram, reconhecendo publicamente a superioridade do concorrente. Desde os primeiros ensaios, a composição levada à Avenida conquistou a escola e até hoje figura como um dos melhores já ouvidos no carnaval, tendo sido gravado em 1976 no LP da mangueirense Leci Brandão (**Questão de gosto**). A letra anuncia que nos engenhos de açúcar ou peneirando café estavam "pretos, escravos e senhores irmanados para construir a riqueza do Brasil".

Não bastasse a beleza da obra de Gilberto Freyre, outro grande nome da cultura brasileira ajudaria a Mangueira a fazer o desfile de 1962: o pesquisador Edison Carneiro, que colaborou com o jornalista Roberto Paulino na preparação do enredo. Presidente da Mangueira na época, Paulino lera o clássico do sociólogo pernambucano e ficara com o título na cabeça. Queria fazer uma versão livre na Avenida, mostrando a vida nas senzalas, o trabalho do negro, sua influência na formação da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, os colonizadores, suas fazendas, sua riqueza e suas danças.

Segundo Paulino, a escola foi desfilar com uma motivação que há muitos anos não se via no morro. Tanto que até hoje Mangueira se orgulha de ter saído com cerca de três mil componentes naquele ano, um recorde para a época. O desfile foi um sucesso de público e de crítica. Nas arquibancadas, os espectadores gritavam "É campeã". Nos jornais, as reportagens apontavam a escola como favorita destacada.

A festa só foi interrompida com a apuração dos resultados: um dos jurados, a artista plástica Ana Letícia, tirou pontos da Mangueira nos três quesitos que julgava, fantasias, alegorias e bandeira (esta do mesmo padrão das outras escolas, pois confeccionada pelo mesmo artesão). A própria Ana Letícia nega, mas colegas de júri afirmaram que o problema foi quanto ao verde e o rosa, cores de que ela não gostava. Resultado, a Mangueira ficou em surpreendente quarto lugar.

Em 1967, a escola se valeria de uma fórmula parecida com a de 62: enredo inspirado numa obra clássica e um samba-enredo de fazer História. Foi **O mundo encantado de Monteiro Lobato**, baseado na literatura infantil do autor, com samba de Hélio Turco, Darci da Mangueira, Luiz, Dico e Jurandir reverenciando "o sublime relicário de criança que, num cenário de real valor, fez o mundo encantado que Monteiro Lobato criou".

Abertos os envelopes com as notas dos jurados, o título confirmou o favoritismo da Mangueira, vencendo por quatro pontos a segunda colocada, Império Serrano: 113 a 109. Quem leu o noticiário sobre a vitória da verde-e-rosa no **Globo** na edição de 10 de fevereiro não teve dúvida de que se tratava de um resultado justo. A chamada de primeira página dizia "Mais querida ganhou", encimando o seguinte texto:

"O juri do superdesfile das escolas de samba confirmou o veredito popular, dando à Estação Primeira de Mangueira o seu décimo primeiro título, após seis anos de espera. O pessoal da "Mais querida" soltou fogos quando os resultados foram anunciados no quartel-general da PM".

Já o desfile de 1968 ficou marcado na memória sentimental dos mangueirenses não só pelo bicampeonato ou pelo belo samba-enredo de Darcy, Hélio Turco, Luiz, Batista e Dico. É que, dessa vez, até o tempo ajudou a verde-e-rosa. Naquele ano, as chuvas de verão que castigaram a

Naquele TEMPO...

Prego, que hoje dá seu nome ao palanque da bateria no Palácio do Samba, era um dos melhores tocadores de chocalho da escola, era um espetáculo. Ele estava a Ala dos Compositores, mas atendeu a convocação de Tingüinha e voltou à bateria, na fundação da Ala.

Mas Prego era um cara muito contraditório, polêmico. Por seu temperamento sem papas na língua, muito gozador e até um pouco agressivo, conquistara alguns inimigos no morro. Mas era muito inteligente. Para se ter uma idéia de como era o Prego basta contar uma historinha:

Reunião da Ala dos Compositores, na sede do Buraco Quente. Discutia-se um assunto muito polêmico. Desde o começo, Prego, bêbado, cochilava na cadeira. Como não chegassem a um acordo, colocaram o caso em votação. Ao chegar sua vez de votar, Prego ainda dormia. Acordaram-no. Prego, na certa, sequer sabia do que se tratava.

– *Anda Prego, vota logo, é sua vez* – disse, irritado, um colega

– *E como é que tá essa porra* – perguntou ele

– *Tem 17 votos sim dois não* – respondeu alguém.

– *Então eu voto não, porque vocês são uns idiotas e só aprovam besteiras* – disparou Prego e voltou a cochilar.

cidade em janeiro se prolongaram até o carnaval, prejudicando o desfile das escolas de samba. Mas, como num passe de mágica, por volta de 7h, no exato momento em que a Mangueira contornava a Igreja da Candelária para entrar na Avenida Presidente Vargas, as nuvens sumiram do ceu e parou a chuva que caíra a noite inteirinha.

Era o que faltava para a Mangueira dar um belíssimo espetáculo, aproveitando a bênção de São Pedro. Coube ao compositor Geraldo das Neves, mais conhecido como Geraldo Brechó, a tarefa de registrar a vitória em música. Antes do carnaval, o poeta mangueirense fizera o seguinte samba, já sentido cheiro de bicampeonato no ar:

"Nesse desfile/ Nem que chova canivete/ Tenho, tenho a certeza/ Que a Mangueira pinta o sete".

Depois que saiu o resultado, ele não perdoou as adversárias e emendou seu próprio samba anterior:

"São Pedro deu uma colher de chá/ Somente para a Mangueira desfilar./ É a maior, não existe igual/ Eu não quero saber/ Quem veio em segundo e em terceiro lugar./ Alcancei o primeiro lugar, / Quem viu a Mangueira pode confirmar".

No carnaval de 1968, a Mangueira ainda não construíra o Palácio do Samba nem esbanjava dinheiro. Mas a preocupação com a sua História já levava a escola a lançar uma revista de 36 páginas com enredo, samba e reportagens sobre o carnaval. Publicada pela Editora Brasil-América Limitada, tinha o patrocínio da Associação Comercial e Industrial de São Cristóvão.

A publicação trazia o roteiro do desfile, com a narração do enredo ala a ala, reportagens sobre o Mestre Waldomiro, o casal de mestre-sala e porta-bandeira (Delegado e Neide), e um pouco da História da Mangueira. A revista mostra que a verde-e-rosa preza suas tradições e o samba no pé mas não se descuida do visual: o artista responsável pela confecção das alegorias foi Laurênio Luís Soares, cenógrafo do Teatro Municipal. Ele começara a trabalhar seis meses antes do carnaval, reunindo uma equipe de carpinteiros, bombeiros hidráulicos, eletricistas, mecânicos, borracheiros e pintores, num total de 32 pessoas.

Laurênio criou quatro carros alegóricos para o desfile bicampeão da Mangueira. Poucos, mas verdadeiras obras de arte, a começar pelo abre-alas, uma placa de bronze sustentada por correntes, num carro enfeitado de pequenas colunas e jarrões de flores. Contam os mangueirenses que naquele ano também foi decisiva a atuação de Djalma dos Santos, o Djalma Preto, para que se conquistasse o título. Depois que o enredo estava escolhido, ele fez com que fosse reescrito várias vezes até chegar à fórmula que o tornou campeão.

A letra do samba saudava em nome da Mangueira a História do samba verdadeiro, acentuando: "Foi na Praça Onze das famosas batucadas que o samba teve a sua glória (...). Melodia triunfal, sublime festa de um povo, orgulho do nosso carnaval. Louvor aos artistas geniais que levaram para o estrangeiro, glorificando o nosso samba verdadeiro".

1959 Terceiro lugar - Enredo **Brasil através dos tempos**, samba de Hélio Turco, Pelado e Cícero. **1960** Campeã - Enredo **Carnaval de todos os tempos**, samba de Hélio Turco, Pelado e Cícero. **1961** Campeã - Enredo **Recordações do Rio Antigo**, samba de Hélio Turco, Pelado e Cícero. **1962** Quarto lugar - Enredo **Casa-grande e senzala**, samba de Zagaia, Comprido e Leleo. **1963** Vice-campeã - Enredo **Exaltação à Bahia**, samba de Hélio Turco, Pelado e Comprido. **1964** Terceiro lugar - Enredo **História de um preto velho**, samba de Hélio Turco, Pelado e Comprido. **1965** Quarto lugar - Enredo **Rio através dos séculos**, samba de Hélio Turco, Pelado e Comprido. **1966** Vice-campeã - Enredo **Exaltação a Villa-Lobos**, samba de Jurandir e Cláudio. **1967** Campeã - Enredo **O mundo encantado de Monteiro Lobato**, samba de Batista, Luis e Darci. **1968** Campeã - Enredo **Samba, festa de um povo**, samba de Hélio Turco, Darci, Batista e Dico.

PÁLACIO DO SAMBA

1969/1978

torna realidade o velho sonho mangueirense



Duas vitórias, ambas de grande importância, marcaram a quinta década (1969 a 1978) da Mangueira. A primeira foi a de 1973, o único campeonato no período, com **Lendas do Abaeté**. A outra foi a construção da sede, o Palácio do Samba, sonho acalentado durante muitos anos e que começou a tomar forma quando os ensaios ainda aconteciam na quadra antiga, na Travessa Saião Lobato, no Buraco Quente.

Na revista que a Mangueira publicou para o carnaval de 1971 consta que, num sábado de janeiro de 1970,a quadra estava apinhada de gente do morro e do asfalto. A fila para entrar era grande e as pessoas se espremiam lá dentro. Muita animação, pouco conforto.

Terminado o ensaio, o diretor social Ciro Ramos e o tesoureiro Raimundo de Castro ficaram satisfeitos com a arrecadação. Mas estavam preocupados: era preciso oferecer melhores condições para os convidados da Mangueira. Ciro disse a Raimundo que, pela sua grandeza, a escola fazia por merecer uma nova sede. Foram contratados os arquitetos Sabino Barroso e José Leal, que participaram da equipe de Oscar Niemeyer na construção de Brasília. O passo seguinte foi chamar um topógrafo para fazer o levantamento do terreno. A essa altura, poucos dirigentes tinham conhecimento desses planos e o projeto só foi divulgado no dia em que os arquitetos apresentaram o estudo preliminar.

Imediatamente a escola formou uma comissão de obras, com Ciro Ramos (presidente) e José Ramos, Alcione Barreto, Mário e Joel (diretores). Primeira tarefa do grupo, saber se o Viaduto de Mangueira, que seria inaugurado em 1974, não passaria pela área. A escola estava insegura e não era para menos. Afinal, se o trajeto do viaduto incluísse a área, onde a escola conseguiria outro espaço? Para resolver a questão, a comissão promoveu uma reunião com o então secretário de Obras do Estado da Guanabara, Paula Soares, na casa de Renato Xavier. Os mangueirenses capricharam como sempre: as mulheres ofereceram um angu à baiana e os homens complementaram a recepção com as composições mais famosas do morro.

Paula Soares ouviu atentamente as exposições, gostou dos sambas, elogiou o angu e ao final disse apenas duas frases: *Mandem brasa. Podem construir!*

Paula Soares ouviu atentamente as exposições, gostou dos sambas, elogiou o angu e ao final disse apenas duas frases:

– Mandem brasa. Podem construir!

O secretário chegou a revelar que não hesitaria em alterar o projeto do viaduto se ele invadisse a área onde a Mangueira queria erguer a nova sede. Logo a seguir entrou em pauta a situação legal do terreno, que fora doado pelo Governo estadual à verde-e-rosa. É que o antigo proprietário não aceitara a desapropriação e recorrera à Justiça – ao que se afirmava – com boas chances de vencer a demanda. Na luta pelo direito de ter sua nova sede, a escola realizou um show para impressionar as autoridades, no Clube Monte Líbano, a dia 31 de julho de 1970. Os grandes mangueirenses foram convocados para mostrar tudo o que sabiam de samba, sob o comando de Xangô, o diretor de harmonia que novamente provou o quanto vale o seu grupo. Sabino Barroso e José Leal levaram a maquete para que os convidados tivessem uma idéia do projeto e espalharam fotos do projeto pelo clube inteiro.

O vice-governador da Guanabara, Erasmo Martins Pedro, lá estava representando oficial e pessoalmente o governador Negrão de Lima, à frente de enorme grupo de autoridades, entre elas o diretor de Certames, Rui Pereira da Silva; o presidente da Cohab, Villas-Boas; o senador Nelson Carneiro; Marcílio Marques Moreira, um dos dirigentes do grupo Walter Moreira Sales; José Eduardo de Oliveira Pena, diretor do Banco Nacional de Habitação, e administradores regionais, além dos embaixadores do México e do Senegal.

No palco, Cartola, Nélson Cavaquinho, os Pandeiros de Ouro e outros se encarregaram de empolgar o público. Oliveira Pena foi um dos mais entusiasmados e, quando soube do objetivo da Mangueira, se mostrou disposto a colaborar.

Em troca, ele queria que a escola fizesse um show no Iate Clube, onde haveria reunião de confraternização dos dirigentes do BNH com autoridades do sistema financeiro de habitação dos Estados Unidos. Lá, mais uma vez, o show da Mangueira agradou plenamente.

Enquanto isso, Alcione Barreto levantava dados sobre o terreno, cujo processo estava na Cohab. A solução era uma só: a Mangueira poderia ter o terreno se o comprasse, pois o antigo proprietário aceitara as condições para facilitar a venda do imóvel. Procurada pela Mangueira para fazer um orçamento, de imediato a construtora Ecisa se propôs a fazer a obra.

Numa reunião com Oliveira Pena, do BNH, e Newton Rique, do Banco Industrial de Campina Grande, Raimundo de Castro explicou com detalhes a situação da tesouraria e a organização financeira da escola. Após um diálogo franco, a Mangueira conseguiu o empréstimo. Coube ao BNH levar adiante as negociações com o antigo proprietário. Até mesmo uma firma de publicidade de promoções, a SBG, foi contratada para fazer a cobertura promocional da obra. O terreno custou Cr$ 182 mil, sendo CR$ 80 mil à vista e o restante dividido em 120 meses. No dia 29 de janeiro de 1971 o presidente Djalma dos Santos assinou finalmente a escritura, o que levou Dona Zica, Cartola, Carlos Cachaça e José Ramos às lágrimas: a Mangueira finalmente teria uma casa à altura de sua tradição. Nas biroscas do morro, todos comemoraram até o sol raiar.

A inauguração aconteceu em abril de 1972. Os arquitetos José Leal e Sabino Barros procuraram integrar ao máximo seu projeto ao morro. Assim, o palanque da bateria foi instalado no alto, com os barracos ao fundo, logo atrás. Os arquitetos não queriam desperdiçar o cenário que é uma beleza, como assegura o consagrado samba-hino da Escola.

Eles idealizaram um local de ensaio que permitisse a evolução circular (como nas sessões, ou "giras", de terreiros de umbanda) das cabrochas da verde-e-rosa, conforme o costume. Planejaram ainda 140 metros quadrados de área com serviços como banheiros e três grandes bares. Devido ao alinhamento da Rua Visconde de Niterói, mais baixa em relação ao terreno, os arquitetos fizeram pequenas alterações: colocaram embaixo os dois maiores banheiros e os depósitos de bebida e o almoxarifado. No plano intermediário ficaram o local de ensaios e bares e, um nível acima, os palanques da bateria, dos convidados especiais e da imprensa, e as salas da administração da escola.

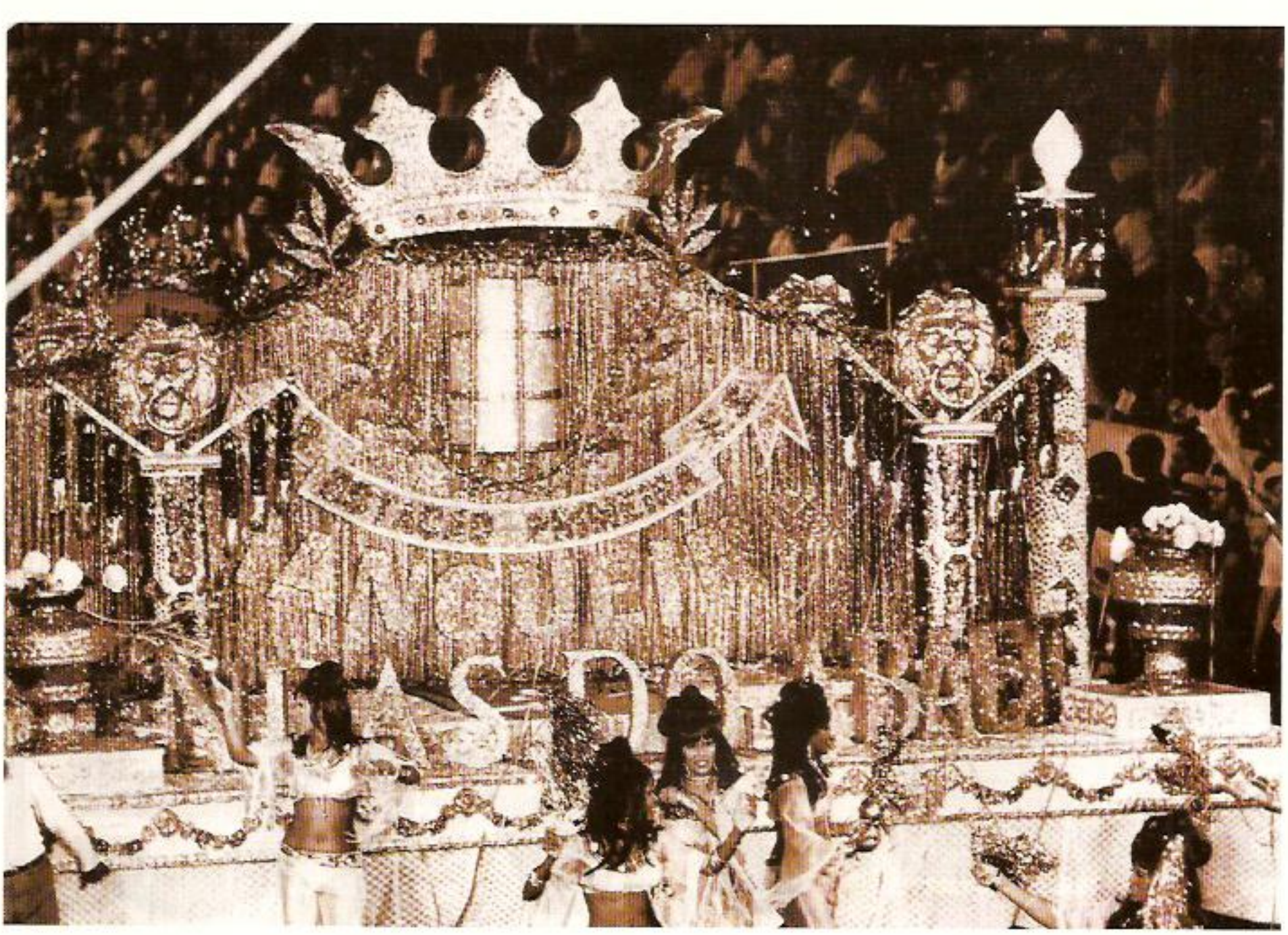
A nova quadra deu um ânimo redobrado à Mangueira, que não vencia dede 1968.Em 1971, ficara em quarto lugar, com o enredo **Modernos bandeirantes**. Para os brios mangueirenses, o resultado teve gosto amargo, já que a verde-e-rosa empatara com a Unidos da Vila Isabel na contagem total, perdendo no quesito bateria. Então, ver o sonho do Palácio do Samba transformado em realidade deixou a Mangueira motivada. Para isso sem dúvida contribuiu o samba-enredo de Jajá, Preto Rico e Manoel, "Lendas do Abaeté", um dos mais tocados pelas rádios. Ao contrário de clássicos como "Casa-Grande e Senzala" (1962) e "O mundo encantado de Monteiro Lobato" (1967), a letra era curta e o refrão fácil, sob medida para ser cantado pelas arquibancadas. Contava que "Iaiá mandou ir à Bahía/ no Abaeté, para ver sua magia/ sua lagoa, sua história sobrenatural/ que a Mangueira traz pra este carnaval".

Em entrevista a **O Globo**, o compositor Preto Rico contava que a receita para o samba foi evitar palavras difíceis de pronunciar. Havia duas em nagô, mas nada inalcançável para quem freqüenta terreiros de umbanda: "agô" é um pedido de licença e "agoiá" é a resposta de quem a concede.

Outro samba, não de enredo, ajudava a criar um clima favorável. Sucesso da fase pré-carnavalesca daquele ano, "Tem capoeira" aliava animação a uma bem-humorada provocação às adversárias. E avisava: "Cuidado, que a Mangueira vem aí/ É bom se segurar,/ que a poeira vai subir".

Velhos mangueirenses acreditam que Janaína, Iara, Iemanjá e outras divindades abriram o caminho. Religiosidade e fé à parte, o desfile teve um abre-alas que hoje seria considerado ingênuo mas, na época, causou grande impacto: o emblema da escola (o surdo com ramos ao lado e uma coroa em cima)junto com potes de cerâmica, máscaras africanas e artesanato indígena, já que o enredo mostrava o sincretismo de lendas indígenas

O abre-alas de "Lendas do Abaeté" causou impacto, juntando motivos indígenas e africanos.



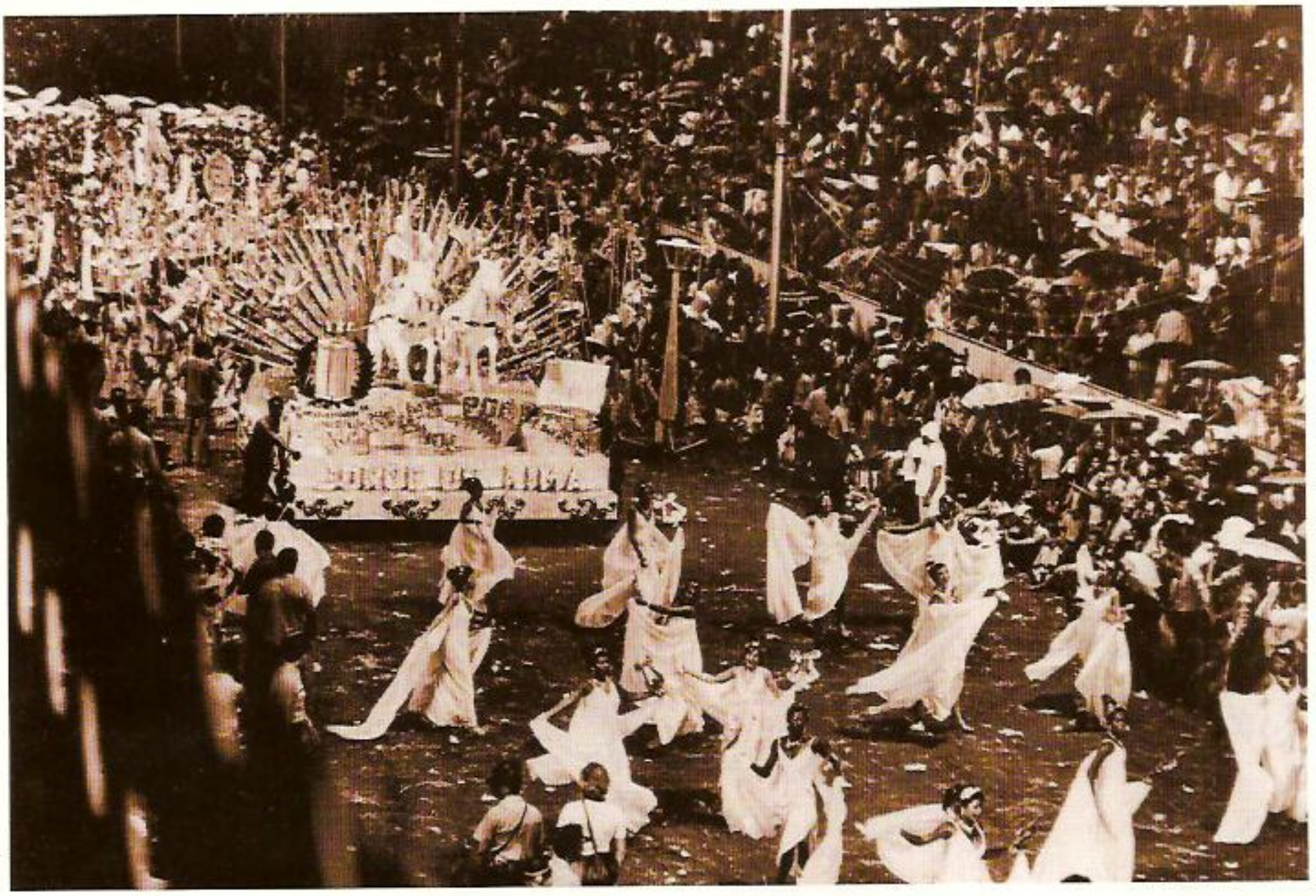

HÁ MUITO TEMPO QUE
O MERIDIONAL É DESTAQUE
COMO UM BANCO
QUE REPETE SEMPRE
O MESMO ENREDO:
ENCANTAR SEUS CLIENTES
EM TODO O BRASIL.

Mer



idional

O Banco oficial do Carnaval Carioca.



Em 1975 a Escola levou à Passarela a vida e a obra do poeta alagoano Jorge de Lima.

e africanas sobre a Lagoa do Abaeté. Em seguida, a comissão de frente, composta por 15 mulatas, todas de rosa, com blusa transparente e calças pantalonas em moda no início dos anos 70. As figuras principais do enredo foram Iara e Janaína e todos os deuses que, em terra, eram adorados pelos índios. Abaeté em tupi quer dizer "homem bom", o que provavelmente seria o grande atuaxaua ou pajé que existiu na tribo.

Depois, a fase africana, assinalando a chegada do escravo trazido à força pelos mercadores. Os negros não só assimilaram muito da cultura indígena como também introduziram, pela semelhança dos seus mitos e seres fabulosos, outros deuses como Iemanjá, a mãe da água de maior influência na mitologia africana e mãe dos 13 maiores orixás.

Na primeira parte havia estandartes representando fauna e flora. Alas de guerreiros indígenas com lanças e escudos, índias carregadoras de riquezas e oferendas. Nas alegorias e adereços, representações de tambores. Os destaques lembravam caciques, feiticeiros e o Abaeté, que foi representado pela fantasia de Ilca. Também desfilaram como destaques nessa etapa Anick Malvil ("Jurema") e Doralice ("Pedras preciosas").

Já na segunda parte surgiram os estandartes do ritual africano. A Ala das Baianas foi dividida em duas: na tradicional, de verde e rosa, as lavadeiras do Abaeté; na outra, fantasiada de branco, com potes prateados e enfeitados com flores (referência à Lavagem do Bonfim), as mulheres indo à lagoa em romaria. Coube à destaque Edite personalizar Iemanjá, à frente de ritmistas de afoxé, e de uma representação de Mãe Senhora, importante mãe-de-santo da Bahia, além de um grupo de capoeira.

A terceira parte mostrou-se ainda mais rica, contando as lendas da lagoa encantada, com algas, pérolas, conchas, peixes e cavalos marinhos. Foi nesse setor que a Mangueira mais gastou, como bem o enredo pedia. Diz a lenda que no fundo da Lagoa do Abaeté há um palácio encantado, onde mora um príncipe com sua corte de ninfas e nereidas. Ele é o dono dos peixes e das forças misteriosas da natureza. Quando ele quer seduzir alguém, se apresenta ora como homem ora como mulher, de acordo com o sexo de quem deseja conquistar. Toda essa riqueza enfeitou um carro de cinco metros de altura por quatro de largura, o único além do abre-alas. Os adereços completaram a o cenário: candelabros de cristal, salvas de flores, pérolas e fitas.

Para ter uma boa idéia de como a Mangueira se exibiu naquele ano, basta olhar uma foto na capa do LP dos sambas-enredo do carnaval de 1974 que, como de costume, mostra o desfile da campeã do ano anterior. Os adereços de mão eram feitos com uma bola de isopor com desenhos em

preto de figuras mágicas: círculos para os olhos, triângulos o nariz, e retângulos enfileirados os dentes. Chapéu decorado com fita prateada e braceleira com ráfia cor de rosa. O resto da fantasia era composto por dois pedaços de pano estampado com motivos indígenas, presos à cintura por uma tira no mesmo padrão, formando uma espécie de saiote. Para as mulheres, um bustiê cor-de-rosa. Tudo muito prático para permitir a boa evolução dos sambistas da Mangueira.

Sétima a desfilar, antes do amanhecer de segunda-feira de carnaval, depois da Portela e do Salgueiro, a Mangueira entrou com o asfalto molhado pela chuva, mas deixou a Avenida Presidente Vargas como a melhor escola até aquele momento. Bom sinal. Mas ainda faltavam a Unidos da Vila Isabel, a Mocidade Independente de Padre Miguel e, aí sim uma ameaça ao título da verde-e-rosa: a Império Serrano.

Como se esperava, a escola de Madureira fez um belo desfile e a cantora Marlene puxou o samba, ajudando a por a Império Serrano na disputa do título com a verde-e-rosa.

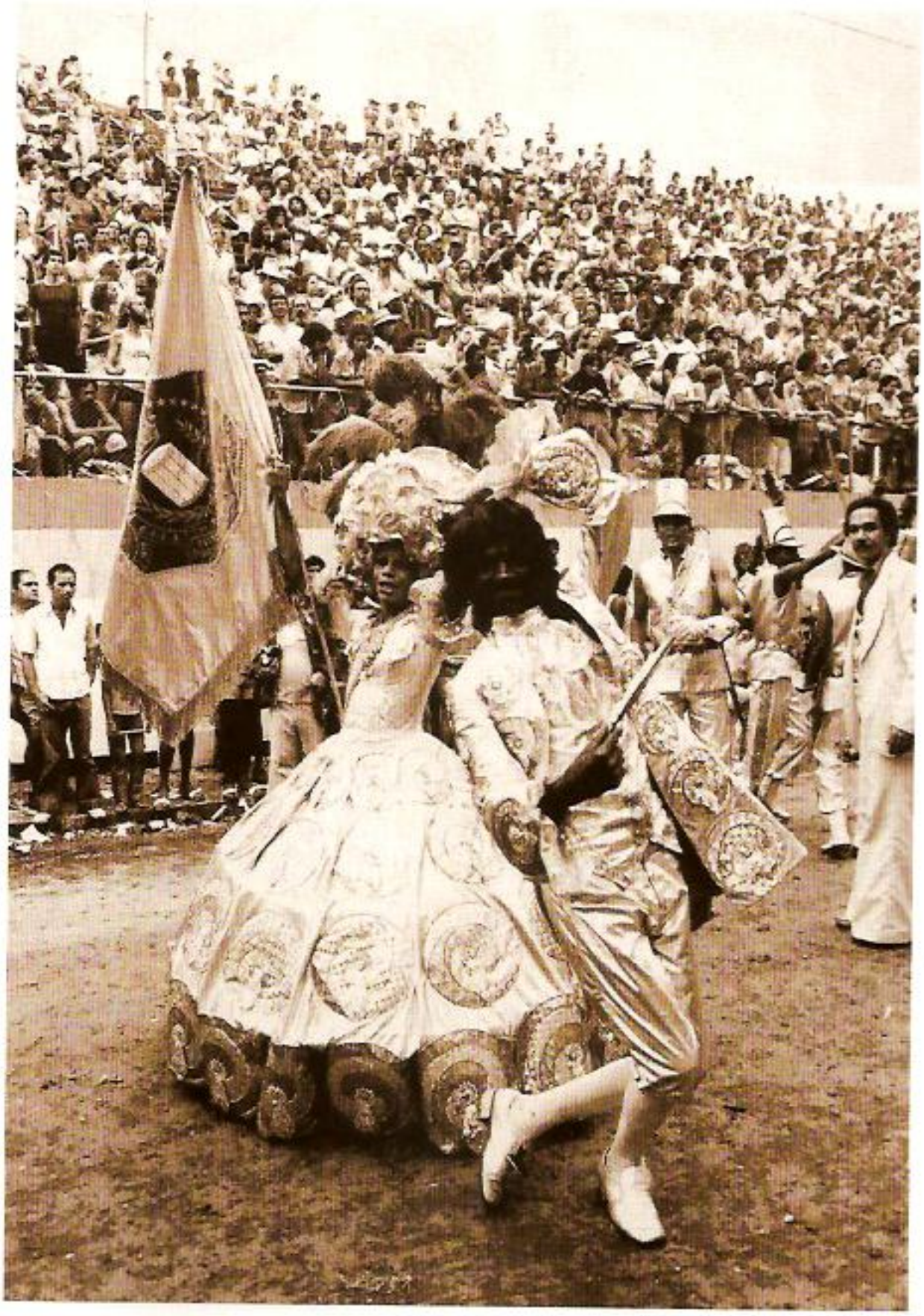
Naquela época, o resultado não saía na Quarta-Feira de Cinzas, como hoje: era preciso esperar até a sexta-feira seguinte. Enquanto isso, a ansiedade dos mangueirenses ia aumentando. Nos jornais e rádios, o noticiário levantava a questão e se incumbia de subir a expectativa: quem venceria? Mangueira ou Império Serrano? Pois foi justamente o samba-enredo que decidiu o carnaval para a Mangueira. No primeiro quesito a ter suas notas anunciadas, alegorias, as quatro grandes da época (Mangueira, Salgueiro, Portela e Império Serrano) tiraram nota máxima. No segundo quesito, letra do samba, o Salgueiro levou quatro pontos e as outras cinco pontos, a nota máxima. No quesito fantasia quem perdeu um ponto foi a Portela.

A arrancada verde-e-rosa começou com o julgamento de melodia: só a Estação Primeira ganhou a nota máxima. Quando foram lidas as notas do quesito evolução, no Morro de Mangueira todo mundo já sentia o gosto de vitória. E Mangueira derrotou o Império Serrano por 59 a 58. Coube a Juvenal Lopes, então presidente de honra da verde-e-rosa, responder com ironia àqueles que achavam que a festa da vitória seria em Madureira:

–Falaram tanto no Império e deu Mangueira. Eu já sabia. Não discuto política com político, mas de samba entendo porque fui criado nele.

A quinta década da Estação Primeira também marcou a sua afirmação como celeiro dos melhores mestres-sala e porta-bandeiras que a cidade já viu desfilar. Basta olhar a galeria dos ganhadores do Estandarte de Ouro do jornal **O Globo** para se ter uma idéia. Neide ganhou cinco prêmios consecutivos (1972 a 1976), Delegado ganhou dois (1978 e 1982) e Élcio PV ficou com o de 1973. Também foram premiados Zequinha (1972) e Robertinho (1991). Tantos prêmios para Delegado e Neide não causam surpresa a quem viu a dupla dançar. Esguios, de porte elegante e sorriso aberto, a dupla tinha um entrosamento perfeito. Bastava um gesto ou

Neide e Delegado mostram no asfalto um balé de elegância e beleza.





Entre as filhas Tatiane e Marilene, Mocinha, também uma famosa porta-bandeira nota 10.

mesmo um olhar que o parceiro entendia o que era necessário fazer. Hoje integrante dos Baluartes (grupos de componentes antigos que se destacaram na escola), Delegado foi um mestre-sala que aliava elegância a uma pitada de malandragem. Já Neide, falecida em 1980, impressionava pela altivez e a postura firme com a bandeira verde e rosa.

Se as qualidades técnicas fizeram a história da dupla, o mesmo se pode dizer do folclore em torno de seu relacionamento. Quem os via tão bem entrosados não imaginava que, fora do carnaval, não se entendiam de jeito algum. Dizem até que, durante os desfiles, trocavam discretos desaforos. Tudo obviamente sem perder a pose nem o sorriso, com uma fleuma de dar inveja a nobre inglês.

Quando Neide morreu, ninguém teve dúvida de quem seria sua sucessora: Rivailda Nascimento Souza, ou, como todos a conhecem, Mocinha. Afinal, além da inegável competência para dançar, seu caso de amor com a Mangueira já durava 25 anos. Nesse tempo todo, ela foi a segunda porta-bandeira, tendo substituído Neide apenas em 1966, e resistiu a vários convites para ser a primeira em outras escolas. Mas sua fidelidade à Estação Primeira valera a pena: Mocinha ganhou os Estandartes de Ouro do jornal **O Globo** em 1980, 1981 e 1984.

Além disso, sua origem não poderia lhe dar melhores credenciais para ocupar o posto: nascida numa família do Bloco dos Arengueiros, Mocinha é sobrinha de Dona Raimunda, a primeira porta-bandeira da verde-e-rosa. E outra tia, Isabel, bordou a primeira bandeira da escola.

A Mangueira não teve por acaso tantos mestres-sala e porta-bandeira de primeira linha. Afinal foi seu sempre lembrado Marcelino José Claudino, o Maçu, que se inspirou nos desfiles dos ranchos para introduzir a inovação na apresentação do samba.

Assim, a tradição da dança em Mangueira passa de pai para filho. Que o diga Marco Antônio Rodrigues, o Marquinho, filho de Lilico, outro grande mestre-sala da Estação Primeira. Cria da escolinha da Mangueira, ele assumiu o posto há sete anos, com a responsabilidade de estar num lugar que já fora de seu pai Lilico, Delegado, Élcio PV e Robertinho:

– Na primeira vez que desfilei como primeiro mestre-sala, valendo ponto, tive até dor de barriga. No início, havia críticas porque a Mangueira é muito tradicional e fica de olho na rapaziada que vem chegando. Mas não me incomodei. Afinal, artista vive de críticas e elogios.

Marquinhos tem na Passarela a companhia de Geovana da Silva Justo, de 23 anos, filha de Orlandi Pascoal Justo e Djair da Silva Justo, esta componente da Ala das Impossíveis. Geovana começou na Ala das Crianças e, a convite do coreógrafo Dalmo José, passou a ser porta-bandeira. Chegou a desfilar no bloco Unidos da Villa Rica, hoje escola de samba, na Flor da Mina e na Paraíso do Tuiuti. Seu estilo é vigoroso, com passos firmes mas sem perder a leveza.

Inicialmente, a quadra não fora coberta. A idéia dos arquitetos José Leal e Sabino Barros era fazer algo confortável e funcional mas com características de um autêntico terreiro de samba, a céu aberto. Um projeto romântico, sem dúvida, mas nada prático: nos meses de janeiro e fevereiro, em plena fase pré-carnavalesca, o Rio sofre freqüentes temporais, as tradicionais chuvas de verão. Ou seja, se a escola conseguia ter uma quadra moderna e confortável, conservando o ambiente de fundo de quintal, por outro lado, tinha prejuízo: em dias de mau tempo o ensaio era cancelado.

Um problema muito sério, pois é justamente em janeiro-fevereiro que as escolas de samba precisam arrecadar mais para arcar com as despesas de confecção das fantasias e alegorias para o desfile. No caso da Mangueira, a necessidade de faturar era ainda maior, de vez que tinha que honrar as dívidas contraídas na construção da nova sede. Além disso, mais ainda que nos anos 60, nos anos 70 a estética dos desfiles se aprimorava,

exigindo cada vez mais gastos das escolas. O carnavalesco Joãosinho Trinta, campeão ano passado com a Unidos do Viradouro, venceu cinco carnavais seguidos e nas cinco ocasiões fantasias e alegorias bem elaboradas foram decisivas para a vitória. Desde então, ninguém mais teve dúvida de que seria mais difícil vencer tão somente com "samba no pé".

Em resumo, era preciso cobrir a quadra o mais rapidamente possível. Dito e feito. Em 28 de abril de 1977, quando completou 49 anos, a Mangueira concluiu essa obra, festejada com um grande show de Cartola, Nelson Cavaquinho, Jamelão, Sônia Lemos, Emilinha Borba, Alcione, Beth Carvalho, Leci Brandão e Carlinhos do Pandeiro. Essa cobertura , que começou em outubro de 1976 e terminou em 17 de abril do ano seguinte, foi realizada pela empresa Idel Engenharia ltda, sob a supervisão do arquiteto Sabino Barroso, ao custo de CR$ 600 mil, verba doada pela Prefeitura do Rio de Janeiro. A Mangueira foi assim a primeira escola carioca a se beneficiar do plano do então prefeito Marcos Tamoyo de facilitar a cobertura das quadras de escolas de samba que tinham terrenos próprios.

A quadra continuou pintada de verde e rosa. Foram colocados 12 pilares de aço, seis em cada lado, para sustentar a estrutura metálica, base das telhas de amianto de seis metros de comprimento cada uma. A oito metros do solo, a cobertura não afetou esteticamente o ambiente. Os pilares foram pintados de branco, a mesma cor da estrutura metálica, e para a parte do meio foi planejado um vão, com algumas telhas colocadas em nível mais baixo, preservando-se assim a acústica.

Se a inauguração do Palácio do Samba representara a arrancada para o título de 1973, a cobertura da quadra marcou a recuperação da Mangueira do desfile de 1977, quando ficou em sétimo lugar, para um desfile que só obteve o vice-campeonato mas marcou a memória sentimental dos mangueirenses. Em 1978, a verde-e-rosa comemorou seu cinqüentenário com o enredo **Dos carroceiros do imperador ao Palácio do Samba**. Na verdade, um carnaval emocionante e caracterizado por dificuldades financeiras. Ao completar meio século, a verde-e-rosa estava com um olho nos preparativos do desfile e o outro nas contas. A dívida contraída para construir o Palácio do Samba só fizera aumentar desde 1972. Os CR$ 2 milhões iniciais haviam crescido para CR$ 7 milhões,

No ano do cinquentenário a Estação Primeira contou no desfile toda a sua História: "Dos carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba



culpa da inflação, dos juros e da correção monetária. Para fazer frente a esse débito, era necessário que a quadra enchesse em todos os ensaios, já que a Mangueira precisava arrecadar no mínimo CR$ 21 mil por mês. Apesar de todos os problemas, o que se viu na Rua Marquês de Sapucaí (no primeiro ano em que o desfile aconteceu lá) foi uma escola aguerrida e sem constrangimento de mostrar a sua cara. Se nos dois anos anteriores o verde e o rosa foram usados de maneira mais discreta, em 1978 a Mangueira enfatizou com orgulho as suas cores.

A marca da Mangueira estava em alas representando as lavadeiras com trouxas e latas d'água na cabeça, as iaôs (filhas de santo) e os meninos da Estação Primeira. A crise obrigou a escola a gastar menos que no ano anterior, apostando na simplicidade. O que, para a maioria mangueirense, justamente faz a escola ser diferente das outras. Naquele ano isso ficou mais evidente, porque a campeã, Beija-Flor, desfilou antes da Mangueira, fazendo o contraste entre o luxo e a simplicidade. Além do título oficial, a Beija-Flor ganhou o Estandarte de Ouro de melhor escola e até uma pesquisa de opinião pública antes do carnaval a apontava como favorita.

Mas quando a Estação Primeira entrou na Passarela com Cartola, Carlos Cachaça, Juvenal Lopes, Nelson Cavaquinho e outros Baluartes fantasiados de Imperadores do Samba, ficou claro que nem só de grandiosidade e tecnologia se faz um grande carnaval. É indispensável emoção, coisa que naquele dia se vestiu de verde-e-rosa. Como sempre.

O desfile foi dividido em três partes: a Corte, o morro e a escola. Na primeira parte, foi lembrado o primeiro carroceiro do imperador dom Pedro II, que foi morar no Morro do Telégrafo, parte do Complexo da Mangueira. Por conta disso, uma das alegorias era a carruagem imperial, com cavalos brancos, o brasão do Império e um pequeno sambista do morro fantasiado de cocheiro. Em seguida, os escravos e os nobres da Corte de dom Pedro II, representados por destaques. O casal dom João VI e Carlota Joaquina foi vivido na passarela por Wilson e Zinha. Carlos Vitor e Jandira representaram dom Pedro I e dona Leopoldina. Ivan Feijão e Maria Ramos lembraram dom Pedro II e a princesa Isabel.

A segunda parte mostrou a vida no morro, vindo na terceira a formação da escola. Os destaques e alas representaram os grupos carnavalescos que antecederam a Mangueira: Bloco dos Arengueiros e Rancho Príncipe das Matas, entre outros.

Um comentário da jornalista Atenéia Feijó, publicado na revista "Manchete", registra bem o que foi o desfile da Mangueira naquele ano. Inspirada, ela previu e acertou quais seriam as duas primeiras colocadas:

"O asfalto molhado, o céu encoberto e a ressonância do tri gritado nas arquibancadas para Beija-Flor iam além dos limites do desafio. Eram oito e meia da manhã quando a velha senhora verde e rosa despontou. Superar a beleza, o luxo, leveza e organização do pássaro azul e branco (cores da Beija-Flor), só com aquele samba trazido do chão, com as raízes e a força da árvore antiga, rica de frutos e tradição. Então o desfile valeu, e muito, por ainda se poder descobrir as fantasias cortadas e bordadas em casa; sentir que ela mantém suas caracterís-
cas. Por isso, a velha Mangueira pode ser acusada de falta de impacto e



Parte das baianas em "Lendas do Abaeté" veio toda de branco, quebrando a tradição para obedecer ao enredo.

FOTO: NILTON CLAUDINO / JB



Os Baluartes, homens e mulheres que fizeram e fazem a glória da Mangueira, desde os primeiros tempos passando pelo cinqüentenário até os dias de hoje. Aí estão dezessete dos vinte e dois Baluartes da Mangueira. Da esquerda para a direita, atrás: Preto Rico, José Ramos, Tuninho Caolha, Ed Miranda, Roberto Paulino e Delegado; no meio: Nelson Sargento, Zé Crioulinho, Jamelão, Chiquinho Modesto, Tio Jair e Seu Tingüinha; na frente sentadas: Dona Onorina, Mocinha, Dona Zica, Dona Neuma e Tia Miuda.

grandiosidade – em termos plásticos. Assumida a acusação, ela deve ser mantida como demonstração de que lá ainda não existe um carnavalesco dominando a escola – massificando-a. Julinho continua o artista das alegorias de papelão. A bateria com nota dez e o veterano Waldomiro por perto ... Da volta do Delegado não é preciso falar. De Neide, a nota máxima, também não. Mangueira pode ficar com o segundo lugar. Ela merece, pelo menos em nome da tradição"

O vice-campeonato de 1978 não foi único da Mangueira em sua quinta década. Ela também esteve bem perto do título em 1969, 1972,1975, 1976. Desses, destaca-se o belo desfile de 75, quando a escola veio com o enredo ***Imagens poéticas de Jorge de Lima****, em homenagem ao poeta alagoano. Empolgada, compacta e com um belo samba, a verde-e-rosa foi eleita pelo Estandarte de Ouro a melhor escola. Mas na apuração oficial perdeu para o Salgueiro por apenas dois pontos: 108 a 106. O resultado causou grande polêmica, já que a escola da Tijuca foi acusada de trazer um enredo estrangeiro (****O segredo das minas do Rei Salomão****), contrariando o regulamento.*

Se na sua quinta década a Mangueira já se considerava vivida o suficiente para contar a sua própria história em enredo, 50 anos é a idade mínima para participar de um grupo muito especial da verde-e-rosa: a Velha Guarda. Formada por 40 homens e 40 mulheres, o grupo reúne mangueirenses com pelo menos dez anos de experiência na escola. Sua função principal é manter viva a lembrança das glórias da Estação Primeira, cantando sambas antigos e contando como foram os grandes desfiles.

– Fazemos isso na programação Galeria da Velha Guarda, todo sábado, das 20h até começar o ensaio – explica Ed Miranda Rosa, presidente da Mangueira de 1978 a 1980 e hoje na presidência da Velha Guarda.

O grupo tem organização própria, com presidente, vice, tesoureiro e secretários. Além do encontro de sábado, eles se reúnem às terças-feiras na Tendinha do Damião, na Olaria, uma das localidades da Mangueira, para tratar da confecção de fantasias, ler os ofícios mandados à Velha Guarda e combinar os próximos passeios. Eles têm uma "caixinha" e há

depósitos todos os meses em caderneta de poupança cuja finalidade exclusiva é financiar a roupa dos que não podem comprá-la à vista no carnaval. Ed acrescenta que a Velha Guarda já teve 120 componentes, mas foi reduzida, tornando-se mais seletiva:

— As pessoas às vezes nos interpretam mal, mas não dá para aceitar quem chegou ontem. Gente que até nem gostava de samba quando o sambista era malvisto e hoje vem dizer que é da Velha Guarda.

Naquele TEMPO...

Djalma dos Santos, o **Djalma Preto**, grande ex-presidente, o maior craque mangueirense dos bastidores dos desfiles de escola de samba, era muito gordo, baixo. Não era exatamente a figura de um Apolo. Mas não lhe faltava vaidade. No vestir, uma pessoa de oito ou oitenta. Ou estava de chinelos, calças e camisas poídas ou se o via usando as melhores camisas, calças feitas sob medida, sapatos caros e bem engraxados.

E as jóias. As jóias eram a grande paixão de Djalma. Gostava de anéis imensos, grossos cordões de ouro, enormes medalhões pendurados ao peito, largas pulseiras de ouro com o nome gravado em brilhantes.

E, mais ainda, fazia questão de exibi-las. Não corria qualquer risco de roubo, pois Djalma era respeitadíssimo em todas as escolas de samba e em todos os meios boêmios daquele Rio de Janeiro simpático, afável.

Nos ensaios, **Djalma Preto** ficava no centro da quadra e, claro, por seu volume e suas roupas, chamava muita atenção. Justamente nesses momentos é que ele fazia seu desfile de jóias. Procurava sempre uma posição para as mãos que colocasse em evidência seu enormes anéis faiscantes de ouro e diamantes. Era mão no rosto, como se alisasse uma barba imaginária, era mão passando lenta sobre a cabeleira branca, era uma coçada fortuita pelos lados externos do nariz.

Uma jóia de presidente é o que ele foi.

1969 Vice-campeã - Enredo **Mercadores e suas tradições**, samba de Hélio Turco, Darci e Jurandir. **1970** Terceiro lugar - Enredo **Cântico à natureza**, samba de Nei, Ailton e Dimo. **1971** Quarto lugar - Enredo **Modernos bandeirantes**, samba de Hélio Turco, Darci e Jurandir. **1972** Vice-campeã - Enredo **Rio, carnaval dos carnavais**, samba de Nilton Russo, Moacir e Padeirinho. **1973** Campeã - Enredo **Lendas do Abaeté**, samba de Jajá, Preto Rico e Manoel. **1974** Quarto lugar - Enredo **Mangueira em tempo de folclore**, samba de Jajá, Preto Rico e Manoel. **1975** Vice-campeã - Enredo **Imagens poéticas de Jorge de Lima**, samba de Tolito, Mozar e Delson. **1976** Vice-campeã - Enredo **No Reino da Mãe do Ouro**, samba de Tolito e Rubem da Mangueira. **1977** Sétimo lugar - Enredo **Panapanã, o segredo do amor**, samba de Jajá e Tantinho. **1978** Vice-campeã - Enredo **Dos carroceiros do imperador ao Palácio do Samba**, samba de Jurandir e Rubem da Mangueira.



Capriche no sorriso para a comissão julgadora.

Aquafresh Flex Direct. Você nunca viu uma escova com tanto molejo: seu cabo é flexível, evitando pressão sobre a gengiva. Além disso, tem cerdas arredondadas e alcança até aqueles pontos mais escondidos. Experimente. É dez em todos os quesitos.

Aquafresh homenageia os 70 anos da Mangueira.

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
0800-21-1529

Aquafresh FLEX DIRECT

Suave para suas gengivas
e perfeita para o seu sorriso.

OGC 33247743/0004-62

MECTUBO
Presente nos
70 Anos
da
MANGUEIRA

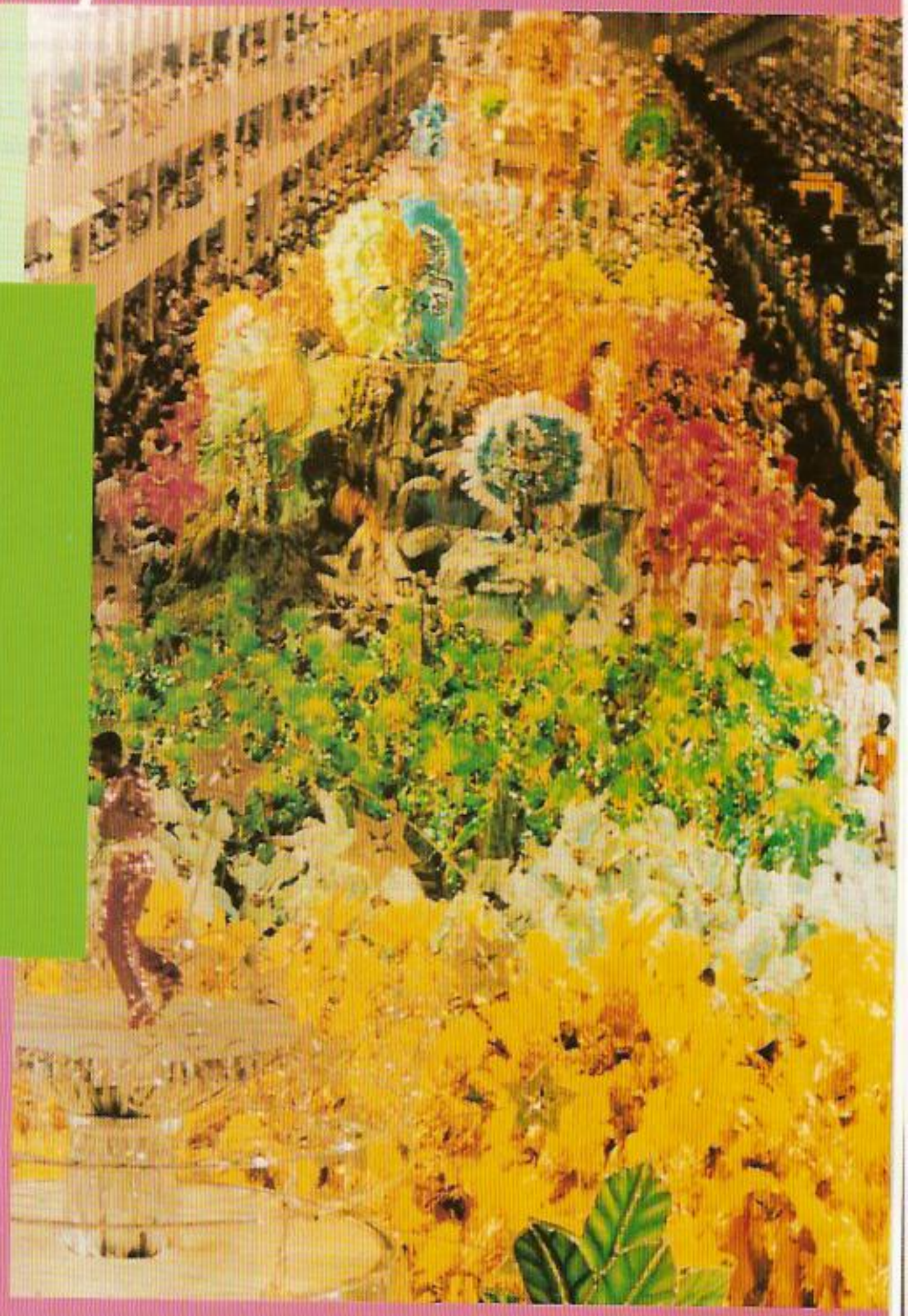
MECTUBO
ESTRUTURAS TUBULARES LTDA.
Av. Rio Branco, 45 sl.207/208
Centro - Rio de Janeiro
CEP: 20090-003
Fone/Fax: (021) 283-0403

Claudia Britto - Design Gráfico

Escola homenageia os que sempre a exaltaram

1979/1988

A Estação Primeira de Mangueira sempre conviveu com intelectuais, todos atraídos, principalmente, pela riqueza da sua Ala de Compositores. Desde os seus primórdios, a escola foi visitada por nomes como os dos compositores e cantores Noel Rosa, Francisco Alves, Mário Reis e o maestro Heitor Villa-Lobos.



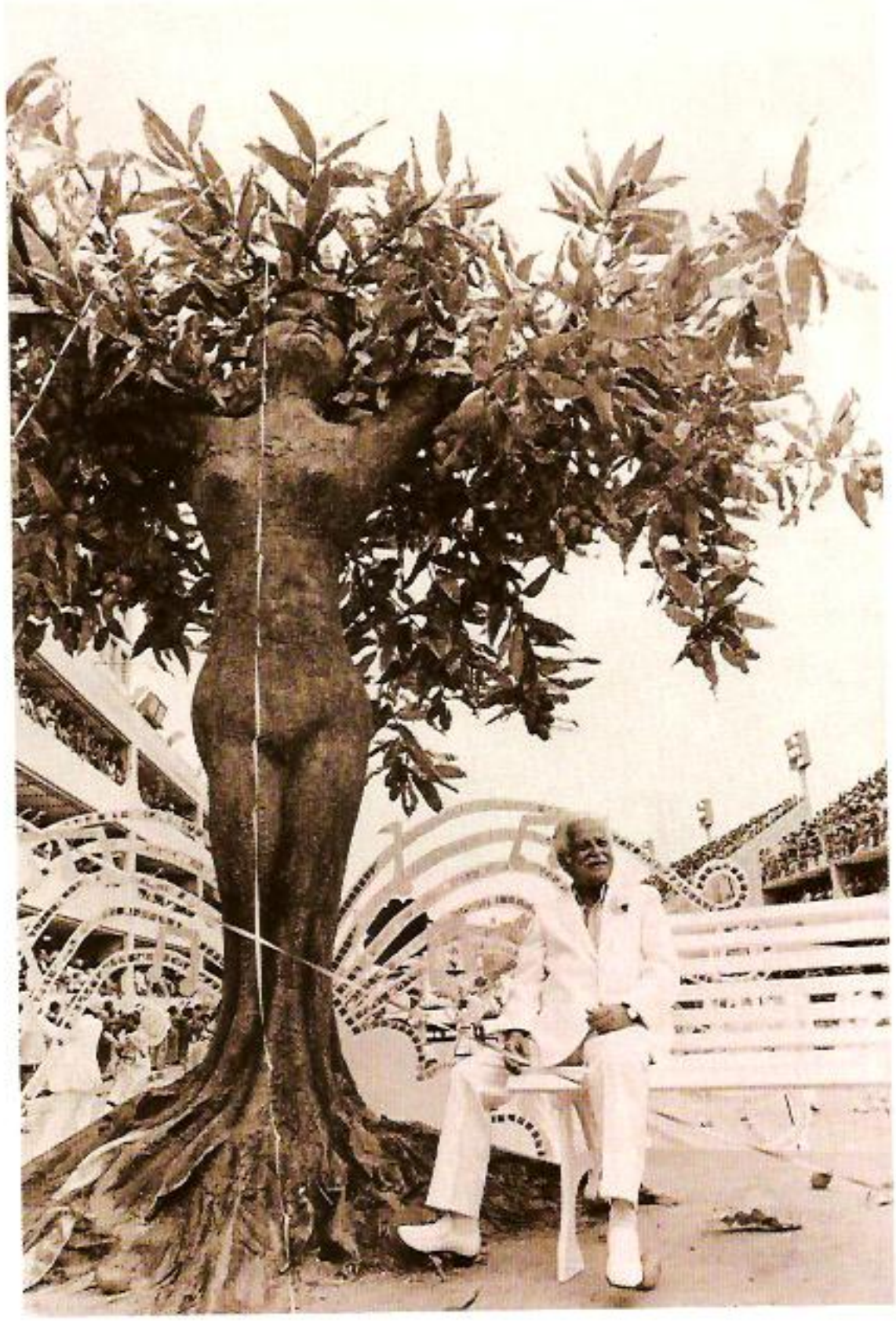
Mas a escola também sempre soube reverenciar essas personalidades, tanto que a Estação Primeira conquista em 1966 o segundo lugar no desfile com o enredo **Exaltação a Villa-Lobos**, com samba de Jurandir e Cláudio. O ano seguinte traz o campeonato para a escola com o enredo **O Mundo Encantado de Monteiro Lobato** e samba assinado por Hélio Turco, Darci, Jurandir, Batista, Luiz e Dico.

Em 1975 a Mangueira voltou a usar um intelectual como tema do seu enredo: o poeta Jorge de Lima cantado no enredo **Imagens Poéticas de Jorge de Lima**, no samba de Tolito, Mozart e Delson que deu o vice-campeonato à escola. Em 1984, na inauguração do Sambódromo, a verde-e-rosa realizou outro belo desfile e sagrou-se campeã com o enredo exaltando a vida e a obra do compositor João de Barro, o Braguinha: **Yes, nós temos Braguinha**, com samba de Jurandir, Hélio Turco, Comprido, Arroz e Jajá.

Vale registrar que essa bela vitória mangueirense é uma das mais históricas não só por ter sido obtida no primeiro ano do Sambódromo projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, como pela divisão do desfile em dois dias. O jornalista e pesquisador Sérgio Cabral relata em seu livro **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**:

"Diante da novidade, o desfile em dois dias, com sete escolas se apresentando em cada dia, a Riotur resolveu que deveria haver uma comissão julgadora no domingo e outra, diferente, na segunda-feira. Na decisão de sábado, uma terceira comissão apontaria a escola vencedora. No desfile de domingo, venceu a Portela. e no de segunda-feira, a vitoriosa foi a Estação Primeira. Com toda a facilidade a comissão julgadora de sábado apontou a Mangueira como a primeira campeã do Sambódromo, porque ela fora a grande sensação do desfile, não só pela magnífica apresentação diante do público e dos jurados, como pela utilização dada à apoteose sugerida por Darcy Ribeiro. Sendo a última a desfilar, a escola atravessou a Praça da Apoteose e, em vez de dispersar-se, como fizeram todas as outras escolas, fez a volta e ofereceu um desfile-extra ao público. Só que, na volta, não tendo mais a responsabilidade do julgamento, foi acompanhada por milhares de espectadores, que fizeram do seu samba-enredo a música mais cantada do carnaval daquele ano. Além da boa repercussão do desfile da Mangueira em 1984, havia outro detalhe que favorecia a escola: no domingo, a Portela ganhara o desfile com 203 pontos e, na segunda, a Estação Primeira somara 208. Vários fatores foram importantes na vitória da Mangueira, entre eles o trabalho do carnavalesco Max Lopes, mas não se pode esquecer da participação do cantor Jamelão como intérprete do samba-enredo, um espetáculo que, através dos anos, tem sido um dos pontos altos da escola.

"Campeonato bisado na homenagem a outro mito da nossa cultura: o compositor, cantor e pintor Dorival Caymmi no enredo ***Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira Têm,*** *com samba de Ivo, Paulinho e Lula. O ano de 1987 também trouxe mais um título de campeã para a Estação Primeira com* ***Carlos Drummond de Andrade: Reino das Palavras****, com samba de Rody, Verinha e Bira do Ponto".*



João de Barro, o Braguinha, no carro abre-alas, inicia o desfile campeão de 1984.

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade foi o enredo escolhido pela escola, sonho mangueirense atestado pelas palavras do presidente Carlos Alberto Dória para o jornal **A Voz do Morro** (julho de 1986): "Iniciamos nosso quarto mês de gestão com uma série de novidades. A primeira delas foi a escolha do nosso enredo – **O Reino das Palavras – Carlos Drummond de Andrade** – velho sonho da nação mangueirense hoje realizado.

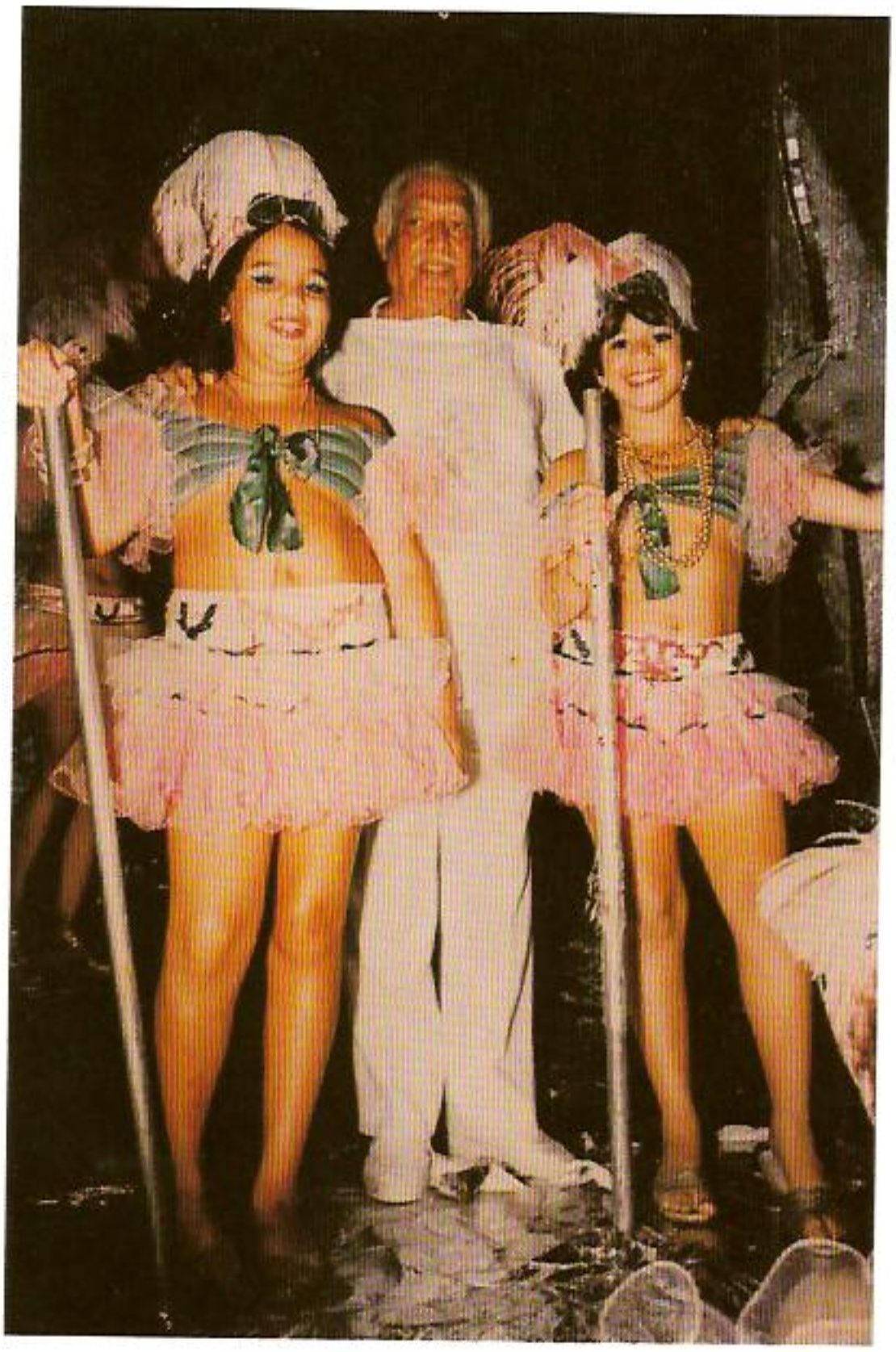
"A comissão de carnaval, sob a presidência de Walter Miranda, Vice-Presidente do Grêmio, já entregou aos compositores a sinopse do enredo, de autoria de Julinho e Nevinha Pinheiro. Nossos menestréis estão agora empenhados na produção do samba-enredo que levará nossa verde-e-rosa à Avenida. Dedos cruzados, minha gente, a Mangueira vem forte, se Deus quiser.

"A segunda novidade nos enche mais ainda de orgulho: o poeta maior da nação brasileira, tema de nosso carnaval 87 dedica à ***Voz do Morro*** *um poema que estamos publicando nesta edição. Obrigado, poeta! Tudo faremos para honrar seu nome na Avenida."*

Estampado na primeira página do jornal, o poeta escreveu de próprio punho o seguinte poema:

"Mangueira Desfila/ Mangueira tem uns astros.../ A nação mangueirense, essa nação/ altiva e pobre, toda musical/ celebra lá no morro suas glórias/ que vêm de muito longe, antes do samba,/ e no samba se fazem nacionais./ Este é Cartola, tímido e divino/ dizendo adeus a amores já passados/ saudando amores novos e florentes./Vêm Maçu, Juvenal e Saturnino/ Nelson Sargento, Padeirinho, Cícero/ Carlos Cachaça, Zé-com-Fome, Boco,/ Pelado, Alfredo Português tão nosso,/ Mestre Candinho, Hermes vereador!/ Todos vão desfolhando a rosa verde,/ mais trescalante do que a manga-rosa./ (Ó mestre-sala, lírica invenção/ de Estação Primeira entre as primeiras!)/ Um grupo valoroso de mulheres/ passa, e refulge sua tradição:/ Tia Tomásia, dama de Arengueiros,/ Dona Neuma Gonçalves, Dona Zica/ moquequeira sublime, Dona Miúda/ rainha negra, das frutas e do forno,/ outras mais, outras mais...Doce desfile,/ alma do Carnaval aberta em flor!"

O mesmo número do jornal **A Voz do Morro** registrava que "o enredo é realizado por Julio Pereira de Mattos, o Julinho, baseado em pesquisa e assessoria literária de Nevinha Pinheiro. Julinho já é velho conhecido dos mangueirenses dando campeonatos e vice-campeonatos. Recentemente, Julinho foi agraciado com o Prêmio 1986 do Rotary Club do Rio de Janeiro – São Cristóvão por ter desenvolvido belíssimamente o enredo que deu a vitória à Mangueira no Carnaval de 1986, ao contar a história de Dorival Caymmi."



Caymmi, o homenageado pela Escola em 1986.

Vale registrar que a Estação Primeira realizou um belo desfile tendo em sua comissão de frente, entre outros, o compositor Chico Buarque, o enredo de 1998. E o número 4 do jornal **A Voz do Morro** (agosto de 86) transcreve o agradecimento do poeta Carlos Drummond de Andrade à escola: "Rio de Janeiro, 22 de julho, 1986. Prezado Presidente Carlos Alberto Dória: De posse de sua amável comunicação, de 18 deste mês, venho agradecer calorosamente ao GRESEP de Mangueira a alta distinção que me conferiu tornando minha vida e obra literária tema de enredo para o seu carnaval de 1987. Sempre me habituei a ver na gloriosa Mangueira uma das forças mais representativas da nossa cultura popular. Por tradição, ela soube captar os senti-



Comissão de frente de "O Reino das Palavras: Carlos Drummond de Andrade" reuniu compositores e intelectuais admiradores do poeta.

mentos e aspirações do seu povo, transformado-os em matéria rica de criação artística, internacionalmente admirada. Por isso, o distinto Presidente e seus companheiros podem avaliar a emoção com que tive notícia da homenagem a mim prestada, e pela qual manifesto o meu profundo agradecimento. Todo o apreço e cordial simpatia de Carlos Drummond de Andrade."

Realmente, naquela manhã calorenta de segunda-feira a Estação Primeira de Mangueira fez um desfile daqueles de empolgar e emocionar todo mundo. O jornal **O Globo**, de terça-feira 3 de março de 1987, destacava em sua manchete que "Mangueira, Salgueiro e Beija-Flor salvam o primeiro dia de desfiles na Passarela." Repetindo, em sua edição de Carnaval, que "Mangueira brilha no amanhecer de uma festa 'dark'".

O jornal noticiava que o primeiro dia de desfile das grandes escolas na Passarela do Samba não teve o colorido dos anos anteriores, mas a estrela da Mangueira brilhou de manhã, entusiasmando uma platéia até então desanimada. Para homenagear Drummond – que não compareceu à Marquês de Sapucaí – saíram na comissão de frente compositores e intelectuais como Chico Buarque, João Nogueira, Aldir Blanc e Afonso Romano de Sant'Anna.

Outro intelectual ligado à Estação Primeira era o escritor, especializado em folclore, Luís da Câmara Cascudo, que sempre colaborou nas pesquisas dos enredos da escola. Tanto que o jornal **A Voz do Morro** de agosto de 1986 registrou todo o pesar da Mangueira no artigo "Adeus, Câmara Cascudo":

"Vítima de parada cardíaca, faleceu aos 87 anos, no dia 30 de julho, na Casa de Saúde São Lucas, na cidade de Natal, o grande amigo da Mangueira, Luís da Câmara Cascudo. Com o desaparecimento desse eminente brasileiro, perde a cultura nacional um dos seus mais ilustres e sobretudo um dos seus mais produtivos representantes. Câmara Cascudo era advogado, jornalaista, professor, historiador, antropólogo e folclorista, deixando cerca de 200 obras publicadas. Era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de todos os institutos históricos dos estados. No

exterior, pertencia entre outras entidades à American Folclore Society, à Sociedade de Folclore do México, à Sociedade de Geografia de Lisboa, à Academia de Ciências de Lisboa, ao Instituto de Coimbra, à Societé des Americanistes de Paris".

Das obras de Câmara Cascudo ocupa posição de relevo o famoso **Dicionário do Folclore Brasileiro,** sem o qual as escolas de samba teriam tido muito maiores dificuldades para desenvolver seus enredos quando ligados à cultura popular. A Mangueira utilizou o Dicionário e citou-o nas suas bibliografias referentes aos anos de 1961 (**Recordações do Rio Antigo**), 1964 (**História de um Preto Velho**), 1969 (**Mercadores e suas tradições**), 1973 (**Lendas do Abaeté**), 1974 (**Mangueira em tempo de Folclore**), 1976 (**No Reino da Mãe do Ouro**), 1977 (**Parapanã, o segredo do amor**), 1979 (**Avatar, e a Selva Transformou-se em Ouro**). Em 1975 a Mangueira consultou Câmara Cascudo na pesquisa para o enredo de 1976, **No Reino da Mãe do Ouro**, e recebeu dele a seguinte resposta: "25-VIII-75. Natal. Alcyone Vieira Pinto Barreto – Gratas saudações pelo envio das "Imagens Poéticas" do meu velho e sempre-vivo Jorge de Lima. Resumi, nos trechos essenciais e bibliográficos, Mãe do Ouro no Dicionário do Folclore Brasileiro, tomo 2º, INL, 1972. Constituirá roteiro suficiente. Sou velho devoto de Mangueira desde velho tempo da palhinha e camisa listada ao explendor contemporâneo."

João Ferreira Gomes, o Jota Efegê, colaborador do nº 1 do jornal **A Voz do Morro**, é outro intelectual da maior importância para a Estação Primeira e o Carnaval com seus livros de época, bastando citar o **Figuras e Coisas do Carnaval Carioca (Funarte, 1982)** e **Figuras e coisas da Música Popular Brasileira,** volumes I e II **(Funarte, 1978-1980).**

O jornal **A Voz do Morro** foi criado no dia 25 de março de 1935 na gestão do presidente Saturnino Gonçalves. Em seu número 8, de agosto de 1996, uma reportagem historia tudo:

"Jota Efegê conta que, no dia 25 de janeiro de 1935, Saturnino Gonçalves, Júlio Moreira, Cartola, Zé-com-Fome, Carlos Cachaça e mais alguns maiorais da Mangueira homenagearam com um almoço o repórter carnavalesco Luiz Correia de Barros, mais conhecido como Marron. Foi nesse encontro que nasceu a idéia de se publicar um jornal da Mangueira. Em março seguinte saiu o número 1 de ***A Voz do Morro****. O grande presidente Saturnino Gonçalves, que já dera à Escola a sua filha D. Neuma, tem a glória de ser o criador do primeiro jornal popular das favelas brasileiras."*

Marco Morel, no seu livro **Jornalismo Popular nas Favelas Cariocas** (RioArte, 1986) consigna o evento:

"E foi no legendário morro da Mangueira, como não podia deixar de ser, que surgiu o primeiro exemplar do jornalismo das favelas que se conhece: ***A Voz do Morro****, cujo número inaugural é de março de 1935. O jornalista responsável era Luiz Correia de Barros, o Marron. Depois desse primeiro número o jornal entrou em recesso por cinqüenta e um anos.*

"O segundo número só surgiu em junho de 86. Desta vez a honra da ressurreição coube ao Presidente Carlos Dória, em cuja gestão saíram os números 2 (junho de 1986) e 4 (agosto de 1986). Mas logo depois desses números publicados na gestão do Presidente Dória, ***A Voz do Morro*** *novamente entrou em recesso. Agora, por menos tempo – dez anos.*

"O Presidente Elmo José dos Santos, em sua plataforma de campanha para a presidência incluiu a promessa de reeditar ***A Voz do Morro****. E cumpriu. No número 5 do jornal, Elmo José dos Santos relembra, num*



PUBLICAÇÃO — MENSAL —

A VOZ DO MORRO

NUMERO AVULSO — 200 Rs. —

DIRECÇÃO DE LUIZ CORREIA DE BARROS (MARRON)

Orgão Official da Escola de Samba "ESTACÃO PRIMEIRA", de Mangueira

Redação e Administração
RUA VISCONDE DE NITHEROY, 348-1.º and.
Telephone 22-3190

Séde Propria da Escola de Samba "Estação Primeira"
TRAVESSA SANTO AMARO, 23
Estação de Mangueira

ANNO I | MANGUEIRA, MARÇO DE 1935 | NUMERO 1

O NOSSO PRESIDENTE

SATURNINO GONÇALVES, o distincto presidente da "Estação Primeira" de Mangueira. E' o "pae" da nossa escola de samba que muito em breve virá ao mundo. Queremos, por que a "Estação Primeira" de Mangueira tem actualmente, A VOZ DO MORRO (se assim nos podemos chamar) o seu berço glorificador.

O NOSSO AGRADECIMENTO

A VOZ DO MORRO quer agradecer aqui aos profissionaes da imprensa que cooperam para a sua confecção. E' o agradecimento sincero e sensivel que cumpre a luta escrevinhar e incessante dos jornaes em que trabalham, offerecendo á solicitação do nosso director e deputa as nossas paginas um pouco de seu esforço e fadiga.

E' a esse brioso de cores que ogulha á chronica carnavalesca da Cidade Maravilhosa que A VOZ DO MORRO quer patentear o seu agradecimento. A Arthur Cardoso (X. Pinto) e João Francisco Guerra (João Efegê), do Diario Carioca e Renato Preserra (X. Preta), do A Noite, os sinceros agradecimentos de A VOZ DO MORRO através o abraço enthusiastico e fraternal do confrade

LUIZ CORREIA DE BARROS (Marron)

SAMBA!

Samba...
Expressão musical da "Cidade Maravilhosa"!
Samba...
Lamento de uma dôr que "reera n'alma"!
Samba...
Exaltação da mulher que se traz no coração!

* * *

Nascido do samba, para o samba e pelo samba, aqui está o nosso jornal. Simples, sem requisitos de literatura, despido de adornos graphicos ele surge na hora H do Carnaval. No momento em que o frêmo do norte vem fazer "pandarel" ao samba do sul. Já quando Momo dita na Sebastianopolis aos seus vassallos que se dividem em democratas, lenentas e fenianos, mas que gravitam em torno de um só ponto — Carnaval...

E' no Carnaval dos morros, onde a gente pobre e adulta de agruras da vida recreia o espirito que traz atormentado, que vimos surgir.

A cidade na sua fedeira de luz, com a elegancia dos que nella imperam, vae ganhar actualidade quando o nosso jornalzinho lhe surgir aos olhos acostumados aos magazines de luxo e jornaes grisantes e dominadores.

Ha de lhe causar duvida que estas paginas hajam decidido os corinthos ingenuos do morro de Mangueira ao hoão dos sambas que ella canta enthusiasta e folgará na Avenida repleta, glorificando o deus da gallhofa.

Mas, a sua identidade se estabelecerá de prompto, pois que ellas não lhe falarão dos sambas desfilados em planos carnavalescos, só e exclusivamente, de sambas pobres e espontaneos que echôa no barracão como um hymno facil.

E aqui está, trazida pela "Estação Primeira", a escola carnavalesca, a Imprensa do morro. Não entrará nos salões de grandezas. Não será acolhida nos clubs onde a choreographia exporeia...

Não vale de nosso, não carregou um "smoking". Veio de camisa de [illegible] listada, e trouxe debaixo do braço um pandeiro...

UMA JUSTA HOMENAGEM

Dentre os sambistas que constituem um logar de destaque no carnaval da rapaziada que compõe o "Estação Primeira", destaca-se Angenor de Oliveira, o nosso popular "Cartola". E' delle, este canto de exaltação, como nos lhe pedimos o nosso coração. "Cartola" é o que deixa sambando com "alma e bamos" quando compõe um samba. Não é preciso publicar o seu retrato porque seu perfil já está estampado nos corações de todos que fazem parte da "Estação Primeira".

O HOMEM DO DIA

JULIO DIAS MOREIRA é o "emerito valsista" que substitue o nosso presidente ausente. E' o orgulho da "Estação Primeira". Mestre e sente forte guitarra de Mangueira, pois sabe-o attestando. "Sabe" dedilhar o orgulho de nossa confraria.

O CARNAVAL DOS MORROS, TRIUMPHANTE

Foi uma apotheose a chegada do "Cidadão Momo"

A séde historica de um grupo de jornalistas e caricaturistas patrocinados pelo "Cordão dos Tenentes", do fino ex-Momo phenomenal brasileiro, que representava a alma do Carnaval carioca, até victorioso.

O Cidadão Momo, que depois entrou-se e reinando no Momo, teve a oceasião de distinguir verdadeiros populares nella tenha a orientação do Carnaval brasileiro.

Foi a capital para a folhas da cidade que não se recorda nos annaes deste Carnaval [illegible] [illegible] [illegible]

breve artigo sobre as promessas de campanha já realizadas, que aquele exemplar efetivava a publicação prometida. Cabe ressaltar que a execução prática estava a cargo do Departamento Cultural agora sob a direção de Paulo Ramos e da professora Terezinha Labruna. A professora, que acumula os cargos de Diretora do Ciep Nação Mangueirense e Diretora Cultural do GRESEP de Mangueira é a executiva de ***A Voz do Morro.*** *No decorrer desses sessenta e um anos, o jornal manteve as mesmas características. O jornal aborda sempre assuntos da Escola, do Mundo do Samba, da cidade. Além disso, inclui sempre uma parte de cultura geral. O número 1 publicava versos de Jota Efegê, exatamente como o número 9, transcreve um poema de Carlos Moreira de Castro, o nosso Presidente de Honra. É por isso que a professora Teresinha utiliza* ***A Voz do Morro*** *como leitura pára-didática do ciep Nação Mangueirense.*

"Em seu primeiro número, de março de 1935, **A Voz do Morro** estampava, em seu cabeçalho, que era uma publicação mensal e o número avulso custava 200 Rs. sob a direção de Luiz Correia de Barros (Marron): " O órgão official da Escola de Samba "Estação Primeira" de Mangueira tem redação e administração na Rua Visconde de Nictheroy, 348, 1º andar, telephone 28-3390. A séde própria da Escola de Samba Estação Primeira é na Travessa Sayão Lobato, 23, Estação de Mangueira.

*"Esse número 1 trazia uma pequena apresentação assinada pelo "Marron" escrevendo que "****A Voz do Morro*** *quer agradecer aqui aos profissionaes da imprensa que cooperam para a sua confecção. É o agradecimento sincero a aquelles que cançados da luta quotidiana e incessante dos jornaes em que trabalham, attenderam à solicitação do nosso director e deram as nossas páginas um pouco de seu esforço e talento. É a esse terceto de ouro que orgulha a chronica carnavalesca da Cidade Maravilhosa que* ***A Voz do Morro*** *quer patentear o seu agradecimento. A Arlindo Cardoso (K. Rapeta) e João Francisco Gomes (Jota Efegê), do* ***Diário Carioca****, e Rimus Prazeres (K.Pêta), de* ***A Nação****; os sinceros agradecimentos de* ***A Voz do Morro*** *através do abraço enthusiástico e fraternal do confrade (Luiz Correia de Barros – Marron)."*

O editorial desse primeiro número intitulava-se simplesmente **Samba!:**

"Samba.../Expressão musical da Cidade Maravilhosa!? Samba.../ Lamento de uma dôr que mora n'alma/ Samba.../Exaltação da mulher que se traz no coração!"

"Nascido do samba, para o samba e pelo samba, aqui está o nosso jornal. Simples, sem requintes de literatura, despido de adornos graphicos elle surge na hora H do Carnaval. No momento em que o frevo do norte vem fazer "pendant"ao samba do sul. Já quando Momo dicta na Sebastianopolis aos seus vassalos que se dividem em democráticos, tenentes e fenianos, mas que gravitam em torno de um só ponto: Carnaval..."

O número 1 de ***A Voz do Morro*** *saudava, também em sua capa, o presidente Saturnino Gonçalves "homem cérebro" do conjunto de Mangueira, que está enfermo.* ***A Voz do Morro*** *faz votos pelo seu breve restabelecimento."*

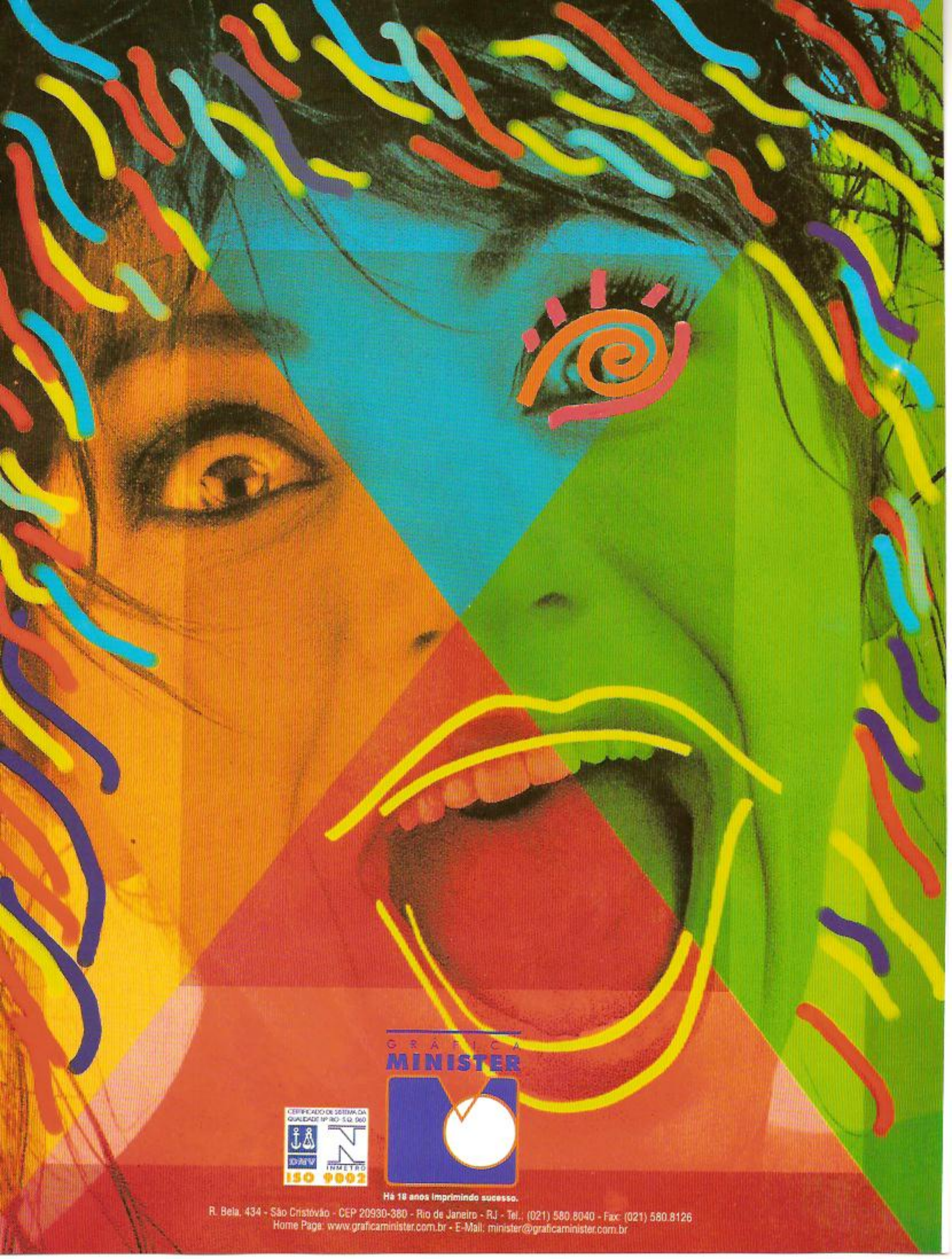
Sob o título "Uma Justa Homenagem", Cartola também já era focalizado: "Dentre os sambistas que conseguiram um lugar de destaque no coração da rapaziada que compõe a "Estação Primeira", destaca-se Angenor de Oliveira, o nosso popular "Cartola". É delle, este canto de columna, assim como lhe pertence o nosso coração. "Cartola" é o modesto sambista que "abafa a banca" quando compõe um samba. Não é preciso publicar o seu retrato porque seu perfil já está estampado nos corações de todos que fazem parte da "Estação Primeira".

Esse primeiro número trazia ainda reportagem sobre o desfile das escolas de samba na Praça Onze, a descrição do enredo da Estação Primeira para o carnaval de 1935, O Regresso de uma colheita na Primavera.

Esse primeiro número trazia ainda reportagem sobre o desfile das escolas de samba na Praça Onze, a descrição do enredo da Estação Primeira para o carnaval de 1935, **O Regresso de uma colheita na Primavera**. As letras dos sambas "Meu ideal", parceria de Carlos Moreira de Castro e Cartola e "Tragédia", de Cartola também foram publicadas.

O jornal **A Voz do Morro** é, hoje em dia, uma produção do Departamento Cultural do GRESEP de Mangueira assim constituído: Paulo Ramos (Diretor Cultural), Teresinha Labruna (Diretora Cultural). O editor é o jornalista Roberto Paulino, a tiragem mensal chega a cinco mil exemplares com distribuição gratuita e formam a equipe Carlos Pessoa, Edilson de Souza, Nádja Bandeira, Patrícia Bittencourt e Rodrigo Senra. As ilustrações são assinadas por Marcelo Garcia e os fotógrafos são Gilson e Edmilson. A redação e a administração do jornal funcionam na Rua Visconde de Niterói, 1.072. Telefone 567.4637.

Vale a pena registrar o acervo, reduzido ainda, que trata das escolas de samba em geral. Claro que sempre destacando seus fundadores, suas lendas, além de dissecar o funcionamento de uma escola. Caso do livro **Escolas de Samba em Desfile – Vida, Paixão e Sorte**, de Amaury Jório e Hiram Araujo (1969). A Estação Primeira de Mangueira está presente a partir da página 128 com um resumo de sua fundação, seus enredos e seus títulos, além de outros dados como o de que a Mangueira introduziu


GRÁFICA
MINISTER
CERTIFICADO DE SISTEMA DA QUALIDADE Nº RIO-SIQ-960
INMETRO
ISO 9002
Há 18 anos imprimindo sucesso.
R. Bela, 434 - São Cristóvão - CEP 20930-360 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 580.8040 - Fax: (021) 580.8126
Home Page: www.graficaminister.com.br - E-Mail: minister@graficaminister.com.br

JWT/COLUCCI

Durante os próximos dias

os satélites da Embratel serão os mais invejados do espaço.

vão levar ao mundo inteiro imagens da festa

mais animada e bonita que existe.

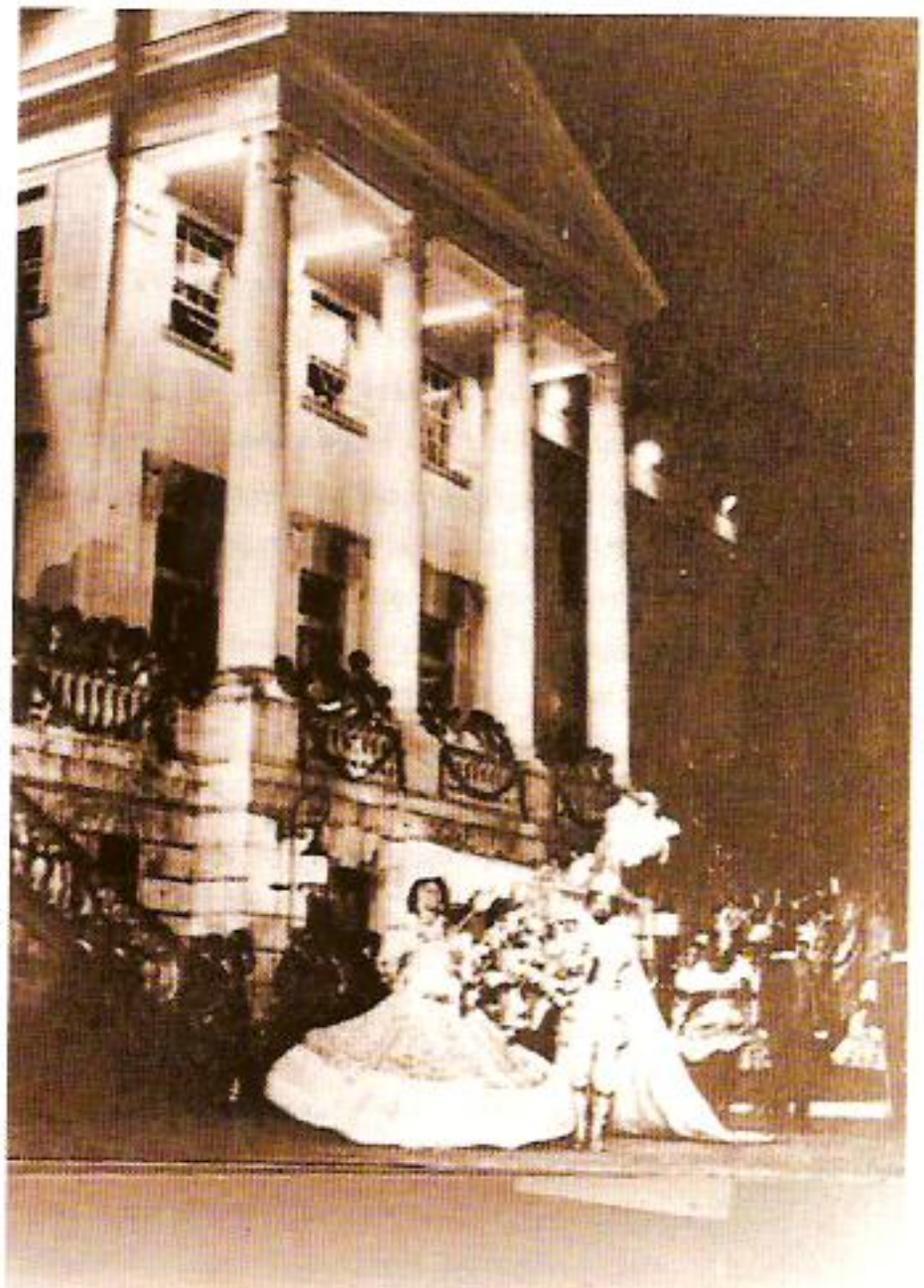
EMBRATEL. DIANTE DE VOCÊ. ADIANTE NO TEMPO.

São imagens como esta que fazem os nossos satélites entrarem em órbita.

EMBRATEL
SISTEMA TELEBRÁS
http://www.embratel.net.br

Ministério das Comunicações

Brasil EM AÇÃO



Na visita da rainha Elizabeth II ao Brasil, a exibição da Estação Primeira na Embaixada da Inglaterra.

na bateria das escolas de samba o pandeiro oitavado, lançado por Arturzinho. Foi ainda a primeira escola a criar a Ala dos Compositores e a substituir a gambiarra pela iluminação elétrica em suas apresentações carnavalescas. A Mangueira exibiu-se em 1968, com brilhantismo, na Embaixada Inglesa, perante a rainha Elizabeth II, da Inglaterra, sintetizando a homenagem de todas as escolas de samba do Brasil.

Escola de Samba – A árvore que esqueceu a raiz, de Candeia e & Isnard **(Editora Lidador, 1978)** é outra fonte de consulta sobre as origens das escolas, seu funcionamento, etc. Claro que esse livro enfatiza a História da Portela e do Quilombo, fundado pelo compositor Antonio Candeia Filho. O livro **Sambistas Imortais**, de J. Muniz Jr. (1976) também é outra fonte de consultas apresentando dados biográficos de 50 sambistas nascidos no período de 1850 a 1914.

Nessa galeria, a Estação Primeira de Mangueira ostenta as figuras de "Seo" Maçu, Satur, Mestre Waldomiro, Carlos Cachaça, Zé-com-Fome (Zé da Zilda), Mestre Cartola, Nelson Cavaquinho e Jamelão. Seo Maçu é assim retratado:

"Nos tempos do samba pesado, dos valentes e dos bambas, o Seo Maçu já era um batuqueiro considerado, pois tanto dava o seu recado nos pagodes, que se armavam nos festejos da Penha, como também nas batucadas da Praça Onze, onde entrava firme e decidido botando muita gente no chão com suas bábeis pernadas. Para ele, o rodízio da batucada braba daquela época (espécie de torneio entre os famosos batuqueiros) era negócio só pra quem podia encarar. Só ficava de pé quem tinha cartaz e, mesmo assim, num cochilo perdia o nome.

"Marcelino José Claudino nasceu no Rio de Janeiro a 7 de julho de 1889 (existem citações de que ele nasceu no ano de 1899) e desde menino gostava de assistir aos ranchos com seus coretejos majestosos, quando então ficava sempre de olho na figura elegante dos mestres-sala, que faziam suas evoluções coreográficas ao lado das porta-estandartes. Depois que entrou firme nas batucadas e tirou patente de bamba, além de marcar presença nas rodas-de-samba, passou a integrar os grupamentos de samba que surgiram na Mangueira, e era um dos que formavam a linha de frente do Bloco dos Arengueiros, que descia o morro com a finalidade de mostrar as aptidões dos bambas e valentes, que brigavam no braço, na perna, na base do pau e da navalha e que não se intimidavam com tiros. Mais tarde, foi ele quem teve a idéia da fusão dos grupamentos carnavalescos existentes no morro, e por ocasião da criação da Estação Primeira de Mangueira, figurou entre os fundadores e foi também o primeiro mestre-sala da escola.

"Apesar de simples carroceiro, era elegante e caprichoso, conforme recorda o cronista Jota Efegê: "Elegantemente trajado, numa "pinta de lorde" à Luis XV, cabeleira branca, bonito leque na mão direita, o sambista Marcelino, que era destro no "rabo de arraia", na "banda", aparecia agora esbanjando elegância. Era um galã conduzindo porta-bandeira, com figurações e filigranas coreográficas." ...

Maçu viveu sempre no morro, onde o autor o conheceu, junto da sua escola, e ainda nos últimos anos de sua vida, quando já havia sido erguido um "Palácio do Samba" em Mangueira (denominação da nova sede inaugurada em 1972) podia ser visto na quadra como um "ilustre desconhecido" pois, sendo um bamba do passado, ficava perdido no meio de doutores, intelectuais e artistas freqüentadores da escola...E lá no morro ele ficou até o fim da sua vida.

Seu passamento ocorreu na madrugada do dia 8 de maio de 1973 e o seu corpo foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, coberto com a bandeira da escola que fundou e que procurou defender até o fim de uma longa existência. Efegê registrou a morte de Maçu em sua coluna do jornal O Globo: "A homenagem, essa sim, que ele queria por ser a principal, e a última, a de ter o pano verde e rosa cobrindo seu caixão, ele a teve. Tal como é praxe nos funerais de quem deixou um nome, de quem realizou algo importante. E o velho Maçu, nos seus 70 anos de vida, além de mestre-sala pioneiro, foi também mangueirense e sambista de valor".

Outro mangueirense focalizado no livro **Sambistas Imortais** é "Satur", o presidente Saturnino Gonçalves:

"Sempre que se fala no samba carioca logo nos lembramos do Estácio de Sá, decantado bairro, onde pontificaram batuqueiros famosos e onde surgiu oficialmente a primeira escola de samba. E foi lá no estácio, a 11 de agosto de 1897, que nasceu Saturnino Gonçalves, um moreno claro, descendente de alemães, que dedicou parte de sua curta existência à Escola de Samba estação Primeira do Morro da Mangueira. Saturnino era um marceneiro de mão cheia, officio que aprendeu na infância com o pai, e mais tarde chegou a ser proprietário de casa de móveis, o que lhe deu uma razoável condição de vida. Mas pouco ligava para isso, pois ele gostava mesmo era de uma boa batucada, de boêmia e do carnaval.

"Desde os tempos do Estácio, devido a sua convivência com os grandes batuqueiros do bairro, aprendeu a tocar tamborim e a bater pandeiro razoavelmente bem, sem falar no bandolim, que apreciava muito. Dançava o partido alto, executava o prato de louça (raspado com uma faca) e quando chegava numa roda de bambas, gostava, igualmente, de dar uma pala dos sambas que fazia, muitas vezes, de improviso. Como não podia deixar de ser, logo se sentiu atraido pelo Morro de Mangueira, e desde princípios da década de 1920 já era visto constantemente circulando por lá. Depois que se entrosou com a moçada do samba, passou a integrar o célebre Bloco dos Arengueiros, que se destacava entre muitos outros de Mangueira, até que, em 1929, ao lado de José Spinelli, Bernardo Sapateiro, Maçu, Cartola, Lauro Gradim dos Santos, Carlos Cachaça, Jorge Candido, Chicão Porrão e outros, tornou-se fundador da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e inclusive o seu primeiro presidente.

"Ele gozava de um grande prestígio no Morro de Mangueira, sendo chamado carinbosamente de "Satur". E esse prestígio de líder do samba chegou a outros redutos, onde era também muito respeitado. Na época bavia uma grande rivalidade entre os bairros e os morros do Rio: cada qual exaltava o seu lugar, muitas vezes desmoralizando os adversários, que rebatiam as acusações durante os encontros na Praça Onze, cantando ou na base da pernada, do cacete ou da navalba. Coube ao "Satur" a tarefa de pacificador do samba. Acabou-se o tempo em que pela influência dos valentes, os batuqueiros se deixavam envolver por aquele clima pesado, como se adivinba pelos desafios: "O batuque é da arrelia/ na Saúde e na Gamboa/ mas da Favela a Alegria/ é dança de gente à toa". Por causa das demandas, "Satur" fez o seguinte samba: "Linda demanda/ existe no samba/ nossa luta é sem rancor/ Mangueira, Oswaldo Cruz e Estácio/ amizades estreitas em laço/ só por amor, só por amor". "Satur" adoeceu seriamente em 1933 quando ainda morava no Morro do Pedregulbo e, a partir de então, passou a residir em Mangueira, no sopé do morro, na Rua Visconde de Niterói, 952.

Além de ser cantada desde os seus primórdios, não só a Estação Primeira mas também Morro de Mangueira é focalizado em vários livros.

"Seu último carnaval foi o de 1935, ocasião que, em pleno domingo, a escola formou na antiga ponte defronte ao morro. A bateria tocou e em seguida todo mundo cantou o samba de autoria do Carlos Cachaça. E lá estava ele orgulboso de sua escola, ostentando uma indumentária verde-e-rosa mas, já bastante fraco, não resistiu e caiu desfalecido. Enquanto era carregado para casa por alguns diretores, a escola – atendendo a seu pedido – seguiu rumo à Praça Onze para dispular o primeiro concurso oficial. Pressentindo que estava perto do fim, Saturnino compôs então um samba que valeu como uma despedida: "Fiquei sem esperança / minba estrela já não brilba / perdeu todo o seu fulgor / só me resta sofrer com paciência / que no meio da existência / meu farol se apagou." Dois meses depois fecbou os olbos para sempre. Seu passamento ocorreu no dia 29 de abril de 1935 e o seu corpo foi velado em Mangueira, de onde o féretro saiu coberto com a bandeira da escola, carregado desde o morro até o Cemitério do Caju, onde foi sepultado. O cortejo fúnebre saiu de Mangueira e seguiu a pé: por onde passava os estabelecimentos comerciais e fábricas cerravam suas portas em sinal de pesar pelo falecimento do sambista. Antes de morrer, "Satur" pediu às suas três filbas, Neuma, Ulisséia e Dalila, que nunca deixassem a escola morrer. Das três, apenas Neuma continua morando em Mangueira, sempre zelando pelo prestígio da escola, cumprindo à risca a promessa feita ao pai. E para seguir com a sua missão, ela já apontou, como sua sucessora, a filba Chininba: Eli Gonçalves nasceu e foi criada no morro e, desde menina, vem defendendo as cores da escola fundada pelo avô.

Outro livro da maior importância é **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Lumiar Editora, 1996)** do jornalista e pesquisador Sérgio Cabral. Em suas fundamentadas 379 páginas desfilam os primórdios das escolas, o nascimento das escolas de samba e uma galeria de personagens como Cartola, Carlos Cachaça, Ismael Silva, Bide, Buci Moreira, Dona Ivone Lara, Mestre Marçal, Antonio Candeia Filho, Martinho da Boca do Mato e Fernando Pamplona, entre outros.

Além de ser cantada desde os seus primórdios, não só a Estação Primeira, mas também o Morro de Mangueira é focalizado em vários livros. O primeiro deles é **Mangueira, Montmartre e Outras Favelas**, de Brasílio Itiberê, resenhado no jornal **A Voz do Morro** (agosto 86) onde se lê que Brasilio Itiberê, compositor, folclorista, escritor reúne contos, crônicas, ensaios e histórias em seu livro.

"Encontramos aí um artigo "Pixinguinha, mestre de polifonia", um sobre "Roda de samba em Salvador" e, entre outros, um sobre o Morro de

Mangueira. Nesse último, o autor relata visita feita à escola de samba, em 1935, antes da morte do primeiro Presidente da Estacão Primeira, Saturnino Golcalves, falecido em abril desse ano.

"O mestre de Harmonia era o Seu Júlio. Ao chegar à escola, as pastoras cantavam um samba de Cartola, "Tragédia". A letra desse samba, até hoje inédito e guardado apenas na memória das velhas pastoras, está transcrita na segunda página do número 1 de ***A Voz do Morro****, de março de 1935. Prestai bem atencão que este é um samba do Cartola! Não ouvireis tão cedo um canto assim tão puro, nem linha melódica tão larga e ondulante. Atentai como é bela e como oscila e boia, sem pousar entre a marcação dos surdos e a trama cerrada dos tamborins."*

O produtor e compositor Hermínio Bello de Carvalho, consagrado estudioso do samba, tem encarecido a necessidade de se incentivar as pesquisas e os esforços dos pesquisadores. Hermínio chegou a acentuar, por escrito ou em entrevistas, ser preciso conscientizar comunitariamente os núcleos de sambistas que, aglutinados numa escola de samba, não se davam conta da importância da documentação que serviria, afinal, para se traçar historicamente a evolução de cada escola, desde sua fundação.

Hermínio acentua ainda:

"Isso eu vivia mais aflitivamente em relação à minha Mangueira, e quem de repente me acendeu esses faróis foi o Vianinha, que me sugeriu escrever um musical sobre a Estação Primeira, a partir de dados que eu colhesse junto à comunidade. O projeto (isso eu posso mais ou menos localizar em 1965, ano do ***Rosa de Ouro****) eu o esbocei, reunindo na casa de Cartola e Zica (meus afilhados de casamento) alguns dos mais expressivos elementos da Escola: Carlos Cachaça, Leleo, Zagaia, Preto Rico, Neuma, Padeirinho, Geraldo das Neves, Maçu...Por essa época andei de fotógrafo a tiracolo esmiuçando as biroscas do morro, entrevistando pessoas e ganhando, sem ter consciência disso, inspiração para o "Sei lá Mangueira" – que Paulinho musicaria logo depois. E com esse meu amigo e parceiro, eu falava muito da necessidade de nos colocarmos à frente das nossas comunidades para criarmos aquilo que seria, mais ou menos, uma espécie de "Banco de Dados" de cada agremiação. O Paulinho ficaria com o Candeia na Portela, o Elton na Unidos de Lucas, eu na Mangueira – e assim por diante. Levantar, por exemplo, todo o repertório de um Paulo da Portela, enquanto existisse quem ainda pudesse lembrar-se dos seus sambas. Concluindo: o musical não foi escrito, mas deu para que eu produzisse, em 1968, o* ***Fala Mangueira****, disco que reuniu Cartola, Nelson Cavaquinho e Carlos Cachaça, a Clementina de Jesus e Odete Amaral. E Paulinho traçou, num LP antológico e vigoroso, um pouco daquela idéia ao produzir essa obra-prima que é o album* ***Velha Guarda da Portela****. Construíamos assim, bem modestamente, o arcabouço do "Banco de Dados" – idéia que necessita ser retomada com urgência.*

Paralelamente ao aspecto apenas histórico, um importante livro que focaliza a Estação Primeira é O Palácio do Samba (Zahar Editores, 1975). O estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, escrito por Maria Julia Goldwasser, foi apresentado como tese de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em sua versão original.

Para a feitura do livro, a antropóloga acompanhou todo um ciclo anual de funcionamento da escola, de abril de 1973 a maio de 1974. Pela amplitude do trabalho de campo, pôde a autora descortinar a engrenagem por trás do desfile e surpreender a Escola em suas feições menos espetaculares, porém densamente significativas do dia-a-dia. Em suas 206 pági-



Caetano, que dedicara à Mangueira seu samba "Onde o Rio é mais baiano" foi homenageado com Gilberto Gil, Bethânia e Gal no desfile de 1994.

nas são enfocados o Palácio do Samba, Quem é mangueirense?, Organização Interna e Ideologia da Escola: o que pensa o mangueirense.

Cartola – Todo tempo que eu viver é outro livro que focaliza a vida e a obra do mestre Cartola apoiado em fotos de época e atuais. O livro, de Roberto Moura, editado pela **Corisco Edições (1988)** fazia parte de um projeto reunindo um documentário, fita cassete com depoimentos e músicas e um livreto com a **Poética de Cartola.**

Naquele TEMPO...

Delegado nasceu de uma família muito humilde, do Santo Antônio, na Mangueira, e seu pai teve 21 filhos. **Delegado** era dos mais moços. Tantos eram filhos e filhas que seu pai sequer sabia o nome de todos. Ficava sentado em frente á porta do barraco e quando queria alguma coisa, chamava o primeiro que estivesse por perto: *"Esse menino (ou "essa menina") vem cá.* Pelo nome jamais os chamava: corria risco muito grande de se enganar.

Como acontecia em muitas famílias pobres há uns 70 anos , **Delegado** e seus irmãos não foram registrados. Em meados dos anos 50, ele sequer sabia com certeza seu nome: tinha dúvidas se se chamava Ezio, Edio ou Elio. Hoje, está registrado como Edio, nascido em 1922. Mas não há quem possa jurar sobre a exatidão dessa data.

Durante um desfile, **Delegado** não desviou a tempo a cabeça da bandeira conduzida por Neide e que vinha rapidíssima. A bandeira roçou sua cabeleira e esta caiu. Foi um sufoco. Lá se iam por terra aqueles dez pontos tão garantidos.

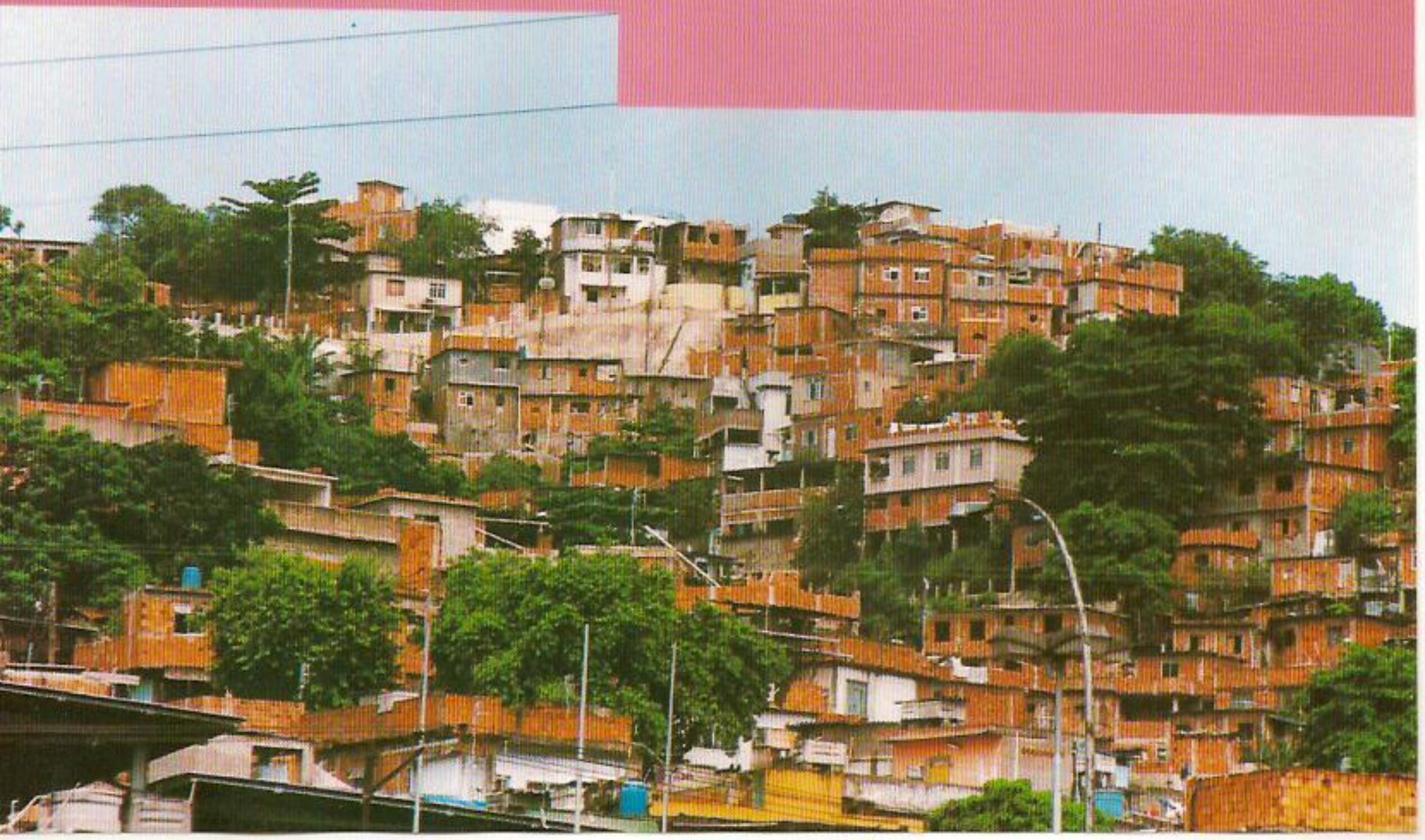
Mas **Delegado** não se afobou. Deu mais uma volta em torno da porta-bandeira, parou pouco à frente da cabeleira humilhada, que jazia no asfalto, e deu um de seus passos característicos: ajoelhava-se e dobrava o corpo para trás até tocar com a cabeça no chão. Só que, desta vez, tocou dentro da cabeleira e, orgulhoso, levantou-se com ela presa à cabeça. Só foi preciso um toque quase invisível para recompor-se. As arquibancadas tremeram de alto abaixo sob os aplausos a **Delegado.** E os dez pontos, mais garantidos que nunca.

1979 Quarto lugar - Enredo **Avatar, e a selva transformou-se em ouro**, samba de Tolito, Ananias e Rato do Tamborim. **1980** Quarto lugar - Enredo **Coisas Nossas**, samba de Carlos Roberto, Ney da Mangueira e Aylton da Mangueira. **1981** Quarto lugar - Enredo **De Nonô a J.K.** , samba de Jurandir, Comprido e Arroz. **1982** Quarto lugar - Enredo **As mil e uma noites cariocas**, samba de Flavinho, Heraldo Faria e Tolito. **1983** Quinto lugar - Enredo **Verde que te quero rosa...Semente viva do samba**, samba de Heraldo Faria, Geraldo Neves e Flavinho Machado. **1984** Campeã - Enredo **Yes, nós temos Braguinha**, samba de Jurandir, Hélio Turco, Comprido, Arroz e Jajá. **1985** Sétimo lugar - Enredo **Ô Abram alas, que eu quero passar**, samba de Jurandir, Hélio Turco e Darci. **1986** Campeã - Enredo **Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira têm**, samba de Ivo, Paulinho e Lula. **1987** Campeã - Enredo **O Reino das palavras: Carlos Drummond de Andrade**, samba de Rody, Verinha e Bira do Ponto. **1988** Vice-campeã - Enredo **Cem Anos de Liberdade e Ilusão**, samba de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho.

1989/1997

O orgulho da MANGUEIRA é a obra da comunidade

Vista assim do alto, Mangueira é um povoado que se espraia por um conjunto de morros perto da linha do trem. Dividida em minibairros – Buraco Quente, Chalé e Farias, Candelária e Telégrafo - se subdivide em largos, becos, ladeiras, ribanceiras e vielas que desembocam na Rua Visconde de Niterói. Do alto do morro vê-se uma cidade realmente maravilhosa: o Maracanã, o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, a Ponte Rio-Niterói, a Baía de Guanabara e a Quinta da Boa Vista.



MAPA do BURACO QUENTE



1. Sede do GRESEP (atual Palácio do Samba)
2. Buraco Quente (Travessa Saião Lobato)
3. Primeira sede da Escola (atual Associação de Moradores)
4. Casa do Seu Euclides, fundador da Mangueira, onde a escola foi nasceu
5. Casa da Tia Fé (antiga sede do Rancho Pérolas do Egito)
5A. Local de saída do Bloco dos Arengueiros
6. Casa atual de Carlos Cachaça
7. Primeira casa de Carlos Cachaça
8. Ciep – Vila Olímpica
9. Casa de D.Neuma e de Saturnino, fundador e o primeiro presidente de Mangueira
10. Casa de Dona Zica - Cartola
11. Casa onde Cartola morou com Deolinda
12. Casa do Tio Jair
13. Casa do Delegado
14. Chalé
15. Santo Antonio de onde saiam as pastorinhas do Seu Laurindo, pai de Dona Cecília e avô de Pelado. Sede do antigo Unidos da Mangueira
16. Pagode do Faria
17. Morro dos Telégrafos onde a Mangueira começou a ser povoada e onde foi instalado o primeiro posto de telefonia do Rio de Janeiro



Encoste a cabeça neste anúncio para pegar no sono mais rápido. Com a segurança do grupo BrasilSeguridade e a do Banco do Brasil, você e seus bens dormem tranqüilos. A Aliança do Brasil cuida muito bem dos seus bens, seu dinheiro vai crescer sempre seguro com a Brasilcap, a BrasilSaúde é uma doutora empresa para assegurar sua saúde e com a BrasilVeículos seu carro está em ótimas mãos. Boa noite. Disponíveis no Banco do Brasil.

Central de Atendimento: 0800-231032.

http://www.brasilseg.com.br - http://www.brasilsaúde.com.br - http://www.brasilcap.com.br

MAIS IMPORTANTE QUE ELA TE PROCURAR É ELA TE ACHAR.



E só para lembrar: o novo pager Companion da NEC é tão fácil de usar que você não vai ter problemas na hora de receber sua mensagem. São 4 linhas de 20 caracteres cada. Sem falar no design, que é o mais arrojado do mercado. Compre o seu. Não vai ser difícil achar.



Para maiores informações, ligue grátis para: Grande SP (866-9139) ou demais regiões (0800-111-632)

NEC

A Mangueira começou a ser habitada no final do século XIX por ex-carroceiros do Imperador, pequenos empregados do Paço Imperial, soldados e migrantes nordestinos em geral. Sendo um dos redutos mais tradicionais do samba, Mangueira sempre abrigou também uma série de manifestações típicas dos seus moradores: o batuque, o jongo, a Folia de Reis, a pernada, a macumba, o candomblé, a rica mistura das nossas raças.

No começo, era um terreno bonito, cheio de árvores frutíferas, principalmente mangueiras. E era justamente neste ponto que algumas pessoas pediam para o trem parar dizendo: "Vou descer nas mangueiras". E assim Mangueira foi batizada. E em 1889 foi construída a Estação da Mangueira da Estrada de Ferro Central do Brasil. Para Estação Primeira de Mangueira, em 1928, foi um pulo. O pulo dos "arengueiros" de Mangueira comandados por Cartola e Saturnino Gonçalves.

O bairro mais conhecido, o centro do Morro de Mangueira, é o Buraco Quente, pois lá foi fundada a Estação Primeira, na Travessa Saião Lobato, onde se instalou em 1936 a Escola Municipal Humberto de Campos, construída pelo então prefeito Pedro Ernesto. O Buraco Quente conta ainda com a Igreja de N.S. da Glória. O Chalé vem logo em seguida, ao lado do Santo Antônio, que ganhou esse nome quando um incêndio destruiu quase todas as casas do Morro de Santo Antônio, no Largo da Carioca, obrigando a maioria de seus moradores a se mudar para a Mangueira.

Mas o Buraco Quente é o local predominante da Mangueira. Imponente na sua modéstia, chama a atenção a casa do Seu Euclides onde a escola foi fundada. Na mesma Travessa Saião Lobato, nº 7 funcionou a primeira sede, transferida, mais tarde, para o nº 23. Hoje temos o Palácio do Samba, na Visconde de Niterói, rua onde morou um dos fundadores e seu primeiro presidente, o Saturnino, na mesma casa ocupada até hoje por sua filha, D.Neuma. Rua onde morou Cartola e onde mora D.Zica. Onde mora Carlos Cachaça. É o berço da Estação Primeira de Mangueira.

Referência saudosa era o "Ao Forte de Mangueira", misto de armazém e botequim situado na Visconde de Niterói entre o Lanifício Alto da Boa Vista e o antigo Café Paulista. Depois da morte do seu dono, o português Almeida, foi transformado em uma distribuidora de balas e doces. Durante a década de 50 era ponto de encontro dos bambas como Carlos Cachaça, Cícero, Ivete, Pelado, Nelson Sargento e Padeirinho e, às vezes, Cartola, mais fiel ao Bar Vitória, quase pegado ao Ao Forte de Mangueira.

O Santo Antônio transforma-se hoje no bairro chique, a Barra da Tijuca da Mangueira. É só edifícios de apartamentos em construção. De cimento, alvenaria, vários andares. Edifícios mesmo, nada de barracos. No início do século era o ponto de partida das Pastorinhas do Seu Laurindo, pai de Dona Cecília, avô do falecido Pelado. Seu Laurindo era também patrono do "Depois das Sete" e da "Escola de Samba Unidos da Mangueira", de cores rosa e azul-pavão, rival da verde-e-rosa do Buraco Quente. Da Ala de Compositores da Unidos fizeram parte Geraldo Pereira, Nelson Sargento, Alfredo Português, Pelado, Zagaia e de vez em quando até Nelson Cavaquinho.

Outro bairro de Mangueira é a Candelária, assim conhecido por ter sido a área doada à Irmandade da Candelária para a construção de um hospital que nunca ficou pronto. A Vacaria, situada acima do Santo Antônio, foi no passado um estábulo onde se criava gado e se vendia leite. Já a Olaria lembra a olaria do Gama, instalada no morro por volta de 1900. Lá morou e morreu Chico Porrão.

Existem ainda os bairros da Pedra, por causa do compositor Geraldo da Pedra e o Faria, onde aconteciam os pagodes. No outro lado do morro o Pindura-Saia tem esse nome porque as lavadeiras penduravam as roupas nos varais. Ele é também conhecido como Fundação porque lá funciona atualmente a Fundação Leão XIII. Seguem-se os bairros da Capelinha e da Joaquina. O Morro de Mangueira faz parte da VII Região Administrativa e tem 40 mil habitantes.

No começo, era um terreno bonito, cheio de árvores frutíferas, principalmente mangueiras. E era justamente neste ponto que algumas pessoas pediam para o trem parar dizendo: "Vou descer nas mangueiras". E assim Mangueira foi batizada.

A Estação Primeira, que venceu muitos carnavais, alicerçou-se nessas vitórias para criar em 1981 o Estatuto Social, com o objetivo de "pesquisa e enriquecimento do folclore através do desenvolvimento cultural e artístico de nossa música popular – o samba; prestação de serviços benefic entes, de natureza filantrópica; promoção de recreativismo, festas e reuniões educativas visando o incentivo e aperfeiçoamento moral e intelectual de seus associados, por meios próprios e outros convênios com repartições estaduais, municipais e particulares."

A partir de 1987, a filosofia da Escola sofre uma mudança: a preocupação com sua comunidade passa a falar mais alto. Surgem então os primeiros projetos sociais como a **Mangueira do Amanhã** (escola de samba mirim fundada em 15 de agosto de 1987, graças ao empenho e idealismo da cantora Alcione) e a **Vila Olímpica da Mangueira** onde se oferece às crianças do morro a oportunidade da prática de várias modalidades esportivas. Foi fundada em 30 de julho de 1987 por iniciativa do professor Francisco de Carvalho, o Chiquinho.

Desde então, a Estação Primeira de Mangueira vem desenvolvendo os seguintes projetos sociais, culturais, educacionais e profissionalizantes:



A diretora Terezinha Labruna diante do Ciep Nação Mangueirense, que alia ensino e preparação para a vida.



O atelier da Mangueira faz fantasias para a comunidade, um trabalho de dedicação e amor.



Sob as vistas do Presidente Elmo José dos Santos, Dona Zica e Dona Neuma inauguram o Posto Médico do Centro Sócio-cultural da Mangueira.

Jornal A Voz do Morro

Primeiro jornal de favela, criado em 1935. Só em 1995, na gestão do Presidente Elmo José dos Santos, teve sua publicação regularizada.

Projeto Afro-Brasileiro

Desenvolvido em parceria com o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) visa, através da música, a socializar e a educar cerca de 150 crianças e adolescentes da comunidade da Mangueira. É dirigido pelo maestro Oswaldo Brandão.

Centro Integrado de Educação Pública Mangueirense

Inaugurado em 28 de abril de 1995, apesar de ser uma escola estadual, é apoiado em suas diversas atividades pela Vila Olímpica e desenvolve o projeto **Artísticamente Mangueira**, em convênio com o GRESEP de Mangueira.

Creche Nação Mangueirense

Inaugurada em 1995 em um trabalho conjunto com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.

Barracão da Rua Equador

Local onde são construídos os carros e alegorias de cada carnaval, emprega artesãos e operários da comunidade da Mangueira.

Centro Sócio-Cultural da Mangueira

Trata-se de uma casa de espetáculos inaugurada em 29 de dezembro de 1995 onde são desenvolvidos projetos com meninos de rua (em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social), projetos com a Terceira Idade e projetos de saúde com a inauguração, em 28 de abril de 1997, do Posto Médico Comunitário, em parceria com a Golden Cross.

Atelier da Mangueira

Funcionando na área do Ciep, foi criado inicialmente para a confecção das fantasias das alas da comunidade, desenvolvendo, atualmente, a confecção de roupas em sistema de terceirização.

Projeto Olímpico da Mangueira

De cunho social e esportivo, é desenvolvido na Vila Olímpica e considerado internacionalmente o melhor projeto social implementado em países do Terceiro Mundo.

Projeto Cultural de Resgate e Preservação da Memória da Mangueira

Dentro da quadra do Palácio do Samba, na atual gestão, foram inaugurados em 3 de agosto de 1996 a Sala dos Troféus recebidos pela Mangueira e a Galeria dos ex-Presidentes . E o Cantinho da Velha-Guarda instalou-se a 28 de maio de 1997.

A Estação Primeira também participa de outras atividades comunitárias, como as festas juninas. A Mangueira é representada pela Ala Arte & Manha formada pelos integrantes da Quadrilha Campeã do Rio de Janeiro há doze anos, a Quadrilha do Sampaio. A Feira da Providência é outro evento da cidade a que a Escola também presta sua colaboração, com a boutique verde-e-rosa onde foram vendidos camisetas, malas, bonés, raspadinhas, agendas, chaveiros, bonés, etc. Tudo tendo como anfitriões e vendedores ilustres figuras mangueirenses, à frente D. Neuma, D. Zica, Mocinha, Delegado, Nelson Sargento e Jamelão. Contando sempre com a participação e o incentivo do Presidente Elmo José dos Santos.

A primeira sede da Estação Primeira de Mangueira foi na mesma Travessa Saião Lobato da sua fundação. Nascida no nº 21, na casa do Seu Euclides da Joana Velha, pai do João Cocada, sua primeira sede foi no nº 7, transferida, mais tarde, para o nº 23 da mesma rua.

Em seu livro **O Palácio do Samba**, a antropóloga Maria Julia Goldwasser, apresenta o depoimento de Antônio Ferreira de Souza, o Antonico Abóbora-d'Água sobre essa época: "A ida de Pedro Ernesto foi num dia de São Sebastião. Com o material que sobrou da Escola Humberto de Campos foi que construímos a sede na Saião: tínhamos os tijolos e a pedra. Só faltavam portas e janelas e o telhado. Aí que houve aquela choradeira, coisa e tal, botaram o telhado."

"Primeiro – continua Antonico – nós tínhamos aquela sede que o buffet era do lado de fora. A primeira sede tinha telhado, só não tinha porta e janela do lado de fora. A geladeira era uma dessas antigas. De manhã cedo, nós enchíamos a geladeira de cerveja, ela ficava do lado de fora, mas domingo nós guardávamos dentro da sede. Ficamos muito tempo assim."

Antonico explica que depois houve aquela enchente: "Então juntou Compadre Pedro, Otacílio, eu, pai de Nico, então nós fizemos uma Junta para botar gente mais ativa...A Ala dos Periquitos nessa época estava cem por cento e então o Chico também ajudou. Como é, vamos remodelar a sede? Cada um entrou com cinco mil réis. Seu Manoel, que era o homem do dinheiro, nós botamos ele nas alturas, aí ele disse: "Tá bem, vamos fazer a obra." Nesse interim, foi aí que entra Angenor Mulatinho, ele então, entra daqui, pede dali, arranjou as portas e janelas. Nós tínhamos três janelas de frente; com a modificação, ficaram quatro janelas de frente e

Tanto quanto nos anos anteriores, a bateria foi destaque no desfile *Os Tambores da Mangueira na Terra da Encantaria*



Djalma Arruda na coroa do surdo rei.

Lena Frias

Elegante, olímpico, o ex-jogador de basquete Djalma Arruda, presidente da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio-Liesa, resguarda-se sob uma aparência um pouco distante ligeiramente fria. Só aparência. É uma pessoa vibrante, dono de uma forte história de vida. Não raro se percebe atrás dos óculos de estilo executivo um olhar de surpreendente e contida ternura. É fugidio esse olhar, quase uma pequena luz. Mas está lá e se revela quando fala nas alegrias, nas vitórias e nas perdas que a vida impôs. Luz que se acende, intensa, quando a alma do guerreiro-Ogum Beira-Praia, pulsa na cadência do surdo-rei coroado. Coração generoso de Djalma Arruda, o primeiro Grande Benemérito da Estação Primeira de Mangueira, escola que há 40 anos ele carrega nos braços como se neles conduzisse o corpo da amada. Escola a que se devota há 60 anos quando, componente menino da verde e rosa, a via recolher das mãos de seu Walter Atab, dono de bazar numa rua engolida pela reurbanização dos terrenos onde hoje fica a UERJ, um troféu que o próprio seu Atab mandava fazer como ato de gratidão pela alegria de ver a Mangueira desfilar pelas ruas do bairro. Amada Mangueira de Djalma Arruda que lhe faz vibrar o coração safenado em verde e rosa.

O interessante é que Djalma, primeiro mangueirense a presidir a poderosa Liesa, nunca foi presidente da sua própria escola, embora haja sido sempre uma força, a eminência atrás do pavilhão sagrado, o homem que vezes sem conta tirou do próprio bolso os recursos para que a Mangueira pudesse montar o barracão e botar o carnaval na rua. "Tive muitas funções dentro da escola. Trabalhei até no bar – lavei muito copo, fui porteiro – do muito me orgulho e sempre achei que o importante era ajudar de forma geral . Nas últimas quatro décadas e uns quebrados exerceu todos os cargos possíveis e principalmente os impossíveis, representou a escola nas associações de samba e, mais tarde, na própria Liga, de que a Mangueira é uma das fundadoras.

Familiar à comunidade – morou uma época nas cercanias da colina, Djalma conhecia todo mundo e cultivou uma sólida amizade com o clã de Neuma Gonçalves, cuja filha Chininha fazia para ele "um chuchu à milaneza invejável". Junto com amigos como "o Policarpo, o Tio Jair, Azeitona, Walter, Nenen Coló, os irmaos Dória e outros cujos nomes me escapam, mas que estão presentes no meu afeto, fundou a ala técnica Só para quem pode *cuja reunião era todas as segundas em torno da celestial sopa de ervilha do bar da Aparecida. Todo dia Djalma batia ponto no armazém do Nezinho, no Buraco Quente. "Ia tomar minha cerveja e comer minha boa sardinha com a minha turma. Aquele morro era mesmo a minha vida". A Mangueira foi testemunha e madrinha até de seus amores: conheceu a mulher, Marlene, num ensaio de carnaval da escola. E foi solidária com ele na dor maior, quando um acidente levou Lúcio Flávio, o filho dileto. "Ele adorava a escola, era um verdadeiro*



Djalma Arruda, um mangueirense na presidência da LIESA

mangueirense..." Silencia mas os olhos dizem mais.

"O que me dói um pouco é que pelo cargo que ocupo no momento eu nao possa, por uma questão de ética, frequentar como gostaria a minha querida escola". Mas está entusiasmado com a gestão de Elmo, o atual presidente, cuja candidatura apoiou e a quem tem como um filho. "Ele está conseguindo o mais importante, que é a união da familia mangueirense. Ser campeão acontece, mas a união é fundamental e tem que ser permanente. Nesses 70 anos – e aí vão muitos títulos, o fundamental é a união, o peso e a tradição do samba na Estação Primeira. Sem desmerecer as co-irmãs, a Mangueira é a escola de mais peso do Brasil". E Djalma Arruda é um mangueirense com o mesmo peso dos baluartes que fizeram da Mangueira a Estação Primeira do samba.

Lena Frias é jornalista.

uma de lado. Aí já sabe: cada um cooperou. O falecido Padrinho cooperou muito, Antônio fez toda a instalação elétrica, Seu Manoel, aquele que era pedreiro. O Chico Porrão trouxe a pia da casa dele..."

Essa sede antiga funcionou até 1959 mas com o crescente prestígio das Escolas de Samba e da Mangueira em especial, o local ficou pequeno e os ensaios começaram a ser feitos na quadra de basquetebol do Esporte Clube Cerâmica. Passando, em seguida, a escola a ensaiar na Quadra Antiga, onde hoje se ergue o Palácio do Samba. Durante a construção do Palácio do Samba, nos anos 1971 e 1972 a Estação Primeira de Mangueira transferiu seus ensaios para o Sport Club Garnier, na estação do Rocha, vizinha de Mangueira.

A Mangueira já fizera um belo carnaval, com o enredo **Ô abram alas que eu quero passar.** Pela primeira vez a história de uma mulher passava pela avenida: Chiquinha Gonzaga, a quem a liberação feminina no Brasil e o carnaval carioca devem muito.

Cinco anos depois, em 1990, coube novamente à Mangueira trazer a público outra mulher notável, só que pouco conhecida: Olímpia Angélica de Almeida Cota, a Sinhá Olímpia, personagem folclórico das ruas de Ouro Preto. Considerada uma pioneira do movimento hippie no país, por andar com chapéus floridos e roupas coloridas, Sinhá Olímpia continuaria ignorada pela maioria dos brasileiros não tivesse a Mangueira aceitado a proposta dos carnavalescos Ernesto Nascimento e Fábio Borges, autores do enredo **E deu a louca no Barroco**.

Mais do que a vida dela, a Mangueira levou para a Passarela o universo mágico de Sinhá Olímpia, que contava histórias fantásticas: dizia ter sido coroada imperatriz do Brasil, ter conversado com Nossa Senhora para que ela livrasse Ouro Preto do Apocalipse e ter chorado tanto com a morte de Tiradentes, que suas lágrimas lavaram o sangue dele das ruas de Vila Rica. Por isso, afirmava Sinhá Olímpia, ela só se lembrava dele como um herói, e não com o rosto de mártir que aparece nos livros de história. Ganhador do Estandarte de Ouro do jornal **O Globo**, o samba-enredo de Hélio Turco, Jurandyr e Alvinho falava dessa singular Cinderela, dos seus delírios, de uma mulher que era a síntese do amor e da esperança em seus sonhos de liberdade.

O belíssimo desfile foi premiado com seis Estandartes de Ouro do **Globo**, mas um dos carros alegóricos quebrou, fazendo com que a escola perdesse cinco pontos no resultado oficial por não terminar o desfile dentro do tempo máximo permitido. Resultado: a Mangueira ficou em oitavo lugar. Mas o carnaval de 1990 registra uma das grandes apresentações da verde-e-rosa. Tanto que, na gravação do disco de sambas-enredo de 1996, seis anos depois, o puxador Jamelão cantou no início da faixa o refrão "Sou amor sou esperança/sou Mangueira até morrer", privilégio reservado aos grandes sambas de cada escola.

Quatro baianos famosos seriam homenageados pela Mangaueira em 1994: Maria Bethânia, Gal Costa, Gilberto Gil e Caetano Veloso, que tiveram suas principais músicas lembradas por alas e carros alegóricos no desfile desenvolvido pelo carnavalesco Ilvamar Magalhães. A letra do samba-enredo coloca nos últimos versos toda a sua empolgação: "Me leva que eu vou/ Sonho meu/ Atrás da verde e rosa/ Só não vai quem já morreu!"

O resultado foi um dos piores da história da escola: décimo primeiro lugar. Mas a Estação Primeira conseguira uma proeza de matar de inveja a maioria dos produtores musicais ao reunir em estúdio Gal, Caetano, Gil e Bethânia, que abriram a faixa do disco antes de Jamelão começar a cantar.

Naquele TEMPO...

Xangô arma a Estação Primeira para o desfile com incrível facilidade e competência. Dizia-se que **Xangô** arrumava a escola "com três apitos". E é verdade. Extremamente sério e responsável, não cede um milímetro quando se trata de defender a apresentação da escola.

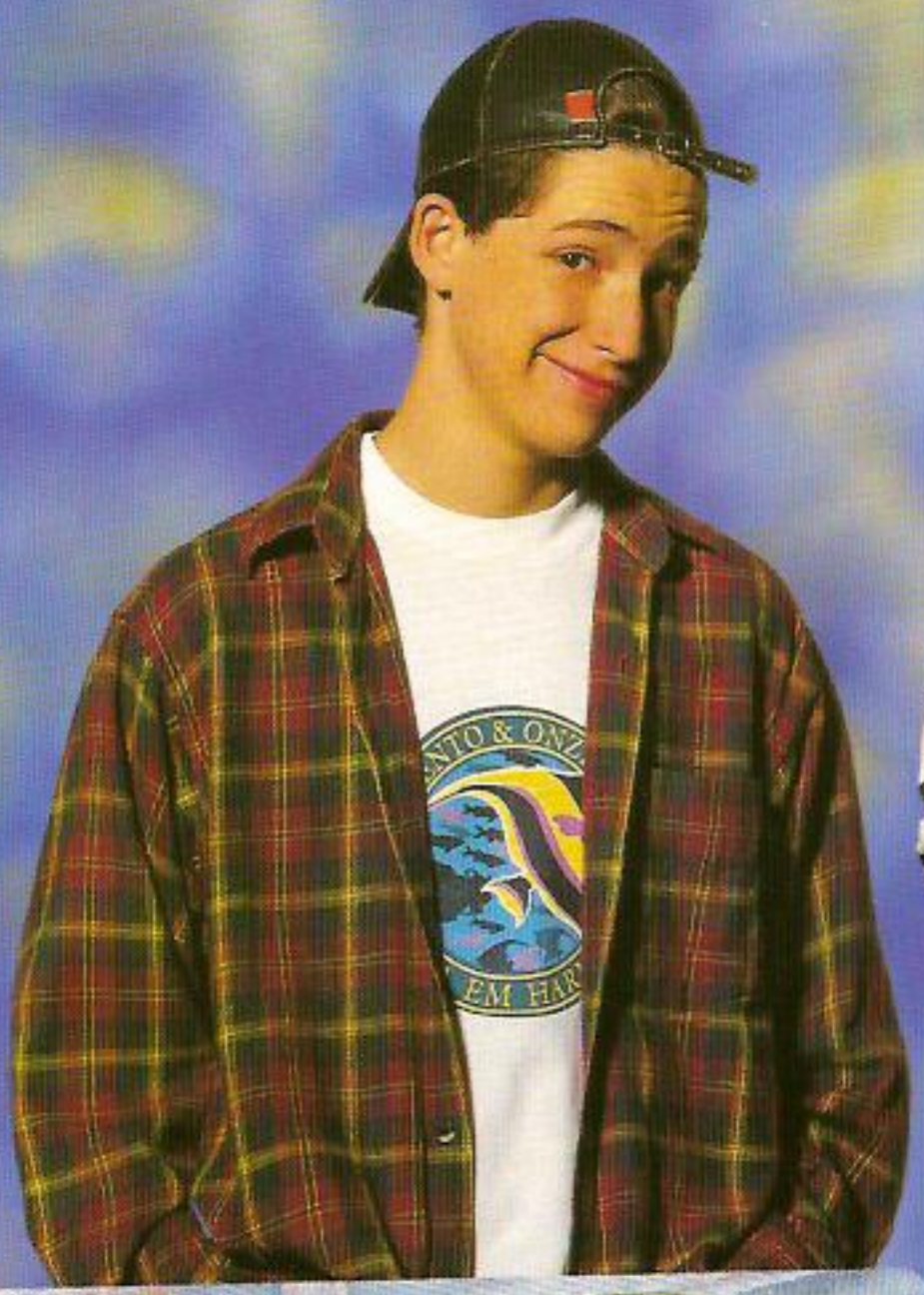
Com ouvido musical perfeito, sabe com clareza quando a bateria vai mal, quando há perigo de **atravessar** o samba, quando uma ala está fora de ritmo, quando há necessidade de adiantar ou atrasar um desfile. **Xangô** na direção de harmonia é garantia de sucesso.

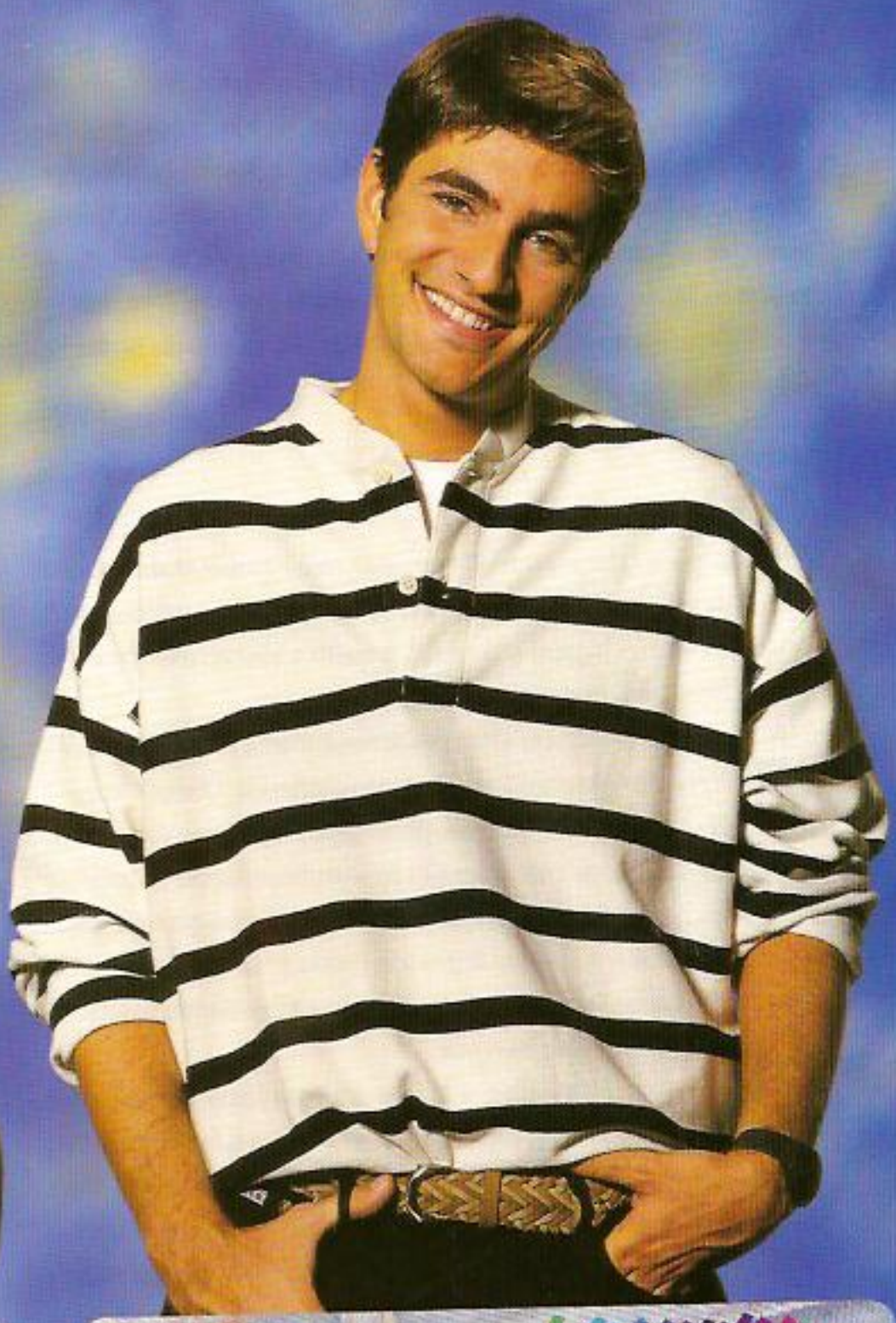
Durante o pouco tempo em que esteve afastado, jamais a Mangueira se apresentou com todas as suas características, com toda sua força como quando ele está, apito pendurado ao peito por grossas correntes douradas, à frente da Escola.

Uma vez, durante um ensaio no Cerâmica, alguns mangueirenses conversavam no meio da quadra. Num momento, a bateria desafinou (**atravessou**), saiu de tom, um horror. **Xangô** disse apenas: *"Güenta aí que vou dar um jeito nisso!"* E saiu tranqüilo, gingando, em direção à bateria. Parou em frente a ela e apurou o ouvido. De repente deu um salto pra frente, apontou para um tamborim que estava bem no fundo, fez um gesto característico e disse enérgico: *"Pára!"*. O tamborim calou-se e, imediatamente, a bateria voltou ao ritmo certo. Ele descobrira um tamborim desafinado entre dezenas de instrumentos.

Cartões BB. Os cartões

http://www.bancobrasil.com.br







BB Teen. O cartão de débito para adolescentes de 13 a 19.



BB Campus. O cartão de débito para universitários.

BB-Responde 0800 78 5678

que evoluem como você.



Classcard. O cartão de crédito para quem é especial.

Ourocard. O cartão de crédito para quem chegou lá.

BANCO DO BRASIL

O banco do Brasil

70

Em três anos, a Mangueira mudou para melhor. E como.

O lema de campanha "Muda Mangueira", lançado pelo então candidato Elmo José dos Santos, em 1995, tinha 21 itens. Este número não só foi atingido como quase triplicado. A Mangueira estava desacreditada e dividida há tres anos. O primeiro desafio era unir a Nação Mangueirense e incutir nela a autoestima da Escola de Samba mais querida do Brasil, conforme os números do Instituto GERP, em 1996, em pesquisa encomendada pela Verde-e-Rosa: 48% da população carioca torcem pela Mangueira. As segundas colocadas não passam de 12% da preferência popular.Eis as realizações da Administração Elmo José dos Santos de 1995 a 1998:

1 Anistia a 3.500 sócios que haviam sido eliminados por diretorias anteriores ou que deixaram de pagar as mensalidades por não concordar com o caos implantado na Escola.

2 Redução do preço das mensalidades que tinham sido majoradas em até 150%. O objetivo foi resgatar o quadro social de apenas 493 pessoas que votaram em abril de 1995.

3 Compra de 280 mesas e 1.120 cadeiras, além de 13 freezers para a quadra, já que o material sumiu misteriosamente quando a nova Diretoria foi eleita.

4 Compra de 220 peças de bateria, de todos os tipos, que também haviam sumido misteriosamente.

5 Compra de novo som para o Palácio do Samba, que também havia sumido.

6 Reforma geral da quadra, ainda em 1995, porque o Palácio do Samba estava completamente abandonado e destruído.

7 Inauguração do novo palanque da bateria homenageando "Mestre" Waldomiro e o fundador da bateria, "Seu" Tingüinha.

8 Relançamento do jornal "A Voz do Morro", fundado em 1935 e que estava sem circular há mais de 50 anos.

9 O CIEP "Nação Mangueirense" tornou-se o mais modelar do Estado do Rio de Janeiro e atende a 700 crianças e jovens da Comunidade, com alguns professores sendo pagos pela Escola.

10 Colocação de piso sintético no campo de futebol da Vila Olímpica, que era de terra.

11 Ampliação do projeto da Vila Olímpica que, avaliado pela UNESCO e a BBC de Londres, ganhou a chancela de melhor projeto social dos países do Terceiro Mundo.

12 Criação do Centro Sócio-Cultural da Mangueira na Praça Onze para atender meninos e meninas de rua do centro da cidade, dando-lhes complementação alimentar, instrução, atendimento médico e odontológico, além de profissionalização.

13 Transformação do Centro Sócio Cultural da Praça Onze em quadra de ensaio às sextas-feiras, com camarotes, frisas, palco e camarins, além de tratamento acústico para não perturbar a vizinhança.

14 Criação da Sala de Troféus no segundo andar do Palácio do Samba reunindo todas as taças e troféus ganhos pela Mangueira ao longo de sua existência e que estavam espalhados na casa de componentes da Escola. Todos esses troféus e taças estão catalogados em computador e em exibição numa sala especialmente construída.

15 Criação da Galeria dos Ex-Presidentes, também no segundo andar do Palácio do Samba, com as fotos de todos os mangueirenses que dirigiram os destinos da nossa Escola.

16 Inauguração do busco de "Mestre" Cartola, um dos fundadores da Mangueira.

17 Concessão do título de Presidente de Honra da Mangueira a Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, que aos 95 anos é o único fundador da Escola ainda vivo.

A luxuosa e moderna sala de troféus reúne afinal todas as taças e troféus conquistados pela Mangueira, que estavam espalhados pelas casas de seus componentes.



18 Concessão ao título de Benemérito da Mangueira a Jamelão, que tem mais de 60 anos dedicados à Escola. Outros mangueirenses ilustres, como "Mestre" Xangô, o compositor Hélio Turco e a cantora Alcione também receberam o mesmo título.

19 Lançamento da Raspadinha da Mangueira em parceria com a Loterj, tornando assim a Mangueira a primeira escola de samba a ter este produto.

20 Obtenção junto à Loterj de um microônibus para ser usado na abordagem dos meninos de rua do Projeto Social.

21 Compra de uma linha telefônica computadorizada para o Palácio do Samba, além de uma linha celular para a administração.

22 Criação da Boutique Verde-e-Rosa para venda dos

mais diversos produtos com a marca Mangueira, tais como bonés, relógios, chapéu de panamá, bolsas, camisetas, pochetes, barracas de praia, botons, canetas, chaveiros, bonecas, copos, canecos, adesivos, etc.

23 Criação do Depto. de Marketing, com escritório próprio no centro da cidade e dotado de computadores com o objetivo de obter recursos para os diversos projetos da Escola.

24 Instalação de uma barraca na Feira da Providência, em 1996, transformando a Mangueira na primeira escola de samba a ter um espaço na tradicional feira, fato que se repetiu em 97.

25 Incentivo à escola mirim Mangueira do Amanhã com a criação da primeira escola de cuiqueiros mirins. Os primeiros 12 meninos formados desfilaram em 1997 à frente da Bateria de "Mestre" Alcir Explosão.

26 Criação do Conselho de Carnaval para responder e decidir por todas as ações ligadas ao carnaval da Escola, desde a escolha do enredo, samba, alegorias e fantasias, além da harmonia e número de componentes, com fiscalização das alas.

27 Criação do Conselho Comunitário com o objetivo de unir, num elo forte, o samba e a comunidade mangueirense sob a orientação do Vice-Presidente Walter Miranda.

28 Promoção da festa de lançamento do CD das Escola de Samba de 1996 numa bonita festa realizada no Centro Sócio-Cultural da Praça Onze.

29 Convênio com a Fundação Roberto Marinho para edição de CD especial com sambas de quadra da Mangueira que animavam os ensaios da escola até fins da década de 70.

30 Convênio com a Fundação Roberto Marinho para construção do terceiro andar do Palácio do Samba para ser usado como Espaço Cultural da Mangueira com todo o acervo histórico da verde-e-rosa em computador, videoteca, cinemateca, etc.

31 Construção da Boate Mangueirense no segundo andar do Palácio do Samba onde são realizadas festas e o encontro semanal da Velha Guarda.

32 Construção dos camarotes "vips" em frente à boate.

33 Jantar de confraternização de fim de ano, na quadra do Palácio do Samba, reunindo cerca de 300 componentes da Nação Mangueirense.

34 Implantação do Projeto Oficina do Carnaval na Praça Onze.

35 Apoio ao projeto de Educação Artística, no qual crianças da comunidade aprendem a arte de desenhar e produzir esculturas.

36 Reforma total dos banheiros do Palácio do Samba.

37 Construção da Praça de Alimentação no Palácio do Samba.

38 Construção do novo piso de entrada no Palácio do Samba.

39 Pintura do piso e das paredes da quadra do Palácio do Samba, tornando a nossa quadra a mais bonita e confortável do Rio.

40 Aumento efetivo da comunidade no desfile da Escola no carnaval que agora está dividido em seis alas.

41 Inscrição nas paredes do Palácio do Samba de versos históricos de compositores da Mangueira que estão expostos em diversos painéis em verde e rosa.

42 Pintura do Quadro dos Fundadores da Mangueira num painel colocado no CIEP Nação Mangueirense.

43 Reforma e pintura do barracão de alegorias instalado nas Docas com total conforto para a confecção dos carros usados nos desfiles, além da instalação de um atelier para costura das fantasias.

44 Recuperação da iluminação pública em frente ao Palácio do Samba.

45 Aumento do grau de iluminação nas ruas Frederico Silva, General Caldwell e Rua de Santana para facilitar o acesso e a segurança dos freqüentadores do Centro Sócio-Cultural da Praça Onze.

46 Construção do Centro Médico do barracão da Praça Onze, com ambulância especial para os serviços de remoção necessários.

47 Criação do Espaço da Terceira Idade, com churrasqueira coberta, na Vila Olímpica.

48 Ampliação das instalações do CIEP Nação Mangueirense.

49 Reforma total da sala da presidência, secretaria e patrimônio.

50 A volta da Mangueira ao desfile dos campeões, depois de longa ausência, com o quarto lugar em 96 e o terceiro em 97.

51 Informatização do barracão de alegorias.

52 Colocação de seguranças da Escola com rádios de comunicação ao redor do Palácio do Samba e no Centro Cultural da Praça Onze, para garantir a tranqüilidade dos freqüentadores dos nossos ensaios.

53 Compra de máquinas e ferramentas para limpeza e manutenção das dependências da Escola.

54 Criação da figura de Administrador do Palácio do Samba e do Centro Cultural da Praça Onze, encarregando-os de manter os locais em perfeito funcionamento.

55 Reforma geral dos carros alegóricos com a revisão dos chassis, ferro, suspensão e pneus para evitar problemas de quebra nos desfiles por falta de manutenção.

56 Aumento da mídia em torno da Escola.

57 Abertura da Ala dos Compositores a novos talentos e concorrentes.

58 Criação da festa "Brazão da Mangueira", que já se tornou famosa e consagrada.

59 Recepção na Mangueira a figuras ilustres como o Ministro Pelé, o Embaixador da Argentina, o Cônsul dos Estados Unidos e o Presidente Bill Clinton e Senhora Hilary Clinton, além de desportistas como Zico, Roberto Dinamite, Romário e Bernardo do volei.

60 Recriação do Bloco dos Arengueiros, a agremiação que deu origem à Estação Primeira de Mangueira.

1989 Nono lugar - Enredo **Trinca de Reis**, samba de Fandinho, Ney e Adilson do Violão. **1990** Oitavo lugar - Enredo **E deu a louca no Barroco**, samba de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho. **1991** Nono lugar - Enredo **As três rendeiras do Universo,** samba de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho. **1992** Sexto lugar - Enredo **Se todos fossem iguais a você**, samba de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho. **1993** Quinto lugar - Enredo **Dessa fruta eu como até o caroço**, samba de Bira do Ponto, Eraldo Caê, Carlos Sena, Dirceu, Verinha, Preto e Gustavo do Cavaco. **1994** Décimo primeiro lugar - Enredo **Atrás da verde-e-rosa só não vai quem já morreu**, samba de Fernando Lima, Davi Corrêa, Paulinho de Carvalho e Carlos Sena. **1995** Sexto lugar - Enredo **A Esmeralda do Atlântico**, samba de Rody, Verinha, Paulinho de Carvalho e Fernando Lima. **1996** Quarto lugar - Enredo **Os tambores da Mangueira na Terra da Encantaria**, samba de Chiquinho Campo Grande e Marconde. **1997** Terceiro lugar - Enredo **O Olimpo é verde-e-rosa**, samba de Chiquinho Campo Grande, Leque e Jorge Magalhães.



Osvaldo Martins, autor do enredo "Chico Buarque da Mangueira", desenvolvido pelo carnavalesco Alexandre Louzada.

Para festejar o 70º aniversário da Escola, seu enredo é ***Chico Buarque da Mangueira****, com samba de Nelson Rosa, Vilas Boas, Nelson Csipai e Carlinhos das Camisas. Até agora, nesta década foram nove anos sem qualquer título, contando-se aí um surpreendente (por negativo) décimo primeiro lugar. Mas, como imaginavam os seus fundadores, se os insucessos causaram lágrimas, não trouxeram desânimo ou frustração nem provocaram mágoas. Aumentou a união, cresceram a garra e a vibração a cada novo desfile, renasceu a esperança a cada nova apuração. É sempre a verde esperança da comunidade, aliada à alegria cor de rosa da gente que, na vida e no carnaval, leva no coração o orgulho de ser do Morro da Mangueira e da Estação Primeira. A única.*

Onde se fabricam atletas e cidadãos



A placa na entrada da Vila Olímpica Carlos Alberto Dória já diz tudo: "Vila Olímpica – Ciep Nação Mangueirense – Posto Médico – Camp Mangueira – Projeto Educação Para o Trabalho – G.R. Cultural Mangueira do Amanhã – Área de lazer terceira idade – Aqui se constrói o futuro".

Se no Morro de Mangueira estão a História e a tradição da verde-e-rosa, do outro lado da linha do trem, onde ficam a Vila Olímpica e o Ciep Nação Mangueirense, a preocupação é com o futuro da escola. Mas não só com o samba, e sim com o dia-a-dia da comunidade.

O abre-alas é a Vila Olímpica, projeto apontado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela BBC de Londres como o melhor de assistência aos menores de países do Terceiro Mundo. Na área de 36 mil metros quadrados com piso da pista de atletismo importado da Alemanha, computadores e piscina semi-olímpica, as crianças e adolescentes dispõem de recursos antes só acessíveis a uma comunidade abastada.Ou alguém acha que o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, escolheu visitar a Vila Olímpica por acaso?

– Temos o melhor projeto do mundo. Tanto que a Vila Olímpica foi o único local que Bill Clinton quis conhecer em sua visita de poucas horas ao Rio de Janeiro no ano passado. Foi um testemunho importantíssimo. Quando os Estados Unidos julgam algo bem sucedido num país de Terceiro Mundo, avalizam sua qualidade. Isso nos encheu de orgulho – diz Francisco Carvalho, o Chiquinho, coordenador da Vila Olímpica e subsecretário de Esportes do Estado do Rio.

A visita de Clinton, que presenteou a Vila Olímpica com um atlas dos Estados Unidos folheado a ouro, é vista por Chiquinho como a consagração do décimo aniversário do projeto. De início, a segurança de Clinton estava receosa. Mas quando o presidente americano quebrou o protocolo e tocou tamborim, cobrou pênalti e pôs um boné verde e rosa, ninguém teve dúvida de que, pelo menos ali, o melhor era esquecer a formalidade:

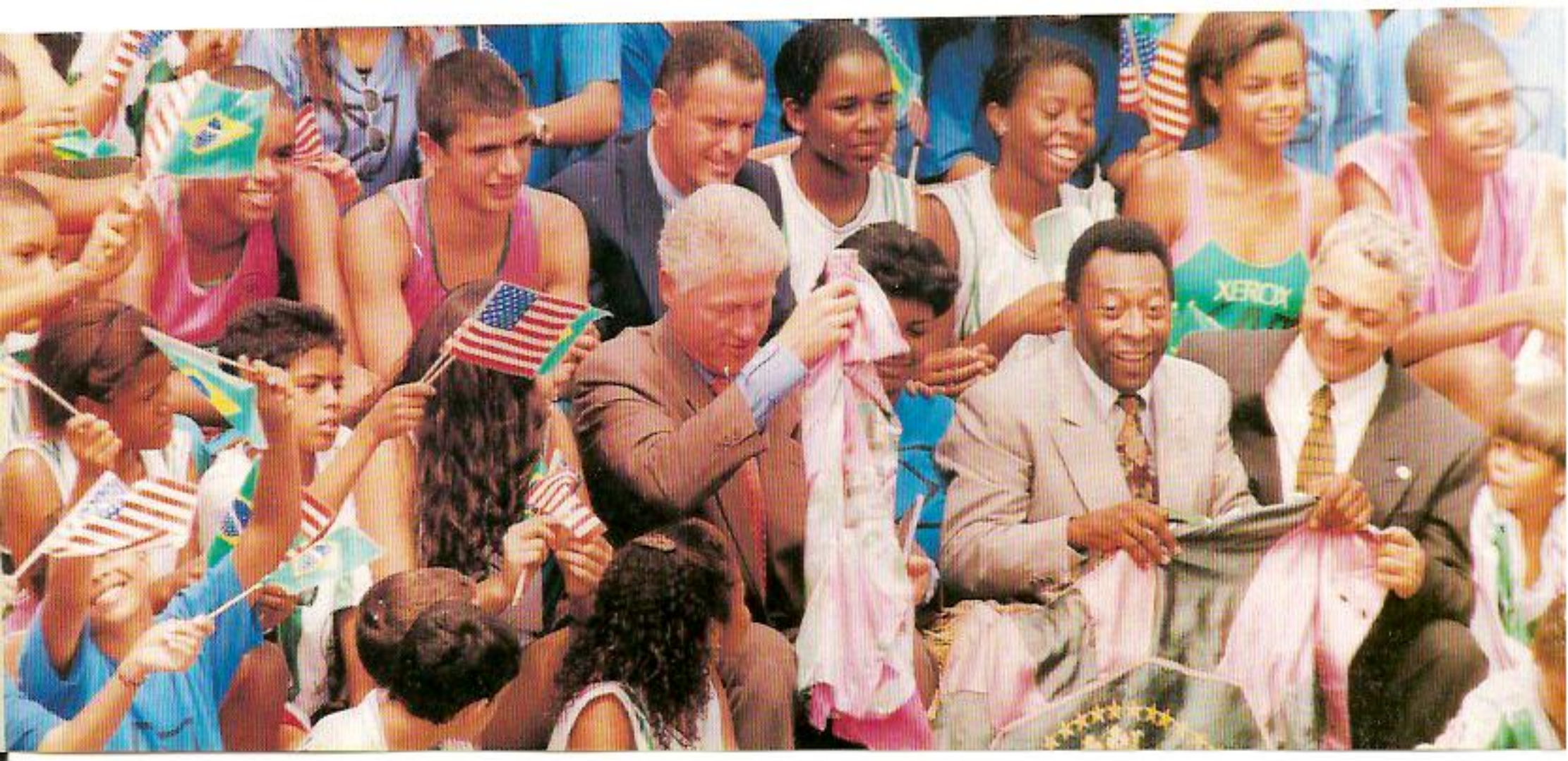
– A segurança apresentou uma série de exigências e chegou meio desconfiada. Mas com o passar dos dias, os agentes já jogavam bola com as crianças. Além disso, deixavam o material deles na minha sala sem a menor preocupação, porque sentiram que as quase quatro mil crianças e adolescentes que atendemos aqui se comportam muito bem. Tanto que não há pichações, os equipamentos são bem conservados e eles até falam baixo, educadamente. A lição que tiramos daí é que eles se comportam assim por causa da qualidade de vida de que desfrutam aqui. Quando você oferece coisas boas à população, ela retribui à altura – afirma Chiquinho.

Depois da visita de Clinton, aumentou o interesse das empresas em ajudar a Mangueira. Tanto que, se no início era preciso buscar patrocinadores e colaboradores, hoje é comum Chiquinho ser procurado por quem deseja implantar novos esportes na Vila Olímpica. Nada que o surpreenda pois, por conta do projeto que coordena, Chiquinho já esteve com o presidente Fernando Henrique Cardoso três vezes, com dona Ruth Cardoso duas vezes e com o ministro Pelé quatro vezes. No caso de dona Ruth, os elogios não foram só verbais, mas por carta, a exemplo do que também fizeram Zico, os juízes de menores Siro Darlan e Liborne Siqueira, o deputado estadual Bernard Rajzman e muitos outros.

A empolgação com que ele fala da Vila Olímpica é mais do que justificada. Depois da implantação do projeto, o Juizado de Menores não registrou mais menores infratores na Mangueira. Outra conquista foi a elevação do índice de escolaridade, que nos últimos dez anos subiu de 40% para 95%, o mais expressivo dos morros do Rio. Afinal, só quem estuda pode treinar na Vila.

Além disso, as crianças e jovens da Vila Olímpica brilham nas competições esportivas. É o caso de Fábio de Abreu, de 20 anos, pentacampeão

Ao lado do Ministro Pelé e do Presidente Elmo José dos Santos, Bill Clinton se mostrou plenamente à vontade nas instalações sócio-esportivas da Mangueira. Foi a única visita feita pelo Presidente dos Estados Unidos fora do âmbito do governo.



SISTEMA TELEBRÁS. UM ORELHÃO INSTALADO
A CADA 5 MINUTOS NO BRASIL.

TELEBRÁS

Ministério
das
Comunicações

Brasil
EM AÇÃO

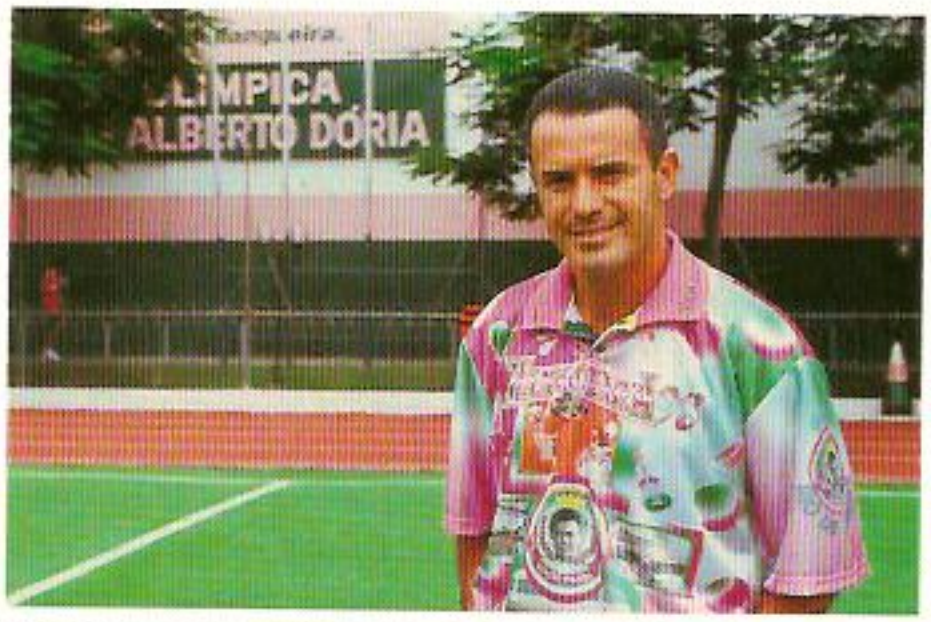


OPS, JÁ INSTALARAM MAIS UM.

TELEBRÁS

Ministério das Comunicações

Brasil EM AÇÃO



Contando com o prestígio da Estação Primeira, Chiquinho conseguiu erguer a moderna Vila Olímpica, orgulho da comunidade.

brasileiro nos 400 metros com barreira e cotado para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de 2000, em Sydney. Ou da velocista Luciana Paula Mendes e da jogadora de futebol Kátia Cilene, que foram às Olimpíadas de Atlanta em 1996.

Mas o sucesso da Vila Olímpica não se mede apenas por medalhas. O objetivo é, acima de tudo, integrar os jovens à sociedade e ao mercado de trabalho. Luiz Eduardo Lima, por exemplo, era surfista ferroviário. Na Vila Olímpica ele aprendeu a usar sua agilidade em algo produtivo. Passou a treinar os 300 metros com barreira, tornando-se em 1996 campeão brasileiro da modalidade. Caso de realce também é o de Alessandro da Silva, que praticava pequenos delitos nas calçadas de Laranjeiras, conheceu a Vila Olímpica e tornou-se um de seus promissores ginastas.

Se hoje a Vila Olímpica põe a Mangueira nas manchetes de jornais não só por causa do carnaval, mas também do esporte, o próprio Chiquinho reconhece que a escola de samba abriu o caminho para o projeto. Por causa do carisma da Mangueira, ele não teve dificuldade em conseguir o patrocínio inicial das empresas para transformar a quadra improvisada e o campo de terra de antigamente no sucesso de hoje.

–Quando você entra em contato com as empresas e diz que é da Mangueira, as portas se abrem. A Mangueira tem um apelo muito grande. Quem não é mangueirense quer ser ou pelo menos gosta da escola.

Para chegar ao que é hoje, a Vila Olímpica cresceu passo a passo. O embrião foi o encontro de Chiquinho com Alice de Jesus Gomes Coelho, a Tia Alice, e Agrinaldo Santana. Tia Alice e Seu Agrinaldo treinavam as crianças num campo de terra sob o Viaduto Cartola, mais conhecido como Viaduto de Mangueira.

O projeto olímpico chamou a atenção da Xerox, que investiu na Mangueira desde o começo. Em 1988, um terreno de 11 mil metros quadrados foi doado pela Rede Ferroviária. Com apoio de Zico, então secretário federal de Esportes, foram iniciadas as obras do ginásio polivalente e da pista de atletismo. Os primeiros resultados em nível de competição começaram a aparecer em 1990. Coube ao ministro

Ele ficou conhecido como o goleiro que não defendeu o pênalti cobrado por Bill Clinton durante a visita do presidente dos Estados Unidos à Vila Olímpica da Mangueira em outubro do ano passado. Mas o grande lance de sua vida ainda está por vir. Reinaldo Alves de Paiva, o Bartolo, um vascaíno de 17 anos, quer seguir os passos do seu ídolo Edmundo e sonha com a chance de jogar no Vasco ou num time da Europa. Já esteve perto disso, passando períodos curtos para testes no Atalanta, da Itália, e no Paris Saint-Germain, da França:

– Da Itália eu gostei mais das Igrejas e na França a Torre Eiffel me impressionou. Antes dessas viagens, o lugar mais longe a que eu tinha ido era a Bahia – diz Bartolo.

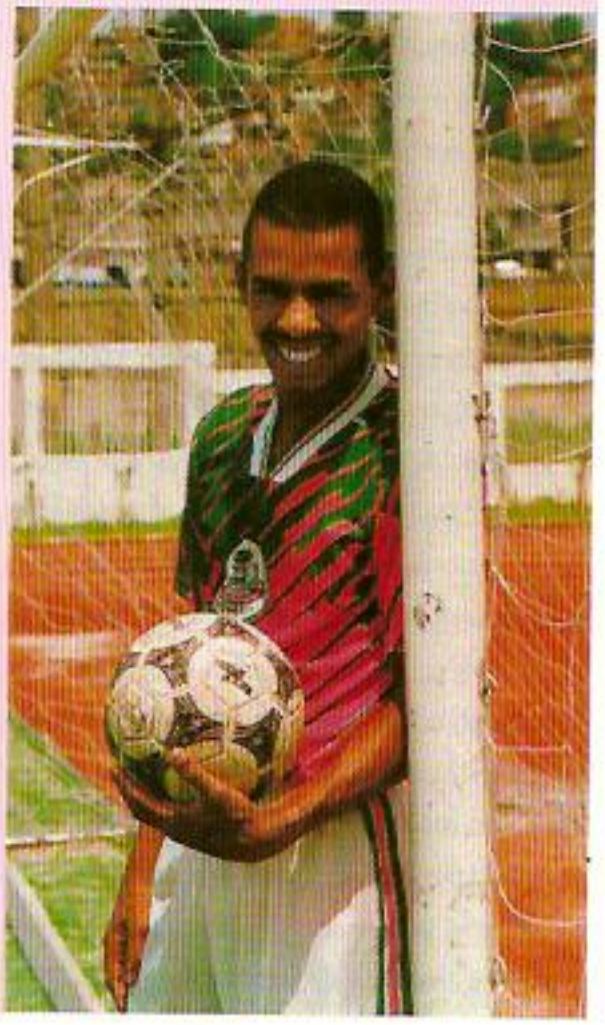
Nascido e criado na Mangueira, ele começou a treinar futebol de salão e de campo, a convite de seus amigos do morro, ainda na quadra de ensaios, quando a Vila Olímpica estava em construção. Não demorou a se destacar, chegando a vice-campeão de futebol de salão em 1995 pela equipe da Mangueira. Agora, no São Cristóvão, ele joga futebol de campo, disputando a segunda divisão. Rilmista da verde-e-rosa, Bartolo está na oitava série do Primeiro Grau no Ciep Nação Mangueirense:

– Vou continuar meus estudos, mas meu sonho mesmo é fazer carreira no futebol – afirma.

A cobrança de pênalti de Bill Clinton não estava prevista no protocolo mas não foi de todo improvisada. Quando Clinton decidiu fugir um pouco do que estava programado, surgiu a idéia de cobrar o pênalti. Bartolo foi convocado por ninguém menos do que Pelé para ficar no gol, recebendo uma clara recomendação:

– Ele disse que eu deixasse a bola entrar para não estragar a festa.

Imagine se logo Bartolo ia descumprir uma ordem do Rei.



dos Esportes, Pelé, liberar em 1996 US$ 500 mil para melhorar a pista de atletismo e do campo, que foram revestidos com borracha e grama sintética importadas da Alemanha.

Hoje a Vila Olímpica tem um custo anual de R$ 1 milhão, sendo que desse total R$ 600 mil são investidos pela Xerox. O projeto de saúde é financiado pela Golden Cross e pelo Banco Excel, responsáveis pela manutenção do posto onde a comunidade recebe gratuitamente atendimento médico e remédios. Já o projeto de educação conta com o apoio do Governo do estado e da rede de ensino Santa Mônica. O Bingo Arpoador contribui com o projeto profissionalizante. Além disso, mais de 160 empresas têm convênio com o Circulo dos Amigos do Menino Patrulheiro (Camp).

Quem chega ao Ciep Nação Mangueirense, ao lado da Vila Olímpica e em frente ao morro, percebe logo que não é uma escola comum. Não apenas por se tratar de um Ciep, mas sobretudo porque a escola de samba e a comunidade não são apenas pano de fundo, mas fazem parte do dia-a-dia da aprendizagem. A começar pela diretora-geral, Teresinha Rodrigues da Silva Labruna, uma professora que começou seu caso de amor com a Mangueira em 1975, quando assumiu o cargo de chefe do serviço de assuntos culturais do 6° Distrito de Educação e Cultura (DEC), responsável pelas escolas de São Cristóvão e adjacências:

– Depois eu fui dirigir a escola Mestre Waldomiro e há nove anos estou no Nação Mangueirense. Primeiro, no cargo de diretora comunitária, antes de ser diretora-geral.

Sua principal preocupação é desenvolver o currículo obrigatório determinado pela Secretaria Estadual de Educação adaptando-o à realidade local. Um caso interessante é o ensino da língua portuguesa. Segundo Teresinha, os adolescentes da Mangueira, a exemplo de jovens de classe média, usam muitas gírias e têm vícios de linguagem. Ela orienta os professores a corrigi-los com naturalidade, já que uma repreensão poderia prejudicar a auto-estima dos alunos ou mesmo a imagem que eles têm dos pais, com quem aprendem a falar. A preocupação de ensinar sem imposições também é levada em consideração na hora de desenvolver o Projeto Artisticamente Mangueira, com aulas de guitarra, desenho, percussão, fabricação de instrumentos, street dance, capoeira e dança de salão. O projeto é levado adiante com a ajuda do Departamento Cultural da Mangueira e se inspira no enredo de cada ano para desenvolver suas atividades. Embora apaixonada por samba, a diretora revela que outros ritmos foram incluídos no programa para atender ao gosto das crianças:

–Não vemos problema algum em ter aulas de street dance no Ciep porque os adolescentes do morro vão ao baile funk. Afinal, se há quem fale mal do funk hoje, o samba também já foi malvisto. Mas nós sempre damos um jeito de valorizar o samba, sem impor nada. Ano passado, por exemplo, nós tocávamos músicas de Chico Buarque em ritmo mais acelerado, com batida funk. Depois íamos diminuindo o ritmo até chegar ao samba. Mas não queremos fazer da cultura local um gueto e sim mostrar-lhes outras opções e deixá-los escolher.

Cerca de 30% dos alunos são oriundos de escolas particulares. Desse grupo, a maioria não mora no morro mas a convivência com os adolescentes de Mangueira é muito boa. Até porque professores e diretores do Nação Mangueirense procuram conscientizar os alunos da comunidade das dificuldades que sua condição social e econômica podem representar:

–Nós mostramos aos alunos de que no vestibular e no mercado de trabalho eles enfrentam uma luta desigual, já que não podem ter acesso a muitas coisas que os estudantes de classe média têm. Mas, por outro lado, acentuamos que a capacidade deles de se safar dos problemas que enfrentam desde cedo é um agente facilitador – esclarece Teresinha.

A filosofia do Ciep é estimular o espírito crítico e a auto-estima ao mesmo tempo. Exatamente porisso a diretora do Nação Mangueirense não pensou duas vezes quando a aluna Flávia Pessanha foi aprovada para o curso de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): deu o nome da aluna a uma sala. Bem na entrada está uma placa de metal com a informação de que Flávia foi a primeira estudante do Nação Mangueirense a ingressar na UFRJ, servindo de incentivo aos alunos.

A filosofia do Ciep Nação Mangueirense é estimular o espírito crítico e a auto-estima ao mesmo tempo. E com ajuda da Vila Olímpica, consegue ter instalações confortáveis e bem conservadas, de dar inveja a muitas escolas particulares.

Com ajuda da Vila Olímpica, o Nação Mangueirense consegue ter instalações confortáveis e bem conservadas, de dar inveja a muitas escolas particulares. São 22 salas de aula mais salas de arte, animação cultural, estudo dirigido, informática e laboratórios de física, química e biologia. A piscina semi-olímpica tem 25 metros de comprimento por 13,50 de largura e é mantida pela Vila Olímpica.

O Nação Mangueirense também tem a colaboração do Hospital Universitário Pedro Ernesto, que dá uma bolsa de estudos de um salário-minimo a cinco alunos. Eles trabalham no hospital em meio expediente, podendo assim continuar seus estudos e, ao mesmo tempo, contribuir para o orçamento familiar.

Já a Universidade Gama Filho desenvolve no Ciep o Projeto Nutricionalmente Mangueira, no qual alunos do curso de nutrição dão orientação aos estudantes. Eles fazem pesagem, medição e opinam no cardápio a ser oferecido na merenda escolar.



Tia Alice é um exemplo de recuperação e agora ajuda as crianças a se integrarem à sociedade.

Na entrada do Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro (Camp) Mangueira, uma placa tem a seguinte inscrição: "O homem só se realiza pela educação — Tia Alice". A frase poderia ser retórica vazia, sem valor para os jovens da Mangueira se não viesse de Alice de Jesus Gomes Coelho, a precursora da Vila Olímpica da Mangueira.

Filha de mãe alcóolatra e pai desconhecido, Tia Alice era menina de rua quando em 1948 foi descoberta por um diretor do Botafogo. Comia com as mãos e a primeira coisa que aprendeu no clube foi a usar garfo e faca. Mas não demorou a ganhar medalhas no basquete, arremesso de peso e atletismo.

Como atleta, Tia Alice viajou o mundo e foi campeã sul-americana en 1956, nos 200 metros e nos 80 metros com barreira. Além disso, chegou ao recorde no salto em altura. Em 1986, ela foi medalha de ouro no sul-americano de masters na prova de arremesso de peso.

Conciliar o esporte com a necessidade de ganhar a vida não foi tarefa fácil. Durante 30 anos, Tia Alice foi enfermeira e não conseguia tirar férias porque precisava compensar os dias que tinha faltado por causa das competições e treinamentos.

– Naquele tempo era muito difícil conseguir patrocínio – lembra ela.

Fundadora do bloco Bafo da Onça e freqüentadora do Império Serrano, Tia Alice se afastou da verde-e-branca de Madureira depois que se separou do marido. Desfeito o casamento, ela não queria encontrar mais o ex-marido e a ex-sogra toda vez que ia ao samba. Até que um dia, em 1967, foi chamada a socorrer na Mangueira os desabrigados de uma enchente. Era o começo de um caso de amor que renderia bons frutos.

Na Mangueira, passou a ensinar esporte a crianças carentes e precisava usar de criatividade para superar a falta de dinheiro. Usava barbante para a prática do salto em altura. Pedras catadas em rios viravam pesos nas suas mãos. Às crianças desnutridas, ela ensinava apenas danças folcóricas como o maculelê. Sua iniciativa foi o embrião da Vila Olímpica, que seria fundada em 1986.

Tanto esforço valeu a pena. O trabalho social iniciado por Tia Alice baixou a zero o índice de menores infratores na Mangueira, segundo dados do Juizado de Menores. Além disso, deu mais coesão à Ala das Crianças da Mangueira, facilitando a criação da escola mirim Mangueira do Amanhã.

Premiada com o Estandarte de Ouro do jornal **O Globo** em 1985, ela só divide a paixão pela Mangueira com a Acadêmicos do Engenho da Rainha, escola do Grupo de Acesso de que já foi presidente. Na sua segunda escola, Tia Alice precisa da mesma garra que tem nas pistas de atletismo para superar as dificuldades: a Engenho da Rainha é uma escola pobre e jamais esteve no Grupo Especial. Mesmo assim, destaca-se por seus belos sambas-enredo.

Ela dirige hoje o Camp Mangueira, que prepara adolescentes para o mercado de trabalho. Já beneficiou mais de cinco mil jovens entre 13 e 16 anos. Eles aprendem português, matemática, técnicas comerciais e bancárias. Em seguida, fazem estágios em empresas, sendo que a metade é efetivada.

O Camp tem convênio com mais de 160 empresas e forma 200 adolescentes a cada três meses. Além da formação profissional, há noções de higiene e educação sexual.



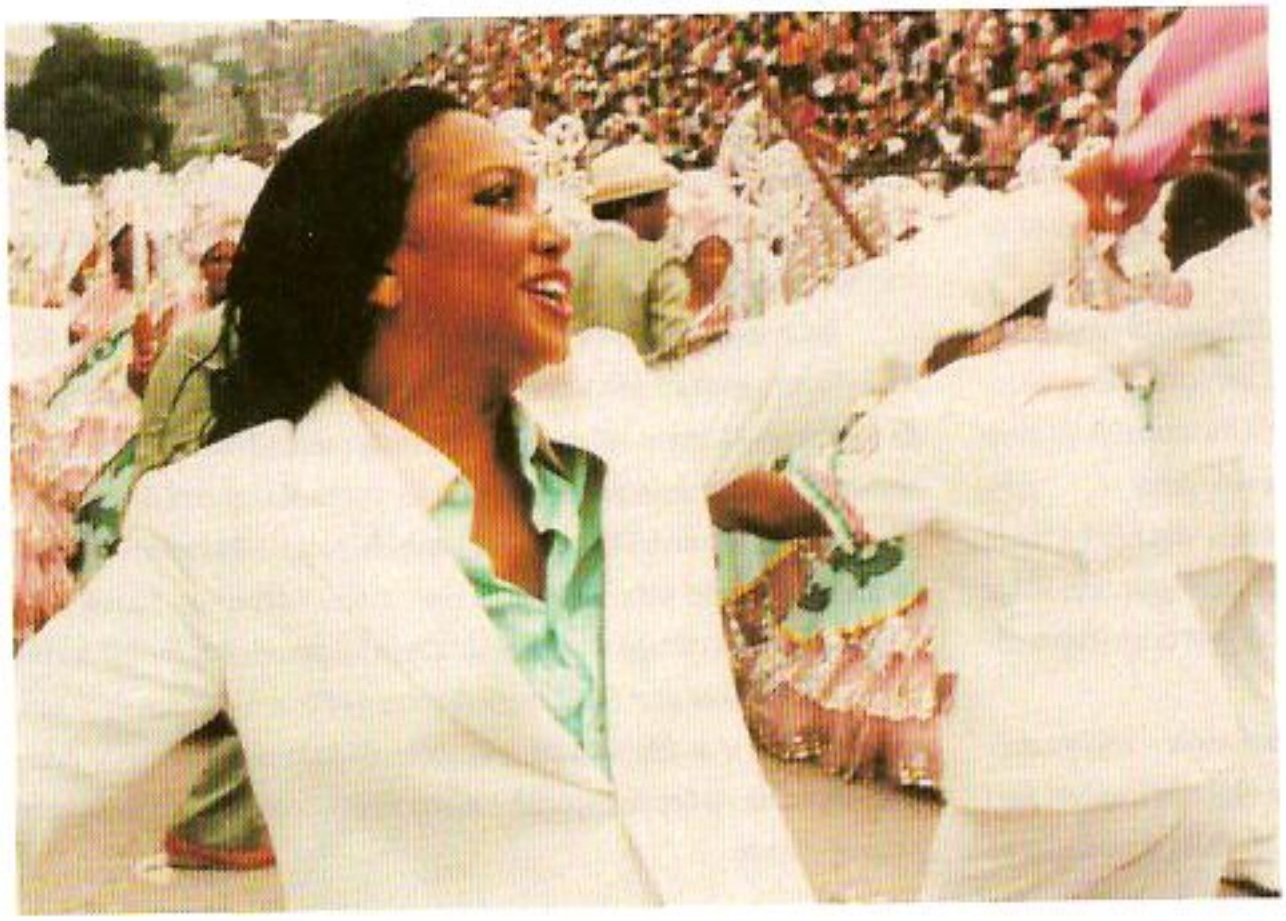
Na Mangueira do Amanhã a bateria e as outras alas-mirim aprendem a manter a disciplina que futuramente os levará ao sucesso nos desfiles oficiais.

Mas o Projeto Social Mangueira não cuida só de coisas sérias. Prova disso é que faz parte dele o Grêmio Recreativo Cultural Mangueira do Amanhã, a escola de samba mirim da verde-e-rosa. Mais do que títulos ou prêmios, aqui está em jogo a preservação da Estação Primeira de Mangueira.

Para isso, uma das estratégias é ensinar às crianças o valor dos personagens de sua escola, homenageados nos enredos, como Tia Alice e Mestre Waldomiro.Os temas também podem ser educativos, como a história do trem, Maurício de Souza, Pelé (**De menino a rei**) ou regiões do Brasil, caso do enredo de 1998: **Nordestinamente**.

Fundada em 1987 pela cantora Alcione, atual presidente da escola mirim e que emprestou à iniciativa todo o seu prestígio e entusiasmo, a Mangueira do Amanhã reúne mais de 1.500 crianças, que ganham a fantasia de presente. O desfile tem a estrutura de uma escola de samba de gente grande: comissão de frente, bateria, baianas, mestre-sala e porta-bandeira. O objetivo de formar sambistas para a verde-e-rosa já está sendo cumprido: Marquinhos e Geovana, primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da verde-e-rosa saíram da Mangueira do Amanhã.

Os ensaios são às segundas-feiras, no Palácio do Samba. Os sambas são feitos pela própria criançada, sob orientação da Ala de Compositores da escola-mãe



Quando querem provocar os mangueirenses, os adversários costumam dizer que a verde-e-rosa é muito "marqueteira". E isso é recebido como um elogio. Afinal, a Mangueira é mesmo um ótimo produto, com aceitação garantida em todo o Brasil.

Foi pensando assim que em agosto de 1984 a verde-e-rosa assinou um contrato com a

Com seu entusiasmo e dedicação à Escola, Alcione ajudou a criar e preside a Mangueira do Amanhã.



Fotografia: Meca Studio

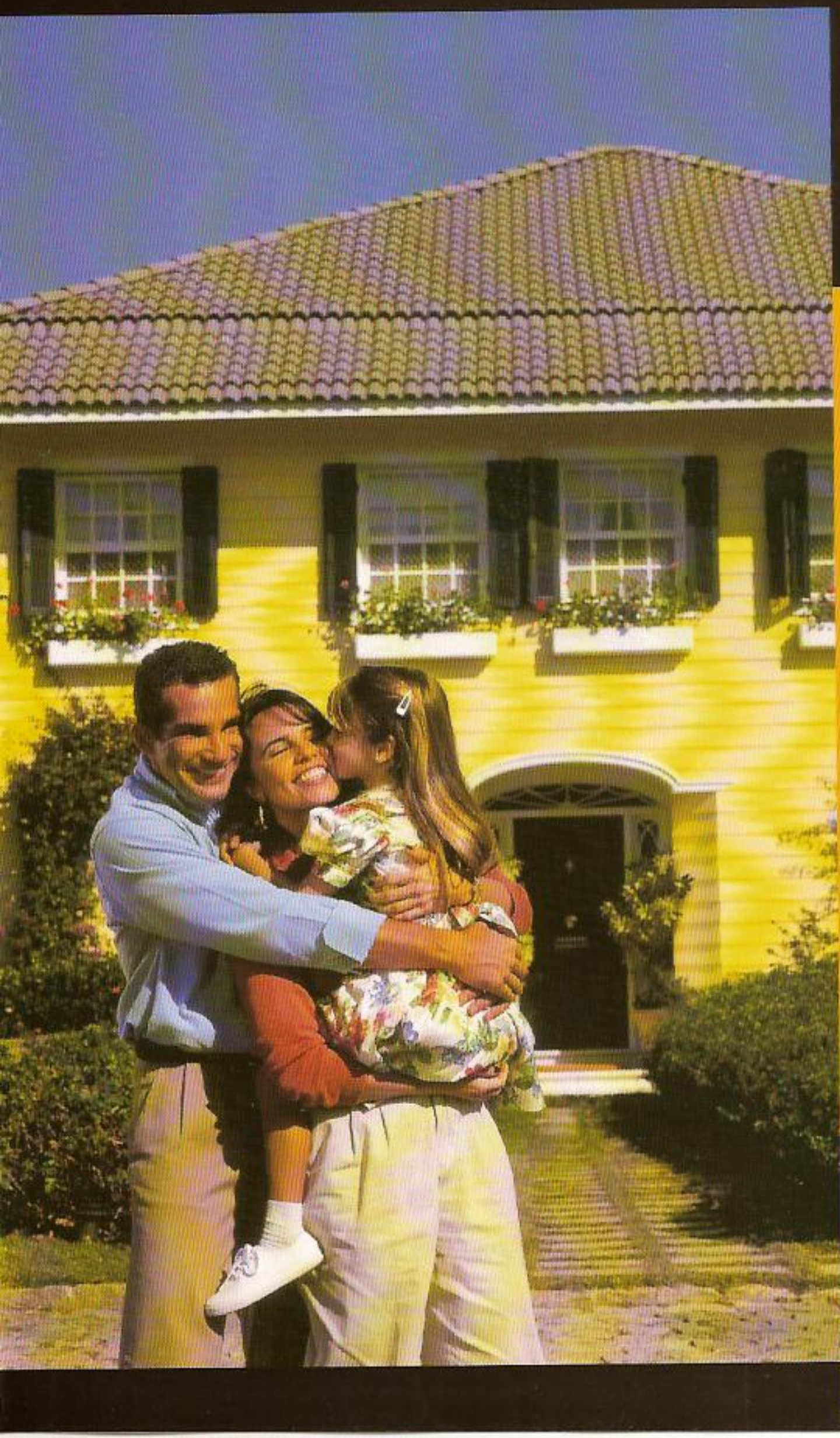
Use antes de agitar.

Agnelo Pacheco
Criação & Propaganda e diversão

SÃO PAULO: AV. BRASIL, 1.653 - CEP 01431-001 - TEL.: (011) 881-7266 - FAX: (011) 853-4372
BRASÍLIA: SCS - Q. 01 - BL. F - ED. CAMARGO CORRÊA - 13º AND. - CEP 70300-500 - TEL.: (061) 224-4394 - FAX: (061) 223-3933

Mude sua vida.

Faça um FederalCap.



CONCORRA A ATÉ

400 MIL

REAIS EM DINHEIRO*

Já pensou? Aplicando uma pequena parcela por mês, você pode ganhar até 400.000 reais*. Dinheiro bastante para mudar sua vida.

Com o FederalCap é assim: você investe pequenas parcelas mensais e concorre a prêmios que vão de 300 ou 2.000 vezes* o valor da sua mensalidade. Todo mês são sorteados 10 prêmios.

O FederalCap é um ótimo investimento, pois você aplica com segurança e ainda pode ganhar prêmios em dinheiro. E a partir de 12 meses você pode resgatar a sua reserva integralmente corrigida.

Faça o seu FederalCap numa das Agências da Caixa Econômica Federal, o banco que há mais de 130 anos vem mudando para melhor a vida das pessoas. Mude também a sua.

*Valor sujeito à incidência de I.R.

FEDERAL CAP

CAPITALIZAÇÃO DA CAIXA

Você aplica e a sorte multiplica.

Aquarela Publicidade e Promoções para o desenvolvimento de um plano de marketing capaz de promover a escola em todos os sentidos, desde a sua imagem às promoções nacionais e internacionais.

Na revista que a Mangueira publicou para o carnaval de 1985 a iniciativa era explicada: Por que a Mangueira, tradicional, de morro, de samba no pé, faria isso?

A escola esclarecia que sua diretoria estava consciente de que era essa a única alternativa, a exemplo do que já acontecia nos clubes de futebol, para se manter diante da escassez de recursos:

"A escola não possui fontes de renda e a subvenção do Estado é insuficiente para a produção de um grande espetáculo. Em 1984, o carnaval da Mangueira custou CR$ 350 milhões e a escola recebeu apenas CR$ 9 milhões de subvenção.

"Por outro lado, a Mangueira não tem em suas vizinhanças uma concentração comercial capaz de patrocinar suas promoções.

"Os seus associados pagam a modesta mensalidade de CR$ 200, os seus ensaios mal pagam as bebidas encomendadas e os grupos de sambistas, passistas e cantores que se apresentam em shows externos ficam, naturalmente, com o cachê do espetáculo."

Justificativas à parte, a iniciativa não poderia ser mais bem sucedida. Graças à campanha "Mangueira no pé, Banerj na cabeça", desenvolvida após a assinatura de um contrato com o Banco do Estado do Rio de Janeiro, a verde-e-rosa recebeu CR$ 200 milhões do banco que, em troca, ficou com o direito de usar a marca Mangueira em suas promoções.

Desde então, a Mangueira nunca mais perdeu de vista que é uma marca forte, de enorme potencial. Foi assim em 1992, quando a escola homenageou Tom Jobim. A verde-e-rosa vendia a Cartola de Ouro e a Cartola de Prata, com camisetas, adesivos e CDs. Além disso, passou a fazer shows em todo o país e mantém uma quadra de ensaios no Centro da cidade, de olho no público que sai do trabalho sexta-feira direto para o samba ou mesmo que acha distante a quadra da Visconde de Niterói. A idéia é agir como uma empresa atenta às necessidades de seu público consumidor, sem deixar de levar em conta que se trata de uma escola de samba.

Se o marketing foi adotado sem tabus, não seria na hora do advento da Internet que a Mangueira se faria de rogada. Na home page da verde-e-rosa (http://www.mangueira.com/mangueira/indexp.html) é possível ver mensagens de mangueirenses ilustres, saber de curiosidades e ver fotos de desfiles. O endereço da escola no correio eletrônico é: **mangueira@brazilonline.com.** Mas há também sites extra-oficiais, feitos por internautas mangueirenses. Em três ferramentas de busca da Internet o resultado, quando se digita "Estação Primeira de Mangueira" no campo destinado ao que se procura, chega a surpreender, tal o número de ocorrências. Para verificar é só acessar:

Altavista (http://www.altavista.digital.com).
Excite (http://www.excite.com).
Yahoo (http://www.yahoo.com).

Naquele TEMPO...

Hélio **Turco** e Jorge **Pelado**, além de parceiros, eram amigos inseparáveis. Hélio morava em Mangueira e **Pelado**, apesar de lá ter nascido e vivido muito tempo, conseguira construir uma casinha em Sarapui, distrito de Caxias. Mas vivia na MangueiraCerta vez, **Pelado**, que se chamava Jorge Alves de Oliveira, passou três, quatro dias sem aparecer. E Hélio começou a ficar preocupado. Uma manhã, Hélio, branco como cera, olhos vermelhos, entrou botequim adentro, brandindo um jornal **O Dia**, mostrando uma notícia:

– *"O **Pelado** morreu. **Olhai** a notícia"*.

E lá estava, de fato: *"Foi encontrado morto, sob uma ponte do Rio Sarapui, Jorge Alves de Oliveira, preto, biscateiro, com cerca de 40 anos"* e por aí prosseguia a notícia.

Argumentaram que Jorge Alves de Oliveira é um nome muito comum e que poderia e deveria ser outra pessoa, "senão a gente já teria tido notícias". Toda a família de **Pelado** morava em Mangueira.

– *É ele, só pode ser ele. Só falta dizer que o defunto é careca*, gemia Hélio, inconsolável.

Dois dias depois, aparece, na casa do Hélio, lépido e fagueiro o nosso Jorge **Pelado.** Hélio deu um pulo da cadeira:

– *Você tá vivo, seu miserável!* e contou a história de **O Dia**, mostrou a notícia, sem conseguir esconder sua raiva por ter sido enganado e, ao mesmo tempo, cheio de alegria por ver o amigo.

– *No mínimo, seu safado, você me deve uma caixa de velas. Vai pagando logo*, explodiu Hélio.

Bibliografia

"As escolas de samba do Rio de Janeiro" Sérgio Cabral – Editora Lumiar (1996)

"Cartola - Todo o tempo que eu viver" Roberto Moura – Corisco Edições (1988)

Coleção do jornal A Voz do Morro

"Dança do samba, exercício do prazer" José Carlos Rêgo –Aldeia (1996)

"Escolas de samba em desfile. Vida, paixão e sorte" Amaury Jorio e Hiram Araújo (1969)

"Memória do carnaval" - Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. (Riotur) - Oficina do Livro (1991)

"O Palácio do Samba" Maria Júlia Goldwasser - Zahar Editores (1975)

"Sambistas imortais"- J. Muniz Jr. (1976)



A diretoria da Estação Primeira da Mangueira. Da esquerda para a direita, em pé: Sebastião (Tião), Edinaldo, Paulo Ramos, Alvinho, Luiz Eduardo Bahiana (Dudu), Telmo, Luiz Carlos Caetano, Walter Miranda, Elias, Célia, Elmo, Alberto Miranda (Beto Fim de Noite), Jorge Luiz (Bigode), Ubirajara Maximino (Bira), Irineu, Edson Marcos, Percival Pires (Percy), Moacir Barreto, Avelino, Marcio, Lombarde, Olivério Ferreira (Xangô) e Guilherme. Na mesma ordem, sentados: Altair Baffa (Bafinha), Nadia, Adair, Lizonete Freitas de Almeida (Nenete), Márcia da Silva Machado (Guezinha), Margarida, Terezinha, Alcione, Nilton, Eli Gonçalves da Silva (Chininha), Zé Maria, Omy, Ubirajara da Silva (Birão) e Zé Luiz.



Elmo José dos Santos
Presidente



Walter Martins de Miranda
Vice-Presidente



Célia Regina Domingues
Assessora da Presidência



Eli Gonçalves da Silva (Chininha) Secretária



Margarida Jesuino da Silva
Secretária



Elias João Richa Filho
Departamento de Finanças



Nilton de Oliveira
Departamento de Finanças



Márcio Garcia
Assessor Tesouraria



Telmo José dos Santos
Departamento de Patrimônio



Edson Marcos G. de Andrade
Departamento de Patrimônio



José Luiz de Souza
Departamento do Patrimônio



Álvaro Luiz Caetano
Departamento de Eventos



Irineu Pires
Departamento Social



Luiz Eduardo Bahiana
Departamento Social



Guilherme Alexandre
Departamento Social



José Omy Campos
Departamento Social



José Maria Monteiro
Departamento Cultural



Paulo Ramos
Departamento Cultural



Terezinha Labruna
Departamento Cultural



Nádia Pereira Chirstino
Departamento Médico



Olivério Ferreira (Xangô)
Departamento de Harmonia



Lizonete Freitas de Almeida
Departamento Feminino



Márcia da Silva Machado
Departamento Feminino



José Manoel Lombardi Filho
Departamento de Divulgação



Alberto Miranda
Departamento de Divulgação



Edinaldo Carlos de Souza Lima
Departamento de Administração



Roberto Litman
Departamento Jurídico



Ubirajara Maximino
Assessoria de Imprensa



Altair Baffa
Assessoria de Imprensa



Marcos Madeira
Conselho Editorial



Sebastião Ramos
Assessor



Ubirajara da Silva
Assessor



Percival Pires
Presidente Conselho de Carnaval



Alcione Barreto
Conselho de Carnaval



Avelino Pacheco
Conselho de Carnaval



Jorge Luiz Fernandes
Conselho de Carnaval



Moacyr Barreto
Conselho de Carnaval



Adair da Silva Machado
Conselho de Carnaval



Luis Carlos Caetano
Departamento Médico



Mário Cesar Fontes Vasconcelos
Departamento Médico

A Mangueira é mitológica



Chico Buarque

"Sou Mangueira desde sempre e posso dizer que sinto uma vibração pela Verde-e-Rosa que vem desde criança quando ouvia as músicas que falavam da Escola, suas pessoas e o morro. A Mangueira é para mim uma coisa meio mitológica.

"Ser o tema do enredo da Escola, ainda mais quando a Mangueira completa 70 anos, é a homenagem mais bonita para o tipo de sambista que eu sou. Estou contente em ser enredo porque já sabia o quanto era trabalhoso ser tema de uma escola como a Mangueira porque acompanhei de perto quando o Tom Jobim também foi enredo. Até compusemos um samba sobre a homenagem ("Piano na Mangueira"). Por isso eu sabia o quanto seria bonito e emocionante esta homenagem. Sei que durante a maior parte do ano de 97 e o início de 98 as pessoas da Mangueira dedicaram a mim na montagem do enredo. Me emociona saber que as costureiras, os passistas, a bateria, os compositores, a velha guarda, todos da Mangueira, enfim, se preocuparam com a homenagem a mim. Sei que vou aparecer muito, mas é difícil ser Mangueira *low profile (discreto)*.

"Todos sabem, e não escondo de ninguém, que não conheço a fundo o que é uma escola de samba e não tenho intimidade com o samba-enredo. Por exemplo: "Vai Passar" é um samba-enredo estilizado, uma coisa longínqua e de ouvido desatento. Por tudo isso não sei dizer se um samba-enredo é bom ou não. Mas posso dizer que considero estranho o comportamento de quem criticou o samba da Mangueira para este carnaval só porque três dos quatro autores são paulistas.

"Fiquei impressionado com aqueles comentários dizendo que a Mangueira tinha-se apaulistado porque esse tipo de comportamento não combina com o jeito do Rio e o jeito dos cariocas. Qual o problema se os autores do samba "Chico Buarque da Mangueira" são paulistas? João Saldanha, Antônio Maria e Rubens Fonseca, para citar apenas uns poucos, não nasceram no Rio mas foram sempre grandes cariocas. O samba mais carioca que conheço é "Conversa de Botequim", de Noel Rosa em parceria com Vadico, que era paulista.

"Chegaram a dizer que alguns versos do samba sugeriam que eu morri. Vi isso como uma bobagem porque entendo que quando a gente é homenageado já está um pouquinho morto mesmo. No meu caso pessoal, não sou compositor da Mangueira, mas posso dizer com orgulho que sou formado no samba.

"Procurei ajudar a Mangueira para esse desfile da melhor forma possível ao meu alcance. O disco "Chico Buarque de Mangueira" foi idéia do Hermínio Bello de Carvalho. Até a nossa parceria em "Chão de Esmeraldas" foi idéia dele. O disco reuniu um grupo muito bom, como o Jamelão, João Nogueira, Alcione, Beth Carvalho, a Velha Guarda.

"Eu preferia desfilar no chão, mas sou uma pessoa disciplinada e aceitarei o que a Diretoria da Escola decidir. Já sei que na hora do desfile vou ficar todo arrepiado. Afinal, sou eu que estarei lá, não uma personagem nem uma máscara. Então já sei que vai dar um tremendo friozinho na barriga porque todo mundo sabe que, naturalidade, isso eu não tenho mesmo".

Chico Buarque de Hollanda

A partir deste carnaval, você vai ter 50.000 oportunidades para ganhar dinheiro.





O que para os outros é um simples orelhão, para você pode ser um banco 24 horas.

Venda os cartões telefônicos da Telerj.

Com mais de 50.000 telefones públicos instalados em todo o Estado, você tem em cada esquina uma oportunidade a mais para ganhar dinheiro o ano inteiro. São os cartões telefônicos da Telerj, que agora você também vai poder vender. Os cartões são entregues em até 48 horas em todo o Estado e sem nenhum custo adicional.

Ligue grátis 0800-21-2020.

http://www.zaz.com.br/carnaval98

TELERJ
SISTEMA TELEBRÁS

Ministério das Comunicações

Brasil EM AÇÃO

artplan

Olha o toque da

CAIXA

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL


CAIXA
Caixa aí, gente.

Beauty and love's tradition

Mangueira hill started to be inhabited in the late XIX century by the Emperor D. Pedro II's former coachmen, the Imperial Palace's simple workers, soldiers and north-eastern migrants in general. It was a huge site, surrounded mainly by mango trees (mangueiras). In 1889, the Central do Brasil Railway Mangueira Station was built. It was the first station of the railway which went towards Rio de Janeiro suburbs. This originated the name of the hill and also the name of the samba school as "Estação Primeira de Mangueira" (Mangueira First Station)

In one of its best known sites, "Buraco Quente" (Hot Hole), the "Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira" was founded in April 28th, 1928. Its colours, green and pink, were chosen by Cartola to represent, respectively, hope and love. Mangueira's official founders were Euclides Roberto dos Santos, Saturnino Gonçalves, Marcelino José Claudino (Massu), Angenor de Oliveira (Cartola), José Gomes da Costa(Zé Espinguela), Pedro Caim (Pedro Paquetá) e Abelardo da Bolinba. The name of Carlos Moreira de Castro, the famous Carlos Cachaça, isn't on the foundation register but he is also considered one of its founders. Mangueira's first headquarters was at 21 Saião Lobato Street, Buraco Quente. Saturnino Gonçalves was its first president for seven years.The nucleus that originated the Estação Primeira was the "Bloco dos Arengueiros" , a group of "sambistas"("samba dancers") which used to cause disorder wherever they went. Cartola used to say that a real " arengueiro" left the hill "to fight, to be arrested, to get a beating and to drink".

Estação Primeira de Mangueira carries a history marked by the most different innovations. One of them was the female participation in samba school parades. In 1943, ten women from the community paraded in the "Comissão de Frente" (Front Commission), among them Noêmia de Assis, Tia Miúda, D. Neuma Gonçalves , the first president's daughter and D. Zica, Cartola's second wife.. Only many years later, in 1969, the Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense would have women in its Front Commission. In 1962, it was created the Feminine Department in Mangueira, through D. Neuma's initiative. Other women outstanded in Mangueira: Deolinda Conceição, Cartola's first wife and leader of the "Ala (section) das Pastoras" and Nair Pequena. Two other pioneer actions were specially relevant. The first one was the creation of the "Alas Reunidas", under the presidence of Eli Gonçalves da Silva, - "Chininha", D.Neuma's daughter. The school's oldest "ala" is the "Ala dos Periquitos", from 1939. Other quite important "alas" in Mangueira are the "Ala dos Boêmios" and the "Só Para Quem Pode" (Only for the ones who can").These three "alas" help the General Direction and the Harmony Direction to organize the school to enter the avenue (to parade) and during the parade itself. The other Mangueira pioneer action was the use of the "sound car", in 1948, to "put the samba on the street". As Cartola said, "It was the great novelty."

There are lots of distinguished, unforgetable protagonists of Estação Primeira de Mangueira's history. Angenor de Oliveira, - Mestre (Master) Cartola, one of the founders of the samba school and author of the Mangueira's first samba song ("Chega de Demanda"), is one of the greatest symbols of the green and pink love. Another remarkable name is Waldomiro Thomé Pimenta, - Mestre Waldomiro, Mangueira's most famous "bateria" director. Mestre Waldomiro got the post in 1929 and left it only in 1983 when he died. It was he himself who put the leather in the percussion instruments and tuned up all the Green and Pink "bateria" instruments and was the creator of the Children Bateria. Another prominent character in Mangueira is José Bispo Clementino dos Santos - Jamelão, who came to Mangueira in 1933 as "ritimista"(instrument player) and since 1949, he has been the school musical interpreter.

Along its seventy years of history Mangueira has lived unforgettable moments and memorable victories. In 1932, when the parade became official, the Estação Primeira was the champion in a promotion of the newspaper "Mundo Sportivo". And it was the champion again in 1933 and 1934. In 1935 and 1936 Mangueira was the vice-champion, consolidating the school's presence and strength, the oldest samba school in Brazil with uninterrupted activity. Some Mangueira championships were particularly exciting. In 1961 the school got the bi-championship with the theme "Casa Grande e Senzala". Em 1967, in an anthological parade, the Estação Primeira got the first place with the theme "The Enchanted World of Monteiro Lobato". Another historical conquest was Mangueira's championship in 1984," Sambódromo's" innauguration year with the theme "Yes, We have Braguinha". The end of Mangueira's parade, when it came back from Praça da Apoteose with the crowd behind it, will remain in Rio de Janeiro samba school history as one of the most beautiful moments.

Estação Primeira de Mangueira is proud not only of its glories, which have made it the most popular, loved and the oldest Brazilian Samba School. Another great reason of pride for the "Mangueirense Nation" is the social work developed by the school, which helps around 4.000 people in the community. Recognized by UNESCO and the London BBC as having the best project in the social field among the Third World Countries, Mangueira has as its main postcard the Olimpic City Project, which is ten years old and has the partnership of Xerox. It is responsible for the formation of young athletes. They are also proud of the CIEP Nação Mangueirense with around 700 students, which implements CIEP's pedagogic project as it had been originally conceived, having as its principal aim the whole formation of children and teenagers. Besides these two projects, Mangueira develops the project CAMP-Mangueira - Education for Work, with the purpose of inserting hundreds of young people in the work market, preparing them for citizenship. Directed by Alice de Jesus Gomes Coelho - Tia Alice, the CAMP-Mangueira Project is supported directly and indirectly by over 170 national and multinational enterprises, graduating around 160 young people each three months.

Estação Primeira de Mangueira's seventy-year-history, marked by the "mangueirense" loyalty to its roots, by every participant's unconditional love for the Green and Pink and the radical commitment with the members of its community, narrates the theme of a samba school which respects its past, builds securely its present and draws its future with utopias.

Texto em Inglês de
Profª Tania Pessanha Paula

Texto em Português de
Profª Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor Vieira

CONCÓRDIA
ENGENHARIA LTDA.

Tradição, tecnologia e qualidade no ramo de obras especiais de engenharia, comemorando os 70 anos de fundação da Mangueira.

Av. Almirante Barroso 63/509 - R.J Tel.:(021) 240-4024

Samba e Roteiro do Carnaval de 1998

G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

Carnaval de 1998: "Chico Buarque da Mangueira"

Autores: Csypai, Villas-Boas, Nelson Rosa e Carlinhos das Camisas

Mangueira, despontando na avenida
Ecoa como canta o sabiá
Lira de um anjo em verso e prosa
De um querubim em verde e rosa
Faz toda a galera balançar

Hoje, meu samba saiu
Pra falar de você
Grande Chico iluminado
E na Sapucaí eu faço a festa
E a minha Escola
Chega dando o seu recado.

É o Chico das artes
O gênio
Poeta Buarque, boêmio
A vida no palco, teatro, cinema
Malandro, sambista
Carioca da gema.

} Bis

Marcando feito tatuagem
Acordes do seu violão
Chico abraça a verdade
Com dignidade
Contra a opressão.

Reluz o seu nome na história
A luz que ficou na memória
E hoje o seu canto de fé
Vai buarqueando
Com muito axé.
(Ô, iá, iá)

} Bis

Ô, iá, iá
Vem pra Avenida
Ver meu guri desfilar
(Ô, iá, iá)

Ô, iá, iá
É a Mangueira
Fazendo o povo sambar

} Bis

SO PARA QUEM PODE

Comissão de Frente

Carro : 1 - Prá ver a Banda Passar
(Abre-Alas)



O Carro Abre-Alas não possui Destaques, somente Composições e Intérpretes de canções de Chico Buarque

SETOR : I

1º Quadro: " Abertura "

Ala Nº : 1 - Comunidade " Querubim "

2º Quadro: " Alma Feminina "

Ala Nº : 2 - Comunidade " Prá Ver a Banda Passar "

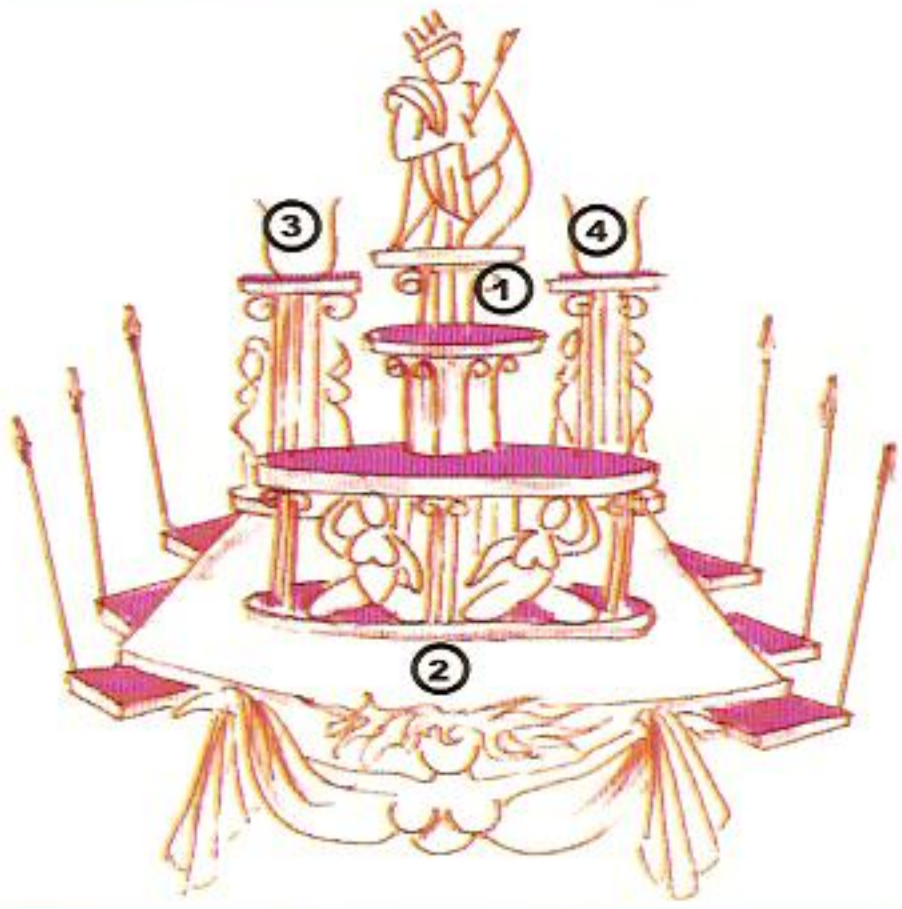
Ala Nº : 3 - Aliados - Brasas - Caprichosos
" Guerreiros de Athenas "

SO PARA QUEM PODE

Ala Nº : 4 - Baianas (Tradicionais) " Mulheres de Athenas "

Ala Nº : 5 - Baianas Granfinas e Embaixadores
" Heróis de Athenas "

Carro : 2 - Mulheres de Athenas



LEGENDA:

1 - Celeste (Deusa Minerva)
2 - Ika Pinheiro (Zeus)
3 - Netto (Guerreiro de Athenas)
4 - Paulo Condé (Herói de Athenas)

3º Quadro : " Anos de Chumbo "

Ala Nº : 6 - Gatinhas e Gatões - Maracanã " Roda Viva "

Ala Nº : 7 - Cheguei - Brasinhas e Brasões " Construção "

Ala Nº : 8 - Escola " Censura "

SO PARA QUEM PODE

Ala Nº : 9 - Fidalgos " Repressão "

Ala Nº : 10 - Moana e Renovação " Cálice "

Carro : 3 - Roda Viva



LEGENDA:

1 - Tânia Indio do Brasil ("Cálice")
2 - Nabil Habib ("Censura")
3 - Wagner ("Sinal Fechado")
4 - Edilson ("Sinal Fechado")

PERIQUITOS

SETOR : II

1º Quadro: " Sonho de um Carnaval "

Máscaras

Ala Nº : 11 - Carcará " Noite dos Mascarados "

Máscaras

SO PARA QUEM PODE
PERIQUITOS

PERIQUITOS

Ala Nº : 12 - Comigo Ninguém Pode
“ Quem é Você “

Máscaras

Ala Nº : 13 - Algas
Seresteiros e Vendaval
“ Quem te viu, quem te vê ”

2º Quadro: “ Sanatório Geral ”

Estandartes

PERIQUITOS

Ala Nº : 14 - Hippies e Mil e Uma Noites
“ Barão Faminto ”

PERIQUITOS

Estandartes

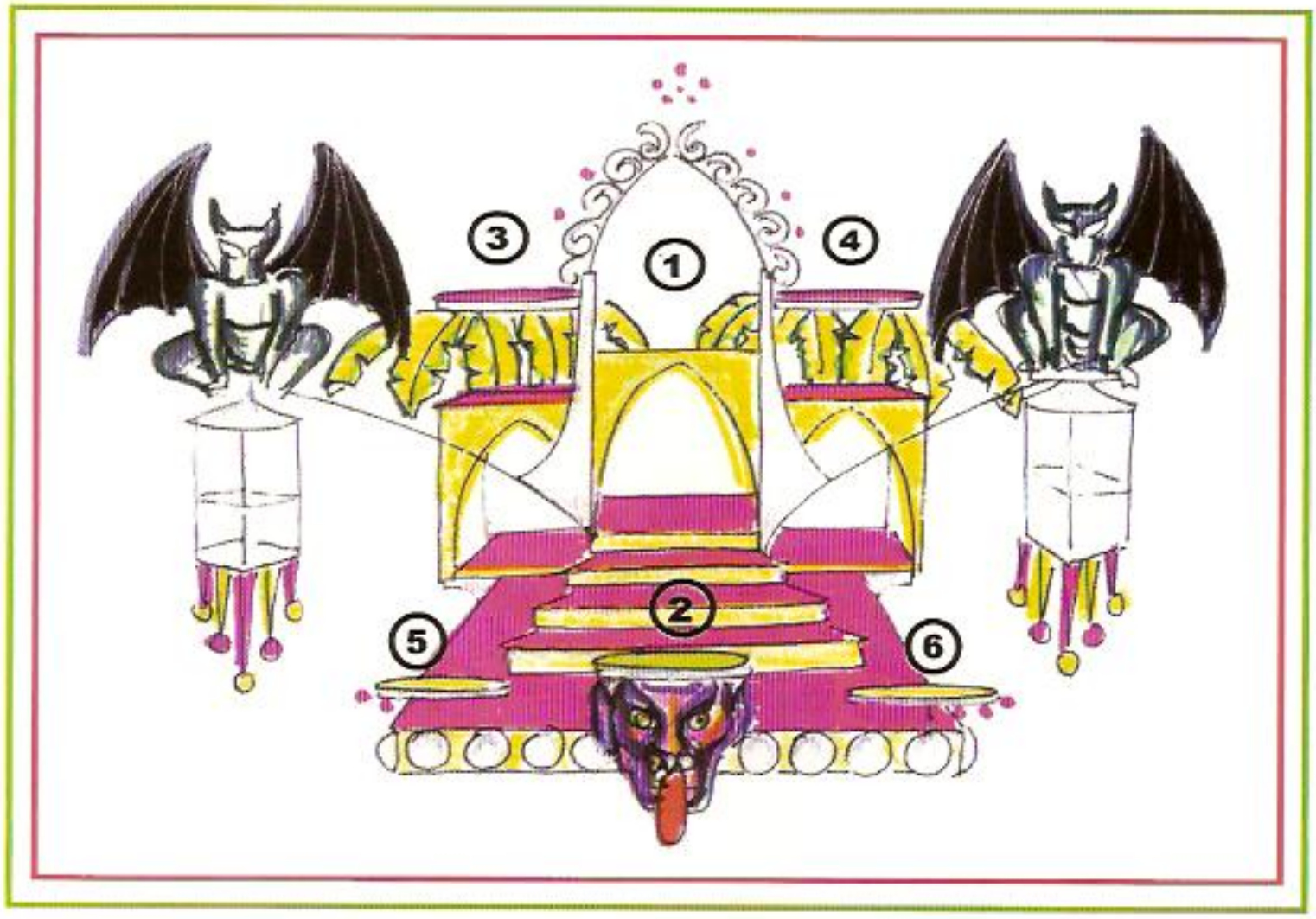
Ala Nº : 15 - Comunidade
“ Napoleão Retinto ”

Estandartes

Ala Nº : 16 - Tropicana
“ Pigmeu do Boulevard ”

PERIQUITOS

Carro : 4 - Sanatório Geral



LEGENDA:

1 - Edir Araújo (“ Pátria-Mãe”)
2 - João Hélder (“ Pigmeu do Boulevard ”)
3 - João Theodoro (“ Napoleão Retinto ”)
4 - Zé Maria (“ Barão Faminto ”)
5 - Rodrigo (Corrupto I)
6 - Antônio (Corrupto II)

3º Quadro: “ Teatro Buarqueano“

Ala N : 17 - Acoucir e Deixa isso prá lá
“ Morte e Vida Severina ”

Ala Nº : 18 - Copacabana, Impossíveis
e Independentes da Bolívar “ Calabar - Português ”

Ala Nº : 19 - Arma comigo que você sai
“ Calabar - Holandês ”

PERIQUITOS
PERIQUITOS
PERIQUITOS
PERIQUITOS

PERIQUITOS

PERIQUITOS

Ala Nº : 20 - Amigos do Embalo e Vem Comigo
" Corsário do Rei "

Ala Nº : 21 - Alto Astral " Gota D'Água "

Carro : 5 - Drama e Comédia



LEGENDA:

1 - Marcelo (" Drama e Comédia ")
2 - Romulo (" Morte e Vida, Severina ")
3 - Jaciara (" Gota D'Água ")
4 - D' Stefano (" Calabar ")
5 - Eduardo (" Corsário do Rei ")

BOHÊMIOS

BOHÊMIOS

SETOR : III

1º Quadro: " Mágico, Místico e Criança "

Ala Nº : 22 - Esportes " Paixão por Futebol "

Ala Nº : 23 - Arte e Manha " Maninha "

Ala Nº : 24 - Nós Somos Assim " O Grande Circo Místico "

Ala Nº : 25 - Eles e Elas " Saltimbanco "

Ala Nº : 26 - Levanta Poeira
" A Dança da Meia Lua "

Ala Nº : 27 - Acauã " Cinema "

Carro : 6 - Mágico, Místico e Criança



LEGENDA:

1 - Carlos Victor (" Cinema ")
2 - Sandoval (" Mágico Místico ")
3 - Carlinhos (" Big Star ")
4 - Therezinha Zélia (" A Dança da Meia-Lua ")

2º Quadro: "Ópera do Malandro"

Ala Nº : 28 - Amigos do Chico " Malandrinhos "

Ala Nº : 29 - Opção " Geni e o Zepelin "

BOHÊMIOS

BOHÊMIOS

Ala Nº : 30 - Mimosas - Depois eu digo “ Malandro Federal ”

Ala Nº : 31 - Opção “ Malandro Social ”

Ala Nº : 32 - Realidade “ Malandro Oficial ”

Carro : 7 - “ Ópera do Malandro ”



BOHÊMIOS

LEGENDA:

1 - Santinho (“ Madame Satã ”)
2 - Ivan (“ Geni e o Zepelim ”)
3 - Beni (“ Dama da Noite ”)
4 - Beth (“Dama da Noite ”)

CONSELHO

SETOR : IV - “Setenta Anos de Glória“

Ala Nº : 33 - Velha Guarda “ Mangueira Eterna ”

Ala Nº : 34 - Crianças “ Mangueira do Amanhã ”

Ala Nº : 35 - Comunidade “ Brasão Verde e Rosa ”

CONSELHO

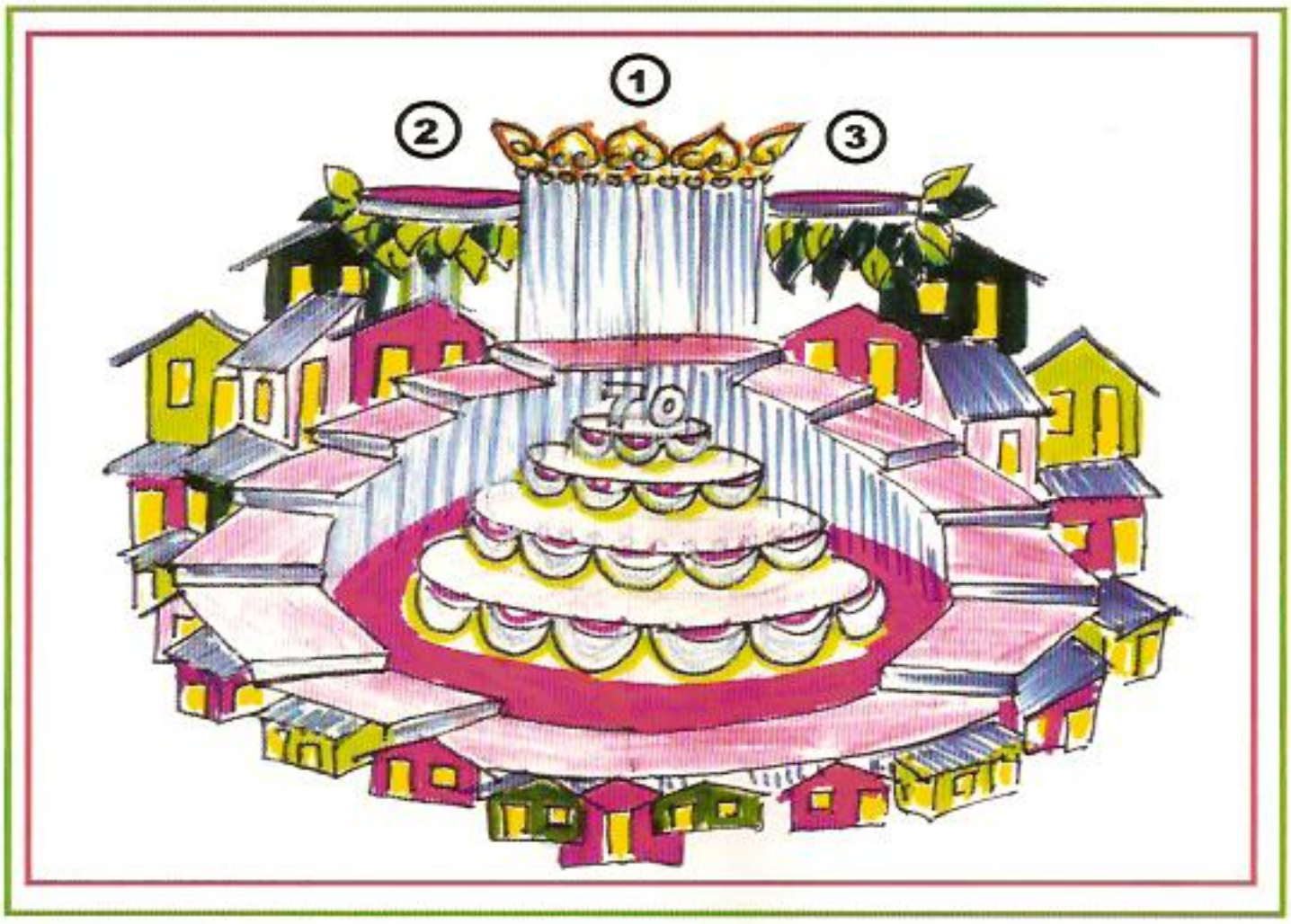
CONSELHO

CONSELHO

Ala Nº : 36 - Baianas Tradicionais " Mangueira na Flor da Idade "

Ala Nº : 37 - Comunidade " Mangueira em Festa "

Carro : 8 - Setenta Anos de Glória



LEGENDA:

1 - Serginho do Pandeiro
2 - Edson (" Brasão Verde e Rosa ")
3 - Márcio (" Mangueira que Dá Samba ")

Painel Humano - Grupo Crianças CIEP
" Retrato em Branco e Preto "

Apoteose

Bateria: " A Banda "

OBS: A Bateria, M.S e P.B, Destaques de Chão e Passistas, serão inseridos posteriormente, a critério da Comissão de Carnaval.

1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

Passistas

Na 32ª edição, no ano de 1999

este espaço pode ser seu. Participe.

Gresep de Mangueira

Rua Visconde de Niterói, 1072 - R.J Tel.:(021)567-4637
www.Mangueira.br.conexão mangueira